



Gustavo Eduardo Monteiro Carvalho Gonçalves

A GÉNESE DO EXÉRCITO BIZANTINO: O *STRATĒGIKÓN* DE MAURÍCIO (SÉCULO VI)

Dissertação de Mestrado em História Militar, orientada pelo Doutor João Manuel Filipe de Gouveia Monteiro, apresentada ao Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

2018



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Faculdade de Letras

A GÉNESE DO EXÉRCITO BIZANTINO:
O *STRATĒGIKÓN* DE MAURÍCIO
(SÉCULO VI)

Ficha Técnica:

Tipo de trabalho	Dissertação de Mestrado
Título	A GÉNESE DO EXÉRCITO BIZANTINO: O <i>STRATĒGIKÓN</i> DE MAURÍCIO (SÉCULO VI)
Autor	Gustavo Eduardo Monteiro Carvalho Gonçalves
Orientador	Doutor João Manuel Filipe de Gouveia Monteiro
Júri	Presidente: Doutora Maria Alegria Fernandes Marques Vogais: 1. Doutor José Luís Lopes Brandão 2. Doutor João Manuel Filipe de Gouveia Monteiro
Identificação do Curso	2º Ciclo em História
Área científica	História
Especialidade/Ramo	História Militar
Data da defesa	18-1-2018
Classificação	18 valores



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Resumo

A tratadística militar bizantina constitui um campo de estudos muito pouco conhecido dentro do panorama historiográfico português, situação contrária àquela presente no plano internacional, devido à sua importância para a compreensão da orgânica e funcionamento dos exércitos tardo-romanos e bizantinos. Nos finais do século VI, em Bizâncio, foi redigido um tratado militar intitulado *Stratēgikón*, atribuído, segundo alguns estudiosos, ao imperador Maurício. A referida obra versa sobre preceitos táticos e estratégicos relativos à guerra terrestre praticada nos finais da Antiguidade Tardia, consubstanciando-se num dos mais completos escritos militares de todo o Período Clássico. Ao longo da presente dissertação iremos expor e analisar os conteúdos das suas diversas páginas procedendo, sempre que possível, à sua comparação com os demais escritos militares do período, em especial com a *Epitoma rei militares* de Flávio Vegécio Renato. Como a compreensão de uma obra deste género não pode ser alcançada apenas com base no seu conteúdo, a sua análise é complementada com um estudo dos principais momentos evolutivos a que o exército tardo-romano foi submetido, desde os finais do século III, e que se consumou na génese do paradigma militar bizantino, nos finais do século VI.

Palavras-Chave: História Militar; Antiguidade Tardia; Império Bizantino; Maurício; *Stratēgikón*.

Abstract

The study of Byzantine military treatises is an almost unknown field of studies for the Portuguese historiography, as opposed to the international historiographic community, due to its importance for the understanding and comprehension of the late-roman and byzantine army's organic and performance. By the end of the Sixth century, in Byzantium, a military treaty was written, entitled *Stratēgikón* and ascribed, in agreement to some scholars, to the emperor Maurice. Said treaty is about the tactical and strategical precepts regarding land warfare which was in practice by the end of Late Antiquity, substantiated in one of the most complete military writings for the Classical period. Throughout this thesis, it is our goal to expose and analyze the contents of its different pages proceeding, whenever possible, to its comparison with other extant military treatises of the same period, especially with Flavius Vegetius Renatus' *Epitoma rei militaris*. Since the knowledge of such military work cannot be obtained simply through the study of its inner contents, its analysis is complemented by the study of the late roman army's main evolutionary moments, since the ending of the Third century to the birth of the byzantine military paradigm, by the ending of the Sixth century.

Key-words: Military History; Late Antiquity; Byzantine Empire; Maurice; *Stratēgikón*.

*Para o meu Pai, que me inculuiu o gosto
pelo Conhecimento, e para a minha Mãe,
que me mostrou o caminho para o alcançar.*

Agradecimentos

A elaboração de um trabalho deste tipo constitui um processo exigente. Não obstante o prazer que me deu escrever esta dissertação, por vezes a solidão tornou-se a minha principal companheira. No entanto, porque existem pessoas que acreditam em nós e continuamente nos incentivam, as coisas melhoram e este trabalho viu a luz do dia.

Em primeiro lugar, gostaria de expressar a minha gratidão para com o meu orientador, o Professor Doutor João Gouveia Monteiro. Desde os inícios da minha formação académica que os seus ensinamentos despertaram em mim o gosto pela História Militar, em especial, dos períodos Clássico e Medieval. Há pouco mais de três anos, este interesse pessoal ganhou um novo alento quando me foi dada a conhecer, pelo Professor João Gouveia Monteiro, uma temática que conseguia consolidar o mesmo interesse: a História Militar do Império Bizantino. Ao longo deste último período, para além de todo o apoio que me deu, não me deixou fraquejar e acreditou sempre na finalização do presente trabalho. Por todos os ensinamentos, amizade e dedicação que demonstrou ter para comigo, ficarei, para sempre, agradecido. É, pois, graças a ele que descobri qual o caminho que quero seguir: rumo a Bizâncio!

Para realizar um trabalho com um tema tão “desconhecido”, foi necessária a consulta de fontes e de estudos que, infelizmente, não existem no nosso país. Fruto da necessidade, estabeleci contacto com alguns académicos, especialistas nas matérias em estudo. Neste sentido, agradeço ao Professor Philip Rance (Universidade Livre de Berlim), a atenção que demonstrou para comigo e os preciosos conselhos que me facultou, bem como o acesso a obras que, de outra forma, não me teriam sido possíveis consultar. Pela melhor compreensão que me facultou, relativamente ao mundo das fontes bizantinas, agradeço a total disponibilidade que a Professora Marília Lykaki (Universidade de Atenas), demonstrou ter. Um agradecimento especial ao Professor Salvatore Cosentino (Universidade de Bolonha), pela sua imediata disponibilidade e amabilidade para me receber no seu gabinete, em Ravena. As suas observações foram de suma importância para o estabelecimento do espectro cronológico da presente dissertação.

Agradeço ao Professor Doutor José Varandas (Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa), Diretor do Mestrado Interuniversitário em História Militar, por todos os seus ensinamentos.

Agradeço ao João Paiva, ao Rodrigo Gomes e ao João Nisa, com os quais comecei esta aventura pelo mundo bizantino, todos os seus conselhos e recomendações, as mais construtivas conversas e toda a sua amizade.

Um especial agradecimento ao Pedro Sebastião e ao Gonçalo Pedrosa, por toda a paciência que demonstraram ter para comigo, e toda a ajuda que me facultaram ao longo dos momentos finais deste processo.

Ao João Gomes e ao João Rainho, agradeço todo o apoio dado, através das suas palavras de incentivo que, sempre que possível, me dirigiam e eu aceitava com todo o gosto.

Nunca me teria sido possível realizar este trabalho sem o apoio da minha família. À minha Mãe, agradeço todos os incentivos e palavras de apoio, mesmo nos momentos em que duvidei de mim mesmo. Ao meu Pai, que me inculcou o gosto pela História, agradeço o entusiasmo com que foi lendo este trabalho, e todos os comentários avançados.

Por fim, não existem palavras suficientes para exprimir o sentimento de gratidão para com a pessoa que, ao longo de todos estes meses, durante os melhores e os piores momentos, nunca deixou de me apoiar e cuja ajuda foi a mais importante para que este trabalho visse a luz do dia. Por tudo o que foi dito (e por tudo aquilo que não necessita de ser dito), agradeço à Laura Martins por ter sido o meu principal baluarte de apoio, mesmo quando eu próprio duvidei de mim.

Lista de Abreviaturas, Siglas e Acrónimos

Ael.	Eliano, <i>Sobre a Estratégia Militar dos Gregos</i>
Aen.	Eneias, <i>o Tático, Sobre a defesa de Posições Fortificadas</i>
Aescl.	Asclepiódoto, <i>Teoria Tática</i>
Agath.	Agátias de Mirena, <i>Histórias</i>
Amm.	Amiano Marcelino, <i>Histórias</i>
Arr.	Arriano, (<i>Ars. Tact. = Ars Tactica; Ekt. = Ordem de Marcha e Batalha contra os Alanos</i>)
Epit.	Urbício, <i>Epitedeuma</i>
Evagr.	Evágrio, <i>o Escolástico, História Eslesiástica</i>
Front.	Frontino, <i>Estratagemas</i>
Isid. Sev.	Isidoro de Sevilha, <i>História dos Godos, dos Vândalos e dos Suevos</i>
Jord.	Jordanes, <i>Origens e Feitos dos Godos</i>
Mal.	João Malalas, <i>Cronografia</i>
<i>Mun. Castr.</i>	Pseudo-Higino Gromático, <i>De Munutiubinus Castrorum</i>
Ona.	Onasandro, <i>O General</i>
Paul. Diac.	Paulo, <i>o Diácono, História dos Lombardos</i>
<i>Per. Strat.</i>	Siriano Magister, <i>Peri Strategikes</i>
Poly.	Polieno, <i>Estratagemas</i>
Proc.	Procópio de Cesareia (<i>Pers. = Guerra Pérsica; Vând. = Guerra Vândala; Goth. = Guerra Gótica; Anekd. = História Secreta</i>)
<i>Takt.</i>	Leão VI, <i>Taktiká</i>
Th. Sim.	Teófilo Simocatta, <i>História</i>
<i>Strat.</i>	Maurício, <i>Stratēgikón</i>
Veg.	Vegécio, <i>Epitoma rei militaris</i>
Zos.	Zósimo, <i>Nova História</i>

Na Capa:

“A Grande Caçada”, mosaico tardo-romano, sécs. IV-V.
Sicília, Piazza Armerina, Villa Romana del Casale.

Imagem editada a partir da fotografia original, gentilmente cedida por Ludo Kuipers,
consultada em:

<https://ozoutback.com.au/Italy/sicilia/slides/1994101106.jpg>

(19-09-2017; 14:57)

Índice

Resumo	ii
Abstract.....	iii
Agradecimentos	v
Lista de Abreviaturas, Siglas e Acrónimos	vii
Introdução.....	1
1. O exército romano na Antiguidade Tardia	14
1.1. Diocleciano e Constantino: da defesa do Império à “barbarização” do exército (284-337).....	15
1.2. O exército romano do século IV (338-378).....	19
1.3. O exército romano do século V. Da divisão definitiva do Império à queda do Ocidente (379-491).....	25
1.4. A génese de um novo modelo militar (491-565).....	29
1.5. Os sucessores de Justiniano (565-602).....	38
2. O <i>Stratēgikón</i> de Maurício	45
2.1. A Datação do <i>Stratēgikón</i>	45
2.2. A autoria do <i>Stratēgikón</i>	49
2.3. A transmissão do <i>Stratēgikón</i>	51
2.4. A influência clássica.....	52
2.5. Estrutura Interna: Análise e Comparação Crítica.....	55
2.5.1. Livro I: Introdução.....	55

2.5.2. Livro II: Formação de combate da cavalaria	60
2.5.3. Livro III: Formações do <i>tagma</i>	63
2.5.4. Livro IV: Emboscadas	65
2.5.5. Livro V: Carriagem	69
2.5.6. Livro VI: Várias táticas e exercícios	72
2.5.7. Livro VII: Estratégia. Os pontos que o general deve considerar.....	74
2.5.8. Livro VIII: Instruções Gerais e Máximas.....	77
2.5.9. Livro IX: Ataques de surpresa.....	79
2.5.10. Livro X: Cercos	82
2.5.11. Livro XI: Características e táticas dos vários povos	85
2.5.12. Livro XII: Formações mistas, infantaria, acampamentos e caça.....	88
Conclusão	96
Bibliografia.....	99
1. Fontes	99
2. Estudos	101
Anexos.....	I
Anexo I: Cronologia	I
Anexo II: O Império Romano-Bizantino (sécs IV-VI).....	X
Anexo III: Glossário	XIII
Anexo IV: Batalhas e estudos de caso.....	XVI

Anexo V: Figuras	XXII
Anexo VI: <i>Stratēgikón</i> : Comandos Militares (tradução).....	XXVI
Anexo VII: <i>Stratēgikón</i> : Diagramas	XXVIII
Anexo VIII: Imperadores romano-bizantinos.....	XXXVI
Anexo IX: Biografias	XL
Anexo X: Tratadística: Autores e obras	XLIV
Anexo XI: Ordem de Marcha e Batalha contra os Alanos	XLVII

Introdução

A génese do Império Bizantino foi marcada pela constante beligerância que, entre os finais do século III¹ e os primórdios do século VII, marcou todo o mundo mediterrânico. Desde lutas internas pelo controlo do poder a campanhas que se estenderam dos Pilares de Hércules até à Mesopotâmia contra uma miríade de inimigos, as forças militares romanas evoluíram, transformaram-se e, em alguns casos, depuseram os seus próprios imperadores. Tal como as instituições e o próprio Império se alteraram, também a arte militar foi submetida a mudanças que influenciaram completamente a orgânica e o funcionamento dos exércitos imperiais. O legionário romano, munido do gládio hispânico e da *lorica segmentata*, que combateu contra celtas e germanos, deu lugar ao cavaleiro munido de lança ou arco e flecha, cujos principais inimigos eram os eternos persas, ou as tribos da estepe, sediadas nos Balcãs.

Durante os séculos IV e V, as legiões romanas viram-se reduzidas em tamanho e a tónica foi colocada na sua mobilidade, tornando, de forma progressiva e gradual, a cavalaria na principal força ofensiva. A conquista deu lugar à defesa. Foi nesta conjuntura que, pela primeira vez, através do imperador Diocleciano, surgiu a distinção entre dois modelos militares romanos: um a Ocidente, com sede em Roma, e outro a Oriente, cujo centro nevrálgico se encontrava em Constantinopla. Enquanto o primeiro, enfraquecido pela instabilidade política que se fazia sentir em Roma, entrou lentamente em declínio, culminando na queda do Império Romano do Ocidente em 476, o segundo modelo prevaleceu e, superando o desaparecimento do seu congénere ocidental, metamorfoseou-se naquilo que daria origem, já no século VII, ao paradigma militar bizantino.

Paralelamente, o modo de pensar a guerra foi, por sua vez, também alvo de alterações, aspeto este que se encontra patente na composição de diversos compêndios relativos à arte militar. Durante a Antiguidade Clássica, a teorização da guerra foi realizada por diversos autores, desde Eneias o *Tático*, no século IV a.C., até Flávio Vegécio Renato, no dealbar do século V. Após a queda de Ravena, em 476, a Antiguidade Tardia testemunhou um renovado interesse pelos manuais militares. Apesar dos trabalhos dos “autores antigos” continuarem a ser lidos, o século VI constitui um renascimento da

¹ A não ser que seja apresentada indicação contrária, todas as datas presentes nesta dissertação são pertencentes à Era de Cristo (d.C.).

² COSENTINO, Salvatore, “Writing about War in Byzantium” in *Revista de História das Ideias*, volume 30, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009, pp. 83-99.

³ KAEGLI, Walter Emil, *Some Thoughts on Byzantine Military Strategy*, Brookline, Hellenic College Press, 1983.

⁴ Vide MONTEIRO, João Gouveia (dir.) *O Sangue de Bizâncio. Ascensão e queda do Império Romano d*

produção literária militar, através de nomes como Urbício e Maurício. Este último foi responsável, segundo Salvatore Cosentino, pelo mais famoso tratado bizantino relativo à arte militar: o *Stratēgikón*². Composto entre os finais do século VI e os inícios do século VII, este manual aborda todos os aspetos relacionados com a guerra terrestre (estratégia, cavalaria, organização militar, infantaria, cercos, táticas, como lidar com povos inimigos) e, para além de reunir a sabedoria e práticas militares proto-bizantinas, encontra-se na base de toda a tratadística bélica que se lhe seguiu³.

O estudo do próprio *Stratēgikón*, bem como o de todo o processo evolutivo dos exércitos romano-bizantinos da Antiguidade Tardia, constituem o principal objetivo da presente dissertação. Com a exceção da obra *O Sangue de Bizâncio. Ascensão e Queda do Império Romano do Ocidente*, coordenada por João Gouveia Monteiro⁴, e da dissertação de mestrado intitulada *A Arte Militar Bizantina: o Tratado de Velitatione Bellica (Séc. X)*⁵, apresentada por João Rafael Gorgulho Nisa em 2016 à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, a história do império bizantino, e em especial a sua componente militar, configura uma área quase inexistente no seio da historiografia portuguesa. Esta realidade contrasta fortemente com o atual panorama historiográfico internacional⁶.

Do ponto de vista estrutural, a presente dissertação encontra-se dividida em dois principais momentos: um primeiro, de índole expositiva; e um segundo, de natureza crítica. Em relação ao primeiro, intitulado “O exército romano na Antiguidade Tardia”, o nosso principal objetivo foi explicitar os principais traços evolutivos que conduziram à criação dos paradigmas militares proto-bizantinos do século VI, através de uma subdivisão correspondente aos períodos por nós considerados como de maior importância para o dito processo. Assim sendo, após uma breve apresentação do exército romano (da sua criação até ao início do período contemplado neste trabalho), optámos por iniciar a nossa investigação a partir do ano em que Diocleciano foi aclamado imperador (284).

² COSENTINO, Salvatore, “Writing about War in Byzantium” in *Revista de História das Ideias*, volume 30, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009, pp. 83-99.

³ KAEGLI, Walter Emil, *Some Thoughts on Byzantine Military Strategy*, Brookline, Hellenic College Press, 1983.

⁴ Vide MONTEIRO, João Gouveia (dir.) *O Sangue de Bizâncio. Ascensão e queda do Império Romano do Oriente*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2017.

⁵ Vide NISA, João Rafael G., *A Arte Militar Bizantina: o Tratado De Velitatione Bellica (Séc. X)*, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Dissertação de Mestrado, 2016.

⁶ Em 1948 foi estabelecida a Association Internationale des Études Byzantines (AIEB), destinada à coordenação de diversos projetos de investigação na área da história bizantina, a qual conta com o apoio de inúmeros investigadores, oriundos de grande parte dos países europeus e dos Estados Unidos da América. Entre os diversos projetos empreendidos pela AIEB, devemos destacar aquele denominado *Corpus Fontium Historiae Byzantinae*, cujo principal intento consiste na compilação, tradução e estudo das principais fontes históricas bizantinas e na sua disponibilização à comunidade historiográfica internacional.

Escolhemos esta data pois, apesar de a historiografia bizantina se encontrar repleta de autores que apontam o momento (em 330) em que Constantino I reconstruiu a antiga cidade grega de Bizâncio e a rebatizou em seu nome (Constantinopla) como ponto de partida para a história do Império Bizantino, considerámos ser mais oportuno recuar até ao momento em que ocorreu, pela primeira vez, uma distinção entre dois modelos militares romanos (um a Ocidente e outro a Oriente), com a divisão do Império Romano e a consequente criação do regime político da “Diarquia Imperial”, promovidos por Diocleciano, em 285. Devido aos acontecimentos político-militares que se sucederam nas primeiras décadas do século IV, optámos por englobar no mesmo ponto os principados de Diocleciano e de Constantino I, uma vez que considerámos este período como crucial no que à orgânica e orientação dos exércitos romanos diz respeito.

O segundo ponto do nosso primeiro capítulo centra-se, sobretudo, nos principais aspectos político-militares que se sucederam entre a morte de Constantino I e a derrota romana, às mãos dos Godos, em Adrianopla (378). Para o efeito, apresentamos uma breve síntese dos conflitos civis que ocorreram entre os filhos de Constantino, bem como uma exposição relativa às campanhas de Juliano, o *Apóstata*, e do seu sucessor, Joviano, contra a Pérsia. Por fim, concluímos esta subdivisão com uma passagem pelos governos de Valentiniano e de Valente, com uma explanação relativa à batalha de Adrianopla e às consequências que daí resultaram.

De seguida, porém ainda englobada no primeiro capítulo, escolhemos uma cronologia situada após a proclamação de Teodósio como imperador (379) e a morte de Zenão I, em 491, onde nos referimos aos principais acontecimentos político-militares que ocorreram durante o século V: o primeiro saque de Roma (410); a batalha dos Campos Cataláunicos (451); a queda do Império Romano do Ocidente (476); e as principais revoltas que ocorreram durante o reinado de Zenão I, nos inícios do terceiro quartel do século VI.

Como é possível constatar em grande parte da historiografia, o ano de 476 é utilizado como o principal marco cronológico para identificar o fim do Império Romano (do Ocidente) e o início do Império Bizantino. Sendo que o principal propósito desta dissertação se relaciona com o exército bizantino, considerámos o ano de 491 (data da aclamação de Anastácio I como imperador) como o momento decisivo para a viragem das dinâmicas orientadoras dos exércitos imperiais. Decidimos englobar também, neste subcapítulo, os principais marcos cronológicos relativos à governação do imperador Justiniano I, que representou um dos períodos mais simbólicos e de maior intensidade

bélica de toda a história bizantina; marcou igualmente o momento a partir do qual começou a esboçar-se um vislumbre daquela que seria a futura máquina militar deste Estado.

As últimas páginas da nossa exposição relativa à evolução e consolidação dos paradigmas militares bizantinos são dedicadas aos reinados de Justino II e de Tibério II, assim como a uma análise detalhada do reinado de Maurício, com um especial enfoque na temática do seu assassinato, através da análise e contraposição das diversas teorias explicativas que, até agora, foram propostas.

O segundo (e principal) capítulo da nossa dissertação debruça-se sobre o estudo atento e completo do já mencionado tratado militar *Stratēgikón*. As primeiras temáticas por nós abordadas prendem-se, essencialmente, com questões relacionadas com a datação, a autoria, a transmissão e as influências clássicas da obra comumente atribuída ao imperador Maurício. Para a explanação das mesmas, baseámos os nossos argumentos nos conteúdos presentes no próprio tratado, à luz das teorias de maior preponderância que foram avançadas ao longo da segunda metade do século XX.

O último ponto por nós desenvolvido consubstancia-se numa análise interpretativa do próprio *Stratēgikón*. Uma vez que cada um dos Livros que o compõem aborda uma temática diferente, optámos por levar a cabo a análise interna do tratado através da interpretação de cada um deles de forma individual. Para o efeito, para além de alguns estudos que considerámos serem de maior pertinência, o nosso principal intento passou por uma contextualização do conteúdo do *Stratēgikón* à luz dos preceitos contidos em escritos militares anteriores que, em determinado momento, terão influenciado a redação deste livro. Paralelamente, e indo ao encontro de um dos objetivos pretendidos com a realização do primeiro capítulo da nossa dissertação, procurámos, sempre que nos foi possível, estabelecer paralelos, ou sinais de ruptura, com os preceitos apresentados na *Epítoma rei militaris* de Vegécio. Com isto, foi nosso propósito estabelecer uma comparação entre o modelo militar bizantino dos finais do século VI e o paradigma militar romano idealizado por Vegécio, nos inícios do século V.

Em relação ao *corpus fontium* a que recorreremos para a realização da nossa dissertação, podemos dividi-lo em dois grandes grupos, no que concerne ao seu conteúdo: um primeiro, no qual se inserem as fontes de carácter narrativo (cronogramas, crónicas, histórias eclesiásticas); e um segundo grupo, no qual se incluem as fontes militares de carácter técnico (tratadística, inventários administrativo-militares).

Visto que um dos nossos principais objetivos foi realizar uma breve apresentação da história do exército romano durante a Antiguidade Tardia, as fontes que utilizámos são,

per se, um reflexo dessa preocupação. Um dos principais autores a que recorreremos foi Zósimo, através da sua *Nova História*. Ao contrário de Políbio, que foi responsável por uma obra dedicada à ascensão do Império Romano, Zósimo foi autor de uma que, por seu turno, narra a decadência de Roma, através da apresentação dos principais factos que ocorreram entre os reinados de Diocleciano e o saque de Roma, em 410, pelos Godos de Alarico. Entre estes dois marcos cronológicos encontram-se não só as guerras do período da Tetrarquia Imperial, mas também a guerra civil que deflagrou entre os filhos de Constantino, as campanhas de Juliano e de Joviano contra a Pérsia, a derrota romana em Adrianopla e ainda a divisão definitiva do império por Teodósio. Para a consulta desta fonte servimo-nos da tradução inglesa de Ronald T. Ridley, intitulada *Zosimus. New History*, a qual se enquadra nas edições *Byzantina Australiensia*, dedicadas em exclusivo ao estudo da História Bizantina, sediadas na Austrália⁷.

Para o mesmo período, a *História* de Amiano Marcelino adquire especial relevo, na medida em que se trata de uma descrição, com elevado grau de detalhe, dos principais acontecimentos político-militares que ocorreram entre os anos de 353 e 378. Afigura-se de igual modo como a fonte por excelência para o estudo da queda e morte do imperador Valente, na batalha de Adrianopla. A tradução por nós utilizada foi a da autoria de J. C. Rolfe, *Ammianus Marcellinus. History*, publicada pela Livraria Clássica Loeb, com sede em Harvard⁸.

Paralelamente, consultámos o trabalho de Jordanes, *Origens e Feitos dos Godos*, como forma de complementar o nosso discurso, não só através de uma perspectiva do lado romano, mas também do ponto de vista dos seus inimigos. Pese embora o seu autor ter sido um burocrata romano, o seu principal desígnio foi redigir uma obra na qual as origens dos povos godos pudessem ser comparadas com as das principais famílias romanas. Em simultâneo, a narrativa de Jordanes constitui uma das mais importantes fontes para o estudo da queda do Império Romano do Ocidente, uma vez que nela se encontram explanados acontecimentos como a batalha dos Campos Cataláunicos e a tomada da cidade de Ravena por Odoacro. No que respeita aos acontecimentos posteriores à queda do Ocidente romano, esta obra apresenta ainda a descrição da ascensão de Teodorico, *o Grande*, e do estabelecimento do reino Ostrogodo em Itália até à sua ruína em 552, após a

⁷ Zósimo, *Nova História*. Tradução inglesa de Ronald T. Ridley: *Zosimus, New History* Canberra, Australian Association for Byzantine Studies, 1982 (doravante, esta fonte será referenciada através da sigla “Zos.”).

⁸ Amiano Marcelino *História*. Tradução inglesa de J. C. Rolfe: *Ammianus Marcellinus, History* Edição Bilingue. Massachusetts, Harvard University Press, 1971 (para referência futura, esta passará a ser citada através da sigla “Amm.”).

batalha de Tadina. Por uma questão de maior facilidade de acesso, utilizámos a tradução de Charles Mierow, *The Gothic History of Jordanes*, publicada em 1915 pela Imprensa da Universidade de Princeton⁹.

A *Cronografia* de João Malalas, não obstante o seu principal propósito consistir em elencar os principais acontecimentos desde Adão até meados do século VI, revela-se um dos mais detalhados trabalhos acerca dos imperadores romanos do Oriente. Dividida em dezoito Livros, os últimos dez apresentam a descrição dos reinados dos imperadores romanos, começando em Octávio Augusto (no Livro Nono). A partir de Zenão (Livro Décimo Quinto), o autor dedicou mesmo um Livro completo para cada imperador até ao período da composição desta obra, terminando em Justiniano (Livro Décimo Oitavo). A par de outras narrativas, suas contemporâneas, a *Cronografia* constitui uma das fontes mais ricas no que ao último quartel do século V e primeira metade do século VI diz respeito. Para a realização da nossa dissertação, recorreremos à tradução inglesa coordenada por Elizabeth Jeffreys, *The Chronicle of John Malalas*, sendo que, à semelhança da *Nova História* de Zósimo, a sua publicação também se encontra inserida no âmbito das edições *Byzantina Australiensia*¹⁰.

Para o estudo da primeira metade do século VI e, em especial, do principado de Justiniano I, a fonte por excelência é a *História das Guerras*, da autoria de Procópio de Cesareia. Tendo exercido funções como secretário pessoal do general Belisário durante as campanhas deste no Próximo Oriente, no Norte de África e em Itália, Procópio foi capaz de redigir uma narrativa político-militar em primeira mão, na qual se encontram descritas, com um elevado grau de detalhe, as principais campanhas militares organizadas por Justiniano e comandadas por Belisário, bem como os antecedentes políticos das mesmas (dotando assim de maior valor a sua obra). A Procópio deve-se ainda a composição da *História Secreta*, possivelmente publicada após a morte de Justiniano. Apesar do seu carácter depreciativo do imperador e de Belisário, a *História Secreta* apresenta-se-nos como uma das melhores fontes para o estudo do quotidiano de Constantinopla (durante os mesmos anos contemplados na *História das Guerras*), nomeadamente no que concerne à

⁹ Jordanes, *Origens e Feitos dos Godos*. Tradução inglesa com introdução e comentários de Charles Mierow: *The Gothic History of Jordanes*, Princeton, Princeton University Press, 1915 (ao longo de toda a dissertação, esta fonte será mencionada através da sigla “Jord.”).

¹⁰ João Malalas, *Cronografia*. Tradução inglesa de Elizabeth Jeffreys, Michael Jeffreys, Roger Scott et al.: *The Chronicle of John Malalas: A Translation*. Melbourne, Australian Association for Byzantine Studies, 1986 (No decurso de todo o trabalho que apresentamos, à presente obra fica associada a sigla “Mal.”).

Revolta *Nika* e à peste que assolou o Mediterrâneo durante a década de quarenta do século VI. As edições por nós consultadas foram aquelas organizadas e traduzidas (para a língua inglesa) por Henry Bronson Dewing, entre os anos de 1914 e 1954, publicadas pela Livraria Clássica Loeb¹¹.

No seguimento da narrativa de Procópio, optámos por recorrer às *Histórias* de Agátias de Mirena, a principal autoridade para o período compreendido entre 552 (data na qual termina a *História das Guerras* de Procópio) e 558. Embora o trabalho se encontre incompleto, o seu relato refere-se principalmente ao final das Guerras Góticas e à derrota dos Ostrogodos por Narsés, bem como ao desenvolvimento das relações entre Bizantinos, Francos e Vândalos. Para a consulta da fonte, utilizámos a tradução inglesa de Joseph D. Frendo, *Agathias - The Histories*, redigida dentro do âmbito do projeto *Corpus Fontium Historiae Byzantinae*¹². Por seu turno, para os reinados de Justino II e do seu sucessor, Tibério II, a nossa principal fonte foi a *História Eclesiástica* de Evágrio, *O Escolástico*, traduzida para o inglês por Michael Whitby¹³.

Considerado como o último grande historiador da Antiguidade, a Teófilo *Simocatta* ficou a dever-se uma *História*, que versa os acontecimentos do reinado do imperador Maurício (especialmente no tocante às guerras a Oriente e nos Balcãs). Ao longo dos seus oito Livros, Teófilo *Simocatta* dá conta, não só dos principais acontecimentos políticos, como também militares, apresentando um estilo de descrição semelhante ao de Procópio de Cesareia. A tradução por nós utilizada foi a da autoria de Michael Whitby, *The History of Theophylact Simocatta*¹⁴. Ainda em relação às últimas duas décadas do século VI, e para a geografia da Península Itálica, recorreremos à *História dos Lombardos* de Paulo, o *Diácono*, traduzida para o inglês pela mão de William Dudley Foulkey¹⁵. No tocante às geografias

¹¹ Procópio, *História das Guerras*. Tradução inglesa de H. B. Dewing: *Procopius, History of the Wars* Edição Bilingue, Massachusetts, Harvard University Press, 1914-1954 (doravante, esta obra será referenciada através da sigla “Proc.”, juntamente com a abreviatura referente à secção em questão [Guerra Persa = *Pers*; Guerra Vândala = *Vand*; Guerras Góticas = *Goth*]).

Procópio, *História Secreta*. Tradução inglesa de H. B. Dewing: *Procopius, The Secret History*. Edição Bilingue, Massachusetts, Harvard University Press, 1935 (para referência futura, usaremos “Proc. Anekd.”).

¹² Agátias de Mirena, *Histórias*. Tradução inglesa de Joseph. D. Frendo: *Agathias, The Histories*, Berlin, Walter de Gruyter & Co., 1975 (doravante referenciada com recurso à sigla “Agath.”).

¹³ Evágrio *Escolástico*, *História Eclesiástica*. Tradução inglesa de Michael Whitby: *The Ecclesiastical History of Evagrius Scholasticus*. Liverpool, Liverpool University Press, 2000. (a partir desta nota, esta obra passará a ser referenciada pela sigla “Evagr.”).

¹⁴ Teófilo *Simocatta*, *História*. Tradução inglesa com introdução e notas de Mary e Michael Whitby: *The History of Theophylact Simocatta*, Oxford, Oxford University Press, 1986 (a menção a esta obra passará a ser feita através da sigla “Th. Sim.”).

¹⁵ Paulo, o Diácono, *História dos Lombardos*. Tradução inglesa de William Dudley Foulkey: *History of The Lombards. Paul the Deacon*. Filadélfia, University of Pennsylvania Press, 1974 (esta fonte será mencionada pela sigla “Paul. Diac.”).

da Península Ibérica e do Norte de África, a nossa principal fonte foi a *História dos Godos, dos Vândalos e dos Suevos*, de Isidoro de Sevilha, traduzida para o inglês por Guido Donini¹⁶.

Por seu turno, e dado o estudo analítico do *Stratēgikón* se assumir como o principal propósito da nossa dissertação de mestrado, este constitui, por excelência, a nossa principal fonte de investigação/trabalho. Posto isto, não nos alongaremos, de momento, acerca dos seus aspectos formais ou do seu autor, dado que tais tópicos serão aprofundados em detalhe no nosso segundo capítulo, como pudemos já anteriormente esclarecer. No entanto, não podemos deixar de nos referir às edições que consultámos para o estudo do mesmo. A principal tradução a que recorremos foi a de Ernst Gamillscheg, *Das Strategikon des Maurikios*, concebida no âmbito do projeto *Corpus Fontium Historiae Byzantinae*, publicada através da Academia de Ciências Austríaca, em Viena, em 1981¹⁷. O mérito da edição referida advém, não só do reconhecido rigor científico da sua tradução, mas também do facto de, através da consolidação dos diversos manuscritos existentes num só texto, constituir a edição-padrão para qualquer estudo relacionado com o *Stratēgikón*. Paralelamente, recorreremos também à tradução inglesa do Padre George T. Dennis, *Maurice's Strategikon. Handbook of Byzantine Military Strategy*¹⁸, não obstante esta ser uma tradução do texto alemão de Ernst Gamillscheg. De forma a complementar a nossa visão relativamente ao texto do *Stratēgikón*, recorreremos igualmente à tradução italiana, da autoria de Giuseppe Cascarino, *Maurizio Imperatore. Strategikon. Manuale di arte militare dell'Impero Romano d'Oriente*¹⁹.

Dados a natureza e os objetivos da nossa investigação, recorreremos às traduções coordenadas por William A. Oldfather dos textos de Onasandro (*O General*)²⁰, de Eneias,

¹⁶ Isidoro de Sevilha, *História dos Godos, dos Vândalos e dos Suevos*. Tradução inglesa e introdução de Guido Donini: *History of the Goths, Vandals and Suevi*, Leiden, Brill, 1970 (doravante citada por “Isid. Sev.”).

¹⁷ Maurício, *Stratēgikón*. Estudo introdutório de George T. Dennis e tradução alemã de Ernst Gamillscheg: *Das Strategikon des Maurikios*, Viena, Verlag der Österreichischen Akademie der Wissenschaften, 1981 (no futuro, esta obra passará a ser mencionada pelo uso da sigla “Strat.”).

¹⁸ DENNIS, George T., *Maurice's Strategikon. Handbook of Byzantine Military Strategy*, Filadélfia, University of Pennsylvania Press, 1984.

¹⁹ CASCARINO, Giuseppe, *Maurizio Imperatore. Strategikon. Manuale di arte militare dell'Impero Romano d'Oriente*, Rimini, Il Chercio, 2013.

²⁰ Onasandro, *Strategicus*. Tradução inglesa com estudo introdutório e notas de Willam A. Oldfather: “Onasander, Strategicus” in *Aeneas Tacticus, Asclepiodotus, Onasander*, Massachusetts, Harvard University Press, 1943, pp. 342-527 (esta obra será doravante citada pela sigla “Ona.”).

o *Tático* (*Sobre a defesa de Posições Fortificadas*)²¹ e de Asclépiódoto (*Teoria Tática*)²². Em relação ao primeiro tratado mencionado, da autoria de Onasandro, a sua importância para a nossa dissertação advém da influência que exerceu na redação do *Stratēgikón* e do facto de se tratar de um dos mais inovadores e completos trabalhos sobre a Guerra na Antiguidade. Já a obra de Asclepiódoto, por mais que o seu carácter inovador seja reduzido, constitui uma das principais obras para o estudo das formações de cavalaria utilizadas pelos exércitos helénicos. A Eneias, o *Tático* ficou a dever-se a produção daquele que será, porventura, o mais antigo tratado greco-romano de que há conhecimento. Dedicado exclusivamente à poliorcética, a sua influência em diversas obras posteriores é notável.

No tocante às temáticas da infantaria clássica, e em especial à infantaria helenística, o tratado de Eliano, *Sobre a Estratégia Militar dos Gregos*, estabelece-se como a principal fonte a consultar. Este tratado debruça-se, quase por inteiro, sobre o estudo das falanges hoplita e macedónica. Note-se que esta obra constituiu um dos principais pontos de partida para a nossa análise do Livro XII do *Stratēgikón*, onde surge o tratamento da infantaria. Com vista ao tratamento da fonte em questão, utilizámos a tradução inglesa de Christopher Matthew, intitulada de *The Tactics of Aelian*, na qual, para além da tradução, se encontra presente o texto original, em grego antigo (edição bilingue)²³.

Para o estudo da cavalaria romana, um tema muito pouco abordado na tratadística latina, recorreremos aos trabalhos de Arriano de Nicomédia, *Ars Tactica* e *Ektaxis kata Alanon*. Em relação à primeira obra, que corporiza um dos poucos exemplos onde a cavalaria romana é descrita e alguns dos seus exercícios são apresentados, utilizámos a tradução parcial inglesa de Ann Hyland²⁴. Não obstante a fonte não se encontrar aqui traduzida na sua íntegra, a versão por nós utilizada em nenhum momento olvida as temáticas relacionadas com a cavalaria. No tocante ao segundo trabalho de Arriano, *Ektaxis kata Alanon* (ou *Acies Contra Alanos*, como é comumente mencionada, com

²¹ Eneias, o *Tático*, *Sobre a defesa de Posições Fortificadas*. Tradução inglesa com introdução e notas de William A. Oldfather: “Aeneas Tacticus” in *Aeneas Tacticus, Asclepiodotus, Onasander*, Massachusetts, Harvard University Press, 1943, pp. 1-225. (daqui em diante, a esta fonte corresponderá a sigla “Aen.”).

²² Asclepiódoto, *Teoria Tática*. Tradução inglesa com introdução e notas de William A. Oldfather: “Asclepiodotus, Tactics” in *Aeneas Tacticus, Asclepiodotus, Onasander*, Massachusetts, Harvard University Press, 1943, pp. 227-340 (citada a partir de agora pela sigla “Aescl.”).

²³ Eliano, *Sobre a Estratégia Militar dos Gregos*. Estudo, tradução inglesa e notas de Christopher Matthew: *The Tactics of Aelian. A New Translation of the Manual that Influenced Warfare for Fifteen Centuries*, South Yorkshire, Pen & Sword Military, 2012 (esta obra será mencionada através da sigla “Ael.”).

²⁴ Arriano, *Ars Tactica*. Tradução parcial inglesa de Ann Hyland: *Training the Roman Cavalry from Arrian's Ars Tactica*, Londres, Grange Books, 1993 (doravante citada por “Arr. Ars. Tact.”).

recurso à sua latinização), este trata a descrição das manobras realizadas por Arriano no decorrer de uma das suas campanhas contra os Alanos, na Capadócia; na verdade, mesmo não tendo sido escrita com o intuito de dar a conhecer os factos, esta obra contém uma das mais pormenorizadas descrições do modo de ação da cavalaria romana. Servimo-nos, para a nossa dissertação, da tradução inglesa de Catherine Gilliver²⁵.

Apesar de não constituírem verdadeiros compêndios sobre a guerra, *stricto sensu*, os *Estratagemas* de Frontino e de Polieno foram trabalhos que consultámos de igual modo. De facto, embora apresentem apenas diversos *ruses de guerre*, a sua influência em outras obras, nomeadamente em tratados, é evidente. O próprio *Stratēgikón*, nos seus Livros Sétimo e Oitavo, não parece ser alheio a tais preceitos, muitos dos quais nos parecem ter sido compilados diretamente nas obras referidas. Para Frontino, optámos pela tradução inglesa de Charles E. Bennet, *Frontinus. The Stratagems and The Aqueducts of Rome*²⁶, publicada pela Livraria Clássica Loeb; em relação a Polieno, utilizámos a tradução espanhola de Francisco Martín García, *Eneas el Táctico. Polieno, Estratagemas*, cuja publicação esteve a cargo da Editorial Gredos²⁷.

Nenhum estudo do exército romano pode ser realizado sem o recurso a um dos mais importantes tratados de toda a Antiguidade: a *Epitoma rei militaris*, de Flávio Vegécio Renato. Redigida entre finais do século IV e meados do século V, e compilada inúmeras vezes até aos nossos dias, esta obra constitui o mais completo tratado relativo à orgânica e funcionamento dos exércitos imperiais romanos, especialmente para o período do Alto Império. Como tal, assume-se, para o caso, como o principal termo de comparação entre os dois modelos militares distintos: o do exército romano clássico e o do exército bizantino dos finais do século VI, retratado pela primeira vez no *Stratēgikón*. Para a nossa dissertação, utilizámos a tradução portuguesa de João Gouveia Monteiro e de Eduardo Braga, *Vegécio. Compêndio da arte militar*, editada pela Imprensa da Universidade de Coimbra, com Prefácio de Maria Helena da Rocha Pereira²⁸. Ainda em relação a trabalhos de origem latina, recorreremos a *De Munutiubinus Castrorum*, atribuído a Pseudo-Higino,

²⁵ Arriano, *Ordem de Marcha e Batalha contra os Alanos*. Tradução inglesa de Catherine M. Gilliver: *The Roman Art of War*, Gloucestershire, Tempus, 1999 (referenciada neste estudo pela sigla “Arr., Ekt.”).

²⁶ Frontino, *Estratagemas*. Tradução inglesa de Charles E. Bennet: *Frontinus. The Stratagems and The Aqueducts of Rome*, Londres, William Heinemann, 1925 (esta obra será referenciada pela sigla “Front.”).

²⁷ Polieno, *Estratagemas*. Tradução espanhola com introdução e notas de Francisco Martín García: *Eneas el Táctico. Polieno, Estratagemas*, Madrid, Editorial Gredos, S. A., 1991 (doravante citada por “Poly.”)

²⁸ Vegécio, *Epitoma rei militaris*. Tradução portuguesa, estudo introdutório e notas de João Gouveia Monteiro e de José Eduardo Braga: *Vegécio. Compêndio da arte militar*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2004. (para futura referência, esta fonte será mencionada pelo uso da sigla “Veg.”).

um pequeno tratado relativo à construção de acampamentos romanos fortificados. Para o efeito, tivemos por base a tradução inglesa de Catherine Gilliver²⁹.

Seguindo uma ordem cronológica de conceção, o *Epitedeuma* de Urbício apresenta-se como o primeiro texto militar balizado cronologicamente no século VI. Apesar de se tratar de um breve panfleto, datado do reinado do imperador Anastácio, para nós, com o intuito da realização desta tarefa de análise crítica, o seu valor consubstancia-se na presença de estratagemas e de engenhos de guerra, os quais encontram paralelo no texto do *Stratēgikón*. Recorremos, com vista à sua análise, à tradução inglesa de Geoffrey Greatrex, *Urbicius' Epitedeuma: An Edition, Translation and Commentary*³⁰.

Os últimos dois textos militares por nós utilizados (não obstante serem posteriores ao próprio *Stratēgikón*), o *Taktiká* do imperador Leão VI e o *Peri Strategikes* atribuído a Siriano *Magister*, são, nitidamente, obras em cujos textos a influência do *Stratēgikón* se fez sentir. Para a consulta destas duas fontes, servimo-nos das traduções inglesas de George T. Dennis, *The Taktika of Leo VI* e *Three Byzantine Military Treatises*, uma compilação de tratados na qual se encontra incorporada a tradução do manual militar atribuído a Siriano *Magister*. Ambas as obras, à semelhança da tradução alemã do *Stratēgikón* por Ernst Gammilscheg, foram produzidas no âmbito do projeto *Corpus Fontium Historiae Byzantinae*, tendo sido publicadas pelo centro de estudos bizantinos da Universidade de Harvard, Dumbarton Oaks³¹.

No que aos diversos estudos que utilizámos para a conceção da presente dissertação se refere, podemos distingui-los em dois grandes grupos. Um primeiro no qual podemos englobar todos aqueles cujas temáticas e cronologias atravessam todo o espectro por nós abordado. Entre estes, acreditamos serem merecedores de especial destaque as coordenações de Yann Le Bohec, *The Encyclopedia of the Roman Army* (a qual contou, para a sua elaboração, com a ajuda de inúmeros nomes sonantes da historiografia romana tardo-antiga), assim como a sua obra, *L'armée Romaine sous le Bas-Empire*, trabalho no

²⁹ Pseudo-Higino Gromático, *De Munutiubinus Castrorum*. Tradução inglesa de Catherine M. Gilliver: *The Roman Art of War. A Study of the Roman Military Writers*, Ph.D Thesis, Londres, University of London, 1993, pp. 233-245 (doravante referenciada pela sigla “*Mun. Castr.*”).

³⁰ Urbício, *Epitedeuma*. Tradução inglesa, com comentários de Geoffrey Greatrex: “Urbicius' Epitedeuma: An Edition, Translation and Commentary”, in *Byzantinische Zeitschrift*, nº 98, Berlim, De Gruyter, 2005, pp. 35-74 (de aqui em diante, esta fonte será citada com recurso à sigla “*Epit.*”).

³¹ Leão V, *Taktiká*. Tradução inglesa com introdução e notas de George T. Dennis: *The Taktika of Leo VI*, Washington, Dumbarton Oaks, 2010 (para referência futura, esta obra será mencionada através da sigla “*Takt.*”).

Siriano *Magister*, *Peri Strategikes*. Tradução inglesa com introdução e notas de George T. Dennis: *Three Byzantine Military Treatises*, Washington D.C., Dumbarton Oaks Papers, 1985 (Posteriormente, referir-nos-emos a esta obra através da sigla “*Per. Strat.*”).

qual o período compreendido entre os reinados de Diocleciano e de Valentiniano é analisado, sob o ponto de vista da História Militar, nas suas mais diversas vertentes. Paralelamente, o estudo introdutório da autoria de João Gouveia Monteiro, na já referida obra *Vegécio. Compêndio da arte militar*, revestiu-se, para nós, de suma importância, uma vez que, ao contrário de Yann Le Bohec, o espectro cronológico abordado avança até ao ano de 476, data da queda do Império Romano do Ocidente.

Importa igualmente notar que nenhum estudo relativo à Antiguidade Tardia Romano-Bizantina pode ser realizado sem o recurso à valiosíssima obra de Arnold Hugh Martin Jones, *The Later Roman Empire: a social, economic and administrative survey. 284-602*. Publicada em 1964, constitui um dos mais completos trabalhos alguma vez realizados no que respeita à história do Império Romano, desde os tempos de Diocleciano, nos finais do século III, até à queda de Maurício, no dealbar do século VII.

Ainda relativamente aos derradeiros séculos do Império Romano do Ocidente, procurámos recorrer a bibliografia portuguesa, com especial aos diversos estudos presentes no 21.º número da revista científica *Hummanitas Supplementum*, coordenada pelo Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, que conta com o contributo de alguns estudiosos como José Luís Brandão, Vasco Gil Mantas e Rosa Sanz Serrano.

No tocante ao período do século VI, queremos destacar a obra de Salvatore Cosentino, *Storia Dell'Italia Bizantina (VI-XI Secolo). Da Giustiniano ai Normanni*, na qual é traçada a história da Península Itálica, desde os primórdios da sua ocupação pelas forças de Justiniano até à sua perda definitiva, no século XI, às mãos dos Normandos. Salientamos de igual modo o trabalho de Michael Whitby, *The Emperor Maurice and His Historian*, dedicado em exclusivo ao estudo do reinado de Maurício, através do seu principal cronista, Teófilo *Simocatta*.

No respeitante a estudos de carácter mais específico e, em especial, dirigidos à temática da tratadística, a dissertação de doutoramento de Philip Rance, *Tactics and Tactica in the Sixth-Century: Tradition and Originality* assumiu-se como uma obra fulcral para a análise interpretativa dos conteúdos do *Stratēgikón*. Também os breves estudos de Adrian Bivar (*Cavalry Equipment and Tactics on the Euphrates Frontier*) e de C. M. Mazzucchi (*Le καταγραφαι dello Strategikon di Maurizio e lo schieramento di battaglia dell'esercito*) constituíram alguns dos principais artigos por nós utilizados.

Posto isto, resta-nos apresentar uma nota prévia em relação a alguns aspetos formais da presente dissertação. Em primeiro lugar, todas as traduções que nela forem surgindo, tanto de estudos como das próprias fontes apresentadas, são da nossa autoria e

total responsabilidade. Em segundo lugar, a adoção do termo ‘bizantino’ para o período posterior à queda do Império Romano do Ocidente é reflexo, não de uma visão de ruptura com o período anterior, mas sim da necessidade de distinção entre dois paradigmas político-militares. Por fim, como forma de complementar esta dissertação, compusemos um corpo de anexos formado por uma cronologia do período em estudo, uma secção cartográfica, e um glossário temático. Inserimos, depois, a análise de algumas das batalhas mencionadas nesta dissertação, as quais considerámos merecedoras de maior destaque, assim como representações de certos aspetos dos exércitos romano-bizantinos, de modo a realçar a comparação entre os modelos descritos por Vegécio e por Maurício. Deste grupo de ferramentas auxiliares constam igualmente a tradução por nós elaborada dos comandos militares latinos presentes no referido tratado e alguns diagramas do próprio *Stratēgikón*. Seguem-se o rol de imperadores para o período em causa, prosopografias de algumas das figuras mais relevantes para a nossa temática, bem como um pequeno compêndio elucidativo da tratadística por nós utilizada. Paralelamente, incluímos uma tradução da nossa autoria da *Ordem de Marcha e Batalha Contra os Alanos*, de Arriano, realizada com base na versão original, em grego antigo, e complementada com a tradução inglesa de Catherine Gilliver³².

³² Uma vez que este escrito constitui um dos poucos exemplos, fora da cronística, que apresenta com elevado detalhe técnico as movimentações do exército romano perante a iminência de uma batalha, e cujos preceitos se encontram plasmados no texto do próprio *Stratēgikón*, pareceu-nos pertinente dedicar uma especial atenção à referida obra.

1. O exército romano na Antiguidade Tardia

O nascimento do exército romano, com a sua primeira legião, data do século VII a.C., ao tempo dos reis romanos, num período em que o pequeno Estado do Lácio se encontrava rodeado por uma miríade de adversários e lutava pela sua sobrevivência³³. Já no século V a.C., a máquina militar romana cresceu com a divisão do seu exército em duas legiões e, sob a égide da República Romana, os seus efetivos militares aumentaram exponencialmente e surgiram as primeiras unidades profissionais. Substituiu-se, desta forma, o antigo sistema do recrutamento temporário de cidadãos³⁴. Com este exército, os generais da República Romana foram capazes de conquistar grande parte da Bacia Mediterrânica e, após a morte de Júlio César, o seu herdeiro Octávio Augusto (27 a.C.-14 d.C.) levou o Império Romano praticamente à sua extensão territorial máxima³⁵.

Posteriormente, durante o período do Alto Império (séculos I e II), a máquina militar romana era composta por vinte e cinco legiões (com cerca de 5000 homens cada, entre os quais 120 cavaleiros), distribuídas por todo o território romano e acompanhadas por igual número de tropas auxiliares (ao todo, uns 250 000 homens). Toda esta força terrestre era auxiliada por uma vasta marinha de guerra que contava então com, aproximadamente, 40 000 homens ao seu serviço³⁶. A partir dos meados do século III, abateu-se uma crise que, nos séculos subsequentes, ditaria os destinos do Império, em especial da sua metade ocidental. A chamada “Crise do Século III” pautou-se pelo incremento dos raides bárbaros em territórios imperiais e por uma crise económica com reflexos no domínio militar, o que colocou em risco a viabilidade do exército romano, entre uma série de outros fatores, tanto sociais, como culturais.³⁷ Entre 235 e 260,

³³ A propósito dos diversos povos que habitavam na Itália, ao tempo da fundação de Roma, vide GUERRA, Amílcar, “Culturas e povos primitivos de Itália” in *História de Roma Antiga, volume 1, Das Origens à morte de César*, coord. de José Luís Brandão e de Francisco de Oliveira, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2015, pp. 16-24.

³⁴ TREADGOLD, Warren, *Byzantium and Its Army, 284-1081*, Califórnia, Stanford University Press, 1995, p. 8. Na mesma linha de pensamento, vide OLIVEIRA, Francisco, “Consequências da expansão romana” in *História de Roma Antiga, volume 1, Das Origens à morte de César*, coord. de José Luís Brandão e de Francisco de Oliveira, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2015, pp. 258-259.

³⁵ Ao tempo de Octávio Augusto, o Império Romano apresentava-se, praticamente, no auge da sua expansão territorial. Contudo, o seu zénite apenas foi alcançado aquando do reinado de Trajano (98-117), com a anexação dos territórios situados na Dácia (actual Roménia). Cf. MONTEIRO, J. G.; BRAGA, J. E., *op. cit.*, p. 77.

³⁶ *Idem, Ibidem*, pp. 29-37.

³⁷ LE BOHEC, Yann, *L'Armée Romaine sous le Bas-Empire*, Paris, Picard, 2006, p. 19.

sucederam-se perdas territoriais por todo o Império, acompanhadas de uma certa impotência e instabilidade sentidas no poder dos imperadores³⁸.

1.1. Diocleciano e Constantino: da defesa do Império à “barbarização” do exército (284-337)

Em 284, aquando da aclamação de Diocleciano como imperador, o Império Romano passava por uma situação assaz complicada nos seus territórios fronteiriços. Quatro sectores geográficos principais careciam de defesa permanente: a Oriente, o Império Persa ameaçava a fronteira oriental do Império; no Alto e Baixo Danúbio, bem como no Reno, povos de origem germânica pressionavam as províncias fronteiriças. Neste contexto, Diocleciano, em 286, procedeu à fundação do regime político da “Diarquia Imperial”, com base num governo do Império por dois *Augustos*, associando Maximiano (286-305) ao cargo³⁹.

Em 287, Maximiano deparou-se com uma série de revoltas nas províncias da Bretanha, protagonizadas por Carausio (um oficial romano de origem gaulesa, que se autoproclamara *Augusto*) enquanto, nas províncias das Gálias, as tribos francas comprometiam a estabilidade romana. Nos seis anos que se seguiram (287-293), Maximiano procurou restabelecer a ordem no Ocidente do Império, embora tendo alcançado pouco sucesso na Bretanha. Entretanto, Diocleciano debatia-se com as tribos Alamanas, Sármatas e Godas que exerciam uma constante pressão no *limes*, nas margens do Danúbio. Em paralelo, a Oriente enfrentava as investidas dos Persas⁴⁰.

Perante este cenário de persistentes incursões em territórios imperiais, em 293 Diocleciano promoveu a criação de um novo sistema político, denominado de “Tetrarquia Imperial”, associando ao poder dos *Augustos* dois *Césares* de dignidade inferior: Constâncio Cloro (293-306) e Galério (293-311)⁴¹. Até aos finais do século III, os quatro

³⁸ MONTEIRO, João Gouveia; BRAGA, J. E., *op. cit.*, pp. 72-73. Durante o reinado de Galieno (260-268), o exército foi alvo de reformas, com vista à sua adaptação a uma nova conjuntura. Contudo, a brevidade dos principados dos seus sucessores levou a que a instabilidade política se mantivesse até ao ano 284.

³⁹ JONES, A. H. M., *The Later Roman Empire: a social, economic and administrative survey. 284-602*. Vol. I, Oxford, Basil Blackwell and Mott, Ltd., 1964. p. 38. Desta forma, o Império passava a ser governado por dois *Augustos*, constitucionalmente iguais, tendo Maximiano ficado como *Augusto* do Ocidente, enquanto a metade oriental do Império era colocada à guarda de Diocleciano.

⁴⁰ *Idem, Ibidem*, p. 39.

⁴¹ MONTEIRO, J. G.; BRAGA, J. E., *op. cit.*, p. 76. Com este novo sistema, Diocleciano e Galério ficavam como *Augusto* e *César* do Oriente, enquanto a Ocidente, Maximiano e Constâncio Cloro assumiam os respectivos cargos congéneres. Importa aqui inferir que, a partir de 305, com a abdicação conjunta de Diocleciano e de Maximiano, os dois *Césares* foram elevados à condição de *Augusto*. *Vide Anexos, II. 1.*

governantes, sob a égide de Diocleciano, procuraram restabelecer a paz e a ordem nas fronteiras e nos territórios provinciais do interior. Na Bretanha, a revolta encabeçada por Carausio foi derrotada por Constâncio Cloro, seguida pela pacificação das províncias gaulesas, em 296. No Norte de África, Maximiano debateu-se, durante os anos de 297 e 298, contra as tribos berberes, executando uma série de campanhas até todo o território se encontrar, uma vez mais, sob a autoridade romana.

Nas províncias orientais do Império, a situação adquiriu contornos de maior complexidade. Após dois anos de intensos combates no Danúbio, Diocleciano redirecionou os seus esforços para o Egito, com o intuito de abafar uma revolta, no ano de 286. A revolta no país do rio Nilo, apesar de breve, abriu uma janela de oportunidade a Narsés, rei da Pérsia, para expulsar o monarca da Arménia, Tiridates, o qual se encontrava sob a proteção romana. Após uma campanha conduzida por Galério, em 297, a qual resultou em derrota para o lado romano, Diocleciano alcançou em 298 uma importante vitória sobre Narsés, nos arredores de Ctesifonte a qual conduziu à *leonina Paz de Nisibe*⁴². Depois desta data não existe registo de quaisquer outros conflitos, quer de ordem interna, quer externa⁴³. Uma vez reposta a ordem no Império, Diocleciano procedeu a importantes reformas na máquina militar romana.

As legiões romanas foram alvo de um importante redimensionamento. O número de soldados por cada legião foi reduzido, criando, assim, verdadeiras “micro-legiões”, de forma a que duas províncias pudessem ser defendidas apenas por uma única legião⁴⁴. Cada um destes corpos militares era comandado pela autoridade de um *dux*⁴⁵. Sobre as forças colocadas nas fronteiras do Império recaiu a denominação de *limitanei* (como o seu nome sugere, seriam tropas estacionadas ao longo do *limes* romano)⁴⁶. Paralelamente, para as províncias do interior, eram destacadas unidades que, para além da função de suprimir

⁴² JONES, A. H. M, *op. cit.*, p.39 e LE BOHEC, Yann, *op. cit.*, p.23. Mediante o acordo alcançado em Nisibe (atual Nusaybin, Turquia) foi possível a anexação de novos territórios pertencentes ao reino da Pérsia, nomeadamente sete satrapias a norte do rio Tigre.

⁴³ Uma das principais fontes para o estudo do período em questão, a *Nova História*, da autoria de Zósimo, interrompe a sua narrativa abruptamente, no fim do reinado de Probus, reiniciando-a vinte anos depois, nos inícios do reinado de Constantino I.

⁴⁴ Cf. MONTEIRO, J. G.; BRAGA, J. E., *op. cit.*, p.77.

⁴⁵ JONES, A. H. M, *op. cit* p. 55. *Dux*, ou *Duques*. Nos finais do século III e em meados do século IV, os duques consistiam em líderes militares locais, responsáveis pelo comando dos destacamentos fronteiriços. Sob a sua autoridade encontravam-se contingentes, tanto de infantaria pesada, como de cavalaria, além dos restantes efetivos que os acompanhavam nas tarefas militares.

⁴⁶ RANCE, Philip, “Army, Byzantium” in R. S. BAGNALL (ed.), *The Encyclopedia of Ancient History*, Chichester, Blackwell Publishing Ltd., 2013, p. 734.

eventuais revoltas, constituíam o núcleo duro dos exércitos móveis romanos. A estas tropas foi atribuída a denominação de *comitatenses*⁴⁷.

Como consequência da crise do século III, Diocleciano encetou alterações no modelo de recrutamento, de entre as quais destacamos o relaxamento do serviço militar obrigatório e a criação de mecanismos de índole fiscal para a “mobilização de homens para a guerra”⁴⁸. O aumento dos efetivos militares (para perto de 400 000 homens) foi um outro aspecto que Diocleciano procurou consolidar; simultaneamente, esta medida permitiria que cada *Augusto* e cada *César* pudessem dispor da sua própria guarda.

De forma a tornar o exército menos suscetível a eventuais revoltas, o pagamento do soldo foi regularizado, passando este a ser maioritariamente constituído por rações de comida e por equipamento (vestuário, armas e, no caso dos soldados de cavalaria, cavalos e forragens)⁴⁹. Por fim, a reconstituição da marinha de guerra que, durante a crise do século III fora bastante negligenciada, constituiu outra das prioridades de Diocleciano⁵⁰.

Quando, em 305, Diocleciano e Maximiano abdicaram do poder, o exército romano apresentava-se, grosso modo, reabilitado e capaz de devolver a segurança a todo o Império Romano⁵¹. Contudo, não obstante as reformas encetadas, não nos podemos referir a uma revolução da máquina militar romana. Apesar das renovações de certos aspetos militares, Diocleciano procurou manter os paradigmas tradicionais do exército romano adaptando-o, isso sim, a uma conjuntura em constante mudança.

Após a abdicação dos dois *Augustos*, o Império Romano mergulhou, uma vez mais, num período de intensa guerra civil, marcado por sucessivas lutas internas pelo poder. Entre os anos de 306 e 312, os principais focos de conflito foram protagonizados pelas facções apoiantes de Constantino (filho de Constâncio Cloro) e Maxêncio (filho de Maximiano)⁵². Ambos os pretendentes ambicionavam o controlo da metade ocidental do Império e, em 312, na sequência da batalha da Ponte Mílvia, em que ambas as forças se

⁴⁷ LE BOHEC, Yann, *op. cit.*, p.25. Durante muitos anos, foi corrente a aceitação da tese que defendia a distinção entre tropas “móveis” e tropas “sedentárias”. Atualmente, tal distinção encontra-se desvalorizada, na medida em que tanto *limitanei* como *comitatus* serviam funções muito semelhantes. Posto isto, o principal factor de distinção entre elas decorria da tática (tropas ordinárias vs. Tropas de elite).

⁴⁸ MONTEIRO, J. G.; BRAGA, J. E., *op. cit.*, p.77.

⁴⁹ JONES, A. H. M, *op. cit.*, p. 61.

⁵⁰ LE BOHEC, Yann, *op. cit.*, pp. 17 e 75. Até ao reinado de Diocleciano, a marinha romana fora alvo de abandono e de negligência. Contudo, a partir deste principado, esta tornou-se no principal garante da logística dos exércitos terrestres e do patrulhamento dos inimigos. Duas frotas, com sede em Miseno e em Ravena, garantiam a segurança do Mediterrâneo Ocidental e Oriental, auxiliadas por pequenas esquadras que vigiavam os mares menores (Mar do Norte, por exemplo), bem como os principais troços fluviais, como o Reno ou o Danúbio.

⁵¹ MONTEIRO, J. G.; BRAGA, J. E., *op. cit.*, p.77.

⁵² Zos., II. 9-4.

enfrentaram, Constantino assumiu-se como imperador *de facto* do Ocidente romano. Paralelamente, na congénere oriental do Império, Licínio derrotou, em 313, o seu rival, Maximino Daia⁵³.

A segunda fase do conflito civil perdurou desde o ano de 314 (data da Conferência de Milão, na qual Constantino e Licínio acordaram partilhar o Império entre si) até 324, ano no qual ocorreu, entre ambas as facções, a última grande batalha naval da Antiguidade⁵⁴, nas imediações da cidade grega de Bizâncio. Após a batalha, da qual Constantino saiu vitorioso, Licínio procurou a fuga com o seu exército; porém, foi novamente derrotado e capturado, em Crisópolis (atual Üsküdar, na Turquia), nas margens do Helesponto. Novamente, o Império Romano foi reunido sob a égide de um só imperador: Constantino I⁵⁵.

A governação, a solo, de Constantino I (324-337) foi marcada por uma série de campanhas, encetadas pelos seus filhos a Ocidente (nas imediações dos rios Reno e Danúbio, onde tribos alamanas e godas procuravam romper o *limes* romano) e a Oriente, onde, durante os anos de 334 e 335, os exércitos romanos alcançaram importantes vitórias face às forças persas. Corria o ano de 337 quando Constantino faleceu, numa altura em que decorriam os preparativos para o lançamento de uma operação militar em larga escala contra a Pérsia, cujos exércitos cercavam a cidade de Nisibe.

Atualmente, é reconhecido que, no plano militar, Constantino I foi responsável por uma autêntica reforma do exército romano, a qual, à semelhança da levada a cabo por Diocleciano, foi realizada em condições *ad hoc* e não segundo um plano pré-estabelecido. Entre as diversas reformas, encontramos a dissolução das antigas coortes pretorianas e dos *equites singulares Augusti*, o que levou à criação de uma nova unidade de guarda imperial: as *scholae palatinae*⁵⁶.

A segunda grande reforma abrangeu o alto comando do exército romano. A tradicional estrutura bipartida (fronteira *versus* interior) foi abandonada e, no seu lugar,

⁵³ Cf. JONES, A. H. M, *op. cit.*, p. 81. Após a derrota às mãos de Licínio, Maximino Daia procurou refúgio em Tarso (localizada na Turquia, na atual província de Mersin) onde acabou por cometer suicídio.

⁵⁴ Zos., II, 22. 1-2. Cf., LE BOHEC, *op. cit.*, p.33. Seguindo a análise de Yann le Bohec à crónica de Zósimo, as forças de Constantino seriam compostas por cerca de 200 navios (de trinta remadores cada) contendo aproximadamente 140 000 homens, face às forças de Licínio, constituídas por 350 trirremes e por cerca de 160 000 homens. Ambos os exércitos eram compostos por unidades de infantaria e cavalaria, bem como por soldados da marinha.

⁵⁵ Vide Anexos, II. 2.

⁵⁶ MONTEIRO, J. G.; BRAGA, J. E., *op. cit.*, p. 78. Aquando da Batalha de Ponte Mílvia, as antigas unidades apoiaram a causa de Maxêncio. Daí adveio a sua substituição por uma nova guarda imperial, leal a Constantino I. Vide Anexos, IV. 1.

surgiu uma estrutura tripartida, em consequência da criação de três principais regiões militares: as Gálias, a Ilíria e o Oriente. Não obstante a existência de um prefeito do pretório em cada região (oficial que detinha o poder logístico e judiciário), o comando militar efetivo dos exércitos recaía agora nas mãos dos *magistri militum*⁵⁷.

Tal como Diocleciano, Constantino mostrou um profundo respeito pelas tradições militares romanas. Durante o seu reinado, novos dispositivos táticos surgiram e foram implementados, quer em batalha campal (veja-se o exemplo da batalha de Turim), quer em guerras de cerco, onde o papel da poliorcética se tornava, gradualmente, mais importante⁵⁸.

De forma a retificar as lacunas de recrutamento do exército, foi adotada uma política de incorporação de soldados bárbaros no seio do exército romano⁵⁹. Apesar das diversas discussões em torno desta matéria, a principal questão que mais controvérsia gera hoje em dia prende-se, não com a prestação destes no campo de batalha, mas sim com o tratamento que lhes era reservado (melhor alimentação, soldo, etc.).

Assim, em 337, aquando da sua morte, Constantino deixava como legado um exército reformado, com uma nova orientação estratégica (reforço da defesa do Império, acompanhada de uma nova conceção do espaço) e com um rosto mais bárbaro.

1.2. O exército romano do século IV (338-378)

A morte Constantino I foi sucedida por um interregno de três meses (de maio a julho), após o qual os filhos de Constantino autoproclamaram-se *Augustos* e procederam à divisão do Império entre si⁶⁰. Embora, neste período, se tenha verificado um parcial retorno ao modelo governamental instaurado por Diocleciano, uma série de conflitos fratricidas

⁵⁷ LE BOHEC, *op. cit.*, p. 36. *Magistri* (sing. *magister*) *militum*, os “mestres das milícias”. Para cada região foram destacados dois oficiais, um de cavalaria (*magister equitum*) e outro, seu subordinado, de infantaria (*magister peditum*).

⁵⁸ *Idem, Ibidem*, p. III, fig. 5 e MONTEIRO, J. G.; BRAGA, J. E., *op. cit.*, p. 79. No decorrer da batalha de Turim, o exército de Constantino formou em cunha e a reserva avançou durante o combate, dando ao dispositivo a forma de uma meia-lua, com três pontas: à esquerda, ao centro e à direita.

⁵⁹ JONES, A. H. M., *op. cit.*, p. 98 e KOUROUMALI, Maria, “Mercenaries: Late Empire” in *The Encyclopedia of the Roman Army*, coord de Yann Le Bohec, West-Sussex, Wiley/Blackwell, 2015, pp. 646-647. A contratação de tropas mercenárias e a incorporação de unidades bárbaras nos exércitos romanos (para estas usa-se a denominação de *foederati*: “federados”, que eram soldados a quem, a troco do seu auxílio militar, era permitido o estabelecimento dentro do *limes* romano) remonta aos tempos dioclecianicos.

⁶⁰ LE BOHEC, *op. cit.*, p. 38. O império romano foi, desta forma, dividido em três grandes grupos: Constantino II (337-340), o filho mais velho, reclamou para si as províncias da Bretanha, Gália e Península Ibérica; Constâncio II (337-361), reclamou o Oriente, compreendendo a Ásia Menor e o Egito, com o acréscimo da Grécia e da Trácia; Constante (337-350), o filho mais novo de Constantino, ficou como guardião das províncias do Norte de África (à exceção do território que, atualmente, compreende o norte de Marrocos), a Itália, Córsega e Sardenha, Macedónia e a Dácia.

entre os “triarcas” levou ao seu insucesso⁶¹. Em 340, Constantino II, sob o pretexto da violação do acordo pelo seu irmão Constante, invadiu a Península Itálica. Esta ofensiva, de curta duração, terminou aquando da morte de Constantino II (em Aquileia) e da incorporação dos territórios sobre os quais governava na esfera de influência de Constante. Com isto, o mais novo dos filhos de Constantino tornou-se senhor de cerca de dois terços de todo o Império⁶².

Nos dez anos que se seguiram, todo o Império Romano foi ameaçado nas suas diversas frentes: na Bretanha, os domínios de Constante encontravam-se sob ameaça permanente e, nas Gálias, a segurança encontrava-se ameaçada por frequentes raides de tribos francas; no Norte de África, pequenos conflitos localizados mantinham as forças imperiais ocupadas com a defesa das províncias romanas locais; a Oriente, as forças de Constâncio II conduziam uma guerra contra a Pérsia, cujo principal foco de conflito se centrava em torno da cidade de Nisibe⁶³.

Nos inícios da década de 350, o assassinato de Constante (promovido por dois oficiais romanos, Marcelino e Magnêncio), lançou o Império, uma vez mais, na senda do conflito civil⁶⁴. Aquando da aclamação de Magnêncio como *Augusto* e perante a recusa de Constâncio II em reconhecer o usurpador como seu par, ambas as facções prepararam-se para a guerra⁶⁵. Em 28 de setembro de 351, nos arredores da cidade de Mursa (actual Osijek, na Croácia), os exércitos dos dois rivais enfrentaram-se, numa batalha da qual Constâncio se sagrou vencedor. Após a fuga de Magnêncio, em 353, Constâncio vingou o seu irmão na batalha do Monte Seleuco⁶⁶ e tornou-se, tal como o seu pai, o único governante de todo o Império Romano. No período de tempo que se seguiu, Constâncio II realizou duas campanhas (nos anos de 354 e de 355) contra os Alamanos, os quais, com o apoio de

⁶¹ MONTEIRO, J. G., *Grandes Conflitos da História da Europa. De Alexandre Magno a Guilherme “O Conquistador”*. Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012, p. 120.

⁶² Zos., II, 42.

⁶³ Cf. JONES, A. H. M., *op. cit.*, p. 112. No auge do conflito, ambos os exércitos partiram para batalha campal; esta seria travada nas imediações da cidade de Singara (no atual distrito de Sinjar, no Iraque), mas o resultado apresentou-se inconclusivo e extremamente oneroso para ambos os lados.

⁶⁴ Zos., II, 42. Após o assassinato do filho de Constantino, os usurpadores lutaram entre si pelo domínio da metade ocidental do Império. No rescaldo do conflito, Magnêncio sagrou-se como o único *Augusto* do Ocidente Romano.

⁶⁵ Aquando da eclosão de um conflito civil, a estratégia utilizada pelos protagonistas baseava-se, quase sempre, no mesmo princípio: a não ser que um compromisso entre os beligerantes fosse alcançado (tal como o reconhecimento dos rivais como *César* ou *Augusto*, na outra metade do Império), o conflito apenas terminaria com a morte de um dos seus protagonistas. Vide GOLDSWORTHY, Adrian, *Roman Warfare*. Londres, Cassel, 2000, p. 166.

⁶⁶ Zos., II, 45-54. Desconhece-se o local exato da batalha. Atualmente, toda a área geográfica encontra-se circunscrita na comuna francesa de La Bâtie-Montsaléon, na cordilheira dos Alpes cuja capital, hoje em dia, é a cidade de Gap.

forças francas, tiraram partido da confusão gerada pelos conflitos internos romanos e ameaçaram as fronteiras da Gália⁶⁷. Em 356, Constâncio conduziu uma terceira campanha contra os Alamanos e, até 359, a fronteira do Danúbio assistiu a uma sequência de expedições punitivas contra as tribos dos Sarmatas, dos Quados e dos Limigantes.

Perante tal conjuntura, tornou-se evidente para Constâncio II que o governo de todo o Império Romano se tinha tornado numa tarefa demasiado árdua para uma só pessoa. Desta forma, a 6 de novembro de 355, Constâncio nomeou, como *César*, Juliano, um jovem oficial romano⁶⁸. Após proceder à reorganização do exército ocidental, Juliano conseguiu obter uma importante vitória em 357, frente aos Alamanos, na célebre batalha de Estrasburgo⁶⁹.

Entretanto, a Oriente, Sapor, rei da Pérsia, reacendeu as hostilidades com as forças romanas e, no ano de 359, capturou a cidade de Amida, a qual foi procedida pela tomada de Singara, e Bezabda⁷⁰, em 360. Perante este cenário, Constâncio II redirecionou os seus esforços para Oriente, com o estabelecimento do seu quartel-general em Antioquia. No inverno de 359, confrontado com a necessidade de mais efetivos, Constâncio II enviou uma missiva ao *César* Juliano, na qual solicitava o seu apoio na luta contra os Persas. Após o conhecimento, por parte do exército, do conteúdo da mensagem, as forças de Juliano estacionadas na Gália revoltaram-se e aclamaram o seu general como *Augusto*⁷¹. Um novo conflito civil começou a desenhar-se, e apenas seria evitado pela morte de Constâncio II, em 361⁷².

No período durante o qual os filhos de Constantino assumiram o governo do Império (337-361), os três principais eixos do exército romano (Gália-Balcãs-Oriente) mantiveram a sua posição relativa. Ao tempo da reunificação do Império por Constâncio II, o exército de campo foi, uma vez mais, dividido por um crescente número de grupos locais. Na metade oriental do Império, as forças de *comitatenses* foram reorganizadas em

⁶⁷ MONTEIRO, J. G.; BRAGA, J. E., *op. cit.*, p. 80. Em 355, as campanhas no Danúbio ficaram em risco, no seguimento de um golpe de Estado protagonizado por um oficial chamado Silvano. Para evitar que a situação evoluísse para uma nova guerra civil, a defesa do *limes* foi, por pouco tempo, enfraquecida. Tal facto abriu uma janela de oportunidade para os povos 'bárbaros' gerarem instabilidade junto das guarnições fronteiriças.

⁶⁸ *Amm.*, XV. 8, 1-22.

⁶⁹ *Amm.*, XVI. 12, 1-70. *Vide* LE BOHEC, *op. cit.*, p. V, fig. 9 e GOLDSWORTHY, Adrian, *op. cit.*, pp. 178-179. A batalha decorreu nos arredores da antiga cidade romana de Argentorato (lt. *Argentoratum*), atual cidade de Estrasburgo, França. *Vide* Anexos, IV. 2.

⁷⁰ *Amm.*, XX. 7, 1.

⁷¹ *Amm.*, XX. 4, 1.

⁷² *Amm.*, XXI. 15,1. JONES, A. H. M., *op. cit.*, p. 120. A morte de Constâncio II ocorreu a 3.XI.361, quando se encontrava na Cilícia, preparando uma ofensiva em larga escala contra a Pérsia.

três *exerciti* regionais, estacionados na Trácia, na Ilíria e no Oriente⁷³. Sob estes corpos militares recaiu a autoridade do *magister militum* enquanto, nas restantes províncias do Império, as unidades militares de menor escala eram comandadas pelos *comites*.⁷⁴ Para além das unidades mencionadas – as quais se encontravam estacionadas nas fronteiras, num regime semipermanente – dois outros exércitos foram criados. Aquartelados em Constantinopla, sob eles recaiu a denominação de *praesentales*, devido ao facto de se encontrarem sob a tutela direta do Imperador (“na presença do Imperador”)⁷⁵.

Com o grosso das forças romanas sob o seu comando, Juliano partiu então para a realização da campanha idealizada por Constâncio II⁷⁶. De início, as forças romanas foram capazes de infligir pesadas derrotas ao inimigo persa. Após a vitória obtida nas imediações de Ctesifonte⁷⁷, Juliano redirecionou as suas forças para norte. Contudo, o exército romano começou a acusar o desgaste das suas tropas e dificuldades de abastecimento e, ao longo da sua marcha foi continuamente fustigado por pequenas investidas persas. No decurso de um desses encontros, o próprio Juliano foi ferido por um dardo e acabou por falecer, o que deixou o exército romano desprovido de liderança⁷⁸...

Com o exército sem general, e longe de qualquer “porto de abrigo” romano, a escolha para a sucessão de Juliano recaiu sobre a sua guarda pessoal, a qual aclamou um jovem oficial, Joviano, como novo imperador⁷⁹. Perante o quadro de emergência que se vivia, o recém-empossado imperador foi obrigado a assinar um novo tratado de paz romano-sassânida, favorável aos desígnios de Sapor⁸⁰. Volvido um breve período (oito meses) após a sua aclamação, Joviano faleceu na cidade de Ancara, a 17 de janeiro de

⁷³ RANCE, P., *op. cit.*, p. 734.

⁷⁴ *Idem, Ibidem*, p. 734. *Comites* (lt. sing. *comes*): O comandante de uma força de soldados *comitatenses/comitatus*. Contudo, o verdadeiro comando das forças militares estava nas mãos do *magister militum* o qual, a partir da 2.ª metade do século IV, adquiriu uma crescente importância na direção da guerra.

⁷⁵ *Idem, Ibidem*, p. 734 Os exércitos *praesentales* continham nas suas fileiras um elevado número de *comitatenses* de elite. Isto tornava estes corpos militares mais eficazes no decurso das operações militares realizadas nas geografias dos Balcãs e do Oriente. Para além disto, funcionavam também como “forças de segurança” com vista à supressão de eventuais rebeliões internas.

⁷⁶ Zos., III. 13. A mesma campanha distinguiu-se pela mobilização de dezenas de milhares de soldados, cerca de 1 000 navios de transporte de tropas, cinquenta navios de guerra, outros tantos navios-ponte e uma logística avançada, de forma a dar conta da grande quantidade de abastecimentos necessários.

⁷⁷ Amm., XXIV. 6, 17.

⁷⁸ Amm., XXV. 3, 3-21.

⁷⁹ Amm., XXV. 5, 4.

⁸⁰ Amm., XXV. 7, 9. O acordo assinado por Joviano mostrou ser, na prática, um retrocesso em relação à humilhação imposta por Diocleciano, 65 anos antes, em Nisibe. Mediante esse acordo, o imperador cedeu à Pérsia as províncias de Arzanene e de Moxoëne (pertencentes ao antigo reino da Arménia, no leste da actual Turquia), Zabdicene (na Mesopotâmia), Rehimene (desconhece-se a sua localização) e Corduene (no actual Córdistão), bem como cerca de 15 fortalezas, entre as quais Nisíbe, Singara e Castra Maurorum.

364⁸¹. Uma vez mais, foi necessário escolher um novo imperador, o que conduziu à aclamação de um tribuno das *scholae*, Valentiniano o qual, por instigação do próprio exército, nomeou o seu irmão Valente, como *César*⁸².

Para o mesmo ano (364), Amiano Marcelino escreveu: *Hoc tempore velut per univsum orbem Romanum, bellicum canentibus bucinis, excitae gentes saevissimae, limites sibi proximos persultabant*⁸³. De facto, o Império Romano atravessava uma profunda crise militar: no Reno, os Burgúndios pressionavam as guarnições do *limes*; as províncias gaulesas encontravam-se sob constantes investidas alamanas; nos Balcãs, os Hunos (que já tinham entrando na esfera do Império desde 360 e que visavam as terras da Panónia e da Trácia) empurraram tribos godas para as imediações da fronteira romana⁸⁴; e, a Oriente, o Império Persa orientava os seus esforços para a anexação das regiões arménias⁸⁵. Perante uma tal situação, Valentiniano e Valente dividiram entre si a governação do Império Romano: Valentiniano encarregou-se da defesa das Gálias, da Itália, do Norte de África e da Ilíria, enquanto Valente se tornou o guardião da metade oriental do Império.

A partir de 365, Valentiniano orientou o esforço de guerra para a defesa das províncias fronteiriças⁸⁶. À sua morte, em 375, os seus filhos – Graciano (já associado ao poder) e Valentiniano II – procederam à divisão, entre si, da metade ocidental do Império⁸⁷. Paralelamente, no Oriente do Império, Valente deparou-se com uma situação análoga: entre 366 e 369, na sequência de uma tentativa de golpe de Estado⁸⁸, dirigiu uma série de campanhas nas imediações do Danúbio, cujo resultado se traduziu na assinatura da

⁸¹ Amm., XXV. 10, 14.

⁸² LE BOHEC, *op. cit.*, p. 54. Quando a morte de Joviano se tornou conhecida, certos corpos militares ameaçaram revoltar-se; o caso mais evidente foi o do exército da Gália. Perante a possível eclosão de instabilidade por todo o Império, e de forma a evitar situações análogas àquelas proporcionadas pelas mortes de Juliano e de Joviano, os próprios oficiais militares pressionaram Valentiniano a nomear um par para o apoiar na governação de todo o Império Romano.

⁸³ Amm., XXVI. 4, 5. “Neste tempo, ressoava por todo o mundo romano o chamamento das trombetas para a guerra, pois povos selvagens agitavam-se e violavam as fronteiras suas vizinhas”. Tradução nossa.

⁸⁴ Amm., XXXI. 3, 1.

⁸⁵ Vide MONTEIRO, J. G.; BRAGA, J. E., *op. cit.*, p. 81. Mesmo em regiões menos problemáticas (como era o caso do Norte de África ou da Bretanha), a agitação militar tornou-se um fenómeno constante.

⁸⁶ Amm., XXVIII. 2, 1. De forma a dotar as províncias renanas de mecanismos de defesa mais eficazes, Valentiniano procedeu à construção de um dispositivo defensivo, composto por castelos e torres, ao longo das margens Reno.

⁸⁷ MONTEIRO, J. G.; BRAGA, J. E., *op. cit.*, p. 82. Para além das constantes investidas bárbaras sobre as fronteiras continentais, nas províncias insulares (nomeadamente na Bretanha), em 367, a Muralha de Adriano foi alcançada e as forças romanas viram-se impotentes perante a devastação que se seguiu.

⁸⁸ Amm., XXVII. 5, 1. Em 366, um parente de Juliano, Procópio, procurou usurpar a autoridade de Valente. Para o efeito, recorreu ao apoio de contingentes de origem goda, sob a liderança de Atanarico. *C.f.*, JONES, *op. cit.*, pp. 139-140.

paz com os Godos, mediante termos que foram impostos pelo imperador⁸⁹. Em 370, a Oriente, Sapor investiu contra dois Estados-cliente de Roma: na Arménia depôs o seu rei e, na Ibéria, substituiu o seu governante por outro da sua eleição⁹⁰.

Entretanto, em 376, a queda do reino Ostrogodo, às mãos dos Hunos⁹¹, levou a que grandes grupos de refugiados atravessassem a fronteira⁹². Perante esta situação, Valente procedeu à fortificação das fronteiras danubianas, mediante o recurso ao restabelecimento da conscrição obrigatória e à incorporação dos recém-chegados godos nas fileiras dos exércitos romanos⁹³. Contudo, este processo demonstrou ser a fonte de uma série de problemas internos para a governação de Valente, na geografia dos Balcãs. Quando confrontados com a hostilidade e com a avareza dos oficiais romanos⁹⁴, os Godos revoltaram-se e lançaram-se em pilhagens ao longo da Trácia, da Panónia, da Macedónia e da Tessália⁹⁵. A este movimento juntaram-se os restantes contingentes godos que entretanto tinham efetuado a travessia do Danúbio. Perante a impotência das forças romanas face à rebelião goda, o próprio imperador encarregou-se da direção da guerra e marchou com as suas tropas ao encontro das hostes inimigas⁹⁶.

Nos inícios de agosto de 378, após a sua chegada a Constantinopla, Valente, antecipando o combate, enviou um pedido de auxílio ao seu sobrinho Graciano. Contudo, após a partida da capital e a chegada às imediações da cidade de Adrianopla, onde deveria esperar os auxílios enviados por Graciano, co-imperador do Ocidente, Valente começou a alimentar a ideia de apressar o combate⁹⁷.

⁸⁹ Amm., XXVII. 5, 6.

⁹⁰ Amm., XXVII. 12, 1.

⁹¹ Jord., CXXX.

⁹² Zos., IV. 20 (3), p. 78, Amm, XXXI. 3, 1. Na sua maioria, estes grupos instalaram-se na região dos Balcãs. Os seus principais chefes eram Fritigerno e Alavivo.

⁹³ Amm., XXXI. 4, 1. Durante este período de tempo, foram diversas as migrações de grupos de origem goda que acabaram por se instalar em território imperial, sob o estatuto de “federados” (*foederati*).

⁹⁴ Amm. XXXI. 4, 11. Segundo o cronista, aos godos chegou a ser exigida a entrega de crianças, para servirem em regime de escravatura, em retorno pelo fornecimento de carnes, alegadamente, de cão.

⁹⁵ Amm., XXXI. 5, 1. *C.f.*, MONTEIRO, J. G.; BRAGA, J. E., *op. cit.*, p. 82 e MACDOWALL, Simon, *Adrianople AD 378. The Goths Crush Rome's Legions*. Oxford, Osprey Publishing, 2001, p. 40.

⁹⁶ MADGEARU, Alexandru, “Adrianople, Battle of (378)” in *The Oxford Encyclopedia of Medieval Warfare and Military technology, vol 1*. Oxford, Oxford University Press, 2010, p. 4. Antes de comandar pessoalmente as forças romanas, o Imperador ordenou aos seus generais, nomeadamente Sebastião e Ricomero que, através de uma política de guerra de guerrilha, privassem o exército godo do acesso a abastecimento e tornassem a sua marcha mais lenta. Esta estratégia permitiu que o grosso das forças romanas conseguisse alcançar as hostes inimigas nas imediações de Adrianopla. *Vide* MACDOWALL, Simon, *op. cit.*, p. 50.

⁹⁷ Zos., IV. 24, 1 e Amm. XXXI. 12, 1. Segundo a narrativa de Amiano Marcelino, Valente, ao saber dos sucessos do seu sobrinho Graciano, a Ocidente, foi tomado de inveja e, na ânsia de igualar os seus feitos, apressou o combate. Por outro lado, na crónica de Zósimo, foram alguns dos principais generais romanos que instigaram Valente a proceder para o campo de batalha.

No dia 9 de agosto de 378, o exército romano iniciou a sua marcha em direção ao acampamento dos Godos, cerca de 13 km para norte de Adrianopla⁹⁸. Assim que ambos os exércitos se encontraram à vista um do outro, os seus líderes procederam à organização tática dos seus efetivos. A batalha que se seguiu (a mais importante de toda a história do Baixo Império Romano), culminou na derrota romana e na própria morte do imperador Valente⁹⁹. Após o triunfo em Adrianopla, os Godos procuraram explorar ao máximo o sucesso obtido, através da tentativa de saque da mesma cidade e, não o conseguindo, aliaram-se aos Hunos para tentar tomar a capital, Constantinopla¹⁰⁰.

Com a derrota em Adrianopla, as forças romanas viram-se impotentes perante a hostilidade dos seus inimigos. A Oriente, as províncias da Arménia e da Ibéria (do Cáucaso) foram abandonadas e, no resto do Império, o impacto psicológico da batalha teve os seus efeitos: com a morte de um imperador e de cerca de dois terços do seu exército, o Império Romano abriu-se, definitivamente, aos “bárbaros”.

1.3. O exército romano do século V. Da divisão definitiva do Império à queda do Ocidente (379-491)

Durante o reinado de Teodósio (379-395) o qual, por instigação de Graciano, assumiu o poder no Oriente após o desastre de Adrianopla, o exército romano do Oriente encontrava-se num avançado estado de degradação. Após a derrota de Valente, foi necessário colmatar as lacunas deixadas pela grande sangria de efetivos militares. Para tal, Teodósio reestabeleceu a conscrição obrigatória¹⁰¹ e procedeu ao recrutamento de soldados bárbaros, parte dos quais obteve o estatuto de “federados”¹⁰². Com estas medidas, o novo imperador conseguiu aumentar os efetivos dos exércitos orientais; todavia, devido ao caráter de urgência, este aumento não foi acompanhado pelo treino tradicional a que os

⁹⁸ MONTEIRO, J. G., *Grandes Conflitos...*, p. 127.

⁹⁹ Amm., XXXI., 13. 1- 19. O próprio Amiano Marcelino, ao terminar o relato da batalha, admite que nenhum outro conflito da história romana (com a exceção da Batalha de Canas, em 216 a.C.) teve um desfecho tão trágico como Adrianopla. *Vide* Anexos, IV. 3.

¹⁰⁰ Amm., XXXI. 15, 1- XXXI. 16, 1.

¹⁰¹ *Vide* JONES, A. H. M., *op. cit.*, p. 156. Com isso, os filhos de soldados e veteranos foram chamados ao serviço militar. Para aqueles que, de alguma forma, procurassem contornar a lei, as penas eram pesadas. Muitos, de forma a evitar o serviço militar, procediam à automutilação, através da amputação do polegar das mãos. Durante o reinado de Valentiniano, a pena para tal ação era a morte na fogueira. Contudo, atendendo à situação político-militar do reinado de Teodósio, até mesmo estes eram obrigados a servir no exército!

¹⁰² Zos., IV. 30, 1. *Cf.*, MONTEIRO, J. G.; BRAGA, J. E., *op. cit.*, p. 84. As novas leis de Teodósio relativas ao recrutamento e à organização do exército refletiam uma tendência conjuntural que, ao longo das últimas décadas se vinha a acentuar e que Adrianopla tornou irreversível: a abertura do Império aos povos bárbaros. Contudo, enquanto uns se instalaram e serviram os interesses romanos (como foi o caso dos Ostrogodos), outros, como os Hunos e os Alanos, saquearam e devastaram as províncias romanas por onde passavam.

recrutas romanos se submetiam. Perante tal cenário, as campanhas encetadas, especialmente contra os Godos, basearam-se na guerra de guerrilha e de desgaste¹⁰³.

As medidas empreendidas por Teodósio foram um reflexo da conjuntura política que se fazia sentir por todo o império, nos finais do século IV. Apesar de, na frente oriental, haver sinais animadores, com a assinatura de um tratado de paz com a Pérsia, as regiões da Capadócia, da Cilícia e do leste da Síria foram alvo da devastação dos Hunos¹⁰⁴. Quanto aos Godos, estes não realizavam mais raides em território romano, eles “*migravam* para o interior do império, sem que os Romanos pensassem sequer em expulsá-los (...)”¹⁰⁵. Ao longo deste período, a *stasis* social, protagonizada por revoltas e tentativas de golpe de Estado, diminuiu, mas não foi inexistente. Entre as mais importantes, destacamos as revoltas de Magno Máximo (em 383, ano do assassinato de Graciano), e a de Eugénio, entre 392 e 394; Eugénio foi derrotado por Teodósio na batalha do Rio Frígido, em 394¹⁰⁶.

A morte de Teodósio, em 395, formalizou a divisão definitiva do Império Romano pelos seus dois filhos: Honório (395-423) ficou como *Augusto* do Ocidente e o outro filho, Arcádio (395-408), ficou com o Oriente¹⁰⁷. No primeiro caso, contudo, o poder ficou nas mãos de Estilácio, um Vândalo, enquanto a governação do Império do Oriente passou para as mãos do eunuco Eutrópio e, posteriormente, para as de um Godo: Gaina¹⁰⁸.

Não obstante as medidas de Teodósio, entre os anos de 395 e 400 os ares da guerra assolaram todo o Império Romano. Na sua metade oriental, Alarico (um Visigodo) marchou sobre Constantinopla e, após o seu fracasso, redirecionou o seu intento para a devastação da Grécia, da Macedónia e da Tessália. Em 397, foi permitido aos Godos instalarem-se na província da Macedónia, ao mesmo tempo que a Alarico era outorgado o título de *magister militum per Illyricum*¹⁰⁹. Paralelamente, alguns Hunos foram

¹⁰³ Cf. GOLDSWORTHY, Adrian, *How Rome Fell: Death of a Superpower*, New Haven, Yale University Press, 2009, p. 260.

¹⁰⁴ Vide MONTEIRO, J. G.; BRAGA, J. E., *op. cit.*, p. 83. Mediante o acordo assinado com os Persas (através do qual Teodósio conseguiu recuperar 1/5 da Arménia), Roma e a Pérsia aliaram-se contra os Hunos que, entretanto, se tinham tornado num inimigo mútuo e a principal ameaça em matéria militar.

¹⁰⁵ *Idem, Ibidem*, p. 83.

¹⁰⁶ Zos., IV. 58, 1.

¹⁰⁷ Zos., V. 1, 1. Vide Anexos, II. 3.

¹⁰⁸ Zos., V. 1, 1. Vide MONTEIRO, J. G.; BRAGA, J. E., *op. cit.*, p. 84 e JONES, *op. cit.*, p. 173. Não obstante a influência que se fez sentir, da parte de Estilácio e de Eutrópio, os filhos de Teodósio contaram sempre com o apoio e a lealdade do exército, uma tendência que se manteria com os seus descendentes.

¹⁰⁹ Zos., V. 5, 5. Cf. JONES, A. H. M., *op. cit.*, 183. Durante o reinado de Teodósio, Alarico fora um dos chefes godos que conseguira autorização para se estabelecer dentro do *limes* romano. Contudo, em 395 revoltou-se contra a autoridade romana. A querela com Alarico prolongou-se por dois anos, motivada por uma série de lutas pelo poder e pelo controlo da província da Ilíria, protagonizadas por Estilácio e Eutrópio.

incorporados nos contingentes romanos, enquanto outros se desviaram para os Balcãs onde, em 399, Eutrópio os derrotou e desviou para a parte ocidental do Império¹¹⁰.

O dealbar do século V marcou, em termos militares, económicos, sociais e psicológicos, o naufrágio do Império Romano do Ocidente. No ano 400, a vanguarda dos Godos alcançou a Península Itálica e cercou algumas cidades do norte. Durante três anos, as forças de Estilacão combateram os Godos, conseguindo empurrá-los para a região da Ilíria. Em 406, deu-se a rutura definitiva do *limes*: na noite de 31 de dezembro, contingentes bárbaros (incluindo Suevos, Vândalos e Alanos) romperam a fronteira romana da Germânia Superior¹¹¹. A situação adquiriu contornos muito graves, pois o *limes* romano foi, a partir deste momento, rompido para sempre e os exércitos romanos não possuíam mais a capacidade de rechaçar os seus inimigos¹¹².

Assim, entre 408 e 410, uma segunda vaga de invasões bárbaras alcançou os territórios italianos, exigindo terras, títulos e dinheiro; em 410, a cidade de Roma foi conquistada e pilhada pelos Godos, durante três dias¹¹³. Nas palavras de Yann Le Bohec, “l'événement fut ressenti comme la fin du monde ou au moins la fin d'un monde”¹¹⁴.

As décadas que se seguiram presenciaram o culminar do naufrágio do Império Romano do Ocidente. Com a exceção das forças estacionadas na Bretanha, os restantes contingentes romanos viam-se impotentes perante a miríade de adversários que se lhes apresentavam. Durante os primeiros três quartéis do século V, os *exerciti* romanos dependiam, sobretudo, da força de estranhos ou do recurso a tropas mercenárias¹¹⁵. Em 476, Odoacro, o chefe dos Hérulos, apreendeu as insígnias imperiais a Rómulo Augusto e enviou-as para Constantinopla. O Império Romano do Ocidente deixou, assim, de

¹¹⁰ Cf. GOLDSWORTHY, Adrian, *The Fall of Rome...*, p. 293.

¹¹¹ Zos., VI. 3, 1. Cf., ALVARÉZ JIMÉNES, David, “La otra ruptura del limes en el 406: La piratería en las provincias occidentales del Imperio” in *Hummanitas Supplementum*, nº 21 (coord. Francisco de Oliveira, José Luís Brandão, Vasco G. Mantas e Rosa Sanz Serrano. Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013, p. 83. Durante três anos, esta coligação de povos de origem germânica pôs o Norte da Gália a ferro e fogo.

¹¹² A *Notitia Dignitatum*, um documento de finais do século IV, fornece uma listagem de todos os contingentes romanos à altura do reinado de Honório. Contudo, apesar do seu valor para o estudo do exército (indicação dos vários postos romanos, com a sua localização e insígnias), inclui corpos militares há muito desaparecidos. Apesar de ser o documento contemporâneo dos acontecimentos que melhor retrata o exército, não pode ser tido em conta com um inventário preciso da condição do exército romano no dealbar do séc. V.

¹¹³ Zos., VI. 6, 1. Vide MONTEIRO, J. G.; BRAGA, J. E. *op. cit.*, p. 84. Numa tentativa de travar o avanço dos Godos, Honório despachou ao seu encontro o exército da Dalmácia (composto por cerca de 6000 homens). Contudo, o dito exército foi derrotado por Alarico que, de novo a combater os Romanos, direcionou as suas hostes em direção à “Cidade Eterna”.

¹¹⁴ LE BOHEC, Yann, *op. cit.*, p. 206.

¹¹⁵ MANTAS, Vasco Gil, “O Mundo Romano no dealbar do século V” in *Hummanitas Supplementum*, nº 21, *op. cit.* pp. 124-125. Na Batalha dos Campos Cataláunicos, em 451, as forças lideradas por Aécio que derrotaram Átila eram compostas, sobretudo, por combatentes célticos e germânicos.

existir¹¹⁶. Enquanto o Ocidente se desmoronava, o mundo romano oriental presenciou um panorama político-militar diferente: com a exceção de pequenos conflitos localizados, as fronteiras orientais gozaram de um período de paz de vinte anos, entre 401 e 421¹¹⁷.

Durante a primeira metade do século V, por duas ocasiões os clamores da guerra assolaram as fronteiras orientais: em 421, aquando da quebra da paz romano-sassânida, por Varanes, rei da Pérsia; e, em 441¹¹⁸. Em ambas as ocasiões, a investida persa foi rapidamente intercetada pelas forças romanas, e Varanes foi obrigado a assinar a paz. Contudo, o ataque de 441, não obstante o seu insucesso, obrigou ao desvio de forças romanas da região dos Balcãs para o Oriente. Isto possibilitou o avanço das hordas hunas que, após cruzarem o Danúbio, devastaram a província da Trácia. Este ímpeto destrutivo prolongou-se até 451, data da já referida batalha dos Campos Cataláunicos.

Após 451, a conjuntura político-militar, tanto interna como externa, alterou-se muito. Em Constantinopla, os imperadores tornaram-se alvo de uma sempre crescente influência germânica¹¹⁹. De forma a combater tal tendência, em 466, o imperador Leão I procedeu ao recrutamento de tropas da região da Isáuria¹²⁰. Ao mesmo tempo, um novo corpo militar, encarregado da proteção pessoal do imperador foi criado: os *excubitores*¹²¹.

O assassinato de Aspar¹²², em 471, suscitou uma nova vaga de raides por parte das tribos godas na região da Trácia. Liderava-os Teodorico Estrabão, recém-eleito rei dos Godos. Durante dois anos, as forças de Leão I e de Teodorico enfrentaram-se e, apenas em 473, foi conseguido um acordo entre ambas as partes: mediante o pagamento de um tributo pelos Romanos, os Godos comprometeram-se à defesa das províncias da Trácia¹²³. A morte do imperador Leão I, em 474, abriu caminho para Tarasicodissa, o isauriano que,

¹¹⁶ Jord., CCXLII. *Vide* Anexos, II. 4.

¹¹⁷ Neste período, a única situação de perigo que o Oriente presenciou ocorreu em 408, aquando de uma invasão hunas da Trácia, repelida pelas forças romanas. *Cf.*, JONES, A. H. M., A. H. M., *op.cit.*, p. 192.

¹¹⁸ Proc., *Pers.*, I. 2. 11.

¹¹⁹ *Vide* JONES, A. H. M., *op. cit.*, pp. 181-182, 218, 221. Desde 425 (ano em que as forças orientais foram enviadas para Ocidente, de forma a auxiliar Teodósio II contra o usurpador João), que um oficial de origem germânica, Aspar, adquiriu destaque no alto-comando oriental. Após a sua elevação ao cargo de *magister militum praesentales*, em 457, Aspar tornou-se o governador, *de facto*, de todo Império Romano do Oriente.

¹²⁰ Atual distrito turco de Bozkir, nos Montes Tauro.

¹²¹ SYVÄNNE, ILKKA, “Excubitor: Late Empire” in *The Encyclopedia of the Roman Army*, coord de Yann Le Bohec, West-Sussex, Wiley/Blackwell, 2015, p. 381. Criado em 466, os primeiros integrantes deste corpo eram, na sua origem, isaurianos comandados por Tarasicodissa (o futuro Zenão I). Para além da principal função de proteger o Imperador, este corpo funcionou como uma arma ao combate da influência germânica na corte de Constantinopla. Era composto por cerca de 300 homens.

¹²² Jord., CCXXXIX.

¹²³ Durante o mesmo conflito, outra facção goda, liderada por Teodomiro, saqueou as províncias da Dácia e da Macedónia. Posteriormente, de forma a controlar os ímpetus destrutivos dos Godos, o governo imperial concedeu terras e cargos militares aos seus líderes e distribuiu as suas gentes pelas sete cidades macedónias. *Cf.*, JONES, A. H. M., *op. cit.*, p. 223.

após a sua chegada à corte, subira nos favores de Leão I e, após ter ocupado o cargo de *comes excubitor*, foi aclamado *Augusto*, sob o nome de Zenão I¹²⁴.

Durante o período da sua governação (474-491), o novo imperador debateu-se com um *thesaurus* imperial esgotado, questões religiosas que dominavam a corte bizantina e sérias revoltas internas (das quais a que maiores proporções atingiu foi a de Basilisco, em 475, que forçou o imperador a abandonar temporariamente a capital¹²⁵). Apesar do alvoroço interno causado pelos conflitos civis, a grande ameaça à estabilidade do império consubstanciou-se na pressão exercida pelos Ostrogodos, liderados por Teodorico Estrabão. Entre 476 e 488, o imperador procurou por todos os meios semear a confusão no seio do alto-comando ostrogodo. Após um conflito interno do qual Teodorico, *o Grande*, se sagrou vencedor, o ímpeto destrutivo dos bárbaros foi direcionado para os territórios da Península Itálica, onde Odoacro, após ter deposto Rómulo Augusto, se autoproclamou *rex*¹²⁶. Durante três anos, a paz voltou aos territórios do Império Romano do Oriente. Em 491, após uma tentativa irrisória de melhoria do exército (com um novo recrutamento de tropas, assegurado pelo Estado), Zenão I morreu, vítima de disenteria, aos 60 anos¹²⁷.

1.4. A génese de um novo modelo militar (491-565)

Após a morte de Zenão, e perante a inexistência de um sucessor nomeado pelo imperador recém-falecido, o Senado encontrou, por indicação de Ariadne (viúva de Zenão), o seu novo *basileus*: Anastácio, um antigo funcionário da corte imperial¹²⁸. Tal escolha não foi bem recebida no seio dos Isaurianos, os quais, após a ascensão de Zenão, adquiriram importantes cargos administrativos e militares. Liderados pelo irmão de Zenão, Longuino (que após a morte do irmão ambicionara a púrpura imperial), rapidamente se

¹²⁴ Mal., XIV. 47.

¹²⁵ Mal., XV, 4. No decorrer da revolta, Basilisco, tornou-se imperador. Em 475 e 476, a governação do usurpador originou uma série de revoltas na capital. Em 476, aquando do regresso de Zenão a Constantinopla, Basilisco e o seu filho, Marco, foram capturados e executados.

¹²⁶ JONES, A. H. M., *op. cit.*, pp. 225 e 229 e AZZARA, Claudio, *Teodorico*. Bolonha, Il Mulino, 2013, pp. 21-22. Após o conflito interno ostrogodo (em que os três principais chefes tribais lutaram pelo controlo total: Teodorico Estrabão e Teodorico, o Amalo), Zenão I, com a promessa do título de *magister militum*, conseguiu empurrar os Ostrogodos contra Odoacro. Após o assassinato do último, Teodorico, *o Grande*, tornou-se aliado de Bizâncio, sob o título de *rex Italiae*.

¹²⁷ Mal., XV. 16.

¹²⁸ Mal. XVI. 1. Perante a indecisão do Senado, um alto funcionário, Urbício, propôs que a escolha do novo imperador recaísse sobre a viúva de Zenão. Quatro meses após a nomeação de Anastácio, o imperador casou com Ariadne. Anteriormente, Anastácio detivera o cargo de *silentarius*, responsável por manter o silêncio e a ordem no Grande Palácio de Constantinopla (*Magnum Palatium*). Vide JONES, A. H. M., *op. cit.*, p. 230.

revoltaram¹²⁹. O conflito que se seguiu, estendeu-se a toda a Isáuria¹³⁰. Contra os revoltosos, Anastácio enviou o exército do Oriente (liderado pelo general João, *O Cito*) e os exércitos *praesentales*, comandados por João, *O Corcunda*. Após a batalha de Kütahya (491), em que as forças imperiais derrotaram o grosso dos contingentes isaurianos, os revoltosos refugiaram-se nas montanhas da Frígia. Em 498, a captura de Longuino colocou um ponto final no conflito e, a partir deste momento, os Isaurianos não voltaram a ter voz ativa nas políticas imperiais¹³¹. Simultaneamente, a fronteira do Danúbio foi, pouco a pouco, enfraquecida. Após 493, os Búlgaros – uma tribo mongol que absorveu os resquícios do Império Huno – cruzaram o *limes* no Danúbio e causaram pesadas derrotas às forças bizantinas. A Trácia foi a zona mais afetada pelos seus raides. Perante o avanço do novo inimigo e a sua aproximação a Constantinopla, Anastácio procedeu à fortificação da Muralha Longa¹³² e, a partir daí, à consolidação das fronteiras danubianas¹³³.

O dealbar do século VI marcou o início de uma nova etapa no conflito romano-sassânida. Em agosto de 502, o rei persa, Cavades I, lançou uma campanha em larga escala contra a província da Arménia Interior¹³⁴. Num curto espaço de tempo, as cidades de Teodosiópolis, Martirópolis e Amida foram tomadas¹³⁵. Já Constantina-Tella e Edessa, apesar de também terem sido alvo de raides e de cercos por parte do exército persa, conseguiram resistir. Perante a ofensiva, o imperador Anastácio reuniu um vasto exército sob o comando do *magister militum per Orientem*, Aerobindo, e dos dois *magistri*

¹²⁹ Mal., XVI. 3.

¹³⁰ Região localizada na Ásia Menor, atualmente, na província de Konya, na Turquia.

¹³¹ Mal., XVI. 3. Cf., JONES, A. H. M., *op. cit.*, p. 321.

¹³² A Muralha Longa da Trácia, ou Muralha de Anastácio, era um complexo defensivo, situado a cerca de 65 km de Constantinopla. Estendia-se por 45 km, das costas do Mar Negro até ao Mar de Marmara. De arquitetura semelhante à Muralha de Adriano (na Grã-Bretanha), este sistema defensivo era composto por um fosso (do lado exterior) e, ao longo do pano de muralha, encontrava-se um conjunto de fortificações, onde as diversas guarnições montavam guarda. Cf., CROW, J. G., “The Long Walls of Trace” in *Constantinople and its Hinterland: Papers from the Twenty-seventh Spring Symposium on Byzantine Studies*, (coord.) Cyril Mango e Gilbert Dagron. Oxford, Variorum, 1995, pp. 109-124.

¹³³ WHITBY, Michael, *The Emperor Maurice and His Historian: Theophylact Simocatta on Persian and Balkan Warfare*. Oxford, Clarendon Press, 1988, pp. 69-70. Segundo o autor, a pacificação e fortificação do Danúbio era um requisito, *sine qua non*, para a revitalização das províncias do interior. Tal processo foi iniciado a nordeste do Danúbio, na região de mais fácil acesso, junto de Constantinopla. Contudo, em 511, no decorrer da revolta de Vitaliano, o qual se opôs à adoção da política religiosa monofisita de Anastácio (Mal., XVI. 16.), o processo de fortificação do Danúbio foi interrompido.

¹³⁴ Cf., GREATREX, George e LIEU, Samuel N. C., *The Roman Eastern Frontier and the Persian Wars. Part II AD 363-630. A narrative sourcebook*. Londres, Routledge, 2002, p. 62.

¹³⁵ Mal., XVI. 9. Vide PETERSEN, Leif Inge R., *Siege Warfare and Military Organization in the Successor States (400-800 AD). Byzantium, the West and Islam*. Leiden, Brill, 2013, pp. 125-135. Nos casos de Teodosiópolis e Martirópolis, ambas as guarnições se renderam, uma vez que as defesas físicas das cidades se encontravam em avançado estado de degradação. Em relação à cidade de Amida, a sua defesa ficou a cargo, sobretudo, dos seus habitantes, já que a guarnição era insuficiente para resistir aos exércitos persas.

praesentales, Patrício e Hipácio¹³⁶. Contudo, apesar do vasto número de homens reunidos, a campanha de 503 não produziu os efeitos pretendidos. A partir do verão desse mesmo ano, o comando das forças imperiais recaiu sob a autoridade de Celer, que detinha o cargo de *magister officiorum*¹³⁷. Durante o inverno de 503-504, a estratégia bizantina passou por privar as guarnições persas, encarregadas da defesa de Amida, de qualquer abastecimento. A partir de 504, as forças imperiais retomaram a ofensiva e, durante o prolongado cerco à cidade de Amida, as hostes bizantinas procederam à reconquista de outras cidades tomadas anteriormente pelas forças persas. Levaram igualmente a cabo a concretização de raides em território inimigo, nomeadamente nas imediações de Arzanene¹³⁸.

Com o avanço da guerra para o interior do Império Persa, Cavades I procedeu ao envio de uma embaixada ao alto-comando bizantino, com o objetivo de propor a paz. Em 505, assistiu-se a uma troca de embaixadas entre os dois impérios, com vista à negociação de tréguas. Em 506, após a ratificação de ambos os imperadores, foi assinado um tratado de paz com duração de sete anos¹³⁹. Durante o período em que decorreram as negociações para a paz, Anastácio levou em frente um programa de reforma e fortificação das cidades afetadas pelas investidas persas dos últimos anos¹⁴⁰. Na região de Dara (na atual província turca de Mardin), o imperador procedeu à edificação de uma base militar extremamente fortificada, num ponto de grande importância geoestratégica por onde, até então, os exércitos persas tinham conseguido penetrar na Mesopotâmia Romana¹⁴¹. Após a conclusão do tratado de paz, a guerra não voltou a perturbar as fronteiras orientais durante o resto do reinado de Anastácio.

A Anastácio ficou a dever-se o fim da crise que durante o século V assolara os exércitos imperiais. Durante o seu reinado, o imperador procedeu a uma série de reformas, com vista à reabilitação do exército. A partir de 498, inserido num programa cujo objetivo era a recuperação das finanças públicas, o pagamento dos soldados – que se materializava na entrega de mantimentos e/ou equipamento militar – foi substituído por uma soma

¹³⁶ Mal., XVI. 9. Malalas descreve o exército bizantino como uma vasta força, composta sobretudo por unidade de infantaria e de cavalaria. Não existem referências a outros componentes, habitualmente presentes nos exércitos de campanha (nomeadamente, engenhos de guerra ou trem de apoio). Segundo Procópio de Cesareia, o exército reunido por Anastácio foi o mais vasto de que havia memória na luta entre Romanos e Persas (Proc. *Pers.*, I. 8, 4. Contudo, o exército bizantino, composto por cerca de 52 000 efetivos, seria inferior àquele reunido por Juliano, em 363).

¹³⁷ O “mestre dos officios”, um dos mais importantes cargos administrativos do Império.

¹³⁸ Vide GREATREX, George e LIEU, Samuel N. C., *op. cit.*, p. 72.

¹³⁹ Mal., XVI. 9.

¹⁴⁰ PETERSEN, *op. cit.*, p. 135.

¹⁴¹ Proc. *Pers.* I. 10, 13; Mal., XVI. 10. A construção desta fortaleza foi vista pelos Persas como uma afronta ao tratado de 422, que proibia a construção de fortalezas na fronteira entre os impérios (Proc. *Pers.* I. 2, 15.).

monetária. Em simultâneo, o sistema de conscrição obrigatória, que vigorava desde o século IV, foi abolido e as forças bárbaras que prevaleceram no seio dos exércitos imperiais ao longo de todo o século V foram progressivamente reduzidas¹⁴². Anastácio deixou, assim, como legado, um exército completamente reformulado e, fruto das reformas económicas, um erário público com uma reserva de cerca de 320 000 libras de ouro¹⁴³.

Com a sua morte, a 9 de julho de 518, e perante a inexistência de herdeiros, a reunião do Senado aclamou o *comes excubitorum* Justino como novo imperador¹⁴⁴. Pouco se conhece sobre o reinado de Justino I. Aquando da sua aclamação, o novo imperador contava com uma idade avançada (65 anos) e, segundo Procópio de Cesareia, era um homem inculto, rude e analfabeto que, ao longo de todo o seu reinado, se apoiou no auxílio dos sobrinhos, em especial o de Petrus Sabbatius (mais tarde conhecido por Flavius Petrus Sabbatius Iustiniano)¹⁴⁵.

De uma forma geral, aquilo que sabemos sobre o reinado de Justino I é muito escasso. O seu reinado foi, em grande parte, atormentado por uma série de catástrofes e fenómenos naturais (como o terramoto de Antioquia, em 526)¹⁴⁶. Durante os últimos anos da sua governação (525-527), as hostilidades com a Pérsia foram retomadas¹⁴⁷ e, a 1 de agosto de 527, Justino I morreu, mas não antes de ter associado ao trono, e nomeado como seu herdeiro, a 1 de abril do mesmo ano, o seu sobrinho Justiniano¹⁴⁸.

O principado de Justiniano (527-565) constituiu um período de intensa atividade bélica. Não obstante problemas política interna (como a Revolta *Nika*, em 532¹⁴⁹) ou fenómenos naturais que afetaram o Império (a peste bubónica, nunca antes vista no

¹⁴² TREADGOLD, *op. cit.*, p. 15. Através do pagamento em moeda, os soldados ficavam livres para adquirir os bens de maior necessidade. Paralelamente, as vastas quantias em que tais pagamentos se consubstanciavam serviram como chamariz para a inscrição voluntária de novos efetivos militares. Com este vasto conjunto de reformas, o exército bizantino tornou-se uma máquina menos propícia à revolta.

¹⁴³ JONES, A. H. M., *op. cit.*, p. 237.

¹⁴⁴ Mal., XVII. 1; Proc. *Pers.* I. 11, 1. Durante todo o processo de escolha do novo imperador, duas fações fizeram-se ouvir: no Hipódromo, o *magister officiorum* Celere reuniu os mais altos cargos das *scholae palatinae*; paralelamente, Justino procedeu da mesma forma com a guarda imperial. Por fim, e perante a inquietação da população, a escolha recaiu sobre Justino, que, logo no início do seu reinado, se encarregou de afastar os prévios opositores (Cf., Mal., XVII. 2-5, e JONES, A. H. M., *op. cit.*, p. 267).

¹⁴⁵ Proc. *Anek.*, VI. 10-17.

¹⁴⁶ Mal., XVII. 15-16.

¹⁴⁷ Proc. *Pers.*, I. 11, 1-33. Vide GREATREX, George e LIEU, Samuel N. C., *op. cit.*, p. 81.

¹⁴⁸ Mal., XVII. 23; Proc. *Pers.*, I. 13, 1. Vide VASILIEV, Alexander, *Justin The First. An Introduction to the Epoch of Justinian the Great*. Massachusetts, Harvard University Press, 1950, p. 414.

¹⁴⁹ Mal. XVIII. 71; Proc. *Pers.*, I. 24, 1-58. A Revolta *Nika* (assim chamada, pois os seus protagonistas gritavam *Nika*, ou seja, “Vitória”, “Vencer”), protagonizada pelas fações dos Azuis e dos Verdes no Hipódromo de Constantinopla, durou cerca de uma semana e quase culminou na destituição de Justiniano. No decurso dos tumultos, grande parte da cidade foi incendiada e, por ação do general Belisário, um vasto número de manifestantes foi executado (Procópio fala em c. 30 000): Proc. *Pers.* I. 24, 54.). Vide EVANS, James Alan, *The Emperor Justinian and the Byzantine Empire.*, Londres, Greenwood Press, 2005, p. 15.

Mediterrâneo, surgiu em 541¹⁵⁰), as campanhas levadas a cabo por Justiniano estenderam-se a quase toda a bacia Mediterrânica. Através de tal projeto, o imperador ambicionou restaurar a antiga glória do império, levando a cabo a conquista das províncias ocidentais (que se encontravam, então, sob domínio bárbaro) e a libertação da cidade de Roma¹⁵¹.

A Oriente, a guerra contra os Persas, faseada em dois momentos distintos (527-532 e 541-561), perdurou durante a quase totalidade do novo principado. Apesar de não haver um propósito de expansão territorial, o imperador nunca abdicou dos direitos romanos a Oriente. Como tal, a política adotada foi a de exercer pressão nas fronteiras, de forma a obrigar o inimigo a assinar a paz¹⁵². A primeira fase do conflito bizantino-persa (527-532) pautou-se de início por uma série de derrotas bizantinas¹⁵³. A partir de 528, Justiniano procedeu à fortificação de cidades de grande importância geoestratégica¹⁵⁴ e à criação de um novo corpo militar na Arménia¹⁵⁵, o qual ficou sob a autoridade de Sittas, enquanto, a Oriente, um jovem general, chamado Belisário, foi promovido a *magister militum per Orientem*¹⁵⁶. Assim, com a situação na fronteira oriental devidamente organizada, a sorte das armas começou a mostrar-se favorável às forças bizantinas, através de pequenas vitórias em escaramuças, ao longo de toda a fronteira¹⁵⁷.

No ano de 530, os exércitos bizantinos da Arménia e do Oriente obtiveram importantes vitórias face aos Persas. Belisário alcançou o sucesso em Dara, na batalha que marcou o fim da hegemonia da infantaria pesada nos campos de batalha, em proveito da cavalaria¹⁵⁸. Paralelamente, Sittas infligiu duas derrotas às forças persas, nos arredores de

¹⁵⁰ Proc. Pers. II. 22, 1 – 23, 21. A peste, com origem na cidade de Pelúcio (na província do Egito), propagou-se por todo o Mediterrâneo. De acordo com as descrições da época, os sintomas que os indivíduos afectados apresentavam levam a crer que se tivesse tratado de um surto de peste bubónica. As perdas humanas (tanto civis como militares) foram vastas e o próprio imperador Justiniano foi afetado. Vide STATHAKOPOULUS, Dionysios, “Crime and Punishment: The Plague in the Byzantine Empire, 541-749” in *Plague and The End Of Antiquity. The Pandemic of 541-740*. Edição de Lester K. Little (ed.), Cambridge, Cambridge University Press, 2007, pp. 99-118.

¹⁵¹ Cf., JONES, A. H. M., *op. cit.*, p. 270.

¹⁵² *Idem, Ibidem*, p. 271.

¹⁵³ Proc. Pers., I. 13, 7-8.

¹⁵⁴ Mal. XVIII. 2. Em 527, Justiniano encetou uma política de reconstrução de cidades e fortalezas ao longo de toda a fronteira com a Pérsia, salientando-se o caso das cidades de Antioquia e de Palmira.

¹⁵⁵ Mal. XVIII. 10. Após a criação do exército da Arménia, e do subsequente cargo de *magister militum per Armeniam*, todo o território foi alvo de uma reformulação. Nas cidades de Tzanzakon, Horonon, Artaleson, Citharizon, Martiropolis e Melitene, a autoridade militar recaiu sob a figura do *duce*, enquanto o quartel-general do *magister militum* foi sediado na cidade de Teodosiopólis. Algumas destas cidades, dado o estado de degradação dos seus dispositivos defensivos, foram alvo de obras de reconstrução, tal como sucedeu na cidade de Martiropólis (Mal. XVII. 5.).

¹⁵⁶ Mal., XVIII. 10 e Proc. Pers., I. 13, 9.

¹⁵⁷ Cf. GREATREX, George e LIEU, Samuel N. C., *op. cit.*, p. 87.

¹⁵⁸ Mal. XVIII. 50 e Proc. Pers. I. 13, 15 – I. 14, 55. Não obstante a inferioridade numérica das forças bizantinas, aquando da defesa da cidade de Dara, Belisário optou por uma tática baseada nas vantagens que

Teodosiopólis e de Satala¹⁵⁹. No ano seguinte, não obstante a derrota de Belisário na batalha de Calinico¹⁶⁰, a morte de Cavades conduziu a negociações entre Bizantinos e Persas¹⁶¹. Pese embora durante os primeiros anos do conflito terem ocorrido tentativas de mediar a paz, apenas em 532, com a ascensão de Cosroés I, foi possível atingir tal objetivo. A “Paz Perpétua” (ἀπέραντος εἰρήνη, nome pelo qual ficou conhecido o acordo assinado entre Justiniano e Cosroés I) estabelecia um período de paz, sem limite, entre ambos os impérios¹⁶². Devido aos termos do acordo, o Império Bizantino conseguiu a recuperação das fortalezas do reino da Lazica, através do pagamento de c. 11 000 libras de ouro¹⁶³. Terminadas as hostilidades com a Pérsia, Justiniano pôde levar a cabo o seu plano de reconquista do Mediterrâneo.

A segunda campanha do imperador teve como propósito a conquista do reino Vândalo, no Norte de África. Por razões de índole política, mas também religiosa¹⁶⁴, em Junho de 533, Justiniano – não obstante alguma oposição da corte imperial¹⁶⁵ – enviou Belisário ao comando de uma força de cerca de 18 000 homens e 500 embarcações¹⁶⁶ em direção ao Norte de África, com o objetivo de tomar Cartago.

No espaço de seis meses, o general bizantino alcançou a vitória em duas batalhas decisivas (Ad Decimum¹⁶⁷ e Tricamaro¹⁶⁸). Após a derrota de todo o exército vândalo, e o

os corpos de cavalaria ofereciam. Ao longo de toda a refrega (a qual perdurou por três dias), os contingentes de infantaria de ambos os exércitos foram colocados na reserva, enquanto todos os movimentos ofensivos foram protagonizados pelas forças de cavalaria, com a bizantina a conseguir derrotar a persa. Cf. HALDON, John, *The Byzantine Wars*. Gloucestershire, Tempus, 2001, p. 35. Vide Anexos, IV. 4.

¹⁵⁹ Proc. Pers., I. 15, 13-17. Cf. RAVEGNANI, Giorgio, *Soldati e guerre a Bisanzio*, Bolonha, Il Mulino, 2009, p. 10.

¹⁶⁰ Mal. XVIII. 60. Proc. Pers. I. 18, 30-56.

¹⁶¹ Proc. Pers. I. 21, 19.

¹⁶² Mal., XVIII. 76; Proc. Pers. I. 22, 17-19. Vide CAMERON, Averil, “Justin I and Justinian” in *The Cambridge Ancient History*, (ed.) Averil Cameron, B. Ward-Perkins & Michael Whitby, vol. XIV, Cambridge, Cambridge University Press, p. 71.

¹⁶³ Proc. Anek. XXIV. 12-13. Cf. GREATREX, George e LIEU, Samuel N. C., *op. cit.*, p. 96-97.

¹⁶⁴ Proc. Vand. III. 10, 10. Em 523, Hilderico tornou-se rei dos Vândalos. Durante o seu reinado (523-530), adotou uma postura pró-romana e, ao contrário dos seus sucessores, não perseguiu os cristãos que habitavam no reino Vândalo de Cartago. Contudo, em 530, na sequência de um golpe, Hilderico foi deposto e o novo rei, Guildimero, abandonou a política do seu antecessor. O monarca recém-deposto (juntamente com a sua família) foi aprisionado e as perseguições aos cristãos foram retomadas. Estes acontecimentos foram utilizados por Justiniano como pretexto para a invasão do Norte de África. Vide Ravegnani, G., *op. cit.*, pp. 13-14 e MERRILLS, A. e MILES, R. *The Vandals*, West Sussex, Wiley-Blackwell, 2010, p. 228.

¹⁶⁵ Proc. Vand., III. 10, 2. Parte da corte imperial mostrou-se contra tal campanha, com receio do peso que esta teria no erário imperial, assim como de que o desfecho da mesma fosse semelhante ao da campanha de Leão I iniciada em 468: uma expedição naval liderada pelo general Basilisco foi derrotada na batalha do Cabo Bom, com avultadas perdas romanas. Vide Proc. Vand., VI. 15-27; RAVEGNANI, G., *op. cit.* P. 12.

¹⁶⁶ Proc. Vand. III. 11, 1-3. Segundo Procópio, a expedição bizantina era composta por contingentes de infantaria (c. de 10 000) e cavalaria (c. de 5000), recrutados entre *comitatenses* e *foederati*, bem como cerca de 2000 remadores, encarregados do manuseamento dos navios bizantinos (*dromones*).

¹⁶⁷ Proc. Vand. III. 17, 1-19, 33.

Norte de África agora sob o domínio bizantino, Belisário regressou a Constantinopla, levando consigo o rei vândalo, Guelimero, juntamente com cerca de 2000 prisioneiros e um vasto tesouro monetário¹⁶⁹. Após a conquista do Norte de África, Justiniano criou um novo *exercitus*, cujo comando foi concedido a Belisário (juntamente com o correspondente cargo de *magister militum per Africam*). Paralelamente, foram criados cinco novos ducados, defendidos por tropas de *limitanei*.¹⁷⁰

A terceira campanha de Justiniano, batizada por Procópio como “Guerra Gótica”¹⁷¹, teve por palco a Península Itálica. Em 534, com a morte de Atalarico e o posterior aprisionamento de Amalásunta, a rainha-regente do reino Ostrogodo de Itália, por Teodato¹⁷², Justiniano declarou a guerra, usando como pretexto a ilegitimidade de Teodato e as estreitas relações políticas que ligavam o reino Ostrogodo ao Império Bizantino, desde a ascensão de Teodorico, o *Grande*, durante o reinado de Zenão.

Em 535, um exército composto por cerca de 7500 homens, liderados por Belisário¹⁷³, conquistou, até ao ano de 539, toda a ilha da Sicília¹⁷⁴, o sul da Península Itálica e a própria cidade de Roma. Durante o processo, e perante a escassez de soldados imperiais, Belisário optou pela guerra de cerco¹⁷⁵. Em 540, com a chegada de reforços da Ilíria¹⁷⁶ e após a tomada de grande parte das principais cidades do Norte de Itália¹⁷⁷,

¹⁶⁸ Proc. *Vand.*, IV. 3, 10 -28.

¹⁶⁹ Proc. *Vand.* IV. 9, 1. Após o regresso de Belisário, Justiniano ordenou que uma marcha triunfal, em honra deste general, fosse organizada em Constantinopla. Vide MERRILS, A. e MILES, R., *op. cit.*, p. 233.

¹⁷⁰ Cf. A. H. M. JONES, *op. cit.*, pp. 274 e 656.

¹⁷¹ Proc. *Goth.*, V. 1, 1.

¹⁷² Proc. *Goth.*, V. 4, 4-31. Em 526, após a morte de Teodorico, o *Grande*, o título de *rex Italiae* passou para o seu neto, Atalarico. Contudo, devido ao estatuto de menoridade do novo rei, o governo do reino foi entregue a Amalásunta. Em 534, com a morte de Atalarico, uma facção de nobres ostrogodos, liderada por Teodato, usurpou o poder e aprisionou Amalásunta.

¹⁷³ Proc. *Goth.*, V. 5, 4-5. Entre os soldados comandados por Belisário, contavam-se cerca de 4000 homens, pertencentes a tropas regulares e federadas, cerca de 3000 soldados isaurianos, bem como 200 Hunos e 300 soldados berberes. Cf. JONES, A. H. M., *op. cit.*, p. 277.

¹⁷⁴ Proc. *Goth.*, V. 5, 11-17. Durante o período no qual Belisário tomou a ilha da Sicília, o general Mundus anexou regiões da Dalmácia, de forma a criar um corredor, a Norte da Península, com o intuito de facilitar o envio de soldados das regiões da Ilíria e dos Balcãs.

¹⁷⁵ Os cercos de Palermo (535), de Nápoles (536) e de Roma (537-538) constituíram alguns dos momentos mais importantes, no que à poliorcética concerne, tanto no plano ofensivo (*vide* Palermo e Nápoles, onde as forças bizantinas procuraram impedir o acesso dos sitiados a quaisquer recursos do exterior) como no plano defensivo (caso do assédio de Roma, onde Belisário, que estava cercado, efetuou um vasto número de surtidas contra as forças sitiadoras, de forma a enfraquecer pontos estratégicos e a reduzir o moral das tropas inimigas). Vide Proc. *Goth.*, V. 5, 16; V. 8, 45; V. 17, 12. Cf. PETERSEN, *op. cit.*, p.155.

¹⁷⁶ Proc. *Goth.*, VI. 16, 1.

¹⁷⁷ As cidades de Ariminum (Rimini), Auximum (Osino), Forocornelus (Iola), Urbs Vetus (Orvieto), Faesulae (Feisole), foram tomadas antes e durante o cerco final a Ravena. Cf. TREADGOLD, Warren, *A History of the Byzantine State and Society*, Stanford, Stanford University Press, 1997, pp. 190-191; RAVEGNANI, G., *op. cit.*, p. 22.

Belisário sitiou a capital do reino Ostrogodo, Ravena¹⁷⁸. Apesar das promessas da nobreza ostrogoda a Belisário, de lhe conceder o título de *rex Italiae*, a cidade foi tomada e Vitiges, sucessor de Teodato, foi aprisionado e levado para Constantinopla¹⁷⁹.

Os anos que se seguiram (541-551), representaram um período de eclosão de antigos conflitos, marcados por desastres naturais. À já citada epidemia de peste bubônica (que se propagou pelo Mediterrâneo) juntou-se o reatar de conflitos com a Pérsia Sassânida que, após a violação do acordo da Paz Perpétua por Cosroés I, levou a que Belisário fosse chamado de volta às fronteiras orientais¹⁸⁰. Em Itália, os exércitos ostrogodos, sob a liderança de Totila, recuperaram grande parte dos territórios conquistados por Belisário¹⁸¹.

Em 552, aquando do envio do eunuco Narsés para Itália, ao comando de um exército de cerca de 20 000 homens¹⁸², ocorreu o confronto final entre os exércitos ostrogodo e bizantino, a batalha de Tadina¹⁸³, na qual Totila sofreu ferimentos, dos quais veio mais tarde a falecer. Após o combate, o reino Ostrogodo em Itália estava formalmente derrotado. Com a exceção da batalha do Monte Casilino¹⁸⁴, em 554, não existia, em Itália, nenhum foco de resistência à autoridade bizantina e Justiniano deu por concluída a Guerra Gótica e a reconquista da Itália.

Apesar de o Oriente, o Norte de África e a Península Itálica terem constituído os principais palcos de confronto da política expansionista de Justiniano, outras regiões foram alvo da intervenção bizantina, nomeadamente os Balcãs e a Península Ibérica. Os Balcãs constituíram, durante o reinado de Justiniano, o oposto dos sucessos alcançados no Mediterrâneo¹⁸⁵. Entre 544 e 561, as províncias da Dalmácia, Dácia e Trácia foram alvo de

¹⁷⁸ Durante este mesmo período, as forças bizantinas entraram em conflito contra contingentes francos enviados pelo rei Teodoberto da Austrásia. A região da Ligúria foi, então, disputada pelos três exércitos (bizantino, ostrogodo e franco). Não obstante a vitória bizantina sobre as forças francas, a capacidade militar de Belisário não foi suficiente para defender a cidade de Milão, em 539. Proc. *Goth.*, VI. 25, 1.

¹⁷⁹ Proc. *Goth.*, VII. 1, 1.

¹⁸⁰ Proc. *Pers.* II. 20, 1. A invasão da Síria pelas forças persas foi rapidamente rechaçada pelas forças dos exércitos do Oriente e da Arménia. Após uma série de conflitos, a paz foi, por fim, assinada em 545 e renovada em 561, por um período de cinquenta anos. Cf. CAMERON, Averil, *Procopius and the Sixth Century*, Londres, Routledge, 1985, p. 190.

¹⁸¹ Proc. *Goth.* VII. 3, 1. RAVEGNANI, G., *op. cit.*, p. 24.

¹⁸² Vide RANCE, Philip, "Narses and the Battle of Taginae (Busta Gallorum) 552: Procopius and Sixth-Century Warfare" in *Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte*, Estugarda, Franz Steiner Verlag, 2005, p. 443.

¹⁸³ Proc. *Goth.* VIII. 31, 1. Vide HALDON, J., *op. cit.*, pp. 37-40. O confronto ficou marcado pela ordem e disciplina demonstradas pelos soldados bizantinos. No exército comandado por Narsés encontravam-se, não só tropas regulares (recrutadas nas regiões da Ilíria), mas também soldados federados e até mesmo mercenários de diversas origens (Hérulos e Hunos). Durante o encontro, Narsés fez uso da versatilidade dos seus soldados, ordenando às forças de cavalaria que combatessem apeadas. Desta forma, anulou a vantagem do exército ostrogodo, composto na sua quase totalidade por cavalaria ligeira. Vide Anexos, IV. 5.

¹⁸⁴ Agath., I. 1.

¹⁸⁵ RAVEGNANI, G., *op. cit.*, p. 29.

incursões por parte de tribos búlgaras e eslavas¹⁸⁶. Não obstante alguns sucessos, em 562, um novo povo entrou na esfera do Império Bizantino: os Ávaros¹⁸⁷. Contudo, devido aos restantes conflitos (principalmente a campanha encetada em Itália), toda a região dos Balcãs se encontrava debilitada no que ao número de efetivos militares concerne. Nesse sentido, a estratégia adotada passou pela contenção dos inimigos e pela defesa da capital, Constantinopla, através da construção de fortes ao longo de toda a fronteira¹⁸⁸.

A última grande operação do reinado de Justiniano foi na Península Ibérica, em 552¹⁸⁹. Com o intuito de mediar o conflito entre Atanagildo e Aguilá¹⁹⁰, Justiniano enviou um pequeno contingente comandado por Libério¹⁹¹. Em pouco tempo, as forças romanas tomaram uma série de praças e de fortalezas, criando, deste modo, um enclave bizantino na costa meridional ibérica, com a capital administrativa sediada em Cartagena¹⁹².

Em 565, ano da morte de Justiniano, o Império Bizantino estava no auge da sua expansão territorial, com grande parte da bacia mediterrânica sob o seu controlo¹⁹³. No plano militar, o exército aperfeiçoado por Justiniano, não obstante os sucessos obtidos, acusava uma série de problemas logísticos. Apesar das diversas conquistas territoriais, o número de efetivos no ativo não acompanhou esta expansão (em especial nos Balcãs). Assim, a defesa das províncias fronteiriças esmoreceu nos anos que se seguiram. Paralelamente, embora se tenham registado inovações táticas e estratégicas, os encargos com o exército haviam-se tornado um fardo para o erário imperial; por isso, o pagamento dos soldados tornou-se num problema constante para os sucessores de Justiniano¹⁹⁴.

¹⁸⁶ Vide JONES, A. H. M., *op. cit.*, p. 293.

¹⁸⁷ SZÁDECZKY-KARDOSS, S., "The Avars" in D. Sinor (ed.), *The Cambridge history of early Inner Asia*, Cambridge, Cambridge University Press, 1990, p. 207.

¹⁸⁸ Agath., V. 23, 5-6. Cf. Whitby, M., *op. cit.*, p. 75.

¹⁸⁹ WOOD, Jamie, "Defending Byzantine Spain: Frontiers and diplomacy" in *Early Medieval Europe*, volume 18/3, Oxford, Blackwell Publishing Ltd., 2010, p. 295.

¹⁹⁰ Jord., CCCIII. Em 551, Aguilá, rei dos Visigodos, ao violar o santuário dos mártires de Córdoba, suscitou uma onda de revoltas dos seus súbditos pró-romanos. Entre eles, destacou-se Atanagildo, que se apresentou como eventual sucessor de Aguilá. De forma a derrotar os apoiantes de Aguilá, Atanagildo enviou um pedido de auxílio a Justiniano. Vide JONES, A. H. M., *op. cit.*, p. 292; RAVEGNANI, G., *op. cit.*, pp. 28-29.

¹⁹¹ Cf., KULIKOWSKI, Michael, *Late Roman Spain and Its Cities*, Baltimore, The John Hopkins University Press, 2004, p. 277.

¹⁹² Jord., CCCIII. Vide PETERSEN, Leif Inge, *op. cit.*, p. 166; COLLINS, Roger, *Visigothic Spain, 409-711.*, Oxford, Blackwell Publishing, 2004 p. 48.

¹⁹³ Vide Anexos, II. 5.

¹⁹⁴ Cf. JONES, A. H. M., *op. cit.*, pp. 300-301; TREADOGOLD, W., *Byzantium and Its Army...*, p. 19.

1.5. Os sucessores de Justiniano (565-602)

Não obstante os sucessos de Justiniano, durante o reinado do seu sucessor, Justino II (565-578), a Península Itálica foi alvo de uma nova invasão, desta feita protagonizada pelo povo dos Lombardos¹⁹⁵. Durante quatro anos, as forças imperiais viram-se impotentes perante o avanço dos invasores: em 569, a região da Ligúria (NW) foi tomada e, até 572, todo o norte da Península Itálica caiu sob o domínio lombardo¹⁹⁶. Paralelamente, na Península Ibérica, os bastiões bizantinos foram alvo de sucessivos ataques por parte do rei Leovigildo, o que resultou numa série de derrotas e na perda de importantes fortalezas¹⁹⁷.

Em 572, quando todo o Ocidente Bizantino se encontrava em estado de guerra, Justino II quebrou o acordo de paz com a Pérsia e lançou uma invasão, em larga escala, contra a região de Nisibe¹⁹⁸. Apesar dos esforços do general Marciano, a cidade não caiu e Cosroés respondeu enviando um exército contra a fortaleza de Dara, que tombou em 573¹⁹⁹. Com estes fracassos, Justino II foi atacado por uma doença mental e, em 574, por indicação da imperatriz Sofia, Tibério, o *comes excubitorum*, foi associado ao governo do império, como co-imperador, até 578, o ano da morte de Justino II²⁰⁰.

Durante o seu breve reinado (578-582), Tibério envidou todos os esforços (económicos e militares), para a contenção do conflito a Oriente, contra a Pérsia, não obstante a progressiva perda de influência bizantina nas regiões do Norte de África, Península Ibérica, Itália e Balcãs²⁰¹. Entre 574 e 578, procurou negociar a paz com Cosroés

¹⁹⁵ Paul. Diac., II. 7. Liderados por Albuíno, os Lombardos deixaram as regiões da Panónia (Hungria), onde habitavam, e dirigiram-se para as terras italianas, onde alcançaram, em primeiro lugar, a cidade de Veneza. Cf. COSENTINO, Salvatore, *Storia Dell'Italia Bizantina (VI-XI Secolo). Da Giustiniano ai Normanni*. Bolonha, Bononia University Press, 2008, p. 277.

¹⁹⁶ Paul. Diac., II. 25-27. Vide JONES, A. H. M., *op. cit.*, p. 305. A invasão lombarda ocorreu após a substituição de Narses por Longuino, no governo das províncias italianas. No entanto, devido aos conflitos que se sucederam na Itália, durante o reinado de Justiniano, o exército apresentava-se debilitado (no que ao número de efetivos concerne) e as povoações não apresentavam condições de garantir o sustento para uma defesa eficaz dos territórios.

¹⁹⁷ Isid. Sev., XLIX. Estes ataques ocorreram durante o ano de 567. Em 572, Córdoba, a capital nevrálgica bizantina da Península Ibérica, foi tomada de assalto e conquistada. Cf. COLLINS, Roger, *op. cit.*, p. 52.

¹⁹⁸ Evagr., V. 8. GREATREX, George e LIEU, Samuel N. C., *op. Cit.*, p. 142; WHITBY, Michael, *The Emperor Maurice and His Historian...*, p. 256.

¹⁹⁹ Vide WHITBY, Michael, *The Emperor Maurice and His Historian...*, p. 258.

²⁰⁰ Cf. JONES, A. H. M., *op. cit.*, p. 308.

²⁰¹ JONES, A. H. M., *op. cit.*, pp. 308-309. Devido ao conflito contra a Pérsia, e ainda devido aos efeitos das campanhas de Justiniano, tornou-se impossível travar o conflito em todas as frentes do império. Como tal, devido à falta de recursos (financeiros e humanos), a estratégia de Tibério passou por dar prioridade à guerra contra a Pérsia, em detrimento das restantes províncias.

por um período de cerca de três anos, que entrou em vigor em 575²⁰². Entretanto, os esforços despendidos a Oriente levaram ao enfraquecimento da defesa do Danúbio. Em 580, a cidade de Sirmium (na atual província sérvia de Sirmia), foi tomada por um exército ávaro e a província da Trácia foi alvo de raides por parte de contingentes eslavos²⁰³. Foi nesta conjuntura que, em 582 (à morte de Tibério II), Maurício foi associado ao trono imperial. Tendo, nos reinados prévios, ocupado cargos militares de grande relevância, o novo imperador estava, portanto, familiarizado com os diversos problemas (não só de índole militar, mas também financeira) que o império enfrentava.

Em Itália, a partir de 582, perante os avanços dos Lombardos, o novo imperador procedeu a uma política de aliança com Childeberto II, rei dos Francos, de forma a garantir a defesa das possessões italianas²⁰⁴. Este acordo manteve-se por toda a década de oitenta do século VI. Contudo, a partir de 590, as relações diplomáticas com os Francos esfriaram e, por isso, a defesa que estes asseguravam contra os Lombardos, esmoreceu²⁰⁵. Até ao final do reinado de Maurício (602), a defesa da Itália bizantina foi assegurada através da criação de um novo modelo administrativo, criado durante a década de noventa e sediado em Ravena: o Exarcado²⁰⁶. O mesmo modelo governativo já tinha sido aplicado, em anos anteriores, nos territórios do Norte de África²⁰⁷.

Os anos compreendidos entre 584 e 587 corresponderam ao período durante o qual a presença bizantina foi, gradualmente, diminuindo na Península Ibérica²⁰⁸. Não obstante a resistência das forças imperiais, sob a liderança de Leovigildo, as hostes visigodas foram capturando as diversas guarnições bizantinas²⁰⁹. Nos finais do reinado de Maurício, o Império Bizantino detinha apenas uma fração da costa sul da Península Ibérica, em

²⁰² Th. Sim., III, 12, 10. Em 575, um período de tréguas foi acordado entre ambos os impérios. Durante o período de negociações, as forças persas ameaçaram a região de Dara e Constantina, de forma a pressionar Tibério a aceitar a paz proposta por Cosroés.

²⁰³ Cf. PETERSEN, Leif Inge, *op. cit.*, p. 374.

²⁰⁴ Evagr., X, 2-4. Cf. COSENTINO, Salvatore, *Italia Bizantina...*, p. 280; JONES, A. H. M., *op. cit.*, p. 309. Para assegurar o auxílio dos Francos, Maurício prometeu pagar cerca de 50 000 *solidi*; em troca, Childeberto II anuiu em enviar contingentes armados contra os Lombardos e em proteger as possessões bizantinas.

²⁰⁵ JONES, A. H. M., *op. cit.*, pp. 311-12.

²⁰⁶ COSENTINO, Salvatore., *Italia Bizantina...*, pp. 137; HALDON, John, *Warfare, State and Society in the Byzantine World, 565-1204*, Londres, University College London Press, 1999, p. 71. Tratava-se de um modelo através do qual o exarca (gr. ἑξάρχος), detinha a total autoridade civil, administrativa (adquirindo competências idênticas às dos governadores provinciais) e militar sobre todo o território abrangido pelo modelo do exarcado. Em matéria de competência militar, o exarca detinha funções que se equiparavam às dos *magistri militum*.

²⁰⁷ Cf. JONES, A. H. M., *op. cit.*, p. 313.

²⁰⁸ COSENTINO, Salvatore, *Italia Bizantina...*, p. 136.

²⁰⁹ Isid. Sev., LIV, LVIII.

comparação com as possessões anexadas por Justiniano²¹⁰. Em simultâneo, e tal como os seus predecessores, Maurício dedicou uma especial atenção ao conflito contra a Pérsia.

Durante os primeiros anos de Maurício no trono, as forças bizantinas tentaram, embora sem resultado, recuperar a fortaleza de Dara²¹¹. Perante os insucessos, em 584, o imperador nomeou Filípico para o comando da guerra no Oriente²¹². No mesmo ano, o general bizantino procedeu à fortificação das restantes guarnições de fronteira e, durante o outono, invadiu e saqueou a região de Nisibe²¹³ e, em 585, a província de Arzanene²¹⁴. Após um período de relativa inatividade bélica, em 586 Filípico reuniu todo o exército oriental e avançou de encontro às forças persas, lideradas pelo general Kardarigan²¹⁵. A batalha, que ocorreu nas planícies de Solação, terminou com a vitória de Filípico que, ao conjugar a mobilidade oferecida pelas forças de cavalaria com a versatilidade das tropas apeadas, conseguiu derrotar o grosso das forças persas²¹⁶. Com a derrota na batalha de Solação, o Império Persa mergulhou num período de três anos de instabilidade interna (587-591), durante o qual Maurício aumentou a pressão, com ofensivas nas imediações de Arzanene, onde o exército imperial sitiou a fortaleza de Clomarão²¹⁷. O conflito bizantino-sassânida terminou em 591 quando, após um ano de guerra civil, Maurício apoiou a causa de Cosróes II, contra o usurpador Varrão²¹⁸. Mediante o acordo assinado entre os embaixadores de Maurício e de Cosroés II, as fronteiras orientais conheceram então um longo período de paz²¹⁹. A fortaleza de Dara (juntamente com outros importantes pontos geoestratégicos) foi restituída ao Império Bizantino²²⁰ e Maurício pôde dedicar toda a sua

²¹⁰ Cf. COLLINS, Roger, *op. cit.*, p. 60. Vide Anexos, II. 6.

²¹¹ WHITBY, Michael, *The Emperor Maurice and His Historian...*, p. 278.

²¹² Th. Sim., I. 12, 13. Filípico foi cunhado de Maurício, pois casou com a irmã do imperador, Górdia.

²¹³ *Idem, ibidem*, I. 13, 8-12.

²¹⁴ *Idem, ibidem*, I. 16, 1. Cf., WHITBY, Michael, *The Emperor Maurice and His Historian...*, p. 279.

²¹⁵ Vide GREATREX, George e LIEU, Samuel N. C., *op. cit.*, p. 168.

²¹⁶ Th. Sim., II. 5, 2- vi, 13. No decurso da batalha, a ofensiva bizantina foi protagonizada pelas alas de cavalaria que, ao executarem manobras de forma ordeira e disciplinada, conseguiram romper as formações persas. Paralelamente, as tropas apeadas de Filípico possibilitaram tal movimento ofensivo, em resultado da sua capacidade para travar o ímpeto do ataque persa. Cf. Haldon, John, *The Byzantine Wars*, p. 56.

²¹⁷ Th. Sim., *Hist.*, II, vii, 6. Apesar dos esforços conjuntos dos generais Filípico e Heráclio, o cerco não foi bem-sucedido. Após o confronto em Solação, Kardarigan reagrupou as suas forças e conseguiu frustrar os intentos bizantinos. Durante o cerco a Clomarão, o general persa conseguiu penetrar as linhas bizantinas e montou acampamento junto da fortaleza, impossibilitando, assim, o avanço dos sitiadores.

²¹⁸ O conflito civil persa constituiu a parte mais detalhada de toda a *História* de Teófilo *Simocatta*, desde a deposição de Hormisda IV à negociação da paz com Bizâncio, um ano depois, em 591. Cf. WHITBY, Michael, *The Emperor Maurice and His Historian...*, p. 292.

²¹⁹ Até ao final do reinado de Maurício, com a exceção de um pequeno incidente, o qual envolveu escaramuças contra tribos árabes (Th. Sim., VIII. 1, 1-8.), ambos os impérios mediarão, através da diplomacia, a gestão da paz nas fronteiras. A guerra só voltou a esta geografia em 602, quando Cosroés II decidiu vingar a morte de Maurício.

²²⁰ Th. Sim., V. 15, 2.

atenção a uma geografia que, desde os inícios do seu reinado, constituía uma fonte de ameaças e de preocupações: os Balcãs.

Ao longo de todo o século VI, a região dos Balcãs foi alvo constante de incursões de vários povos (Ávaros, Eslavos e Búlgaros)²²¹. Apesar da estabilidade alcançada durante o principado de Justiniano, nos anos que se seguiram à sua morte o conflito com a Pérsia obrigou ao desvio de forças para o Oriente. Como tal, o enfraquecimento das guarnições fronteiriças permitiu que, progressivamente, as incursões em território imperial se tenham tornado mais frequentes e mais bem-sucedidas²²².

Durante os primeiros quatro anos da governação de Maurício (582-586), as províncias da Ilíria e da Trácia foram alvo frequente de incursões por parte dos Ávaros, os quais, em 583, enviaram emissários ao imperador, exigindo um tributo de 100 000 *solidi*, a troco da cessação dos ataques²²³. Perante a recusa de Maurício, as hostilidades perduraram e, no mesmo ano, as cidades de Singidunum, Viminacium e Augustae, foram tomadas²²⁴. Devido à impossibilidade de dispor de tropas para os Balcãs, Maurício consentiu no pagamento do tributo e as hostes ávaras retiraram do território imperial²²⁵. Não obstante, as investidas ávaras renovaram-se em 586 e, até ao final de 587, a Trácia tornou-se palco de confrontos entre ambos os exércitos²²⁶, até a assinatura de um tratado de paz²²⁷.

Durante a segunda metade da governação de Maurício, a sorte das armas foi favorável a Constantinopla. Entre 593 e 595, sob o comando do general Prisco, as forças bizantinas asseguraram a defesa da fronteira sul do Danúbio, após terem derrotado os Eslavos quando estes se preparavam para atravessar a fronteira natural²²⁸. Após um período de paz de cerca de dezoito meses²²⁹, as hostilidades renovaram-se. Durante o outono de 597, um ataque-surpresa ávaro culminou na tomada de fortes bizantinos, nas

²²¹ Cf., RAVEGNANI, G. *op. cit.*, p. 34.

²²² Vide WHITBY, Michael, *The Emperor Maurice and His Historian...*, p. 86.

²²³ Th. Sim., *Hist.*, I, 3, 13.

²²⁴ Cidades localizadas na província da *Moesia Superior*, correspondente, hoje, à região da Sérvia Central.

²²⁵ Cf., WHITBY, Michael, *The Emperor Maurice and His Historian...*, p. 143. Durante o período de paz que se seguiu, os Eslavos, possivelmente por instigação ávara, lançaram uma série de incursões, tendo alcançado, em 584, as próprias Muralhas Longas. Nesta mesma ocasião, o próprio imperador liderou o exército *praesentale*. Posteriormente, outro exército imperial, liderado pelo general Comenciolo, conseguiu derrotar as hordas eslavas, nas imediações de Adrianopla (Th. Sim., I, 7, 4-6.).

²²⁶ PETERSEN, Leif Inge, *op. cit.*, p. 374.

²²⁷ Th. Sim., VI, 5, 16.

²²⁸ Cf., WHITBY, Michael, *The Emperor Maurice and His Historian...*, pp. 158-159. Após o confronto, Prisco efetuou a travessia para a margem norte do Danúbio e alcançou algum sucesso aquando do ataque e posterior pilhagem dos acampamentos eslavos, até ao início do inverno de 593 (Th. Sim., X, 1, 1.).

²²⁹ Th. Sim., VII, 12, 9.

imediações das Cataratas do Danúbio²³⁰. Após a investida, um novo período de paz foi acordado e as forças bizantinas puderam ocupar-se das incursões eslavas²³¹.

Entre os anos de 598 e 599, a fronteira do Danúbio presenciou um incremento da atividade bélica, a uma escala nunca vista durante toda a centúria de Quinhentos²³². Através de um processo de operações conjuntas entre os generais Prisco e Comenciolo, os Ávaros viram-se obrigados a recuar do território imperial²³³. Durante os últimos anos da governação de Maurício (601-602), a autoridade imperial impôs-se na fronteira danubiana. Quando, em 602, o imperador procurou tirar partido da vantagem obtida face aos Ávaros, o exército amotinou-se²³⁴. Sob o comando do general Focas, os soldados revoltosos marcharam sobre Constantinopla, depuseram e executaram o imperador, juntamente com a sua família²³⁵.

Os motins e revoltas militares foram um fenómeno recorrente ao longo do reinado de Maurício. De facto, durante o período compreendido entre 588 e 602, as operações militares bizantinas foram interrompidas por três episódios de revolta militar: em 588, durante a guerra contra a Pérsia; em 593, aquando das campanhas de Prisco, na margem norte do Danúbio; e em 602, quando o exército estacionado no Danúbio marchou sobre Constantinopla e depôs o imperador²³⁶.

Walter Emil Kaegi, em 1981, destacou o incremento do descontentamento militar, ao longo de todo o século VI, o qual, durante o reinado de Maurício, atingiu o seu apogeu²³⁷. De facto, o motim de 588 teve por base a previsão de um corte de cerca de 25% do soldo dos militares, parte essa que seria convertida num pagamento em géneros e em

²³⁰ Também chamadas de “Portões Férreos”, as Cataratas do Danúbio (localizadas na fronteira entre as atuais Sérvia e Roménia) constituem uma zona de afunilamento do rio Danúbio. A tomada destas fortalezas implicou o enfraquecimento da capacidade naval bizantina, impossibilitando quaisquer operações a norte dessa região. Cf., RAVEGNANI, G., *op. cit.*, p.36.

²³¹ Th. Sim., VII. 15, 14.

²³² WHITBY, Michael, *The Emperor Maurice and His Historian...*, p. 164.

²³³ Th. Sim., VIII. 2, 7 – 3, 15. Em 599, nos arredores de Viminacium (capital da província da *Moesia Superior*), o general Prisco infligiu três pesadas derrotas aos Ávaros, das quais resultaram as mortes de cerca de 28 000 soldados ávaros, incluindo alguns dos filhos do Chagan.

²³⁴ Th. Sim., VIII. 7, 7.

²³⁵ Th. Sim., VIII. 8, 1 – 11, 6. Quando o Imperador tomou conhecimento do sucedido, procurou fugir com a sua família, mas o seu plano foi denunciado. Quando os soldados, sob as ordens de Focas, encontraram os fugitivos, executaram toda a família de Maurício, tendo este sido torturado e executado em último lugar.

²³⁶ Th. Sim., III. 1, 2; VI. 10, 1-3; VIII. 6, 2 – 8, 2.

²³⁷ KAEGI, Walter Emil, *Byzantine Military Unrest. 471-843. An Interpretation*, Amsterdão, Adolf M. Hakkert – Publisher, 1981, pp. 90-91. O autor destaca, para o século VI, três períodos distintos, em que se verificaram episódios de insubordinação militar: um primeiro entre os anos de 500 e 520, o qual se ficou a dever, sobretudo, à revolta de Vitaliano, em 511; um segundo compreendido entre 520 e 592, onde as revoltas militares resultaram da remoção de oficiais dos seus postos, por abusos de poder; e um terceiro momento entre 592 e 602, associado ao crescente descontentamento militar, em especial nos Balcãs.

equipamento militar²³⁸; dos três motins referidos, foi o único fomentado por razões puramente financeiras. Por outro lado, durante a segunda metade da governação de Maurício, as revoltas militares que se sucederam nos Balcãs, nomeadamente em 593 e em 602, constituem uma questão mais complexa.

Durante a segunda década da governação de Maurício (592-602), a instabilidade militar nos Balcãs aumentou, em parte devido à degradação das condições do serviço militar²³⁹. Para além das fracas condições oferecidas durante as campanhas de 593 e 602, e de forma a economizar no pagamento dos soldados, Maurício ordenou às suas tropas que aquartelassem na margem norte do Danúbio²⁴⁰. Na primeira ocasião, o plano do imperador passou por efetuar alterações no pagamento dos soldados, semelhantes às da tentativa de 588. Contudo, perante a pressão dos soldados e a ameaça de revolta, o imperador recuou²⁴¹. Em 602, o exército amotinou-se perante uma missiva de Maurício, na qual o imperador ordenava às suas tropas que aquartelassem, durante o inverno, na margem norte do Danúbio, em território hostil²⁴². Esta decisão, contrariamente ao que Treadgold defende²⁴³, não terá tido uma motivação económica, mas sim militar. Após as vitórias de Prisco e de Comenciolo, a federação ávara desintegrou-se, algo que Maurício tentou explorar ao máximo: após os saques efetuados, as tropas bizantinas eram detentoras de mantimentos suficientes para conseguirem realizar ataques aos acampamentos eslavos²⁴⁴.

Contudo, de acordo com Kaegi, um importante aspeto de índole jurídica foi negligenciado por Maurício: o Édito 13 de Justiniano²⁴⁵. Não obstante a natureza económica do documento, nele encontravam-se certas cláusulas sobre o estacionamento de tropas bizantinas nas regiões dos Balcãs, como forma de punição²⁴⁶. Apesar de redigidas

²³⁸ Th. Sim., III. 1, 2. Cf., TREADGOLD, Warren, *Byzantium and Its Army...*, p. 19.

²³⁹ Durante o reinado de Justiniano, o desgaste numérico dos exércitos bizantinos foi colmatado pela mobilização de tropas oriundas dos Balcãs. Esta movimentação teve, como consequência, a debilitação das guarnições balcânicas e o esmorecimento da defesa do Danúbio. Esta tendência manteve-se durante a segunda metade do século VI, até à década de noventa da mesma centúria. Cf. KAEGI, Walter Emil, *Byzantine Military Unrest...*, p. 98

²⁴⁰ TREADGOLD, Warren, *Byzantium and Its Army...*, p. 19.

²⁴¹ WHITBY, Michael, *The Emperor Maurice and His Historian...*, p. 159.

²⁴² *Idem, ibidem.*, p. 165.

²⁴³ TREADGOLD, Warren, *Byzantium and Its Army...*, pp. 205-206. Em relação aos motins do reinado de Maurício, Treadgold aponta como principal razão uma fraca gestão das finanças públicas e a constante necessidade de economizar, às custas do orçamento destinado para o exército.

²⁴⁴ Cf. WHITBY, Michael, *The Emperor Maurice and His Historian...*, p. 166. Apesar da vantagem obtida, os soldados estavam habituados a combater na primavera e no verão. A mudança para uma guerra de inverno constituiu um dos argumentos utilizados para a recusa em cumprir a ordem imperial.

²⁴⁵ KAEGI, Walter Emil, *Byzantine Military Unrest...*, p. 111.

²⁴⁶ *Idem, ibidem.*, p. 111-112. Tratava-se de um texto legal para regulação da coleta de impostos do Egito. Mas, num dos seus capítulos, o Édito 13 estipulava o envio de contingentes para lugares distantes, como a

cerca de cinquenta anos antes dos acontecimentos do tempo de Maurício, os seus preceitos enraizaram-se nos costumes militares e, como tal, o destacamento para os Balcãs começou a ser visto pelos soldados como uma tarefa humilhante e desonrosa²⁴⁷. Perante estes factos, a revolução de 602 concentrou, num só momento, os diversos tipos de inquietação militar que, ao longo do século VI, tinham sido reprimidos.²⁴⁸

Não obstante o desfecho do reinado de Maurício, em termos militares a prestação do exército bizantino, durante os últimos anos do século VI, mostrou-se capaz de lidar com as diversas situações a que esteve sujeito, nomeadamente através da resolução da paz com a Pérsia (em 591) e da aparente pacificação dos Balcãs, durante os últimos anos da governação de Maurício²⁴⁹. Para tal, contribuíram as reformas militares introduzidas por este imperador: a restrição da nomeação dos oficiais apenas pelo aparelho estatal; a redução drástica do número de soldados mercenários incorporados no exército; a introdução de uma nova orgânica de funcionamento no seio do exército; e, por fim, a exploração da versatilidade das tropas imperiais no campo de batalha²⁵⁰. A morte de Maurício marcou o fim do período histórico conhecido por “Antiguidade Tardia”. Em termos militares, o exército bizantino manteve a sua estrutura nos anos vindouros, conforme se encontra referenciado num precioso manual militar datado dos finais do século VI: o *Stratēgikón*.

zona dos rios Ister ou Danúbio. O serviço de vigilância aí exercido, devido às dificuldades que oferecia, seria, de acordo com o texto legal, punição adequada para os soldados insubordinados, amotinados ou desertores.

²⁴⁷ *Idem, ibidem*, p. 113. Ao longo da segunda metade do século VI, houve uma preocupação constante, por parte dos imperadores, em evitar a estadia de soldados no Danúbio por períodos prolongados, procedendo, para o efeito, a uma constante rotação das tropas pelas diversas fronteiras do Império.

²⁴⁸ *Idem, ibidem*, p. 117.

²⁴⁹ TREADGOLD, Warren, *Byzantium and Its Army...*, p. 206.

²⁵⁰ Cf. DENNIS, George T., *op. cit.*, pp. xii-xiii.

2. O *Stratēgikón* de Maurício

O *Stratēgikón*, dos finais do século VI e comumente atribuído ao imperador Maurício, constitui um dos textos militares mais completos e inovadores de toda a Antiguidade. Mesmo quando comparado a outros textos do gênero literário da *taktiká*, o *Stratēgikón* evidencia-se pela sua maior dimensão e espectro temático. Compõe-se de doze Livros, nos quais são abordados todos os aspetos da guerra terrestre próprios dos finais do século VI; o seu texto, ao contrário dos demais ensaios militares que o antecederam, evidencia um caráter oficial, com regulações imperiais e decretos aplicáveis a todas as componentes dos exércitos bizantinos no período em apreço. Quais as motivações do autor? O facto de considerar que os exércitos imperiais se encontravam num estado de profundo declínio e que os conhecimentos militares antigos se tinham esvaído. Quais os objetivos? Redigir um manual, não de caráter teórico, mas sim pragmático, destinado a todos os que desejassem enveredar por uma carreira militar de comando, escrito num grego vernacular, de forma a facilitar a sua leitura por homens de guerra.

À semelhança de outros textos militares, o *Stratēgikón* apresenta, ao longo dos seus doze Livros, referências a importantes acontecimentos históricos, o que nos permite traçar as suas principais influências e datar o momento provável da sua composição.

2.1. A Datação do *Stratēgikón*

No que diz respeito à datação do *Stratēgikón*, existe um vasto consenso no tocante aos respectivos *termini a quo* e *ante quem*: a generalidade dos historiadores acredita que a obra tenha sido redigida após a década de 570 e antes da década de 630. Tal conclusão deriva, sobretudo, de evidências internas do próprio tratado²⁵¹. No Livro XI, o autor discorre sobre os diversos povos que, ao tempo da redação, constituíam as maiores ameaças para o império²⁵². Entre os vários inimigos descritos, encontram-se dois que, para efeitos da datação do tratado, adquirem um especial relevo: os Persas e os Ávaros.

Com base na referência aos Persas, George T. Dennis sugeriu, como balizas cronológicas para a elaboração do *Stratēgikón*, um período situado entre os anos de 575 e 628, os quais correspondem, respetivamente, à renovação das hostilidades com a Pérsia,

²⁵¹ WHITBY, M., *The Emperor Maurice and His Historian...*, p. 130.

²⁵² *Strat.*, XI. 6-7.

durante o reinado de Justino II, e à sua derrota final às mãos dos Árabes²⁵³. O problema que se coloca com a datação de Dennis prende-se, sobretudo, com o *terminus a quo* sugerido: ao longo de todo o século VI, o Império Persa constituiu uma das mais perigosas e recorrentes ameaças a Constantinopla. Assim, esta tese de parece-nos ser convincente apenas na medida em que situa a escrita da obra num período anterior à década de 630, quando o Império Sassânida começou a colapsar devido à pressão islâmica²⁵⁴.

Simultaneamente, ainda no Livro XI do *Stratēgikón*, a secção dedicada ao tratamento dos Eslavos e povos relacionados²⁵⁵ apresenta duas indicações para um eventual *terminus ante quem* da obra. A primeira relaciona-se com a referência aos Antes e à sua relação com os Eslavos, enquanto inimigos do Império²⁵⁶. Não obstante o conhecimento sobre os Antes ser reduzido, sabemos que este povo foi destruído pelos Ávaros em 602²⁵⁷. Tendo em conta a inclusão deste povo no *Stratēgikón* e o facto de o autor considerar os Antes como uma ameaça real ao império, não nos parece credível colocar a redação do tratado numa data posterior a 602. A segunda indicação surge quando o autor adverte para a vantagem obtida pelos aquartelamentos de inverno, a norte do Danúbio, face aos Eslavos²⁵⁸. Foi precisamente esta ordem que, em 602, levou a que os exércitos estacionados a norte do Danúbio se tivessem amotinado e deposto o imperador. Por conseguinte, com base nesse exemplo, não nos parece provável que tal indicação acabasse por ser compilada num manual militar após o ano de 602²⁵⁹.

Um *terminus a quo* é algo que pode ser mais facilmente estabelecido. No mesmo Livro XI, os Ávaros, cujos primeiros confrontos contra as forças bizantinas ocorreram em 558²⁶⁰, são apresentados como uma ameaça, bastante presente ao Império²⁶¹. O elevado

²⁵³ Vide DENNIS, T. George, *op. cit.*, p. xvi.

²⁵⁴ Cf. RANCE, Philip, *Tactics and Tactica in the Sixth-Century: Tradition and Originality*. St Andrews, University of St Andrews, Ph. D. Thesis, 1993, p. 29. Paralelamente, a omissão dos Árabes pode, eventualmente, constituir uma indicação de que, à altura da redação do *Stratēgikón*, ainda não constituíam uma principal ameaça ao império.

²⁵⁵ *Strat.*, XI. 4.

²⁵⁶ RANCE, Philip, *Tactics...*, p. 29.

²⁵⁷ Th. Sim., VIII. 5, 13. Perante os sucessos de Pedro (irmão de Maurício) e de Goduino, na margem norte do Danúbio, o Chagan dos Ávaros ordenou a Apsico que destruísse a nação dos Antes, a qual se tinha aliado aos Bizantinos. A partir desta data, não existem quaisquer outras referências a este povo nas fontes históricas.

²⁵⁸ *Strat.*, XI. 4, 82-86.

²⁵⁹ Cf. RANCE, P., *Tactics...*, p. 29 e WHITBY, M., *The Emperor Maurice and His Historian...*, pp. 131-132. Na medida em que o autor do *Stratēgikón* parece ter o moral e a disciplina dos exércitos como um dos principais factores a ter em conta, no caso de o *Stratēgikón* ter sido redigido após 602, a inclusão de tal preceito teria de ser acompanhada de uma palavra de cautela, ou uma alusão aos acontecimentos desse ano.

²⁶⁰ SZÁDECZKY-KARDOSS, S., *op. cit.*, p. 207.

²⁶¹ *Strat.*, XI. 2.

grau de familiaridade com que o autor apresenta os Ávaros no *Stratēgikón*²⁶² e os seus modelos táticos como um exemplo a seguir surgem como indício da adoção de certos paradigmas militares ávaros pelo exército bizantino. Tal só se tornaria possível depois de um longo e direto contacto com o inimigo, algo que ocorreu, frequentemente, durante as décadas de 580 e 590²⁶³. Paralelamente, enquanto em relação aos Eslavos o autor menciona a realização de ataques a norte do Danúbio²⁶⁴, no tocante aos Ávaros o tom do discurso é mais defensivo, não sugerindo a realização do mesmo tipo de campanha militar. Este aspeto pode ser tido como um indicador de que a redação do *Stratēgikón* ocorreu antes de 599, quando o general Prisco realizou uma ofensiva em território ávaro²⁶⁵. Ao aceitar a teoria de que o *Stratēgikón* foi redigido largamente com base na experiência pessoal do seu autor, no que respeita a campanhas contra Ávaros e Eslavos, não nos parece possível a obtenção de uma informação tão detalhada num período anterior a 593, a data da primeira campanha de Prisco a norte do Danúbio²⁶⁶.

Uma outra indicação para uma correta datação do tratado pode ser encontrada na referência aos Francos e aos Lombardos²⁶⁷. Ao atentar no grau de detalhe com que o autor se refere aos povos que ameaçavam a fronteira do Danúbio, é possível que este a tenha redigido num período posterior a 568, altura em que se verificou a migração dos Lombardos para a Península Itálica²⁶⁸. Na mesma secção, a referência aos Francos e a subsequente comparação do seu modelo militar ao lombardo, em moldes semelhantes, indica um menor grau de conhecimento por parte do autor dos preceitos militares dos mesmos²⁶⁹. Contudo, a relação estabelecida entre estes remete-nos para as décadas de 580 e 590, durante as quais os contactos entre Bizantinos, Francos e Lombardos – em simultâneo – foram mais frequentes.

Por fim, em todo o *Stratēgikón* existem três passagens que compreendem alusões a possíveis eventos seus contemporâneos. Por ordem cronológica, a primeira referência

²⁶² No Livro XI, o autor discute sobre o modo de vida dos Ávaros, os seus modelos militares e, de forma superficial, elucida alguns dos seus aspetos sociopolíticos. Simultaneamente, ao longo do tratado encontram-se passagens que esclarecem a ideia da vantagem que a adoção das suas táticas (*Strat.* II. 1, 23; XI, 2, 43) e do seu equipamento (*Strat.* I. 2 18; II. 20, 21; II. 2, 38) conferia aos exércitos bizantinos.

²⁶³ RANCE, P., *Tactics...*, p. 30.

²⁶⁴ *Strat.*, XI. 4.

²⁶⁵ Th. Sim., VIII. 2, 7-3, 15.

²⁶⁶ Com a exceção do período do reinado de Maurício, não existem informações sobre qualquer imperador, ou general, que se tenha aventurado em território hostil, a norte do Danúbio, durante todo o século VI. De facto, as últimas incursões romanas realizadas nessa geografia ocorreram entre 367 e 369, lideradas pelo imperador Valente. *Vide* Amm., XVII. 5, 2-6.

²⁶⁷ *Strat.*, XI. 2.

²⁶⁸ Paul. Diac., II vii.

²⁶⁹ RANCE, P., *Tactics...*, p. 31.

encontra-se no Livro X, onde, ao descrever os cuidados devidos durante a realização de um cerco, o autor relembra uma situação, durante um cerco na região de Arzanene, onde alguns dos oficiais bizantinos foram capturados²⁷⁰. Dennis considerou esta passagem como referente ao cerco bizantino à fortaleza de Aqbas, em 583²⁷¹. Já Michael Whitby sugeriu a possibilidade de a situação a que o *Stratēgikón* se reporta estar relacionada com o cerco a Clomarão, em 586²⁷². Em ambos os casos, as situações foram análogas.

A segunda referência relaciona-se diretamente com o ataque-surpresa noturno realizado pelo Chagan Ávaro contra a cavalaria romana, quando esta acampou afastada da infantaria, em Heracleia²⁷³. Tal evento verificou-se por duas vezes: em 588, no decorrer da primeira campanha balcânica de Prisco; e em 619²⁷⁴, contra as forças do imperador Heráclio, uma hipótese que recusamos, com base na cronologia já apresentada.

Por fim, a terceira alusão do *Stratēgikón* a eventos contemporâneos corresponde à significativa perda de cavalos, por ingestão de cevada envenenada (uma vez que não havia provisão de forragem em quantidade suficiente), durante a guerra contra a Pérsia²⁷⁵. Apesar de não ser possível ligar diretamente esta alusão a um evento específico, parece ser seguro considerar que o episódio do envenenamento da cevada esteja relacionado com um evento desconhecido, ocorrido durante o período de quase vinte anos em que se desenrolou o último conflito bizantino-sassânida do século VI (572-591)²⁷⁶.

Precisar com exatidão a redação do *Stratēgikón* constitui, assim, um problema ao qual não é possível dar uma resposta satisfatória. Contudo, à luz das diversas considerações apresentadas e da contraposição das alusões encontradas no próprio texto da obra, não nos parece despropositado situar a composição do *Stratēgikón* na última década do século VI ou nos primeiros dois anos do século VII, na medida em que em mais nenhum período se pode explicar a concepção do autor sobre as principais ameaças coevas

²⁷⁰ *Strat.*, X. 1.

²⁷¹ Cf. Dennis, George T., *op. cit.*, p. 106. A mesma situação encontra-se descrita por Teófilo *Simocatta* (Th. Sim., I. 12, 2-7) e as circunstâncias descritas encontram-se de acordo com os preceitos apresentados no *Stratēgikón*.

²⁷² WHITBY, M., *The Emperor Maurice and His Historian...*, p. 130. Cf. Th. Sim., II. 7, 6-9.

²⁷³ *Strat.*, IX. 2.

²⁷⁴ Vide WHITBY, M., *The Emperor Maurice and His Historian...*, p. 151. Nesta ocasião, a derrota de Prisco não foi documentada na totalidade por Teófilo *Simocatta*. Contudo, as forças da infantaria bizantina foram obrigadas a recuar para a cidade de Didimoteico (Th. Sim., VI. 5, 8-9).

²⁷⁵ *Strat.*, IX. 3.

²⁷⁶ WHITBY, M., *The Emperor Maurice and His Historian...*, p. 131.

ao Império, nem o seu tão profundo conhecimento das táticas militares dos adversários e da melhor forma de as combater²⁷⁷.

2.2. A autoria do *Stratēgikón*

Ao longo de todo o século XX, o debate historiográfico em torno da autoria do *Stratēgikón* levou à apresentação de diferentes propostas. Grande parte das teorias baseia-se em detalhes encontrados nos diversos manuscritos em que se preservou o texto do tratado. A primeira hipótese, baseada no principal manuscrito do *Stratēgikón* (o *codex Mediceo-Laurentianus graecus LV-4*), atribui a autoria do trabalho a Urbício, devido ao uso da fórmula *Ουρβικίον τακτικά - στρατηγικά*²⁷⁸. Contudo, sabemos que Urbício foi contemporâneo do imperador Anastácio I (491-518) e, como tal, com base num critério cronológico, esta hipótese não nos parece ser viável. George T. Dennis, no seguimento do raciocínio de Alphonse Dain, considerou que esta atribuição pode ser devida a um simples erro de escrita, através de uma confusão entre as grafias de *ουρβικίον* e *[Μ]αυρικίον*²⁷⁹. Philip Rance descarta igualmente aquela possibilidade, na medida em que o discurso utilizado e a própria organização do *Stratēgikón* diferem substancialmente da dos trabalhos atribuídos a Urbício²⁸⁰.

Por sua vez, o segundo manuscrito (*Ambrosianus B, 119, sup.*) atribui a autoria do tratado a um indivíduo com o nome de Maurício, pelo recurso à fórmula *Μαυρίκου τακτικά τοῦ ἐπὶ βασιλέως Μαυρικίου γεγονότος*²⁸¹. Na verdade, é precisamente aqui que reside a base de consenso historiográfico para a atribuição da composição do tratado ao imperador Maurício²⁸². Ao analisar o percurso militar do mesmo, a tese de François Aussaresses, que considerou Maurício (imperador) como o mais provável autor do *Stratēgikón* devido à sua experiência, tanto a Oriente (contra os Persas) como no Danúbio (contra os Eslavos)²⁸³, ganhou um novo adepto na pessoa de George T. Dennis²⁸⁴. Tal

²⁷⁷ RANCE, P., *Tactics...*, p. 36.

²⁷⁸ DAIN, Alphonse, “Les Stratégistes Byzantins” in *Travaux et Mémoires*, nº 2, Paris, Éditions E. de Boccard, 1967, pp. 344.

²⁷⁹ DENNIS, George T. *op. cit.*, p. xvi.

²⁸⁰ RANCE, P., *Tactics...*, p. 36.

²⁸¹ DAIN, A., *Stratégistes...*, p. 344. “Táctica de Maurício, que viveu durante o reinado do imperador Maurício” (tradução nossa). Foi a atribuição do segundo manuscrito que levou A. Dain a formular a teoria da confusão de grafias.

²⁸² RANCE, P. *Tactics...*, p. 40.

²⁸³ AUSSARESSES, François, “L’auteur du Strategicon” in *Revue des Études Anciennes*, tomo 8, Bordéus, Feret & Fils, Editeurs, 1906, pp. 23-40.

²⁸⁴ DENNIS, George T., *op. Cit.*, p. xvii.

assunção radica no facto de, após 578, Maurício ter abandonado o cargo de *comes excubitorum*, para se ocupar do conflito a Oriente, contra a Pérsia, e das ações encetadas na fronteira danubiana²⁸⁵. A esta tese, Michael Whibty contrapõe o facto de, no tocante ao conflito com Pérsia, Maurício ter tido, sobretudo, um papel de coordenação das ações de diversos generais²⁸⁶. Paralelamente, Philip Rance refuta o argumento da experiência do Danúbio, na medida em que, à exceção da marcha até às Muralhas Longas, em 590, o imperador nunca liderou, em pessoa, os exércitos nos Balcãs²⁸⁷. De facto, durante o reinado de Maurício, foram vários os generais que realizaram campanhas nessa geografia, tais como Prisco, Pedro, Comenciolo ou Filípico.

Relacionada com esta questão, encontra-se a tese de John Wiita, que propõe o nome de Filípico como eventual autor do *Stratēgikón*²⁸⁸. De facto, após 583, Filípico ocupou o cargo de *magister militum per Orientem* e, de acordo com o discurso de Teófilo *Simocatta*, demonstrava interesse pelos assuntos militares dos antigos e pelo estudo dos diversos povos²⁸⁹. Também este ponto de vista foi partilhado por Dennis²⁹⁰.

Resta mencionar o carácter oficial de que o *Stratēgikón* se reveste, uma característica que o distingue dos demais textos militares coevos. Como Rance notou, certos Livros do tratado apresentam uma fórmula semelhante à aplicada nas regulações militares emitidas pelas autoridades centrais²⁹¹. A compilação de uma obra tão vasta como o *Stratēgikón* e o discurso oficial nela contido não nos parecem, portanto, remeter para um documento que tenha sido redigido por uma autoridade que não a imperial.

À luz dos diversos argumentos apresentados, não existem dúvidas de que o autor do *Stratēgikón* era versado nos assuntos da guerra e possuidor da experiência militar referida ao longo do tratado, à semelhança de um “comandante militar, um general ou até mesmo um imperador”²⁹². Contudo, somos levados a concordar com a tese de Philip Rance, que, numa perspetiva um tanto minimalista, sugere que a redação do *Stratēgikón* foi um produto

²⁸⁵ *Idem, ibidem*, p. xvi; JONES, A. H. M., *op. cit.*, p. 308.

²⁸⁶ WHITBY, M., *The Emperor Maurice and His Historian...*, p. 7.

²⁸⁷ RANCE, P., *Tactics...*, p. 41.

²⁸⁸ WIITA, John E., *The Ethnika in Byzantine Military Treatises*, Minnesota, University of Minnesota, Ph. D. Thesis, 1977, pp. 30-49.

²⁸⁹ Th. Sim., I. 14, 2. A referência de Teófilo *Simocatta* ao interesse de Filípico, especialmente por Aníbal Barca e por Cipião o *Africano*, parece ser consistente com duas referências históricas incluídas no texto do *Stratēgikón* (*Strat.* VIII. B, 87, 93).

²⁹⁰ DENNIS, George T., *op. cit.*, p. xvii. Os mesmos autores situam a redação do *Stratēgikón* entre 603 e 610, num período durante o qual Filípico foi forçado a permanecer em regime de clausura num mosteiro, um argumento incompatível com o período cronológico no qual se situa a escrita do tratado.

²⁹¹ RANCE, P. *Tactics...*, p. 41.

²⁹² DENNIS, George T., *op. cit.*, p. xvii.

dos círculos imperiais da década de 590, algo que nos parece mais seguro do que apontar um nome, ou indivíduo, em específico²⁹³. Ainda assim, por comodidade de discurso, admitiremos nas páginas que se seguem a possibilidade de ter sido Maurício a escrever o *Stratēgikón*, ou pelo menos a influenciar decisivamente a sua redação.

2.3. A transmissão do *Stratēgikón*

O texto do *Stratēgikón*, ao longo dos vários séculos após a sua elaboração, não terá sido alvo de um grande número de cópias. Dennis apresentou a possibilidade de pelo menos três cópias do tratado terem sido realizadas, algures na primeira metade do século VII²⁹⁴. Essas cópias estiveram na origem das três famílias de manuscritos, através dos quais o *Stratēgikón* sobreviveu até aos nossos dias. Através de um minucioso estudo realizado sobre a escrita da guerra em Bizâncio, Alphonse Dain procedeu ao estabelecimento de acentuadas diferenças entre as três famílias de manuscritos²⁹⁵.

A primeira família, intitulada por Dain de “autêntica” encontra-se no manuscrito *códex Mediceo-Laurentianus graecus LV-4*. Segundo Dain, o manuscrito foi copiado em meados do X, por iniciativa do imperador Constantino VII Porfirogeneta, com o intuito de ser incorporado na biblioteca imperial, como uma edição oficial dos escritos da guerra²⁹⁶. É precisamente este manuscrito que se acredita ser o mais semelhante ao original, tendo em conta a precisão dos diagramas e da apresentação dos comandos militares, que se encontram expostos em Latim²⁹⁷. A segunda família identificada por Dain, que o autor denominou de “interpolada”²⁹⁸, encontra-se tripartida em outros tantos documentos, localizados em Roma, em Nápoles e em Paris. Quando comparada com o primeiro grupo de manuscritos, Dain observou um maior número de erros e de omissões, bem como uma série de intercalações com outras obras e acrescentos, que não parecem pertencer ao período da redação original²⁹⁹. O terceiro grupo de manuscritos apenas pode ser

²⁹³ RANCE, P., *Tactics*..., p. 41.

²⁹⁴ DENNIS, George T., *op. cit.*, p. xviii.

²⁹⁵ DAIN, Alphonse, *op. cit.*, pp. 317-392. No estudo citado, Dain abordou não só os textos militares do século VI, mas também todos aqueles que lhes serviram de base, ou que por eles foram influenciados.

²⁹⁶ DAIN, Alphonse, *op. cit.*, pp. 344, 362. Para além dos textos do *Stratēgikón*, o manuscrito referido é constituído por mais duas secções: a mais antiga refere-se aos autores antigos, enquanto a secção mais recente é composta por obras atribuídas ao imperador Leão VI.

²⁹⁷ DENNIS, George T., *op. cit.*, p. xix. O detalhe da exposição dos comandos militares em Latim é de grande valor, na medida em que, durante todo o século VI, as ordens militares eram outorgadas em Latim, não obstante o Grego se ter tornado na língua oficial.

²⁹⁸ DAIN, Alphonse, *op. cit.*, p. 345.

²⁹⁹ *Idem, Ibidem*, p. 345.

reconstituído a partir dos dois únicos textos no qual se preservou, ambos da autoria do imperador Leão VI: *Problemata* e *Taktiká*³⁰⁰. Por fim, uma outra versão do *Stratēgikón* sobreviveu, preservada no *códex Ambrosianus*. Segundo Dennis, esta versão terá sido copiada a partir de fragmentos das restantes, acima mencionadas e, como resultado, apresenta um maior rigor literário, bem como uma representação mais completa dos diagramas da obra³⁰¹.

A primeira edição impressa do *Stratēgikón* surgiu em 1664, na cidade de Estrasburgo, pela mão de Joannes Schefferus. Baseada na segunda família de manuscritos, recebeu o título de *Arriani Tactica et Mauricii Artis militaris libri duodecim*, por nela se encontrar contido, não só o texto do *Stratēgikón*, mas também o tratado *Ars Tactica*, da autoria de Arriano³⁰². Durante a primeira metade século XX, diversos autores procederam à realização de traduções do *Stratēgikón*³⁰³. Contudo, aquelas que adquiriram mais notoriedade surgiram apenas durante a segunda metade do século. Entre estas, citamos a tradução romena realizada por H. Mihaescu, (*Mauricius Arta militara*), em 1970; os trabalhos de Martin R. P. McGuire e de Martin J. Higgins, publicados a título póstumo; e, principalmente, a tradução de Ernst Gamillscheg, intitulada *Das Strategikon des Maurikios*, realizada no âmbito do projeto *Corpus Fontium Historiae Byzantinae*. Esta última tradução foi aquela que serviu de base à edição de George T. Dennis publicada em 1984. Em 2013, Giuseppe Cascarino publicou uma tradução italiana, intitulada *Maurizio Imperatore. Strategikon. Manuale di arte militare dell'Impero Romano d'Oriente*, e, em 2014, por iniciativa do Ministério da Defesa do Governo Espanhol, Emilio Magaña Orúe e Julio Rodríguez González elaboraram a primeira tradução espanhola do tratado³⁰⁴.

2.4. A influência clássica

No Prefácio do *Stratēgikón*, Maurício admite a sua inadequação para a redação do mesmo e, para o efeito, invoca a Santíssima Trindade para corrigir eventuais falhas no seu trabalho³⁰⁵. Aqui, o autor demonstra o seu descontentamento perante a negligência de que o tratamento dos assuntos militares padece, afirmando que até os mais simples preceitos

³⁰⁰ DENNIS, George T., *op. cit.*, p. xix.

³⁰¹ *Idem, ibidem*, p. xx.

³⁰² DAIN, Alphonse, *op. cit.*, p. 344.

³⁰³ DENNIS, George T., *op. cit.*, p. 344. Da primeira metade do século XX datam ainda uma tradução russa, por K. Tsybyshev (*Mavrikii Taktika i Strategija*), de 1903, e duas traduções em francês, citadas por Alphonse Dain (DAIN, Alphonse, *op. cit.*, p. 344).

³⁰⁴ Infelizmente, só tivemos acesso aos estudos de Gamillscheg, de Dennis e de Cascarino.

³⁰⁵ *Strat., Prf.*

técnicos se revelam desconhecidos para os generais do período³⁰⁶. De forma a completar tal lacuna, o autor declara que, para a composição da obra, recorreu aos ensinamentos das autoridades antigas, assim como à sua própria experiência pessoal³⁰⁷. De certa forma, o tom utilizado no Prefácio parece condizer com as convenções literárias: a afirmação da sua própria humildade era uma característica comum da literatura tardo-antiga³⁰⁸. Contudo, não obstante o recurso a textos antigos, Maurício enfatiza que a sua obra não constitui uma superação dos trabalhos anteriores, antes propõe uma discussão dos principais elementos militares técnicos. Por outro lado, o mesmo não significa que o autor se coíba de criticar os mesmos trabalhos. O exemplo mais ilustrativo da posição deste tratadista face aos escritos dos seus predecessores será, possivelmente, a sua crítica à disposição da infantaria, através do repúdio do recurso à organização derivada da sequência numérica construída com base na divisibilidade do número 16 384³⁰⁹.

No que à utilização dos textos antigos diz respeito, o próprio *Stratēgikón* não refere, em momento algum, quais as fontes que serviram de inspiração; tal facto, *per se*, constitui um problema. Apesar de em alguns momentos ser possível constatar semelhanças com outros escritos, a grande dificuldade da sua identificação reside no vasto espectro temático abordado no *Stratēgikón*, o que, em comparação com as restantes obras de cariz militar, impossibilita quaisquer comparações literárias completas³¹⁰. De forma a solucionar tal problema, Philip Rance propôs duas abordagens distintas: uma primeira consiste na análise do *Stratēgikón* como um todo e na detecção de inconsistências na indicação das secções que, eventualmente, terão sido retiradas de outras obras; a segunda traduz-se na comparação textual com escritos anteriores, especialmente nas passagens onde seja implícito que Maurício admita ter recorrido aos ensinamentos neles contidos³¹¹. Em relação às fontes cujas características sejam evidenciadas no *Stratēgikón* com um elevado número de ocorrências, é possível, no entanto, identificar um certo número de obras.

Logo no seu Prefácio, o *Stratēgikón* apresenta semelhanças com o Prefácio da obra de Eliano, *Sobre a Estratégia Militar dos Gregos*. Com o recurso a estilos linguísticos parecidos, ambos os autores apresentam os trabalhos anteriores aos seus como tendo sido

³⁰⁶ *Idem, ibidem. Cf., RANCE, P., Tactics...*, p 81.

³⁰⁷ *Strat., Prf.*

³⁰⁸ *Vide Agat., Prf; Th. Sim., Prf.*

³⁰⁹ *Strat., XII, B, 8.* Para a disposição da falange em textos anteriores, *vide Aescl., II; Ael., VIII. e Arr., Ars Tact., VIII.* Sobre o número 16 384, *vide infra*, nota 343.

³¹⁰ DAIN, Alphonse, *Stratégistes...*, p. 345.

³¹¹ RANCE, P., *Tactics...*, p. 86.

redigidos para um público educado e conhecedor dos assuntos em causa³¹². Não só o texto de ambos os Prefácios apresenta diversas parecenças em relação ao seu conteúdo, como os seus autores estabelecem uma diferenciação entre os assuntos abordados, distinguindo entre temas “introdutórios” e “monografias técnicas”³¹³. Paralelamente, ambos utilizam a mesma terminologia no tocante ao tratamento das formações de infantaria³¹⁴.

Ao longo da sua análise do Livro I do *Stratēgikón*, Alphonse Dain evidenciou o código militar nele contido³¹⁵. Maurício ordena que sejam feitas cópias dos mesmos princípios e distribuídos pelos diversos regimentos, de forma a serem lidos – em grego e em latim – aos restantes membros do batalhão³¹⁶. Estes regulamentos encontram-se subdivididos em três secções distintas, que Dain comparou e concluiu serem baseadas no Livro VII do *Codex Theodosianus*³¹⁷.

Ao longo de todo o tratado em estudo, é visível a influência de uma terceira obra (a par da supracitada elaborada por Eliano): o *Strategicus* de Onasandro. O peso da influência que este tratado deteve na conceção do *Stratēgikón* foi observado pela primeira vez por William Oldfather, em 1923, embora o mesmo autor não tenha desenvolvido este aspeto³¹⁸. É de notar que o trabalho de Onasandro corresponde, em grande parte, à caracterização de trabalhos anteriores por Maurício. Apesar de o *Strategicus* lidar, essencialmente, com o carácter ético dos comandantes, é possível que Maurício tenha encontrado neste texto as principais diretrizes que acabariam por inspirar a redação do *Stratēgikón*³¹⁹. Em simultâneo, o tratamento de questões relacionadas com a logística dos exércitos e a espionagem não foi considerado por mais nenhum autor do género antes de Maurício, à exceção de Onasandro³²⁰. Uma última comparação, e aquela que evidencia melhor a influência de Onasandro, relaciona-se com a referência, por ambos os autores, à realização de batalhas simuladas³²¹: antes de Maurício, tais exercícios não são mencionados em

³¹² *Strat.*, *Prf.*; Ael., I.

³¹³ *Idem*, *ibidem*.

³¹⁴ *Strat.*, XII. B; Ael., V-VIII. Os mesmos preceitos são apresentados por Arriano, na sua *Ars Tactica*, V. No entanto, é possível que os mesmos autores se tenham inspirado no escrito mais antigo de Asclepiódoto. *Vide* Ascl., II.

³¹⁵ *Strat.*, I. 6-8.

³¹⁶ *Strat.*, I. 6.

³¹⁷ DAIN, Alphonse, *Stratégistes...*, p. 345.

³¹⁸ RANCE, *Tactics...*, p. 229.

³¹⁹ *Strat.*, VII. *Prf.*; Ona., XXXII. Ambos os autores comparam o general ao timoneiro de um navio. Nas mesmas passagens é feita a comparação entre um comandante militar e um lutador, dado que ambos recorrem a truques e a embustes para derrotar os seus oponentes.

³²⁰ *Cf.*, RANCE, P., *Tactics...*, p. 100. Também os cuidados a ter perante a travessia de desfiladeiros e de terrenos acidentados apresentam um tratamento similar em ambos os tratados. *Cf. Strat.*, XI. 4; Ona., V, VI.

³²¹ *Strat.*, III.5, XII. B, 17; Ona., X.

nenhuma outra obra do gênero, enquanto prática de treino utilizada pelos exércitos imperiais; a única exceção a este silêncio é o *Strategicus* de Onasandro³²²...

À luz do que foi aqui explicado, não nos parece despropositado afirmar que o autor do *Stratēgikón*, ao redigir a sua obra, se encontrava familiarizado com os trabalhos de escritores precedentes, na medida em que demonstra uma elevada compreensão dos seus preceitos técnicos, assim como das metodologias por eles utilizadas. Que a sua identificação não se encontra no *Stratēgikón*, é indesmentível; mas também não há dúvida de que os respetivos ensinamentos se encontram implícitos por todo o tratado.

2.5. Estrutura Interna: Análise e Comparação Crítica

Do ponto de vista estrutural, o *Stratēgikón* apresenta uma divisão em doze Livros; em cada qual é abordada uma temática diferente: Livro I - Introdução; Livro II – Formações de batalha da cavalaria; Livro III – Formações do *tagmá*; Livro IV – Emboscadas; Livro V – Carriagem; Livro VI – Várias táticas e exercícios; Livro VII – Estratégia. Pontos que o general deve considerar; Livro VIII – Instruções gerais e máximas; Livro IX – Ataques Surpresa; Livro X – Cercos; Livro XI – Características e táticas de vários povos; Livro XII – Formações mistas, infantaria, campos e caça. Enquanto os onze primeiros Livros têm por objeto a cavalaria, é possível, contudo, discernir certos aspetos nos quais se englobam, também, operações a realizar por forças de infantaria. O décimo segundo Livro é constituído, sobretudo, por preceitos relacionados com o tratamento das forças de infantaria.

2.5.1. Livro I: Introdução

A composição dos exércitos de cavalaria dos finais do século VI, bem como a sua organização interna, constituem o principal enfoque do Livro I. Em simultâneo, também se encontra aqui um pequeno *corpus* de preceitos legais relativos às atividades individuais dos soldados, independentemente do seu estatuto na hierarquia militar.

O primeiro aspeto abordado no tratado relaciona-se diretamente com uma das principais e mais características inovações militares dos exércitos bizantinos da Antiguidade Tardia: a utilização, por tropas montadas, do arco de guerra, através de uma distinção entre o modelo romano e o modelo persa, em relação ao modo de manejar a

³²² RANCE, P., *Tactics*..., p. 101.

referida arma³²³. De acordo com Adrian Bivar, a utilização do arco, segundo o modelo romano, consistiria em retesar a corda aplicando apenas os dedos indicador e polegar, um modelo adotado pelos povos da estepe³²⁴. O modelo persa, por seu turno, compreendia a utilização dos dedos mínimo, anelar e médio para retesar a corda, enquanto o indicador era esticado sobre a flecha, como orientação³²⁵.

Para o autor do *Stratēgikón*, o fator mais importante era a velocidade com que o tiro era executado e, para o efeito, recomenda que, após o domínio de ambos os modelos, os mesmos exercícios sejam praticados a cavalo, contra um alvo colocado a certa distância³²⁶. Uma das principais características das forças de cavalaria bizantinas dos finais do século VI era a sua versatilidade no uso de diversas armas, aspeto que se encontra patente no *Stratēgikón*, onde o seu autor recomenda que, durante o exercício com arco e flecha, o cavaleiro seja capaz de alternar, rapidamente, entre o uso destes e o da lança³²⁷.

O capítulo seguinte do Livro I é dedicado ao equipamento que cada soldado deveria possuir³²⁸. Apesar de o autor reconhecer as dificuldades em manter um exército perfeitamente equipado, o tom com que descreve os diversos equipamentos é semelhante ao de uma “norma regulamentar”³²⁹. Ao longo do capítulo, aspetos relacionados quer com o equipamento militar, quer com a apresentação dos soldados são minuciosamente abordados³³⁰. Aqui, são nítidas as influências de outros povos, nomeadamente dos Ávaros. Ao descrever as diversas peças de equipamento que cada soldado de cavalaria deveria possuir e utilizar, Maurício, não por poucas vezes, adota a expressão “de acordo com o

³²³ *Strat.*, I. 1.

³²⁴ BIVAR, A., “Cavalry Equipment and Tactics on the Euphrates Frontier” in *Dumbarton Oaks Papers*, vol. 26, 1972, p. 284; CASCARINO, Giuseppe, *Maurizio Imperatore. Strategikon. Manuale di arte militare dell’Impero Romano d’Oriente*, Rimini, Il Chercio, 2013, pp. 12-18.

³²⁵ *Idem, ibidem.*, p. 285. Vide Anexos, V. 1.

³²⁶ *Strat.*, I. 1.

³²⁷ *Strat.*, I. 1. Exercícios semelhantes, dedicados à cavalaria, são descritos por Vegécio, não obstante a ausência da utilização do arco e flecha. Vide Veg., I, 18. Contudo, o próprio admite que o seu objetivo não foi o de discutir aspetos relacionados com a cavalaria (Veg., III, 26), pelo que a sua influência, no tocante a esta temática, terá sido praticamente nula. Paralelamente, Arriano referencia a existência de cavaleiros munidos de arco e flecha oriundos das regiões da Arménia e da Pártia, ao mesmo tempo que apresenta uma série de exercícios. Vide Arr, *Ars Tact*, IV.2, XL.1., XXXIV. 1- LX. 2. Contudo, o seu carácter, segundo Philip Rance, é meramente festivo e não didático e, como tal, a sua aplicação ao campo de batalha seria muito reduzida. Cf. RANCE, Philp, *Tactics...*, p. 161. Vide Anexos, V.4.

³²⁸ *Strat.*, I. 2.

³²⁹ *Strat.*, I. 2. Cf., RANCE, P., *Tactics...*, p. 105. No tocante aos preceitos relacionados com o equipamento a ser utilizado pelos soldados, Maurício enfatiza que tais regulamentações se aplicavam, especialmente, aos oficiais do exército, às tropas federadas e aos *bucelarii* (tropas que, ao contrário dos típicos mercenários, contratados por uma entidade estatal, se encontravam sob comando direto do general. Vide SCHMITT, Oliver, “*bucellarii, buccellarii*” in *The Encyclopedia of the Roman Army*, *op. cit.*, pp. 120-121.).

³³⁰ *Strat.*, I. 2. Maurício recomenda que os soldados com idades acima dos 40 anos possuíssem o seu próprio arco e, no tocante à indumentária dos cavaleiros, afirma que “quanto mais vistoso o soldado parecer com o seu armamento, maior confiança terá em si próprio e maior será o medo que inspirará nos seus inimigos”.

modo ávaro”³³¹. De entre as várias peças recomendadas, apenas uma é ofensiva: a lança, a qual deveria apresentar tiras de couro a meio da haste e pendões no extremo anterior³³². O equipamento defensivo era, em grande parte, delineado a partir dos modelos ávaros, algo que se manifestava através da estipulação de túnicas, ao estilo ávaro, bem como de tendas a serem utilizadas por cada *contubernium*, na medida em que estas apresentavam uma estrutura larga e grande, capaz de acomodar um maior número de tropas que as do estilo romano³³³. Em simultâneo, o equipamento defensivo recomendado para as montadas era, igualmente, inspirado pelos padrões ávaros, uma vez que, para os cavalos das primeiras linhas da formação de batalha, Maurício estipula que estes se deveriam defender com peças de proteção de ferro para a cabeça e pescoço ou, na impossibilidade de as utilizar, com proteções de peito e pescoço, à maneira dos Ávaros³³⁴. Para além da aquisição do equipamento necessário e da obtenção de servos, estes últimos deveriam ser todos registados e, no caso dos escalões inferiores, três a quatro homens deveriam agrupar-se e partilhar entre si a manutenção dos equipamentos e os serviços do servo³³⁵. Quando o exército realizasse um aquartelamento de inverno, a responsabilidade da obtenção dos equipamentos militares ficaria sob a tutoria do próprio comandante³³⁶.

De seguida, Maurício enumera os diversos oficiais do exército, em ordem descendente. A liderar o corpo militar encontra-se a figura do general, o *strategos*, seguido pelo seu tenente-general, que o autor denomina de *hypostrategos*³³⁷. Os restantes oficiais são mencionados de acordo com os corpos do exército a que pertenciam, pela mesma ordem: *merarcas*, *moirarcas*, conde (ou tribuno), *ilarcas* (e os seus subalternos, os *hecatontarcas*), *decarcas*, *pentarcas* e *tetrarcas*, cada qual responsável por um dado número de soldados. A estes oficiais juntavam-se os oficiais pessoais do comandante, nomeadamente o porta-estandarte e o escudeiro³³⁸.

³³¹ *Strat.*, I. 2.

³³² *Idem, ibidem.*

³³³ *Idem, ibidem.*

³³⁴ *Idem, ibidem.* Apesar da menção à “maneira ávara” de proteger os cavalos, o autor não especifica quais seriam as suas características. Contudo, não nos parece exagerado acreditar que as proteções das montadas fossem desconhecidas das forças imperiais nos finais do século VI, pelo que, segundo Philip Rance, a sua principal distinção residiria na conceção e não nos materiais utilizados. Cf., RANCE, P., *Tactics...*, p. 106.

³³⁵ *Strat.*, I. 2. A mesma organização deveria ser tida em conta no tocante à utilização de animais de carga.

³³⁶ *Idem, ibidem.* Sobre a forma das “regulações oficiais”, Siriano *Magister* adotou a mesma postura de Maurício em relação à distribuição do soldo e dos géneros. Cf. Siriano *Magister, Peri Strategikes*, XVI. Tradução inglesa com introdução e notas de George T. Dennis: *Three Byzantine Military Treatises*, Washington D.C., Dumbarton Oaks Papers, 1985.

³³⁷ *Strat.*, I. 3.

³³⁸ *Idem, ibidem.*

Maurício procede a uma distinção entre tropas de assalto (*koursores*) e tropas de apoio (*defensores*), relegando a função ofensiva para as primeiras, as quais deveriam carregar sobre o inimigo e perseguir aqueles que se colocassem em fuga. Por seu turno, as segundas agiriam, sobretudo, como força de apoio para as primeiras³³⁹. Por fim, o autor enumera as funções do corpo médico (*deputatoi*) e dos esquadrões de aquartelamento, sendo que a função destes últimos residia na observação dos locais mais propícios para o estabelecimento de acampamentos.

O quarto ponto abordado por Maurício, ainda no Livro I, encontra-se relacionado com a organização interna do exército³⁴⁰. A terminologia utilizada, com o seu carácter oficial, reflete os elementos culturais, tanto latinos e gregos como germânicos, do exército bizantino do século VI³⁴¹. À semelhança dos exércitos do século IV, o exército do tempo de Maurício era, ainda, comandado por *hecatontarcas* e *decarcas*, termos correspondentes aos antigos centuriões e decuriões, um sinal indicador de uma certa continuidade desde o período do Baixo Império³⁴². Contudo, no *Stratēgikón*, tais postos são sugestivos do número de homens sob o seu comando, nomeadamente, 100 e 10, respetivamente. Paralelamente, novos postos foram criados, tais como os *pentarcas* (comandantes de cinco homens) e os *tetrarcas* (ao comando dos quatro últimos homens da retaguarda)³⁴³.

Os preceitos relativos às formações clássicas do exército foram abandonados, em favor de uma nova organização e nomenclatura³⁴⁴. Ao contrário das *Taktikás* antigas, o *Stratēgikón* implementa um modelo simplificado, com o *tagma* (τάγμα), a *moira* (μοῖρα) e a *meros* (μέρος) a serem as unidades básicas do exército³⁴⁵. Assim sendo, segundo o *Stratēgikón*, a unidade militar básica do exército seria o *tagma*, composto por cerca de 300 a 400 homens, sob o comando dos condes (*comes*)/tribunos³⁴⁶. De seguida, estas unidades

³³⁹ *Idem, ibidem.*

³⁴⁰ *Strat.*, I. 4.

³⁴¹ RANCE, P., *Tactics...*, p. 230.

³⁴² *Strat.*, I. 4. Cf. TREADGOLD, Warren, *Byzantium and Its Army...*, p. 94.

³⁴³ *Idem, ibidem.*

³⁴⁴ Cf., *Ascl.*, II; *Ael.*, IX; *Sir, Strat.*, XV. Por modelo clássico entenda-se o agrupamento dos soldados na falange, através de um critério de simetria. Asclepiódoto refere que o número máximo, e mais aceitável, para uma falange, seria esta ser composta por 16 384 homens, um número passível de ser subdividido até à unidade (*Ascl.*, II).

³⁴⁵ *Strat.*, I. 4. Cf., RANCE, P., *Tactics...*, p. 229; TREADGOLD, Warren, *Byzantium and Its Army...*, p. 94. Este ponto constitui uma passagem confusa do tratado. Ao refutar os modelos dos antigos, Maurício refere-se, sobretudo, ao modo como as falanges de infantaria eram apresentadas. Contudo, no presente tratado, o alvo dos novos preceitos são as forças de cavalaria. A nosso ver, Maurício terá adaptado os modelos táticos antigos, destinados a forças diferentes, de forma a consolidar os modelos militares dos finais do séc. VI.

³⁴⁶ *Strat.*, I. 3. Ao designar pela primeira vez o *tagma*, Maurício utiliza denominações com o mesmo significado, nomeadamente os termos *bandon* (βανδόν) ou *arimos* (ἀριθμός). Em relação a este corpo militar, o autor apresenta um caso específico e distinto, o do *bandon* dos *Optimates* (um corpo militar

deveriam ser organizadas em *moiras* ou *quiliarquias*, cada uma com cerca de 2000 a 3000 homens, sob o comando dos *moirarcas*, ou dos tribunos³⁴⁷. Por sua vez, as *moiras* seriam organizadas em três *meroses* (que corresponderiam às alas esquerda e direita e ao centro do corpo do exército), sob o comando dos *merarcas* ou *stratelates*³⁴⁸. Por fim, de forma a tornar os números dos exércitos menos suscetíveis de serem identificados pelos batedores inimigos, Maurício recomenda que os *tagmata* não sejam todos iguais em número, desde que não excedam os quatrocentos³⁴⁹. Esta representação do exército bizantino difere, em larga escala, da organização em coortes, apresentada por Vegécio³⁵⁰. Ainda relativamente à organização interna do exército, o quinto capítulo do Livro I aborda os aspetos que os comandantes dos *tagmata* deveriam ter em conta, ao escolher os seus oficiais e subordinados, dando especial atenção à escolha dos arautos e dos porta-estandartes³⁵¹.

Os capítulos seguintes do Livro I do *Stratēgikón* constituem um pequeno *corpus* jurídico³⁵². Como referido anteriormente, segundo Alphonse Dain, este “pequeno código de justiça militar”³⁵³ corresponde, na verdade, a secções retiradas diretamente do Livro VII do *Codex Theodosianus*. As regulações estipuladas dirigem-se, tanto a soldados como a oficiais, bem como à descrição dos crimes e das punições adstritas³⁵⁴.

O Livro I termina com uma apresentação da ordem de marcha que o exército deveria adotar quando em território amigável e sem atividades inimigas nas imediações³⁵⁵. Através de uma série de recomendações, Maurício descreve as diferentes formações que o exército deveria assumir, consoante a proximidade do inimigo³⁵⁶. Em simultâneo, o *Stratēgikón* adverte para os diversos fatores que deveriam ser levados em conta, dependendo das diversas geografias encontradas³⁵⁷.

formado, provavelmente, durante o século III. Cf. DENNIS, George T., *Stratēgikón*..., p. 15.), o único que poderia apresentar um número de soldados superior ao estipulado. No tocante ao papel do tribuno, este difere bastante daquele que Vegécio lhe atribui, ou seja, o de comandante de todo o exército (Veg., II. 7.).

³⁴⁷ *Strat.*, I. 4.

³⁴⁸ *Idem, ibidem.*

³⁴⁹ *Strat.*, I. 4.

³⁵⁰ Veg., II. 6.

³⁵¹ *Strat.*, I. 5.

³⁵² *Strat.*, I, 6-8.

³⁵³ DAIN, Alphonse, *Stratēgistes*..., p. 345.

³⁵⁴ *Idem, ibidem.*

³⁵⁵ *Strat.*, I. 9.

³⁵⁶ *Strat.*, I. 9. Maurício considera que obrigar as tropas a marchar em formação seria o melhor método, na medida em que, perante a iminência de um ataque inimigo (no *Stratēgikón* é referida uma distância de seis a dez dias), seria mais difícil para os seus batedores aperceberem-se do tamanho real das hostes bizantinas.

³⁵⁷ *Idem, ibidem.* As recomendações proferidas no *Stratēgikón* (cuidados a ter ao atravessar regiões montanhosas, florestas densas, rios ou de zonas pantanosas) encontram paralelo nos trabalhos de Onasandro

Maurício alerta, ainda, para o cuidado a ter, pelos oficiais, no sentido de impedir qualquer pilhagem ou saque em território amigável. Para tal, tinham por missão evitar que o exército marchasse sobre os campos agrícolas. Caso o exército em marcha seja de tamanho reduzido, o *Stratēgikón* aconselha que evite marchar por locais habitados, quer amigáveis, quer hostis, para não ser espiado pelas forças inimigas³⁵⁸.

2.5.2. Livro II: Formação de combate da cavalaria

O Livro II do *Stratēgikón* foca-se, sobretudo, na formação que as tropas montadas deveriam adotar na eventualidade da batalha. Para o efeito, Maurício descreve, de forma detalhada, a importância da organização do exército em duas linhas de combate (à semelhança dos Ávaros e dos Turcos)³⁵⁹, bem como a posição que cada componente deveria ocupar. Ao mesmo tempo, o autor expõe o modo como o exército inimigo deveria ser flanqueado, principalmente através de emboscadas, executadas durante a própria batalha. Os últimos capítulos do presente Livro correspondem, grosso modo, a aspetos práticos, relacionados com as funções de corpos militares auxiliares, tais como os *deputatoi* e espiões. Existe neles, igualmente, espaço para uma abordagem relativa à apresentação das tropas no campo de batalha, atentando a preceitos que deveriam ser observados, de forma a facilitar as ações das tropas.

Ao apresentar as desvantagens de um exército de tropas montadas composto apenas por uma única linha de combate, Maurício considera que esta seria a atitude própria de um “general inexperiente e absolutamente descuidado”³⁶⁰. Para o efeito, o autor elenca as diversas desvantagens que tal formação apresenta, nomeadamente a sua difícil gestão e (quase) total dependência das condições geográficas do campo de batalha³⁶¹. Ao apresentar

(Ona., VII; X, 2.). Também Vegécio estabelece qual a ordem de marcha a adotar e os cuidados a ter quando o exército se movimentava, mas com o inimigo nas proximidades (Veg., III. 6, 7.).

³⁵⁸ *Strat.*, I 9.

³⁵⁹ *Strat.*, II. 1.

³⁶⁰ *Idem, Ibidem*. Apesar de o principal ponto de enfoque de Maurício corresponder à cavalaria, nas grandes batalhas a infantaria ainda se encontraria presente e, muito possivelmente, em maior número. Vide SIDNELL, Philip, *Warhorse. Cavalry in Ancient Warfare*, Londres, Hambledon Continuum, 2006, p. 300.

³⁶¹ *Idem, Ibidem*. Ao descrever as desvantagens que a formação numa única linha de combate apresentava, Maurício enfatiza os perigos que tal formação constituiria para um exército montado: na eventualidade de o exército ser numericamente vasto, isso implicaria que parte das tropas fosse colocada em terreno desfavorável, o que impediria a sua coordenação com as secções do exército. Paralelamente, ao expandir o exército numa única e vasta linha de combate, seria impossível prestar atenção a todos os pontos do conflito, o que poderia incentivar à deserção de homens ou, no caso de perseguição ao inimigo, na eventualidade de este se virar e voltar a combater (tática utilizada, segundo Maurício, pelos Citas), não existiria nenhuma força de apoio à retaguarda. Segundo Maurício, a única vantagem que tal formação apresentava era a da aparência,

uma formação em duas linhas, Maurício advoga que, deste modo, as atividades da linha da vanguarda seriam mais seguras e confiantes, uma vez que a linha de retaguarda agiria como apoio, na eventualidade do enfraquecimento da primeira³⁶². De forma a concluir pela necessidade de formar um exército em duas linhas, o autor expõe que, ao dividir o exército desta forma, não estaria a enfraquecer a sua capacidade ofensiva mas, simplesmente, a modificar a sua disposição e a aumentar, através da estratégia, o seu poder³⁶³.

No tocante à disposição das tropas nas linhas de combate, Maurício adverte para a importância de as dispor em divisões com dimensões diferentes³⁶⁴. De acordo com o *Stratēgikón*, esta divisão assenta no pressuposto de que todo o exército seria composto por tropas montadas e, como tal, aconselha uma formação com três linhas de combate: a primeira (*promachos*), dividida em três *meroses* (esquerda, centro e direita), cada qual subdividida em três *moiras*, com o *hypostrategos* a liderar a *meros* central³⁶⁵. Em relação às forças que compunham as diversas secções, o autor recomenda que a proporção entre *koursores* e *defensores* seja de um para dois, dando preferência a um maior número de cavaleiros munidos de arco e flecha, colocados em ambos os flancos³⁶⁶.

Maurício dedica igualmente atenção à situação das tropas dispostas nos flancos³⁶⁷. A principal diferença estabelecida reside no papel ofensivo destinado às tropas do flanco direito (“tropas flanqueantes”) e na função a cargo do flanco esquerdo (“guarda-flancos”)³⁶⁸. No caso dos últimos, compostos por dois ou três *banda*, competir-lhes-ia, principalmente, evitar quaisquer manobras de envolvimento por parte do inimigo. Por outro lado, as “tropas flanqueantes, compostas por soldados montados e munidos de arco e flecha, teriam como objetivo o controlo da movimentação das linhas inimigas”³⁶⁹. Tal disposição de tropas (com o flanco direito a deter um papel ofensivo por oposição ao papel defensivo do flanco esquerdo) demonstra uma prática recorrente, pautada nos antigos

na medida em que, ao ser composta uma única linha, o exército pareceria consideravelmente mais vasto, algo que poderia incutir medo nos adversários.

³⁶² *Idem, ibidem*. A existência de uma segunda linha de apoio permitiria evitar quaisquer manobras de envolvimento por parte do inimigo, bem como, na eventualidade de a primeira linha ser derrotada e posta em fuga, a linha de apoio ofereceria a proteção necessária para que os soldados em fuga se pudessem reorganizar e voltar à batalha.

³⁶³ *Idem, ibidem*.

³⁶⁴ *Strat.*, II. 2.

³⁶⁵ *Idem, ibidem*.

³⁶⁶ *Strat.*, II. 3. Cf. CASCARINO, Giuseppe, *op. cit.*, pp. 10-12.

³⁶⁷ *Strat.*, II. 4.

³⁶⁸ *Idem, ibidem*.

³⁶⁹ *Idem, ibidem*. Cf., RANCE, P., *Tactics...*, p. 240. Semelhante preceito encontra-se estipulado por Arriano, com a substituição do arco e da flecha por dardos (Arr., *Ars Tact.*, XXXVI.).

tratados militares³⁷⁰. A eficiência desta disposição de tropas ficou atestada quando, em 586, na Batalha de Solacão, a ala direita do exército de Filípico conseguiu desbaratar a ala esquerda persa³⁷¹.

Para além das funções a serem desempenhadas pelos flancos, Maurício aborda também a possibilidade da realização de emboscadas à retaguarda do exército, ou aos seus próprios flancos³⁷². De forma a proceder a tais manobras, é estipulada a colocação de três a quatro *banda* adicionais em ambos os flancos. Para além de evitarem que o inimigo conseguisse atacar o flanco esquerdo, os mesmo *banda* poderiam atacar a ala direita do inimigo, não através de ataques frontais, mas sim de ataques sincronizados com as restantes divisões do exército, fazendo uso do elemento surpresa³⁷³. Em tom de conclusão, Maurício enumera os diferentes corpos do exército, o qual seria constituído por *defensores*, *koursores*, “guarda-flancos” e “flanqueantes”, forças de emboscada e de apoio, e guardas da retaguarda.

No que às linhas de combate concerne, Maurício estipula também o número de fileiras por que elas deveriam ser constituídas, estabelecendo um contraste com os princípios encontrados em tratados militares anteriores³⁷⁴. Para o autor, a profundidade das fileiras deveria ser proporcional às capacidades de combate dos soldados que as integravam³⁷⁵. Ao cortar com o antigo preceito que estabelecia uma profundidade de quatro fileiras³⁷⁶, Maurício advoga que a profundidade de cada linha de combate seja adequada às diferentes unidades que a compõem, com cerca de oito a dez fileiras por cada *tagma*³⁷⁷. No tocante a tropas estrangeiras, estas deveriam ser organizadas de acordo com

³⁷⁰ Cf., Ascl. X; Ael., XXV. De acordo com os autores mencionados (que compararam os movimentos do exército aos do corpo humano) o braço esquerdo de cada soldado deveria segurar o escudo, por oposição ao braço direito, o qual ergueria o equipamento ofensivo. Vegécio também recorre a um esquema semelhante, na medida em que, ao descrever a disposição de combate das legiões romanas, coloca a primeira coorte (com o dobro de homens, em relação às restantes) no flanco direito da linha de combate (Veg., II. 15.).

³⁷¹ Th. Sim., II. 4, 1. Vide Anexos, IV. 6.

³⁷² Strat., II. 5.

³⁷³ *Idem, ibidem*. Onasandro adverte, igualmente, para a possibilidade de envolvimento do exército pelas forças inimigas. De forma a evitar tal manobra, o mesmo autor defende um fortalecimento dos flancos, bem como da retaguarda (Ona., XXI.).

³⁷⁴ Strat., II. 6.

³⁷⁵ Cf. RANCE, P., *Tactics...*, p. 232.

³⁷⁶ Strat., II. 6; Cf., Ascl., VII.

³⁷⁷ *Idem, ibidem*. Maurício apresenta uma distinção de unidades, nas quais se encontram tropas *foederati*, *vexillationes* e *illyriciani* (tropas oriundas das províncias da Ásia Menor e do Médio Oriente. Vide DENNIS, George T., *Stratēgikón...*, p. 28.) e *optimates*. No caso dos últimos, o *tagma* não poderia exceder as cinco fileiras, seguidas por outras duas, compostas pelos seus escudeiros.

os seus próprios costumes. Após a organização da primeira linha de combate, os restantes soldados seriam colocados na linha de apoio³⁷⁸.

Os pontos seguintes do Livro II relacionam-se com aspetos técnicos da formação dos *tagmata*. Daqui salientamos a indicação de que os mesmos deveriam ser compostos por homens de idades e experiência diferentes, de forma a que não existisse uma grande disparidade entre as diversas divisões do exército³⁷⁹; destacamos igualmente as recomendações a propósito das funções dos *deputatoi*³⁸⁰. Maurício finaliza o Livro II *Stratēgikón* apresentando algumas considerações relativas à utilização de sinais sonoros durante a batalha, (considerados desnecessários pelo autor)³⁸¹; a aditar tudo isto, Maurício dá conta da necessidade da utilização de mais do que um estandarte, de forma a reforçar a coesão das tropas e dificultar a perceção do seu número pelos espiões inimigos³⁸².

2.5.3. Livro III: Formações do *tagma*

Após a identificação das principais determinações relativas ao soldado individual, e à forma como o exército deveria organizar-se (incluindo a especificação das funções de cada corpo militar), o Livro III consagra aspetos relacionados com a organização dos diversos *tagmata* e com o treino tático das tropas montadas³⁸³. Para o efeito, o autor do *Stratēgikón* recorreu a uma metodologia baseada na apresentação, através de diversos diagramas, da disposição do exército em formação de batalha (na qual se incluem os vários corpos militares), seguida da explanação do objetivo pretendido. O autor inicia a discussão do tema enfatizando a importância do discurso dos arautos e do uso dos estandartes³⁸⁴. Dentro de cada *tagma*, o estandarte configurava um elemento vital, na medida em que adquiriu uma função de guia para as diversas manobras a serem executadas pela cavalaria, quer durante os exercícios de treino, quer durante a própria batalha.

³⁷⁸ *Idem, ibidem.*

³⁷⁹ *Strat.*, II. 7.

³⁸⁰ *Strat.*, II. 9. Em relação a esta secção do exército, Maurício recomenda que apenas os homens de menor destreza no manejo das armas fossem nomeados para o corpo médico auxiliar.

³⁸¹ *Strat.*, II. 17.

³⁸² *Strat.*, II. 20.

³⁸³ RANCE, P., *Tactics...*, p. 170.

³⁸⁴ *Strat.*, III. 5. Já nos Livros anteriores o autor estabelece certos parâmetros a serem tidos em conta no tocante aos estandartes (*Strat.*, I, 5; II, 19). Entre os vários preceitos elucidados, o tratadista destaca a importância da escolha de um corpo de guarda para o estandarte, com cerca de quinze a vinte homens, escolhidos de entre os mais hábeis em cada *tagma* (*Strat.*, II. 15.). Cf., DENNIS, George T., "Byzantine Battle Flags" in *Byzantinische Forschungen*, vol. 8, 1982, p. 55.

O primeiro exercício mencionado no *Stratēgikón* consiste na realização de uma carga de cavalaria a ser executada pelos diversos *tagmata*, iniciada a partir de uma posição estacionária e terminando com a simulação da perseguição do inimigo³⁸⁵. Com tal exercício, o autor advoga que a velocidade da carga não deveria constituir o principal objetivo, mas sim a coordenação entre os *tagmata* envolvidos. Paralelamente, é destacada a homogeneização da experiência dos soldados dentro de cada *tagma*, através da realização dos mesmos exercícios³⁸⁶. De facto, no momento em que a carga atingisse os adversários e fosse necessário cerrar fileiras, deveria ser destacada a vantagem obtida pela utilização de soldados mais experimentados na defesa dos flancos³⁸⁷. Na mesma linha de pensamento, o *Stratēgikón* realça o papel dos líderes de cada fileira, uma vez que seriam estes os responsáveis por que a carga mantivesse o seu ímpeto, sem perder nenhuma da sua coesão quando o embate entre esta e as forças inimigas ocorresse³⁸⁸. Os restantes exercícios mencionados no Livro III do *Stratēgikón* abordam, sobretudo, manobras de fustigação do inimigo, ou de rotação, quer para a direita, quer para a esquerda. É importante notar que, ao longo do desenvolvimento dos diversos movimentos, o autor apresenta também os comandos militares a ser utilizados. Ao contrário do restante texto do tratado, escrito em grego, as ordens que deveriam ser proferidas apresentam-se escritas em latim³⁸⁹. Tal aspeto representa um fator de continuidade no seio dos exércitos romano-bizantinos, na medida em que, se a cultura escrita se baseava no grego, em ação era o latim a língua utilizada.

Maurício termina a explanação dos diversos exercícios e manobras considerados essenciais determinando a obrigatoriedade da sua escrita, para que cada *merarca* e *moirarca* possam ensinar os mesmos exercícios às restantes tropas. Paralelamente, a prática regular destes pelos diversos *tagmata*, quer de forma individual, quer com o conjunto do exército, nas mais variadas condições geográficas e climatéricas, é um dos aspetos enfatizados; tal como remata o autor, “ninguém sabe o que poderá acontecer”³⁹⁰.

³⁸⁵ *Idem, ibidem.*

³⁸⁶ *Idem, ibidem.* Para o efeito pretendido, cada *tagma* teria de ser capaz de agir como uma unidade coesa, bem articulada no conjunto do exército. No tocante à experiência dos soldados, o autor admite uma preferência por uma maioria de soldados veteranos, em contraste com uma fração menor de recrutas.

³⁸⁷ *Idem, ibidem.* Segundo o *Stratēgikón*, os “guarda-flancos”, pela experiência de que já eram possuidores, durante o combate seriam mais capazes de impedir a fuga de soldados que ponderassem desertar.

³⁸⁸ *Cf., RANCE, P., Tactics...*, p. 171. Durante a execução da carga, é recomendado que os soldados menos experientes sejam colocados nas fileiras centrais, pois tal tornaria mais difícil qualquer pretensão de fuga. Paralelamente, ao colocar tanto veteranos na vanguarda como na retaguarda, evitar-se-ia o risco de dispersão de tropas, mantendo, assim, a coesão desejada para o momento do impacto.

³⁸⁹ *Strat.*, III. 5. *Vide ANEXOS, VI.*

³⁹⁰ *Idem, ibidem.*

Os restantes capítulos do Livro III são constituídos pela descrição, com base em diagramas, das várias formações de batalha que o exército deveria adotar, consoante o seu tamanho³⁹¹. Contemplam, de igual modo, uma série de instruções específicas para cada unidade do exército, acerca das distâncias entre si, dos comandos militares de manobra, numa repetição de ditames já explanados nos Livros anteriores³⁹².

Um aspeto a salientar, relativo às formações de cavalaria descritas no *Stratēgikón*, prende-se com o papel dos corpos militares a que o autor denominou *drungus* (δροῦγγος)³⁹³. De acordo com o *Stratēgikón*, o termo *drungus* refere-se a um regimento (*tagma* ou *bandón*) composto por duzentos a trezentos homens, dispostos no extremo da ala direita do exército, cuja função seria a de, juntamente com as “tropas flanqueantes”, emboscar e criar o máximo de confusão possível nas fileiras inimigas³⁹⁴. À semelhança de Vegécio, que utiliza pela primeira vez este termo³⁹⁵, Maurício associa a *drungus* o significado de “batalhão”, mas com funções bastante específicas. Contudo, a diferença entre ambos reside, tanto no grau de detalhe com que apresentam estas forças, como na necessidade de especificar, da forma mais clara possível, as diversas manobras pretendidas, não obstante ambos serem vagos quanto a uma descrição mais específica³⁹⁶. Para o autor do *Stratēgikón*, era necessário que os corpos de cavalaria, altamente treinados, fossem capazes de executar manobras de emboscada com o máximo de secretismo, em campo aberto, não obstante as condições geográficas³⁹⁷. Através do *Stratēgikón*, o termo *drungus* tornou-se, portanto, no título oficial de um corpo militar específico, como resultado da evolução tática desenvolvida entre os séculos V e VI.

2.5.4. Livro IV: Emboscadas

Mau grado o tema das emboscadas ser recorrente ao longo de todo o *Stratēgikón*, o Livro IV foi dedicado, por inteiro, ao tratamento desta temática, onde a sua conceção e

³⁹¹ *Strat.*, III. 6-10. Vide MAZZUCCHI, C. M., “Le καταγραφαι dello *Strategikon* di Maurizio e lo schieramento di battaglia dell’esercito” in *Aevum*, nº 55, 1981, pp. 112-120, para uma melhor perceção dos diagramas apresentados no *Stratēgikón*. Vide Anexos, VII, 7-10.

³⁹² *Strat.*, III. 11-16.

³⁹³ *Strat.*, III. 10.

³⁹⁴ Vide RANCE, P., “*Drungus*, Δροῦγγος and Δρουγγιστί – a Gallicism and Continuity in Roman Cavalry Tactics” in *Phoenix*, nº58. 1-2. 2004, p. 107.

³⁹⁵ Veg., III. 16. Segundo Vegécio, o general deveria escolher as tropas mais apropriadas para replicar os ataques inimigos. Aqui, o termo *drungus* adquire o mesmo significado que *globi*, ambos utilizados como sinónimos para designar “formações inimigas” (Veg., III. 17).

³⁹⁶ RANCE, P., *Drungus...*, p. 107.

³⁹⁷ *Idem, ibidem.*

objetivos se tornam claros³⁹⁸. A frase de abertura do Livro demonstra, inequivocamente, o reconhecimento por parte do autor da importância de tais táticas no campo de batalha³⁹⁹. Para Maurício, a emboscada apresentava-se como uma alternativa à batalha campal contra a totalidade das forças adversárias, na medida em que, através da exploração das condições geográficas naturais (vegetação, ravinas e vales, florestas densas), o exército inimigo poderia ser facilmente atacado⁴⁰⁰. Desta forma, contra uma força numericamente superior, contingentes de cavalaria mantidos em segredo seriam capazes de atacar o inimigo pela retaguarda, semeando o pânico e a confusão na hoste adversária⁴⁰¹, especialmente contra os povos de “cabelos-claros e outros povos indisciplinados”⁴⁰². Para Maurício, a realização de tais manobras apresentava-se como uma solução menos arriscada e de maior eficácia, quando comparada com os perigos de uma batalha campal. O fator decisivo a considerar seria o da escolha do momento mais apropriado para a realização das emboscadas⁴⁰³. Contudo, o autor aborda a temática dentro do contexto de uma batalha campal, um elemento crucial nos seus esquemas táticos⁴⁰⁴. De forma a elucidar os preceitos a ter em conta para tais operações, recorre a uma série de exemplos táticos, enfatizando sempre a necessidade de um exercício constante destes movimentos.

O primeiro exemplo apresentando, designado por “emboscada cita”⁴⁰⁵, correspondia a uma tática de fuga simulada, através da qual, após o primeiro embate das linhas de combate, os soldados recuariam “em aparente fuga”, obrigando o inimigo a persegui-los. Durante a ‘fuga’, os perseguidores seriam levados a circular por um local onde previamente se haviam escondido pequenos contingentes que, após a passagem do inimigo, os atacariam pela retaguarda. Simultaneamente, os soldados que simulavam a retirada, virar-se-iam e atacariam o inimigo, o qual, apanhado entre duas forças, não teria hipótese de escapar⁴⁰⁶. Apesar dos perigos envolvidos, o recurso a “fugas simuladas” já era

³⁹⁸ Cf. RANCE, P., *Tactics...*, p. 186.

³⁹⁹ *Strat.*, IV. 1. “Emboscadas bem planeadas, são de suma importância na guerra.”.

⁴⁰⁰ *Strat.*, IV. 1.

⁴⁰¹ *Proc. Goth.*, III. 4, 19-32. Durante a batalha de Favência, em 541, cerca de trezentos soldados ostrogodos, enviados por Totila, foram capazes de se manter escondidos das forças bizantinas de Belisário e, num dos momentos mais importantes do combate, atacaram a retaguarda imperial. Paralelamente, Onasandro recomenda a preparação de tais operações, na véspera do combate (*Ona.*, XXII.).

⁴⁰² *Strat.*, IV. 1. O tratadista deve estar a referir-se a povos como Francos ou Lombardos. *Vide Strat.*, XI. 3.

⁴⁰³ *Strat.*, IV. 3.

⁴⁰⁴ RANCE, P., *Tactics...*, p. 187.

⁴⁰⁵ *Strat.*, IV. 2.

⁴⁰⁶ Esta tática é apresentada por Siriano *Magister* como o método mais eficiente de emboscar o inimigo. Contudo, as suas origens citadas não são indicadas, ao contrário do que sucede no *Stratēgikón*. Cf. *Per. Strat.*, XL; *Strat.*, IV. 2. Onasandro adverte para os cuidados a ter quando se persegue o inimigo (*Ona.*, XI.), embora

conhecido dos Romanos e, como Maurício indica no início do Livro IV, tal manobra já teria sido utilizada por antigos generais⁴⁰⁷. Após a referência à “emboscada cita”, Maurício procede à explicação de quatro tipos diferentes de “emboscadas laterais”⁴⁰⁸.

Em relação ao primeiro modelo abordado, Maurício enfatiza a necessidade da escavação de fossos, ou trincheiras, em frente a toda a linha de combate, sendo, posteriormente, cobertas por galhos e terra, de forma a enganar o inimigo⁴⁰⁹. Em certos pontos da trincheira seriam criadas passagens, de base sólida, por onde o adversário deveria ser conduzido no momento apropriado. Após a sua passagem, as tropas escondidas nos flancos avançariam contra ele. Este, então em fuga e no meio da confusão, teria nos pontos ocultos do fosso um obstáculo à sua retirada⁴¹⁰. Como forma de ilustrar tal estratégia, Maurício recorre ao exemplo da “batalha da Trincheira”, em 484, onde o rei sassânida Perozes foi derrotado e morto pelos Eftalitas⁴¹¹.

Contudo, tal tipo de emboscada requeria bastante tempo de preparação. Como alternativa, Maurício apresenta um modelo semelhante, desta feita com recurso a terrenos pantanosos, caso seja possível⁴¹². À semelhança do modelo anterior, o autor fornece, uma vez mais, um exemplo prático da sua aplicação, ao relembrar a derrota sofrida pelo imperador Décio, em 251⁴¹³. Um exemplo contemporâneo da aplicação de tal tática ocorreu em 601, durante as campanhas de Prisco contra os Ávaros, nas imediações de Viminácio. Segundo Teófilo *Simocatta*, o general procurou atrair os contingentes adversários para terrenos pantanosos⁴¹⁴.

o seu conceito de “fuga simulada” seja diferente do de Maurício, estando mais próximo da ideia de evitar a batalha (Ona., XXXI.).

⁴⁰⁷ *Strat.*, IV. 1. Zósimo registou, na sua *Nova História*, o exemplo mais antigo conhecido da utilização de tal tática pelas tropas romanas, nomeadamente em 272, na batalha de Immae: Aureliano ordenou à sua cavalaria que recuasse, desgastando assim o inimigo. No momento escolhido como o mais apropriado, as tropas romanas voltaram-se e derrotaram os adversários (Zos., I. 50, 3-4.). Teófilo *Simocatta*, relativamente ao conflito entre Bizantinos e Ávaros, descreve como, em 587, as forças imperiais foram capazes de derrotar os Ávaros, nas imediações de Adrianopla, recorrendo ao estratégia da fuga simulada (Th. Sim., II. 17, 11.).

⁴⁰⁸ *Strat.*, IV. 3.

⁴⁰⁹ *Idem, ibidem.*

⁴¹⁰ *Idem, ibidem.*

⁴¹¹ *Idem, ibidem.* O episódio encontra-se narrado tanto por Procópio de Cesareia (Proc. *Pers.*, I. 4.) como por Agátias de Mirena (Agat., IV. 27, 4.).

⁴¹² *Strat.*, IV. 3.

⁴¹³ Isto é descrito por Zósimo (Zos., I. 23.) e por Jordanes (Jord., XVIII.). Ao tentar derrotar contingentes godos que, após a travessia do Danúbio, ameaçavam os territórios da Trácia, o imperador romano procurou derrotar os invasores, mas a batalha foi perdida devido à aplicação da tática descrita por Maurício.

⁴¹⁴ Th. Sim., VIII. 3, 4-7.

Uma terceira opção envolvia a utilização de trébulos⁴¹⁵. As melhores descrições destes objetos são providenciadas por Procópio, que os define como “quatro espinhos de igual tamanho, apertados na sua base de tal forma que, independentemente da sua posição, apresentam uma forma triangular”⁴¹⁶. Já Vegécio, na *Epitoma rei militaris*, referia a utilização de semelhante dispositivo⁴¹⁷. Dos diversos dispositivos a que se refere, Maurício, sem dúvida, demonstra a sua preferência pela utilização de trébulos, dado que a sua aplicação era, de todas, a mais simples e versátil, bem como a mais discreta⁴¹⁸. Na sua essência, o principal objetivo da utilização de trébulos passava por impedir o avanço das forças inimigas ou a sua fuga. Para além do dano infligido nas montadas, o recurso a semelhante dispositivo obrigaria as forças inimigas a adotarem uma posição estática, tornando-se, por consequência, mais vulneráveis ao tiro dos arqueiros⁴¹⁹.

Por fim, a quarta alternativa passava pela construção de dispositivos a que o autor se refere como “quebra-cavalos”⁴²⁰: pequenos buracos escavados no chão, com cerca de “trinta centímetros de diâmetro e noventa centímetros de profundidade, contendo, no seu interior, estacas de madeira”⁴²¹. Estes dispositivos deveriam ser escavados, ao longo de toda a linha da frente do exército, em intervalos irregulares⁴²².

De seguida, o autor procede à ênfatização da escolha do momento certo e da sincronização de movimentos entre o corpo principal do exército e as forças de emboscada⁴²³. A importância da coordenação entre os vários corpos do exército é realçada através da utilização de sinais. No caso do exército adversário ser numericamente superior, Maurício aconselha a realização de emboscadas em ambos os flancos, de forma a desestabilizar a coesão das linhas inimigas. Contudo, segundo Maurício, o ponto essencial

⁴¹⁵ *Strat.*, IV, 3. Do grego τρέβουλοι.

⁴¹⁶ Proc. *Goth.*, III, 24, 15-18.

⁴¹⁷ Veg., III, 24. “O trébulos é um meio de defesa com quatro espiões cravados e que, como quer que seja lançado, fica espetado no chão em três das pontas, com uma quarta levantada e pronta para causar dano”.

⁴¹⁸ *Strat.*, IV, 3. Segundo Maurício, os trébulos podiam, simplesmente, ser espalhados pelo futuro campo de batalha, ligados por uma corda, de forma a serem mais facilmente recuperados e guardados.

⁴¹⁹ Cf. RANCE, P., *Tactics...*, p. 193.

⁴²⁰ *Strat.*, IV, 3. Do grego ίπποκλαστοί.

⁴²¹ *Idem, Ibidem*. Este tipo de obstáculos, “quebra-cavalos”, “trous-de-loup” ou “covas-de-lobo”, foi utilizado como dispositivo anti-cavalaria durante os séculos que se seguiram.

⁴²² *Strat.*, IV, 3. Urbício, no seu *Epitedeuma* faz alusão a um dispositivo semelhante, denominado de κανών. À semelhança daquilo que Maurício expõe, o dispositivo de Urbício era constituído por uma série de vigas de madeira, cobertas por estacas, as quais deveriam ser carregadas pelas mulas de cada *decarquia*. Quando um corpo do exército fosse ameaçado por cavalaria inimiga, as vigas poderiam ser facilmente descarregadas e colocadas no terreno, à volta de cada corpo militar. Cf. Urbício, *Epitedeuma*, II-XV. Tradução inglesa, com comentários de Geoffrey Greatrex: “Urbicius’ Epitedeuma: Na Edition, Translation and Commentary”, in *Byzantinische Zeitschrift*, nº 98, Berlim, De Gruyter, 2005, pp. 35-74.

⁴²³ *Strat.*, IV, 4.

para a realização da emboscada consistiria na captura da atenção das linhas inimigas, de forma a distraí-las do ataque iminente dos contingentes escondidos, algo que deveria acontecer mesmo antes do choque entre os dois exércitos⁴²⁴.

Por fim, o último aspeto salientado prende-se com a disposição e organização das forças que ficariam responsáveis pela realização das emboscadas⁴²⁵. Para o efeito, os *drungus*, com a sua formação irregular, seriam as unidades preferenciais para a realização de tal tipo de manobras. De facto, devido à sua versatilidade e maior capacidade de ocultamento, assim como à sua capacidade de manobra em emergências, Maurício considera que deveria ser realizado um treino constante, tendo em conta o tamanho desejado para os destacamentos enviados e as condições do terreno. Dependendo do tamanho das unidades, estas poderiam ser utilizadas para operações de larga escala, com riscos minimizados ou, no caso de unidades menores, estas deveriam ser destacadas para criar situações de confusão nas tropas inimigas, para perseguir os adversários em fuga ou para dar auxílio aos contingentes aliados bem como, eventualmente, proceder a pequenos raids⁴²⁶. A última formação, de menor escala, é considerada a mais adequada à cavalaria.

2.5.5. Livro V: Carriagem

A carriagem era a secção dos corpos expedicionários militares na qual se encontravam todos os bens necessários para a manutenção dos soldados e animais, tais como víveres e forragens, materiais para a construção de engenhos de guerra, armamento, bestas de carga e onde o saque era mantido até à sua distribuição⁴²⁷. Dependendo do tamanho do exército, também as dimensões da carriagem variavam. Num exército composto maioritariamente por tropas montadas, a carriagem seria inferior à de um exército formado por forças mistas (cavalaria e infantaria).

Apesar de se tratar de um tema recorrente nos tratados militares antigos, as autoridades dedicavam-lhe um espaço reduzido, em diversas obras⁴²⁸. No *Stratēgikón*, por seu lado, Maurício destinou um Livro inteiro ao tratamento do tema, sempre do ponto de vista de um corpo militar formado, na sua maioria, por tropas montadas. No dizer do autor,

⁴²⁴ *Strat.*, IV. 4.

⁴²⁵ *Strat.*, IV. 5.

⁴²⁶ *Idem, ibidem*.

⁴²⁷ WHATELY, Conor, “Baggage Train: Late Empire” in *The Encyclopedia of the Roman Army*, coord. de Yann Le Bohec, West-Sussex, Wiley/Blackwell, 2015, p. 75.

⁴²⁸ *Vide* Veg. III, 6; Ona., VI, 6; Ael. L.

“a carriagem deve ser considerada como essencial e nunca deve ser negligenciada”⁴²⁹. Para ele, a carriagem era mais do que um simples repositório dos bens materiais necessários à sobrevivência de um exército; tratava-se de uma autêntica micro-sociedade, onde se encontravam presentes os “servos dos soldados, bem como os seus filhos e, eventualmente, outros familiares”⁴³⁰. É com base neste pressuposto que Maurício dedica ao assunto uma atenção mais pormenorizada do que os escritores antigos.

O quinto Livro do *Stratēgikón* encontra-se subdividido em cinco secções, cada uma relacionada com os aspetos mais importantes a ter em conta pelo general. A primeira secção lida com a composição da carriagem e a quantidade de indivíduos que deviam acompanhá-la⁴³¹. Aborda igualmente os cuidados a ter perante a iminência de uma batalha, assim como as ações que deveriam ser praticadas em relação aos servidores dos cavaleiros e às forças de infantaria presentes⁴³². No tocante a estas últimas, deveriam juntar-se às forças destacadas para a guarda da carriagem.

A segunda secção especifica os cuidados a ter em relação aos cavalos de reserva. Independentemente do desfecho da batalha, Maurício acentua a importância de evitar levar os cavalos de reserva para as imediações da batalha, dado que os animais podiam entrar em pânico com a confusão do combate e, no meio de tantos indivíduos, seria impossível cada soldado reconhecer a sua montada⁴³³. O autor salienta também a necessidade de manter cavalos de reserva em boa saúde e aptos para servirem em missões de reconhecimento ou pequenos raides⁴³⁴. No que respeita ao número de cavalos de reserva, John Haldon estima que, para o período final do século VI, este quantitativo rondasse apenas os 6%, em relação

⁴²⁹ *Strat.* V. 1.

⁴³⁰ *Strat.*, V. 1. Maurício realça a importância de, sobre estes, recair uma especial proteção, na medida em que, não estando a sua segurança assegurada, os soldados poderiam tornar-se “distráidos, hesitantes e distantes do combate”. (Exemplo da batalha de Poitiers em 732. A insegurança do saque foi uma das causas para a retirada muçulmana e a subsequente morte do seu líder, Abd Al Rahman Al-Gafiqi, o que colocou o exército em debandada.).

⁴³¹ O número de servidores de cada soldado deveria ser proporcional ao seu posto na hierarquia militar. Desta forma, segundo o autor, seriam reduzidos os riscos de confusão entre os homens, bem como poderiam ser evitados os gastos considerados desnecessários (*Strat.*, V.).

⁴³² É importante não esquecer o facto de, em grande parte, o *Stratēgikón* ter sido redigido para exércitos compostos sobretudo por tropas montadas. Em relação a operações nas quais a infantaria era incluída, os seus preceitos encontram-se descritos no Livro XII do *Stratēgikón*, o qual abordaremos mais à frente.

⁴³³ *Strat.*, V. 2. Esta disposição encontra paralelo na obra de Vegécio, na qual o autor, ao referir-se aos escritores antigos, alerta para as precauções a ter com o intuito de evitar situações de confusão entre os soldados e os seus servidores (Veg., III. 6.).

⁴³⁴ *Strat.*, V. 2.

ao número total de montadas do exército de campo⁴³⁵. Assim, num corpo militar constituído por cerca de 15 000 cavaleiros (o máximo mencionado no *Stratēgikón*⁴³⁶), o número de montadas de reserva seria, aproximadamente, de apenas 900, uma cifra que cobria uma fração deveras reduzida de indivíduos.

No caso de a batalha parecer iminente, Maurício adverte para a importância de manter uma distância segura entre o local de combate e a carriagem, de cerca de 40 a 50 quilómetros⁴³⁷ num local onde a água e o pasto fossem abundantes⁴³⁸. De forma a dar conhecimento do desenvolvimento da batalha, Maurício determina que “alguns homens bons, por todos conhecidos”⁴³⁹, sejam nomeados para servir de mensageiros entre os comandantes do exército e os guardas da carriagem. No caso de serem necessários mais efetivos nas linhas da frente, estes deveriam deslocar-se, levando consigo os cavalos de reserva, bem como mantimentos e forragens, e alguma proteção contra as intempéries⁴⁴⁰.

A quarta secção do Livro dedicado à carriagem debruça-se essencialmente sobre a necessidade de os soldados manterem consigo mantimentos⁴⁴¹ (farinha para cozer pão ou biscoito, caso o inimigo seja uma força cita⁴⁴²) e sobre a importância da construção de acampamentos ao longo da marcha⁴⁴³. Ao determinar que cada batalhão, antes de se dirigir para o campo de batalha, guarde no campo mantimentos e forragens em quantidade suficiente para um dia de abastecimento, Maurício leva em conta a possibilidade de um cenário de derrota e, perante tal situação, os soldados que recuassem, encontrariam no acampamento recursos para se refazerem do combate, evitando assim a necessidade de se

⁴³⁵ HALDON, John, *Warfare...*, p. 142. Segundo o mesmo autor, a razão para que tal número de reservas fosse tão restrito residia nos elevados custos que a obtenção de cavalos acarretava, custos estes que o Estado não poderia suportar na sua totalidade.

⁴³⁶ *Strat.*, III. 8.

⁴³⁷ Não esquecer que o principal objetivo do autor foi o de redigir uma obra destinada ao tratamento de um exército composto por tropas montadas, cuja celeridade e capacidade de movimentação eram superiores às de exércitos compostos por tropas de infantaria.

⁴³⁸ *Strat.*, V. 3. À semelhança de Maurício, Vegécio aconselha a que uma distância de segurança seja mantida entre o campo de batalha e a carriagem (Veg., III. 6.).

⁴³⁹ *Strat.*, V. 3.

⁴⁴⁰ *Strat.*, V. 4.

⁴⁴¹ Tal disposição encontra paralelo em Frontino, *Estrategemas*, IV. 1, 7. Tradução inglesa de Charles E. Bennet: *Frontinus. The Stratagems and The Aqueducts of Rome*, Londres, William Heinemann, 1925 (doravante citada por “Front.”). Sobre a ração individual dos soldados na legião romana, vide ROTH, Jonathan P., *The Logistics of the Roman Army at War, 264 BC – A.D. 235*, Boston, Brill, 1999, p. 68.

⁴⁴² *Strat.* V. 4. A referência aos Citas remete-nos diretamente para o Livro XI, onde são estipulados os cuidados a ter contra as suas táticas de combate (*Strat.*, XI. 2).

⁴⁴³ *Strat.* V. 4. Nesta passagem, as disposições apresentadas por Maurício fazem eco das palavras de Onasandro, relacionadas com a construção de campos em território inimigo (Ona., VIII.). A própria semelhança textual entre ambos os tratados é sugestiva da influência de Onasandro em Maurício.

exporem ao procurarem mantimentos no exterior⁴⁴⁴. Perante um cenário no qual o exército seja obrigado a movimentar-se, impossibilitado de levar consigo os mantimentos, o *Stratēgikón* estipula veementemente que estes fossem queimados⁴⁴⁵.

Por fim, é referida no *Stratēgikón* a posição que deveria ser ocupada pela carriagem durante a marcha do exército. Esta questão, repetida em quase todos os tratados militares antigos⁴⁴⁶, é abordada por Maurício, ao especificar que o local mais seguro para o seu posicionamento é o “meio da coluna de marcha, de forma a evitar qualquer tipo de assédio, por falta de proteção”⁴⁴⁷. A disposição adotada no *Stratēgikón* assemelha-se, em grande parte, àquelas sugeridas por Onasandro e Vegécio⁴⁴⁸, ou seja, estacionar a carriagem a meio da coluna de marcha, na medida em que ambos defendem ser este o ponto mais seguro, ao contrário dos restantes autores antigos⁴⁴⁹. Por fim, o autor adverte para a necessidade de haver uma certa distância entre os soldados, de forma a evitar confusões entre os diversos destacamentos e, durante a marcha, a carriagem deveria seguir atrás da sua própria *meros*⁴⁵⁰.

2.5.6. Livro VI: Várias táticas e exercícios

O treino dos cavaleiros é retomado no Livro VI, não obstante uma abordagem diferente daquela apresentada no Livro III. Apesar de lembrar ao leitor que os exercícios previamente descritos⁴⁵¹ “seriam suficientes e facilmente adaptáveis, devido à sua simplicidade”⁴⁵², Maurício enfatiza a importância do treino constante dos cavaleiros⁴⁵³ e, “se houver oportunidade para exercícios mais sofisticados, cada *meros* deverá,

⁴⁴⁴ *Strat.*, V. 4.

⁴⁴⁵ *Strat.*, V. 5.

⁴⁴⁶ Cf., Veg., III. 6; Ael., L; Ona., VI. 6; Aesc., XI. 8; Arriano, *Ordem de Marcha e Batalha contra os Alanos*, 8. Tradução inglesa de Catherine M. Gilliver: *The Roman Art of War*, Gloucestershire, Tempus, 1999 (doravante, esta obra será referenciada por “Arr., Ekt.”).

⁴⁴⁷ *Strat.*, V. 5.

⁴⁴⁸ Ona., VI. 6; Veg., III. 6.

⁴⁴⁹ Tanto Asclépiodoto como Eliano defendem cinco possíveis procedimentos para o posicionamento da carriagem, na ordem de marcha (Aesc. XI. 8; Ael., L.).

⁴⁵⁰ *Strat.*, V. 5. De forma a facilitar o progresso da marcha, os soldados pertencentes à *meros* da carriagem deveriam acompanhar o resto do exército, livres de quaisquer pesos.

⁴⁵¹ Vide *Strat.*, III. 5-16.

⁴⁵² *Strat.*, VI.

⁴⁵³ A prática diária das armas constitui um tema recorrente na tratadística greco-romana. Vegécio salienta o facto de, entre vários fatores, ter sido devido a uma prática diária que os Romanos derrotaram os seus inimigos (Veg., III. 6.). Por seu lado, Onasandro dedica um capítulo completo à necessidade de exercitar os soldados de forma constante e regular (Ona., X.).

individualmente, praticar várias formações e exercícios”⁴⁵⁴. Em relação a estes “exercícios mais sofisticados”, são enumerados quatro tipos, distintos entre si: o “Cita”, o “Alano”, o “Africano”, e o “Italiano”⁴⁵⁵. Dos quatro mencionados, apenas o último é tido como “prático” (*χρειώδης*)⁴⁵⁶.

O primeiro exercício, o “Cita”, corresponde grosso modo à descrição de uma única linha de combate, dividida em duas *moiras*, não havendo a distinção entre *cursores* e *defensores*⁴⁵⁷. Cada flanco avançaria em direção ao outro, executando desta feita uma manobra de envolvimento e rodeando um espaço aberto. Ao continuar o movimento circundante, ambos avançariam em sentidos opostos, com o flanco esquerdo a manobrar por dentro da ala direita, de forma a posicionarem-se em secções opostas na linha de combate⁴⁵⁸.

De forma semelhante na sua execução, os exercícios seguintes – o “Alano”⁴⁵⁹ e o “Africano”⁴⁶⁰ – apresentam elementos obsoletos, onde a função dos *cursores* e *defensores* exhibe algumas variações em relação ao primeiro exercício mencionado. O principal objetivo destes dois exercícios seria a perseguição do inimigo, prevendo situações nas quais este abandonaria a fuga para combater os seus perseguidores. Em relação ao modelo “Alano”, este correspondia, em grande medida, às especificações de Arriano na sua *Ordem de Marcha contra os Alanos*⁴⁶¹, não obstante a diferença de nomenclatura das tropas envolvidas; para Maurício, estas dividem-se apenas em *cursores* e *defensores*⁴⁶².

⁴⁵⁴ *Strat.*, VI. Com o emprego do termo “oportunidade”, o autor estaria a referir-se, indubitavelmente, a períodos de paz. Cf. RANCE, P., *Tactics...*, p. 174. Esta “necessidade de exercitar o exército em tempo de paz” encontra paralelo no *Strategicus* de Onasandro, onde, ao enumerar as virtudes de um bom general, o autor enumera as diversas movimentações a praticar. (Ona. X.).

⁴⁵⁵ *Strat.*, VI.

⁴⁵⁶ *Strat.*, VI. Os restantes três são classificados como “artificiais” (*οχηματική*), na medida em que servem uma função adicional de aquisição de competências, mas são essenciais ao treino. Leão VI, o *Sábio*, na *Taktiká*, descreve os mesmos exercícios suprimindo, contudo, as tipologias de Maurício. Vide Leão V, *Taktiká*, XVIII. 6-9. Tradução inglesa com introdução e notas de George T. Dennis: *The Taktika of Leo VI*, Washington, Dumbarton Oaks, 2010 (doravante citada por “Leo. *Takt.*”).

⁴⁵⁷ *Strat.*, VI. 1. Ao descrever o exercício, Maurício indica que seria este o modo como as movimentações eram realizadas em tempos recuados. Contudo, ao descrever o exercício que dotava as tropas com técnicas de envolvimento e de flanqueamento, Maurício usa um tom depreciativo. Cf. RANCE, P., *Tactics...*, p. 175.

⁴⁵⁸ Maurício explica que tal exercício era aplicado em treinos, nos quartelamentos de inverno, durante o mês de março. Cf. DENNIS, George T., *Strategikon...*, pp. 61-62. Dennis cita uma passagem da *Vida de Santo Anastácio, o Persa*, na qual se explicita que “durante o mês de março, era tradição os soldados equiparem os seus cavalos e levarem-nos para campo aberto e exercitarem-se, como forma de treino para o combate”.

⁴⁵⁹ *Strat.*, VI. 2.

⁴⁶⁰ *Strat.*, VI. 3.

⁴⁶¹ Arr., *Ekt.*, 27-29. Vide Anexos, XI.

⁴⁶² Enquanto Arriano, ao descrever a ordem de batalha, enumera as diferentes secções do exército utilizando a nomenclatura contemporânea (nomeadamente indicando a sua origem geográfica e a tipologia de armamento ofensivo utilizado), Maurício utiliza uma nomenclatura simplificada, diferenciando apenas entre as tropas de assalto (*cursores*) e as tropas defensivas (*defensores*). Cf. *Strat.*, VI. 2, 3; Arr., *Ekt.*, 27-29.

Em relação aos exercícios supramencionados, mau grado o tom depreciativo com que Maurício os introduz, a sua função parece-nos clara: cada movimentação referida seria capaz de testar as capacidades de coordenação e de cooperação dos cavaleiros e, em simultâneo, permitiria exercitar diferentes aspetos do sistema tático, considerado como o mais ajustado ao combate coevo⁴⁶³.

Por fim, as duas últimas secções do Livro VI referem-se, sobretudo, à realização do exercício tido como “prático”, o “Italiano”⁴⁶⁴, e a preceitos dirigidos ao treino das tropas que executariam as manobras de flanqueamento e àquelas que seriam destacadas para a proteção das alas⁴⁶⁵. No tocante ao exercício “Italiano”, o autor considerava-o como “o mais apto para combater qualquer povo”⁴⁶⁶. Na verdade, a descrição aqui apresentada correspondia à disposição de batalha do exército romano, que se encontra contemplada – e ilustrada através de diagramas – no Livro III do tratado, como o autor bem refere⁴⁶⁷.

Em tom de cautela, Maurício adverte para a necessidade de se praticarem os diversos exercícios mencionados, para que o inimigo não consiga descobrir qual o tido como mais importante⁴⁶⁸. Para evitar tal situação, é sugerido que, enquanto a linha da frente estivesse a praticar os exercícios, a linha da retaguarda e as tropas dos flancos recuassem do campo de treinos. Contudo, para que as tropas em exercício pudessem acostumar-se às distâncias a percorrer, Maurício recomenda que alguns soldados permaneçam no exercício, para servirem de pontos de referência⁴⁶⁹.

2.5.7. Livro VII: Estratégia. Os pontos que o general deve considerar

O livro VII do *Stratēgikón* refere-se aos diversos aspetos que o general deveria considerar, na iminência de uma batalha. Para o efeito, Maurício optou por uma divisão de preceitos⁴⁷⁰ entre aqueles que deveriam ser tidos em conta na véspera do conflito⁴⁷¹ e os que se relacionavam com as ocorrências no dia da batalha⁴⁷².

⁴⁶³ Cf., RANCE, P., *Tactics...*, p. 175.

⁴⁶⁴ *Strat.*, VI. 4.

⁴⁶⁵ *Strat.*, VI. 5.

⁴⁶⁶ *Strat.*, VI. 4.

⁴⁶⁷ *Vide Anexos*, I. 1-10.

⁴⁶⁸ *Strat.*, VI. 4.

⁴⁶⁹ *Strat.*, VI. 4.

⁴⁷⁰ Alphonse Dain defende que tal divisão ficou a dever-se a uma reestruturação prévia do capítulo, anterior à redação final do *Stratēgikón*. No seguimento dessa ideia, Dain utiliza como argumento a repetição de preceitos já descritos em Livros anteriores. DAIN, A., *Stratēgistes...*, p. 345.

⁴⁷¹ *Strat.*, VII. A.

⁴⁷² *Strat.*, VII. B.

No primeiro caso (vésperas da batalha), Maurício apresenta um breve preâmbulo, em são identificadas algumas das características de que o *strategos* deveria ser possuidor⁴⁷³. A frase com a qual o autor inicia o seu discurso identifica o comandante do exército com um timoneiro de um navio⁴⁷⁴, no sentido em que, tal como um navio precisa de um timoneiro para navegar os mares, também o general necessita da tática e da estratégia para ganhar a guerra. Na mesma passagem, Maurício salienta a importância destes dois aspetos, em detrimento da mobilização de forças numericamente mais vastas.

De um modo geral, o preâmbulo que figura no Livro VII traduz-se numa série de diretrizes nas quais o general deveria atentar, de forma a poder alcançar o resultado mais favorável possível. Para tal, o autor considera vários cenários, explicitando os processos a desenvolver para resolvê-los, tais como medidas a ter em conta em relação aos corpos mais fracos do exército, que atitudes se devem ter perante as estratégias do inimigo, independentemente da sua origem, entre outros⁴⁷⁵. Após esta enumeração, Maurício remata comparando a guerra a um exercício de caça e considerando que, da mesma forma que o caçador estuda a sua presa e monta armadilhas, também o general deve recorrer a estratégias para derrotar o inimigo, em vez de apelar à força bruta⁴⁷⁶.

Quanto a preceitos a ter em conta nas vésperas da batalha, Maurício adverte para a necessidade de abençoar os estandartes de cada *tagma*⁴⁷⁷, os quais deveriam de imediato ser organizados em esquadrões pelo seu comandante⁴⁷⁸. De forma a encorajar as suas tropas, deveriam ser evocadas as suas glórias passadas e a promessa de novas recompensas⁴⁷⁹. Esta mesma preocupação com o moral do exército norteia também os procedimentos a adotar perante a captura de espiões inimigos ou de desertores. Para o efeito, o autor declara que, dependendo das condições físicas e psicológicas em que os cativos se encontrassem, estes deveriam ser ocultados dos soldados (caso se apresentassem bem armados e em boas condições físicas) ou, na eventualidade de se apresentarem com “aspeto miserável”, deveriam ser expostos perante o exército a fim de consolidar a ideia de

⁴⁷³ *Strat.*, VII. *Prf.*

⁴⁷⁴ Tal expressão parece fazer eco das palavras de Onasandro, quando este se refere às qualidades inerentes de um general (Ona. XXXII.). A mesma expressão é aplicada por Leão VI, na sua *Taktiká* (Tact. II. 24.).

⁴⁷⁵ *Strat.*, VII. *Prf.*

⁴⁷⁶ *Idem, ibidem.* A ideia de pensar a guerra como uma ação semelhante ao ato de caçar encontra-se desenvolvida no Livro XII do *Stratēgikón*, uma temática que desenvolveremos mais à frente.

⁴⁷⁷ *Strat.*, VII. A, 1. Dennis salienta a importância de tal ação, na medida em que a sua não observância seria considerada sacrílega e potenciaria a sua captura pelas forças inimigas. *Cf.*, DENNIS, George T., *Byzantine Battle Flags...*, p. 55.

⁴⁷⁸ *Strat.*, VII. A, 2.

⁴⁷⁹ *Strat.*, VII. A, 4.

que as hostes inimigas aparentavam o mesmo estado⁴⁸⁰. Um outro aspeto relevante prende-se com a proibição imposta aos soldados de tomarem equipamento dos inimigos caídos, enquanto a batalha prosseguisse, como forma de evitar distrações durante a refrega⁴⁸¹.

Na segunda metade do Livro VII, são-nos apresentados os cuidados que o general deveria ter, no dia da própria batalha. Entre os princípios enunciados, o cuidado de evitar que o inimigo conseguisse recolher informações sobre o exército recebeu especial destaque⁴⁸². Para evitar que o adversário se apercebesse da real dimensão do exército, ou da disposição das linhas de combate, Maurício aconselhava a que “um ou dois batalhões fossem enviados à frente do corpo principal, de forma a evitar que o inimigo pudesse observar as movimentações e modificar a sua estratégia”⁴⁸³.

Embora a segunda secção do Livro VII seja dedicada a ações a ter em conta nos momentos que antecedem o conflito, Maurício indica, também, quais os procedimentos a realizar, tanto na eventualidade da derrota, como da vitória⁴⁸⁴. No que à primeira situação diz respeito, o autor adverte para que se evite enviar para o campo de batalha as mesmas tropas, durante os dias seguintes. O recurso a estratagemas, ataques-surpresa e a embustes era recomendando, de forma a evitar que o inimigo aproveitasse a vantagem conferida pela vitória e, simultaneamente, de modo a elevar o moral dos soldados derrotados⁴⁸⁵. Após a derrota, e caso o auxílio de reforços não fosse esperado, Maurício recomendava que fossem realizadas negociações com o inimigo, através das quais poderia ser efetuada a entrega de reféns ou a prestação de juramentos⁴⁸⁶. Com vista à recuperação anímica dos soldados, Maurício chama a atenção para a necessidade da sua exortação, através do envio dos comandantes dos *tágmata*, bem como *decarcas* e *pentarcas*, e de incentivos ao combate, como forma de compensar o malogro sofrido⁴⁸⁷. Por fim, na possibilidade de

⁴⁸⁰ *Strat.*, VII. A, VII. 5. Semelhante tratamento, quer para prisioneiros capturados, quer para desertores, já era recomendado por Onasandro (Ona., X. XIV.). Paralelamente, em 363, Juliano, no decorrer da sua campanha contra a Pérsia, adotou o mesmo procedimento, de forma a exaltar as suas tropas. Exibiu um grupo de prisioneiros persas, escolhidos entre os que apresentavam um aspeto mais deplorável, e utilizou-os como exemplo para descrever os restantes inimigos (Amm., XXIV. 8, 1.).

⁴⁸¹ *Strat.*, VII. A, 14. O vasculhar os corpos dos caídos era uma prática dos soldados romanos. Zósimo relata tal ação quando, em 363, Juliano ordenou aos seus soldados que salvaguardassem o máximo de equipamento possível, apto para ser utilizado, após a tomada de Pírisabora (actual Anbar, Iraque). Cf. Zos., III. 18, 6.

⁴⁸² *Strat.*, VII. B, 3, 4, 8, 13, 14.

⁴⁸³ *Strat.*, VII. B, 8.

⁴⁸⁴ *Strat.*, VII. B, 11, 12.

⁴⁸⁵ *Strat.*, VII. B, 11.

⁴⁸⁶ *Strat.*, VII. B, 11.

⁴⁸⁷ *Idem, ibidem*. Este aspeto de elevar o moral dos soldados através de discursos encontra paralelo em Onasandro. O mesmo autor evidencia a possibilidade de, após uma derrota, os soldados baixarem as suas guardas e aumentarem a sua vulnerabilidade perante o inimigo (Ona., XXXVI. 2.).

poder combater o inimigo uma segunda vez, Maurício enfatiza a importância de adequar a nova estratégia em função daquela utilizada pelo inimigo na primeira vez. Este detalhe possibilitaria ao exército movimentar-se com maior segurança⁴⁸⁸.

Na eventualidade de o exército sair vitorioso da batalha, o autor adverte para certos cuidados a ter, de forma a não perder a vantagem obtida. Através do recurso ao provérbio “Sê vitorioso, mas não abuses da vitória”, Maurício salienta o erro cometido por líderes inexperientes, que não sabiam aproveitar as vantagens conferidas pelo triunfo⁴⁸⁹. Após o conflito, os soldados não deveriam descansar enquanto o inimigo não fosse completamente derrotado. Recorrendo de novo a metáforas, Maurício afirma que “na guerra, tal como na caça, quase acertar o alvo continua a ser um fracasso”⁴⁹⁰. Por fim, os últimos preceitos descritos referem-se, sobretudo, à recapitulação dos deveres de cada oficial do exército, numa repetição de princípios já presentes nos primeiros livros do *Stratēgikón*, tal como a seleção dos *deputatoi* e dos batedores⁴⁹¹.

2.5.8. Livro VIII: Instruções Gerais e Máximas

O Livro VIII do *Stratēgikón* apresenta-se como uma série de provérbios ou princípios que o autor enumerou e agrupou em dois grupos distintos. O primeiro compreende cerca de 44 instruções para a figura do *strategos*⁴⁹², enquanto o segundo grupo consiste, na sua totalidade, em pensamentos relativos à arte da guerra⁴⁹³. À semelhança do que A. Dain propôs para o Livro VII, Ph. Rance defende uma teoria parecida para o Livro VIII, ou seja, alega que a sua composição se terá realizado através da recolha de preceitos de obras antigas, mantendo contudo a sua sequência numérica⁴⁹⁴. Por outro lado, George Dennis considerou que tais preceitos eram da autoria exclusiva de Maurício⁴⁹⁵. No entanto, ambas as teorias são conjecturais, não sendo possível avançar com uma hipótese segura.

Ao longo de todo o Livro VIII, o autor repete certas determinações, as quais constituem elementos comuns ao género literário, bem como expressões adotadas de outros

⁴⁸⁸ *Strat.*, VII. B, 11.

⁴⁸⁹ *Strat.*, VII. B, 12. Tradução livre da nossa autoria.

⁴⁹⁰ *Idem, ibidem*. Este ponto é igualmente abordado por Onasandro (Ona. XLII. 10).

⁴⁹¹ *Strat.*, I. 3; VII. B, 16, 17.

⁴⁹² *Strat.*, VIII. 1.

⁴⁹³ *Strat.*, VIII. 2.

⁴⁹⁴ *Idem, ibidem*. Em relação a Alphonse Dain, Rance considera o Livro VIII como o exemplo mais óbvio de tal processo, ao invés do Livro VII, uma vez que considera que os conteúdos do último se enquadram na sequência apresentada desde o início do tratado.

⁴⁹⁵ Cf. DENNIS, George T., *Strategikon...*, p. xiv.

autores, como Polieno ou Onasandro⁴⁹⁶. Em simultâneo, parece possível a hipótese de que, para a recolha de tais preceitos, o autor tenha recorrido a obras mais antigas, como os Poemas Homéricos⁴⁹⁷. No entanto, outras máximas apresentadas no *Stratēgikón* parecem revestir-se de um carácter intemporal, tal como a afirmação de que “a causa da guerra deve ser justa”⁴⁹⁸. Segundo Philip Rance, a presença de tais preceitos no Livro VIII demonstra uma apropriação dos mesmos pelo autor, contrariamente ao verificado nos demais Livros do tratado. Apesar da presença de influências de escritos mais antigos⁴⁹⁹, a originalidade do texto parece-nos evidente nos restantes Livros do tratado.

De facto, Rance estabeleceu duas premissas de forma a suportar a tese da apropriação: em primeiro lugar, o número considerável de repetições, verificadas em ambos os grupos do Livro VIII, e até mesmo dentro do mesmo grupo⁵⁰⁰. A segunda premissa alude às diversas discordâncias entre os preceitos contidos no Livro VIII e aqueles enumerados ao longo do tratado⁵⁰¹. A presença de tais erros leva a crer que, ao contrário dos restantes Livros do *Stratēgikón*, o Livro VIII não foi alvo de quaisquer revisões por parte do seu autor.

Não obstante as diversas inconsistências detetadas, o Livro VIII afigura-se como uma das maiores coleções de máximas militares, cujo único paralelo, dentro do género

⁴⁹⁶ Ao enfatizar a importância da construção de campos fortificados quando em território inimigo, Maurício adverte que “nenhum General deve dizer ‘Eu não esperava isto’.” (*Strat.*, VIII. A, 26.). A mesma expressão já antes fora mencionada por Polieno, e repetida, posteriormente, por Siriano *Magister*. Vide Poly., III. 9, 17, e *Per. Strat.*, XX. 7. Ao descrever as características do general, Maurício salienta as suas qualidades e virtudes, realçando a importância de este ser possuidor de uma vida simples, de adotar uma postura paternal para com os seus soldados e de ser ponderado nas suas decisões (*Strat.*, VIII. A, 3, 4.). Paralelamente, tal observação encontra a sua origem em Onasandro, que utiliza as mesmas expressões para descrever o seu ideal de general, com a mesma sequência de ideias (*Ona.*, I. 13, 14.).

⁴⁹⁷ No que toca à importância de manter tropas de reserva e de realizar ataques repetidos (*Strat.*, VIII. B, 82.), Maurício recorreu a dois versos da *Ilíada* (Homero, *Ilíada*, XI. 802-803; XVI. 44-45. Tradução inglesa de Robert Fagles, com estudo introdutório e notas de Bernard Knox: *The Iliad*, Londres, Penguin Books, 1998.). Cf. DENNIS, GEORGE T., *Strategikon*..., p. 90.

⁴⁹⁸ *Strat.*, VIII. B, 12; *Ona.*, IV.

⁴⁹⁹ Vide RANCE, P., *Tactics*..., p. 91.

⁵⁰⁰ *Idem, ibidem*. Como exemplo, o autor menciona o recurso à expressão “Eu não esperava isto”, presente em ambos os grupos (*Strat.*, VIII. A, 26; VIII. B, 36). No entanto, outras situações idênticas podem ser identificadas, tal como a preferência de ponderar de noite as ações que devem ser encetadas (*Strat.*, VIII. A, 4; VIII. B, 34). No tocante a repetições do mesmo grupo, temos a recomendação de manter os soldados sempre ocupados com diversas tarefas (*Strat.*, VIII. B 9; B, 15).

⁵⁰¹ RANCE, P., *Tactics*..., p. 91. *Strat.*, VIII. A, 43. Neste preceito, o autor sugere que, após uma derrota, os soldados não deveriam descansar, mas sim preparar-se de imediato para um novo confronto. No Livro VII, no tocante às medidas a tomar após a perda de uma batalha, Maurício desaconselha veementemente tal ação, na medida que nem sequer a considera como uma prática tradicional dos Romanos (*Strat.*, VII. A, 11.).

literário da *taktica*, se pode achar na *Epitoma rei militaris* de Vegécio, no último capítulo do Livro III, sob o título de “Regras Gerais da Guerra”⁵⁰².

2.5.9. Livro IX: Ataques de surpresa

Atacar o inimigo desprevenido constituía um dos principais estratagemas a que os generais romanos recorriam, como forma de espalhar a confusão nas hostes adversárias e de as tornar mais vulneráveis. Por seu turno, era também um meio de reduzir o seu moral. As circunstâncias para a realização de tais operações podiam variar, conforme o oponente em causa, as condições geográficas e climatéricas, ou a capacidade dos exércitos imperiais para executarem tais ataques. O Livro IX do *Stratēgikón* é, pois, consagrado à temática dos ataques de surpresa. Nesse sentido, aborda tanto a sua componente ofensiva (nomeadamente através de ataques noturnos), como a sua faceta defensiva (realização da travessia de rios ou desfiladeiros de forma segura, cuidados a ter durante incursões em territórios hostis), mencionando-se ainda a temática da espionagem.

Antes de iniciar a explanação dos procedimentos a ter em conta para a realização de ataques surpresa, o autor do *Stratēgikón* sugere uma série de artifícios, com o objetivo de criar no adversário uma falsa sensação de segurança, quer através do envio de embaixadas, quer através da simulação de um baixo nível moral, no seio das tropas imperiais⁵⁰³. Paralelamente, o criador do tratado apresenta recomendações quanto à forma como os ataques deveriam ser desferidos. No que respeita aos pontos mais frágeis do exército inimigo, acentua a importância atribuída à utilização de arqueiros para este género de operações. No mesmo capítulo, a sugestão de utilizar animais como forma de confundir o oponente representou uma alusão ao estratagema utilizado por Aníbal Barca, em 21 a.C., contra as forças romanas lideradas por Fábio Máximo⁵⁰⁴.

Ao concluir a introdução do Livro IX, o autor remete para a questão de ataques em campo aberto com vias fluviais nas imediações⁵⁰⁵. Para o efeito, é enfatizada a necessidade

⁵⁰² Veg., III. XXVI.

⁵⁰³ *Strat.*, IX. 1. Os mesmos estratagemas encontram-se presentes nos trabalhos de Onasandro, com a mesma sequência de ideias (Ona., X.).

⁵⁰⁴ Vide MONTEIRO, J.G., *Grandes Conflitos...*, p. 81. Quando as forças romanas conseguiram emboscar o exército de Aníbal numa passagem estreita, o responsável púnico pelo seu abastecimento (Asdrúbal) reuniu madeira seca e ordenou que os gravetos fossem atados aos cornos de cerca de 2000 bois. Durante a noite, os gravetos foram incendiados e o gado conduzido pela passagem, enquanto grande parte do exército de Aníbal, aproveitando a confusão gerada pelos animais, foi capaz de ludibriar os esquemas romanos, conseguindo passar pelas suas linhas e evitando o confronto direto.

⁵⁰⁵ *Strat.*, IX. 1.

da construção de pontes temporárias, com os materiais disponíveis, com o intuito de criar uma via de fuga segura, após a realização dos raids. Contudo, Maurício enfatiza a questão da preservação de quaisquer campos de cultivo, ou outro meio através do qual o exército pudesse assegurar o abastecimento de recursos⁵⁰⁶.

Segundo os preceitos do *Stratēgikón*, o modo mais seguro de apanhar o inimigo de surpresa seria através da realização de ataques noturnos⁵⁰⁷. Para o efeito, as noites nas quais os ataques seriam realizados deveriam ser escolhidas tendo em conta a “luminosidade da lua e das estrelas”, com o intuito de minimizar eventuais confusões entre as tropas⁵⁰⁸. Ao mesmo tempo, as distâncias a serem percorridas deveriam ser bem estudadas, a fim de se escolher o caminho mais rápido e eficaz. Desta forma, segundo o autor, as tropas deveriam ser capazes de chegar ao local destinado cerca de duas horas antes do ataque, sem evidenciarem sinais de exaustão. Após um breve descanso, a ofensiva deveria ter lugar logo ao amanhecer⁵⁰⁹.

De acordo com o *Stratēgikón*, existem apenas dois cenários onde as incursões em território hostil poderiam ser realizadas de forma segura: quando o assalto fosse realizado após a derrota do inimigo em batalha, ou, em alternativa, quando as forças adversárias fossem compostas por tropas inexperientes, ainda que mais numerosas⁵¹⁰. De acordo com o autor, as principais preocupações do general, após a penetração em território hostil, teriam de ser relacionadas com as questões de abastecimento⁵¹¹, assim como com a captura de habitantes do território inimigo, de forma a conseguir extrair o máximo possível de

⁵⁰⁶ *Idem, ibidem*. O autor alerta para a possibilidade de estes recursos poderem vir a ser úteis no momento em que as tropas de assalto estivessem a proceder à marcha para o acampamento. A sua destruição poderia levar a uma escassez de mantimentos (tanto para homens como para animais).

⁵⁰⁷ *Strat.*, IX. 2. Para ilustrar este ponto, o autor menciona a ocasião em que o Chagan ávaro atacou as forças romanas que estavam desprevenidas nas imediações de Heracleia, em 592 (*Cf. Th. Sim.*, VI. 5, 8.). Este preceito parece ser partilhado por Siriano *Magister* (*Per. Strat.*, XXXIX). Ambos os autores reconhecem as mais-valias deste género de operações, na medida em que dedicam toda uma secção ao tratamento do tema.

⁵⁰⁸ *Strat.*, IX. 2. O risco de confusão, neste género de operações, encontra-se bem evidenciado por Teófilo *Simocatta*, através do relato de uma tentativa, por parte de Comenciolo, de flanqueamento do exército ávaro. Durante a noite, um dos animais da carriagem deixou cair a sua carga e, devido ao tempo e esforço despendidos para remover o animal da coluna de marcha, o exército teve de recuar (*Th. Sim.*, II. 15, 3-11.).

⁵⁰⁹ *Strat.*, IX. 2. O ataque ao amanhecer era prática corrente nos exércitos bizantinos do século VI. Em 533, Belisário, antes de atacar Cartago, ordenou que um comandante seu atacasse a cidade de Syllectus. O ataque foi desferido ao amanhecer, sem a guarnição vândala, aí destacada, oferecer resistência (*Proc.*, *Vand.*, I, 16, 9-11.). Noutra instância, em 587, Comenciolo ordenou aos seus homens que se dirigissem a Astike e, depois de descansarem durante a noite, que atacassem o Chagan ávaro ao início do amanhecer (*Th. Sim.*, II. 15, 4.).

⁵¹⁰ *Strat.*, IX. 3.

⁵¹¹ *Idem, ibidem*. De forma a garantir uma maior proteção, o autor repete os preceitos já apresentados no Livro I, sobre o transporte de mantimentos por cada soldado. (*Strat.*, I. 2.). Para além das rações individuais, os outros mantimentos deveriam ser transportados em carroças, em quantidade suficiente para alimentar todo o exército. Tal justifica-se por uma questão de segurança e pragmatismo pois, na eventualidade de o inimigo encetar uma política de terra queimada, a falta de víveres não comprometeria o sucesso da expedição.

informação sobre a força e os planos adversários⁵¹². Na eventualidade de as forças inimigas se encontrarem fora das suas fortificações, as operações de pilhagem e saque deveriam ser proibidas, privilegiando-se o combate direto com as hostes adversárias⁵¹³. Se o resultado do confronto se mostrasse favorável às forças imperiais, a prioridade deveria ser dada à perseguição dos inimigos em fuga.

As restantes recomendações do autor em relação a incursões em território inimigo respeitam sobretudo ao secretismo das operações (os planos do general apenas deveriam ser tornados públicos, entre o exército, quando este se encontrasse nas imediações do alvo), a questões relativas à construção de acampamentos (um tema que será abordado no Livro seguinte, com maior detalhe) e à necessidade de mandar provar, pelos prisioneiros, quaisquer alimentos obtidos através dos saques efetuados⁵¹⁴.

Um ponto que mereceu especial destaque no *Stratēgikón* foi o relacionado com a passagem por desfiladeiros e terrenos difíceis⁵¹⁵. Ao tratar-se de passagens estreitas, o autor recomenda que apenas uma fração do exército atravessasse de cada vez, para evitar eventuais emboscadas ou armadilhas preparadas pelo inimigo⁵¹⁶. Se, durante a marcha, o inimigo se aproximasse, quaisquer prisioneiros deveriam ser colocados à volta da coluna principal, como meio de dissuadir eventuais surtidas⁵¹⁷.

Por fim, o autor considera questões relativas a operações de espionagem e à captura de batedores inimigos⁵¹⁸. De forma a iludir o adversário em relação ao número de tropas presentes no exército, Maurício recomenda que as tropas marchem de forma mais espaçada, pois assim, para quaisquer espiões inimigos, o exército pareceria muito superior⁵¹⁹. Durante a noite, enquanto a hoste estivesse acampada, as sentinelas deveriam ser escolhidas de entre os soldados de maior confiança. Os mesmos deveriam ser munidos de armas ligeiras, e deveriam disponibilizar-se-lhes os cavalos mais velozes. Ao concluir o capítulo, Maurício determina que várias patrulhas sejam enviadas; ao mesmo tempo,

⁵¹² *Idem, ibidem*. Para o efeito é estipulado, no *Stratēgikón*, que o interrogatório de quaisquer cativos deveria ser realizado pelo próprio *strategos*.

⁵¹³ *Idem, ibidem*. No entanto, quando as circunstâncias o permitissem, os soldados envolvidos nos raides deveriam ser divididos em dois grupos: um ocupar-se-ia da pilhagem e do saque, e o outro atuaria como força de proteção. Esta tática só deveria ser utilizada quando o alvo fosse fortificado, ou dotado de maior proteção.

⁵¹⁴ *Strat.*, IX. 3. Esta indicação sugere uma certa desconfiança de eventuais tentativas de envenenamento.

⁵¹⁵ *Strat.*, IX. 4.

⁵¹⁶ *Idem, ibidem*. Estas recomendações acham-se também em Onasandro, em ordem semelhante (*Ona.*, VII.).

⁵¹⁷ *Idem, ibidem*.

⁵¹⁸ *Strat.*, IX. 5.

⁵¹⁹ *Idem, ibidem*. Outros *ruse-de-guerre* recomendados incluem o estreitamento da linha de marcha, para que esta parecesse mais comprida ou, para o mesmo efeito, a criação de espaços abertos ao longo da coluna de marcha.

ênfatiza o reforço das fortificações do acampamento, sempre que se esperava que o exército permanecesse em território hostil por um período indeterminado⁵²⁰.

2.5.10. Livro X: Cercos

O recurso à poliorcética constituiu cerca de metade das operações militares de toda a Antiguidade Tardia. Pela segurança e minimização de riscos que ofereciam, os cercos apresentavam-se como a alternativa mais plausível, quando o objetivo passava pela tomada de um forte, de uma cidade, ou de qualquer outro ponto estratégico defendido através de fortificações (humanas ou naturais). No entanto, para a maioria das operações realizadas durante o século VI, as fontes apresentam apenas um relato parcial dos acontecimentos, muitas vezes pautado por incoerências cronológicas e/ou geográficas. Por seu turno, no tocante às questões técnicas, tanto do ponto de vista ofensivo como defensivo, os tratados clássicos constituem as fontes mais completas acerca da temática. Entre eles, o *Stratēgikón*, através do Livro X, constitui um dos exemplos mais completos, na medida em que debate, não só sobre questões puramente relacionadas com o decorrer dos assédios (defesa de cidades ou assalto às mesmas), mas também acerca dos procedimentos a ter em conta, como sucede com a construção de fortalezas em território hostil.

O primeiro ponto abordado pelo autor é relativo à fortificação do arraial das forças sitiadoras⁵²¹. Para o efeito, é estipulada a obrigatoriedade de destacar sentinelas, de forma a prevenir eventuais incursões por parte dos sitiados⁵²². Uma das principais ações do general teria de ser garantir que os mantimentos das suas tropas não se esgotavam antes dos do inimigo sitiado. Ao mesmo tempo, recomendava-se que todos os soldados utilizassem o equipamento que se encontrasse em melhor estado, para intimidar as sentinelas adversárias – ou os eventuais espiões⁵²³. Durante o assédio, o autor recomenda que o oponente seja mantido sob uma pressão constante, através de ataques, tanto diurnos como noturnos. No entanto, para evitar um maior número de perdas humanas, no tratado em estudo podemos

⁵²⁰ *Strat.*, IX, 5.

⁵²¹ *Strat.*, X, 1.

⁵²² *Idem, ibidem*. Nesta passagem, o autor relembra a ocasião em que as forças imperiais que cercavam uma cidade nas imediações de Arzanene foram atacadas por um contingente de Persas que, ao romper o bloqueio aos portões da cidade, conseguiram infligir pesadas baixas aos sitiadores. Segundo G. Dennis, a cidade em questão seria Aqbas, em 583; de acordo com M. Whitby existe a possibilidade de o cerco mencionado ter sido o de Clomarão, em 586. Cf. Th. Sim., I, 12, 1-7; II, 7, 6-9, 15. Em 537, durante o cerco a Roma por Totila, Belisário ordenou surtidas contra os sitiadores, visando, com isso enfraquecer os seus ataques e reduzir o respetivo moral. Vide Proc. Goth., V, 17, 12. Cf. PETERSEN, *op. cit.*, p.155.

⁵²³ *Idem, ibidem*.

ler a determinação de que os ataques sejam desferidos por pequenos contingentes, revezando-se entre si. Desta forma, segundo o autor, as tropas não colapsariam de exaustão, nem perderiam o ânimo⁵²⁴. Por fim, no tocante aos procedimentos a ter quando se sitiasse o inimigo, o autor adverte explicitamente para que os assaltos finais sejam premeditados e apoiados, preferencialmente, pelo recurso a distrações⁵²⁵.

Na eventualidade de o inimigo realizar incursões em território imperial, o *Stratēgikón* estipula que o recurso à batalha campal deve ser considerado apenas como última hipótese⁵²⁶. Com o intuito de dificultar o avanço adversário, o autor sugere a adoção da tática da terra-queimada. Esta traduzia-se na destruição de colheitas e no abate de animais, no bloqueio de passagens e na realização de emboscadas – tanto de dia como de noite – tendo por alvo a carriagem inimiga. A par destes mecanismos, era importante a fortificação dos pontos geoestratégicos de maior relevância⁵²⁷. No tocante às fortificações cujas defesas naturais não apresentassem uma grande segurança, o autor recomenda que fossem construídas paliçadas e outras estruturas defensivas⁵²⁸.

Na ocasião em que o oponente estivesse, efetivamente, a cercar uma cidade, o *Stratēgikón* apresenta uma série de procedimentos a ter em conta, inspirados, em grande parte, na obra de Eneias, *Sobre a defesa de Posições Fortificadas*, bem como na *Epitoma rei militaris* de Vegécio. De acordo com o *Stratēgikón*, as primeiras medidas a adotar prendiam-se com a obtenção de mantimentos suficientes para aguentar o cerco durante vários meses, bem como a evacuação prévia de todos aqueles que não fossem capazes de pegar em armas⁵²⁹. Caso o inimigo possuísse engenhos de cerco, como catapultas ou aríetes, deveriam ser colocados panos grossos sobre as muralhas⁵³⁰ e sacos de areia a proteger os portões⁵³¹. Contra torres móveis, era recomendada a construção de torres, no pano da muralha, devendo estas superar a altura dos muros; no seu topo, deveriam ser

⁵²⁴ *Idem, ibidem.*

⁵²⁵ *Idem, ibidem.* Para esta finalidade, o recurso a engenhos de artilharia, como catapultas e projéteis incendiários, é recomendando. Se houvesse informação sobre edifícios com material inflamável, estes deveriam constituir uma prioridade. Enquanto os sitiados procurassem extinguir os fogos, as tropas imperiais deveriam recorrer a escadas (caso o terreno assim o permitisse) e escalar os muros.

⁵²⁶ *Strat.*, X. 2. A mesma ideia encontra-se na *Epitoma rei militaris* de Vegécio (Veg., III. 26.).

⁵²⁷ *Idem, ibidem.* Eneias, o *Tático* apresenta na sua *Poliorcética* parâmetros semelhantes, principalmente no tocante ao bloqueio de passagens, à ocupação de pontos estratégicos e ainda em relação ao abate de gado que se encontre extra-muros, tal como à destruição de colheitas (Aen. II, VIII, X, VII, respetivamente.).

⁵²⁸ *Idem, ibidem.* A mesma recomendação é dada por Vegécio, de forma mais detalhada. *Cf.*, Veg., IV. 1-5.

⁵²⁹ *Strat.*, X. 3; Veg., IV. 7.

⁵³⁰ *Strat.*, X. 3; Veg., IV. 8; Aen., XXXII.

⁵³¹ *Strat.*, X. 3; Aen., XXXII; Veg., IV. 23.

montados engenhos de artilharia⁵³². No que à guarnição concerne, os preceitos ilustrados no *Stratēgikón* apresentam-se de forma muito semelhante àqueles descritos por Eneias, dos quais salientamos o destacamento das tropas mais adequadas à defesa de determinados sectores⁵³³, bem como a manutenção e vigilância dos portões da cidade⁵³⁴ e a conservação de forças de reserva, para situações de emergência⁵³⁵. Por seu turno, a inspiração *vegeciana* é também visível, nomeadamente nas já mencionadas recomendações contra engenhos de cerco, mas também através das precauções respeitantes à distribuição de alimentos e água⁵³⁶, e ao modo como as muralhas deveriam ser defendidas durante os assaltos inimigos⁵³⁷.

Por fim, o autor concluiu o Livro X com a apresentação dos requisitos necessários à construção de uma fortaleza fronteiriça⁵³⁸. Para o efeito, o primeiro ponto a considerar seria a geografia do local onde se pretendesse erigir as fortificações: era necessária a pré-existência de materiais de construção – pedra, madeira, ou até mesmo tijolos – bem como a abundância de água. Ao mesmo tempo, deveria ser enviado um corpo de artesãos para se construírem os portões e os seus mecanismos⁵³⁹. De forma a manter a construção da fortaleza o mais secreta possível, o autor recomendava que fossem espalhados, entre o inimigo, boatos de um ataque iminente numa outra localidade, acompanhados do envio de uma força de homens considerável. Após a edificação dos alicerces, e com o adversário afastado, a construção deveria prosseguir, com o recurso a materiais mais resistentes, como argamassa, ao mesmo tempo que expedições forrageiras seriam enviadas para conseguir obter o máximo possível de víveres⁵⁴⁰. O Livro X é concluído pela explicação detalhada do modo como se deveriam construir cisternas, na eventualidade de não existirem quaisquer cursos de água nas imediações⁵⁴¹.

⁵³² *Strat.*, X. 3; *Veg.*, IV. 17 – 19.

⁵³³ *Strat.*, X. 3; *Aen.*, I, III.

⁵³⁴ *Strat.*, X. 3; *Aen.*, V, XXVIII.

⁵³⁵ *Strat.*, X. 3; *Aen.*, XXXVIII.

⁵³⁶ *Strat.*, X. 3; *Veg.*, IV. 5, 10, 11.

⁵³⁷ *Strat.*, X. 3; *Veg.*, IV. 25, 29.

⁵³⁸ *Strat.*, X.4.

⁵³⁹ *Idem, ibidem*. Aspectos semelhantes são apresentados por Eneias, nomeadamente quanto à construção de portões e ao modo como as madeiras seriam trabalhadas (*Aen.*, XIX, XX.). Dentro do próprio *Stratēgikón*, a temática da construção de fortalezas é retomada, com mais detalhe, no Livro XII (*Strat.*, XII. B, 22. C.).

⁵⁴⁰ *Strat.*, X. 4.

⁵⁴¹ *Idem, ibidem*.

2.5.11. Livro XI: Características e táticas dos vários povos

Ao longo do *Stratēgikón*, é notável a quantidade de referências a preceitos militares empregues pelo autor e relativos a outros povos, em especial, àqueles que constituíam maiores ameaças para o império. Desde a recomendação da utilização de equipamento estrangeiro à adaptação de certos princípios táticos, a influência de outros povos adquire um peso significativo nos conteúdos expostos. No entanto, o Livro XI é dedicado, de forma exclusiva, ao tratamento de diversas características relacionadas com o modo de vida e de fazer a guerra dos inimigos do império. Apesar de, até ao século VI, terem sido vários os textos relativos aos costumes dos diferentes povos “bárbaros” que rodeavam o “mundo civilizado”, e de alguns autores romanos, dentro do género literário da *taktiká*, terem até abordado certos aspetos típicos de outras sociedades⁵⁴², em mais nenhuma obra se encontra um tão elevado grau de detalhe como no Livro XI do *Stratēgikón*.

No prefácio do Livro XI, o autor explica, de forma clara, que o propósito de tal compêndio é a discussão das táticas e das características próprias dos diversos adversários do império⁵⁴³. Tal feito tem por intento providenciar o máximo possível de informação útil para todos aqueles que tencionassem realizar campanhas contra os ditos povos, uma vez que os seus métodos divergiam dos romano-bizantinos⁵⁴⁴. A nível estrutural, o Livro XI encontra-se dividido em quatro capítulos, os quais lidam, respetivamente, com os Persas⁵⁴⁵, os “povos Citas, como os Ávaros, os Turcos e outros cujo modo de vida se assemelhassem ao dos povos hunos”⁵⁴⁶, os “povos de cabelos claros, como os Francos, os Lombardos e outros semelhantes”⁵⁴⁷ e, por fim, os “Eslavos, Antes e semelhantes”⁵⁴⁸.

⁵⁴² Arriano, através das suas *Ars Tactica* e *Ektasis kata Alanon*, introduziu um novo elemento no género literário mencionado, ao incluir certas referências relativas a inimigos contemporâneos. Contudo, ao referir-se aos diferentes povos com os quais estaria familiarizado, Arriano utilizou as denominações de “Sármatas”, “Alanos”, “Citas”, “Arménios” e até “Etiopes”, não como critério étnico, mas sim geográfico. Desta feita, tinha por objetivo evidenciar os princípios militares e o modo de fazer a guerra das gentes de tais geografias, suas contemporâneas. (Arr., *Ars Tact.*, IV. 3; *Ekt.*, XXVI.). No entanto, apesar do aspeto inovador introduzido por Arriano, de forma alguma é possível comparar os seus escritos com o elevado grau de detalhe apresentado no Livro XI do *Stratēgikón*. Vide RANCE, P., *Tactics...*, pp. 131-132.

⁵⁴³ *Strat.*, XI. Prf.

⁵⁴⁴ *Idem, ibidem*. Ao longo de todo o Livro, o objetivo do autor é reforçado através da utilização do termo “ἀρμόζεσθαι”, ao qual o autor atribuiu o significado de “adaptar a”, “lidar com” ou “preparar para”, um indicador do carácter sobretudo didático do Livro em questão. Cf. RANCE, P., *Tactics...*, p. 132.

⁵⁴⁵ *Strat.*, XI. 1.

⁵⁴⁶ *Strat.*, XI. 2.

⁵⁴⁷ *Strat.*, XI. 3.

⁵⁴⁸ *Strat.*, XI. 4.

A primeira secção, relativa aos Persas Sassânidas⁵⁴⁹, apresenta-se como a mais simples das quatro. Desde o século III d. C. que estes constituíam a principal e mais constante ameaça ao império. Maurício descreve a sua capacidade de efetuar e resistir a cercos, os seus modelos táticos, assim como as principais contra medidas a ter quando estes atacassem. As restantes secções, devido à novidade que representaram, exigiram um esclarecimento mais detalhado.

No segundo capítulo, através do título empregue (“Citas, ou seja, Ávaros e Turcos e outros cujo modo de vida se assemelhe ao dos povos hunos”⁵⁵⁰), o autor invoca a imprecisão da etnografia clássica, ao categorizar diversos povos distintos sob a mesma denominação (τὰ Σκυθικὰ ἔθνη)⁵⁵¹. No *Stratēgikón*, o termo “Citas” é usado para denominar diversos povos que, segundo o autor, eram possuidores da mesma organização social e militar. No entanto, entre estes, os Ávaros e Turcos⁵⁵² são apresentados com maior detalhe, dado o seu maior interesse pela organização militar, o que, segundo o autor, os tornava mais fortes do que os restantes povos “Citas”⁵⁵³.

A terceira distinção apresentada no *Stratēgikón* relaciona-se com os “povos de cabelo claro”, ou seja, os Francos, os Lombardos “e outros semelhantes”⁵⁵⁴. De todos os capítulos do presente Livro, este constitui aquele de menor dimensão e cuja descrição dos povos mencionados apresenta características mais generalistas. À semelhança do capítulo anterior, o autor procede a um agrupamento de sociedades distintas, mas que partilhavam certos aspetos culturais, dentro de uma só denominação⁵⁵⁵.

Por fim, o autor referencia os Eslavos, os Antes “e [os] demais”⁵⁵⁶. Em relação aos dois primeiros, parece ser da opinião de que os Antes seriam mais fiáveis como aliados,

⁵⁴⁹ *Strat.*, XI. 1.

⁵⁵⁰ *Strat.*, IX. 2.

⁵⁵¹ Vide RANCE, P, *Tactics...*, p. 133. O termo “Citas” não poucas vezes foi utilizado para referenciar diversos povos bárbaros, por parte de autores clássicos. A título de exemplo, vide Arr., *Ekt.*, XXVI. Paralelamente, os escritores bizantinos utilizaram a mesma denominação quando se referiam aos chamados “povos da estepe”, ou seja, todos aqueles que se encontravam nos territórios a norte da fronteira do Danúbio, como sucede com o autor do *Stratēgikón* (*Strat.*, XI. 2). Cf. DENNIS, George T., *Strategikon...*, p. 116.

⁵⁵² Tendo em conta o período de redação do tratado em análise, é possível que os “Turcos” a que o *Stratēgikón* alude sejam aqueles que, durante a segunda metade do século VI, se se fixaram na região entre o Mar Negro e o norte da Pérsia. Cf., WIITA, John, *Ethnika...*, p. 122.

⁵⁵³ *Strat.*, XI. 2. Tal distinção adquire uma maior importância na medida em que as diferentes abordagens políticas dos povos mencionados possuem implicações políticas. Cf. Th. Sim., VIII. 3, 15. Nesta passagem, Teófilo *Simocatta* recorda o episódio em que o general Prisco, durante a sua campanha contra os Ávaros, capturou cerca de 3000 Ávaros, 8000 Eslavos e 6.200 “bárbaros”.

⁵⁵⁴ *Strat.*, XI. 3.

⁵⁵⁵ Apesar do carácter generalista do *Stratēgikón*, outras fontes apresentam uma tendência para diferenciar politicamente os diversos povos mencionados. Vide. Proc., *Goth.*, III. 14, 21-34; Jord., XXXIV.

⁵⁵⁶ *Strat.*, XI. 4.

um aspeto que dever-se-ia ao seu regime político e que facilitaria as suas relações diplomáticas com outros povos⁵⁵⁷. Em relação aos Eslavos, o autor refere as possibilidades de aplicação dos seus preceitos militares, bem como as vantagens que poderiam ser obtidas através da sua desunião interna⁵⁵⁸. Não obstante o valor do Livro XI para o estudo etnográfico dos povos aí descritos, para o propósito da nossa dissertação focar-nos-emos, apenas, na análise da metodologia empregue e na sua utilidade prática.

Apesar do principal objetivo de cada capítulo ser o debate dos preceitos táticos, específicos de cada povo, cada um dos quatro capítulos apresenta-se dividido em duas secções distintas: na primeira é levada a cabo uma descrição dos principais métodos militares utilizados por cada povo, através da enumeração dos seus equipamentos, das táticas empregues no campo de batalha e dos estratagemas utilizados, principalmente para a guerra de guerrilha; a segunda secção apresenta uma série de contra medidas a aplicar aos mesmos, com a explicação dos principais pontos fracos de cada inimigo⁵⁵⁹.

Do ponto de vista pragmático, o Livro XI revela-se uma coletânea de preceitos cujo conteúdo se afiguraria de grande importância para qualquer comandante⁵⁶⁰. Políbio distinguiu três métodos diferentes, através dos quais se estabelecia a educação das ciências militares. Destes, o primeiro era a leitura dos relatórios/escritos (ὑπομνημάτα) dos antigos generais⁵⁶¹. No entanto, os trâmites descritos no mesmo Livro, de cariz historiográfico e etnográfico, também apresentariam as diversas vantagens que poderiam ser obtidas através da exploração das características de cada povo⁵⁶².

O Livro XI do *Stratēgikón* constituiria uma ferramenta útil para qualquer comandante de finais do século VI que tivesse de enfrentar algum dos povos apresentados. O mesmo Livro veio completar uma lacuna há muito existente no género literário da *taktitá*, tendo servido de modelo para as gerações seguintes de escritores militares.

⁵⁵⁷ *Idem, ibidem. Cf., Th. Sim., VIII. 5, 13.*

⁵⁵⁸ *Strat., XI. 4.*

⁵⁵⁹ *Cf. RANCE, P., Tactics..., p. 135.*

⁵⁶⁰ *Idem, ibidem.* No século X, Leão VI utilizou o Livro XI do *Stratēgikón* como modelo para a composição do seu próprio tratado. No entanto, não obstante a matriz original ter sido mantida, no *Taktiká* certos povos foram omissos, para se apresentar uma versão mais atualizada e adaptada ao século X. Leão VI, *Takt. XVIII.*

⁵⁶¹ Políbio, *Histórias*, XI. 8, 1-2. Tradução espanhola de Manuel Balasch Recort: *Políbio. Historias. Libros V-XV*, Madrid, Editorial Clásica Gredos S.A., 1981. Os restantes dois métodos seriam o diálogo com homens de maior conhecimento militar e a própria experiência adquirida no campo de batalha.

⁵⁶² Em relação aos Antes, p.ex., o autor do *Stratēgikón* admite que estes são mais suscetíveis a subornos, uma característica que deve ser explorada ao máximo por qualquer general que os combata. *Strat., XI. 4.*

2.5.12. Livro XII: Formações mistas, infantaria, acampamentos e caça

O último Livro do *Stratēgikón* apresenta uma organização peculiar, quando comparado com os demais Livros do tratado: é composto por quatro textos, separados tematicamente ([A] formações mistas; [B] infantaria; [C] acampamentos e [D] caça), e com uma sequência numérica distinta. Esta mesma organização e os temas aqui abordados levaram a que, durante a segunda metade do século XX, vários historiadores o considerassem como um manuscrito independente dos restantes⁵⁶³. No entanto, ao atentar no estilo textual do Livro XII, é evidente a semelhança com os outros. De facto, os trâmites expostos no Livro XII não parecem fazer sentido senão após a leitura das secções anteriores do tratado. Posto isto, não nos parece improvável que todo o Livro XII tenha tido, num determinado momento, uma existência separada da do resto do tratado mas que, a certa altura, tenha sido alvo de revisão e incorporado no corpo do *Stratēgikón*⁵⁶⁴.

A primeira secção do Livro XII, (A) *Formações Mistas*, debate, como o nome sugere, movimentações organizadas entre forças de infantaria e de cavalaria⁵⁶⁵. Através de seis diagramas, o autor expõe o modo como ambas as forças deveriam articular-se, consoante a composição do exército inimigo⁵⁶⁶. Como conclusão da sua exposição, Maurício apresenta, de forma detalhada, os passos constituintes para a execução da formação dita “Convexa”⁵⁶⁷.

De acordo com a obra em análise, a formação “Convexa” consistia no posicionamento de forças de infantaria (cerca de dois terços do total do exército⁵⁶⁸), munidas de escudo e lanças, formando uma falange à maneira hoplita, cujas fileiras se estendiam por toda a linha da vanguarda e dos flancos. Entre as várias fileiras, deveriam ser deixados espaços vazios, que serviriam de passagem de segurança para a cavalaria, após a realização dos primeiros assaltos⁵⁶⁹.

⁵⁶³ Vide DENNIS, T. George, *Strategikon...*, p. xvii. ; DAIN, Alphonse, *Stratēgistes...*, p. 342; RANCE, P., *Tactics...*, pp. 86-87.

⁵⁶⁴ Justificamos a nossa posição recorrendo a certas passagens do *Stratēgikón* que parecem remeter para uma secção final, nomeadamente, o Livro XII. A título de exemplo, vide *Strat.*, V. 1 e XII. B 7, 9.

⁵⁶⁵ *Strat.*, XII. A, 1-7.

⁵⁶⁶ *Strat.*, XII. A, 1-6. Os vários preceitos, ilustrados pelo autor, referem-se sobretudo às formações consideradas mais aptas para combater exércitos cujos elementos de cavalaria, ou de infantaria, fossem superiores aos dos exércitos imperiais, independentemente da natureza do inimigo, ou do próprio terreno. Cf., MAZZUCCHI, C. M., *καταγραφαί*, pp. 120-125. Vide Anexos, VII. 11-12.

⁵⁶⁷ *Strat.*, XII. A, 7.

⁵⁶⁸ A mesma proporção de forças é apresentada por Eliano, em relação à disposição das tropas na falange, na qual estejam incluídos cavaleiros (Ael., VII).

⁵⁶⁹ *Idem, ibidem*. A descrição apresentada, incluindo os aspetos mais técnicos, como o número de homens para cada fileira, a distância entre cada intervalo e a própria sequência da manobra, faz eco dos preceitos

Um aspeto merecedor de especial atenção no tocante à formação “convexa” é a referência à formação, por parte da infantaria, do *fulcum* (φοῦλκον)⁵⁷⁰. Segundo o *Stratēgikón*, o *fulcum* consistiria numa formação anti-cavalaria, na qual as três primeiras fileiras de infantaria levantariam os seus escudos, à maneira da *testudo* romana, ao mesmo tempo que as suas lanças eram cravadas no solo, de forma a apontar ao peito dos cavalos inimigos, à maneira hoplita⁵⁷¹. Na eventualidade de as forças de cavalaria se encontrarem em situações críticas, ou do próprio terreno não ser favorável à realização das suas manobras, o autor recomendava que as tropas desmontassem e se juntassem ao resto das forças de infantaria, a fim de combaterem apeadas⁵⁷². De certa forma, o *fulcum* corresponderia a uma combinação entre os aspetos ofensivos da infantaria helénica, por um lado, e a proteção oferecida pelo recurso a preceitos militares romanos, criando desta forma algo semelhante a uma falange composta por legionários!

A segunda secção do Livro XII corresponde ao tratamento da infantaria⁵⁷³. Tal como sucedera com a análise da cavalaria ao longo dos três primeiros Livros, o autor recorre a uma organização e metodologia semelhantes. Paradoxalmente, nesta secção, o tratadista realça o grau de importância da infantaria, em contraste com a tradicional perspectiva que atribui um peso considerável ao papel das tropas montadas⁵⁷⁴.

Ao debater o treino básico da infantaria, o autor estabelece uma distinção entre infantaria pesada (σκοντάτοι) e infantaria ligeira (φιλοί). Em relação aos primeiros, de forma muito breve, o *Stratēgikón* estipula que o seu treino deveria ser realizado através de combates singulares, utilizando apenas bastões e escudos; paralelamente, os soldados de

citados por Arriano na sua *Ordem de Marcha contra os Alanos*. Cf. Arr., *Ekt.*, XXVII-XXIX. Vide Anexos, XI. Também Onasandro e Asclepiódoto fazem alusão a uma manobra semelhante, na medida em que a retratam como uma formação em crescente (Ona., XVI; Ascl., XI.). Eliano, apesar de não utilizar a mesma nomenclatura, alude a uma formação conjunta de cavalaria e infantaria, cuja função e modo de funcionamento se assemelhavam àquela descrita pelos autores antes mencionados (Ael., XXX.). Durante a batalha do rio Casilino, Agátias descreve o momento em que Narses ordenou que, entre as fileiras de infantaria, fossem criados espaços abertos, à semelhança de “corredores”, para que a cavalaria pudesse passar entre eles (Agat., II. 7, 2-VII. 8-5, 9, 7-9). Recuando ainda mais no espetro cronológico, durante o período tardio da República Romana tanto Pompeu como César recorreram ao mesmo género de tática. Cf. GILLIVER, C. M., *The Roman Art of War*, Tempus Publishing Ltd, Stroud, 1999, pp. 108-109. Vide Anexos, VII. 13-14.

⁵⁷⁰ *Strat.*, XII. A, 7.

⁵⁷¹ *Idem, ibidem*. Cf. RANCE, P., *The Fulcum, the Late Roman and Byzantine Testudo: the Germanization of Roman Infantry Tactics?*, Greek, Roman and Byzantine Studies, nº 44/3, Duke University Libraries, East Sussex, 2004, p. 272. As especificações do *Stratēgikón* relativas ao afastamento entre cada homem na falange, e ao modo como o escudo e a lança devem ser utilizados, parecem fazer eco das recomendações avançadas por Eliano. Cf., Ael., XI-XIII.

⁵⁷² *Strat.*, XII. A, 7.

⁵⁷³ *Strat.*, XII. B.

⁵⁷⁴ Cf., LUTTWAK, E., *Grand Strategy*..., p. 273.

infantaria ligeira deveriam ser treinados no arremesso de dardos (com pontas revestidas de chumbo)⁵⁷⁵. No tocante ao armamento a ser utilizado pelos mesmos homens, recomenda-se que, dentro de cada *tagma* (ou *arithmos*), todos os soldados utilizem escudos da mesma cor, espadas húrulas, lanças e capacetes com pequenas plumas (à semelhança da cavalaria)⁵⁷⁶ e que andem sempre munidos de fundas e dardos com pontas de chumbo⁵⁷⁷. No que aos lanceiros das primeiras fileiras diz respeito, é obrigatório o uso de cotas de malha (pelo menos, no tocante às duas primeiras filas), bem como de grevas de ferro (especialmente para o primeiro e para o último soldado de cada fileira)⁵⁷⁸.

Dirigidos à infantaria ligeira, o autor elenca uma série de exercícios que surgem descritos com maior precisão do que os relativos à infantaria pesada⁵⁷⁹. À semelhança da cavalaria, as forças de infantaria ligeira deveriam ser capazes de executar o tiro com arco e flecha, tanto à maneira romana como à maneira persa⁵⁸⁰. No entanto, para além do arco e flecha, deveriam ser capazes de executar também o lançamento de pequenos dardos a longas distâncias e de utilizar a funda⁵⁸¹. Como equipamento específico, é estipulada a obrigatoriedade do arco, acompanhado de aljava (com 30 a 40 flechas) e de pequenos escudos⁵⁸². Em relação àqueles que não possuíssem arcos, ou que não fossem experientes o suficiente, o autor recomenda que, no lugar destes instrumentos, fossem utilizados dardos, ou lanças do estilo eslavo⁵⁸³. Para além de equipamento específico, é aconselhado o uso de certas peças que deveriam ser comuns a todos os soldados de infantaria⁵⁸⁴.

À semelhança da abordagem à cavalaria, também nesta secção o autor enumera os vários cargos especiais dentro de cada *arithmos* ou *tagma*⁵⁸⁵. Entre os diversos ofícios mencionados, é destacada a importância de ser exigido aos arautos o domínio do latim e do persa e, se possível, do grego⁵⁸⁶. Tal como na *Epitoma* de Vegécio, também no *Stratēgikón*

⁵⁷⁵ *Strat.*, XII. B, 2. Vegécio (*Veg.*, I, 11.) e Frontino (*Front.*, IV, 2.) referem o mesmo tipo de exercício.

⁵⁷⁶ *Cf.*, *Strat.*, I, 2.

⁵⁷⁷ *Strat.*, XII. B, 4.

⁵⁷⁸ *Idem, ibidem. Vide Anexos, V, 2.*

⁵⁷⁹ *Strat.*, XII. B, 3.

⁵⁸⁰ *Idem, ibidem. Vide. AMATUCCIO, Giovanni, Peri Toxeias. L'arco da Guerra nel Mondo Bizantino e Tardo-Antico*, Editrice Planetario, Bolonha, 1996, p. 96.

⁵⁸¹ *Strat.*, XII. B, 3. Para além do adestramento em tais armas, os soldados de infantaria ligeira deveriam praticar a corrida e o salto. *Vide Veg.*, I, 14-17, para a realização de exercícios semelhantes.

⁵⁸² *Strat.*, XII. B, 3.

⁵⁸³ *Strat.*, XII. B, 3. *Vide Anexos, V, 3.*

⁵⁸⁴ *Strat.*, XII. B, 1. Entre o vestuário indicado, encontra-se uma variedade de peças de influência goda, nomeadamente túnicas e sapatos. A utilização de botas, ou de grevas, não é considerada como essencial, uma vez que durante uma marcha forçada poderiam atrasar os soldados.

⁵⁸⁵ *Strat.*, XII. B, 7.

⁵⁸⁶ *Idem, ibidem.*

é mencionada a figura do *campidoctor* (καμπιδούκτωρ), isto é, do “mestre de exercícios”⁵⁸⁷. Dentro de cada *tagma*, as figuras do *campidoctor*, dos arautos e dos porta-estandartes (*draconarii*) parecem ser dotadas de uma especial importância, na medida em que acompanhavam a pessoa do tribuno, ou até mesmo o *merarca*. No entanto, tendo em conta que a mecânica do treino tático dos exércitos imperiais do período residia sobretudo ao nível dos *tagmata*, não é de estranhar o facto de a figura do *campidoctor*, ao contrário do estipulado por Vegécio, ser mais uma autoridade relacionada com a supervisão dos diversos regimentos do que com o treino individual dos soldados⁵⁸⁸.

No tocante à organização interna dos vários *tagmata*, o autor relembra as medidas utilizadas pelos autores antigos⁵⁸⁹. Porém, ao admitir que, para o período em que escreve, não seria prático utilizar as mesmas abordagens, Maurício reconhece que a melhor metodologia para formar cada *tagma* seria adaptar os diversos soldados a cada *tagma*, tornando, assim, o seu número mais flexível⁵⁹⁰. Por fim, é recomendado que a linha de batalha seja disposta de acordo com as dimensões do exército: para um exército inferior a 24 000 soldados, estipula-se que seja dividido em quatro contingentes (*merosos*)⁵⁹¹.

As alíneas seguintes descrevem sobretudo as várias formações pretendidas, quer para a infantaria pesada⁵⁹², quer para formações compostas tanto por infantaria pesada e ligeira como por cavalaria⁵⁹³, ou apenas por forças de cavalaria e de infantaria pesada⁵⁹⁴. No caso das formações onde a cavalaria também era incluída, esta deveria ser posicionada nos flancos de cada linha de combate, em fileiras com profundidade de dez homens⁵⁹⁵ e, em situação alguma, as forças de cavalaria deveriam afastar-se da linha de infantaria⁵⁹⁶.

⁵⁸⁷ *Strat.*, XII. B, 7. Veg., II. 23.

⁵⁸⁸ Cf., RANCE, P., *Tactics...*, p. 166.

⁵⁸⁹ *Strat.*, XII. B, 8. Cf., Ael, IX. Segundo Eliano, a infantaria deveria ser posicionada em 16 fileiras, cada qual com cerca de 256 homens.

⁵⁹⁰ *Strat.*, XI. B, 8. Dependendo do número de homens disponíveis, o *Stratēgikón* dita que, para evitar qualquer situação de confusão, as tropas excedentes sejam mobilizadas para um *tagma* numericamente superior aos restantes. Por seu turno, se o principal objetivo for a mobilidade do exército, o tratado determina que sejam criadas duas novas companhias, de menores dimensões.

⁵⁹¹ *Idem, ibidem*. Ao estipular certos preceitos sobre a organização interna de cada *tagma*, o autor não deixa de estabelecer um certo *numerus clausus* relativo à proporção de tropas munidas de arco e flecha: tal como Vegécio, também o *Stratēgikón* recomenda que entre 1/4 e 1/3 dos soldados sejam instruídos no uso do arco. Cf. *Strat.*, XII. B, 9; Veg., I. 15.

⁵⁹² *Strat.*, XII. B, 11.

⁵⁹³ *Strat.*, XII. B, 12.

⁵⁹⁴ *Strat.*, XII. B, 13.

⁵⁹⁵ *Idem, ibidem*.

⁵⁹⁶ *Idem, ibidem*. Ao preconizar que a cavalaria, ao perseguir o inimigo, não se afaste demasiado dos corpos de infantaria, o autor recorda o perigo de emboscadas por parte do inimigo. Situação idêntica parece ter acontecido durante a batalha de Solação, em 586, quando a cavalaria de Filípico, por momentos, se afastou do corpo principal do exército. Cf. Th. Sim., *Hist.*, II, 5, 2- 6, 13; Haldon, John, *The Byzantine Wars...*, p. 56.

No tocante à infantaria e aos diversos exercícios a serem executados por esta⁵⁹⁷, o autor começa por explicar os diversos comandos militares a serem observados, realçando a necessidade de manter o silêncio nas fileiras⁵⁹⁸. Depois, em dois breves capítulos, explana de forma superficial uma série de manobras que cada *tagma* de infantaria deveria ser capaz de executar, nas quais se incluíam o estreitamento e desdobramento das fileiras, o modo de formação do *fulcum*, bem como a forma como deveriam ser executados os movimentos rotativos das falanges⁵⁹⁹. Com vista à preparação da infantaria para situações de combate, era recomendado o recurso a batalhas simuladas⁶⁰⁰. Para o efeito, os soldados deveriam ser munidos de bastões, ou até mesmo de armas verdadeiras, e deveriam avançar contra o grosso do exército, fazendo o máximo possível de barulho e atacando todos os pontos da linha de batalha, possibilitando a prática das várias manobras pretendidas⁶⁰¹.

À exceção do trabalho de Onasandro, em nenhum outro texto militar é possível encontrar referências a batalhas simuladas⁶⁰². Uma vez que a influência deste tratadista é notável ao longo de toda a obra em análise, não nos parece um elemento estranho a sua presença no *Stratēgikón*. De uma forma geral, o principal objetivo das batalhas simuladas era o de habituar os novos recrutas às condições próprias do campo de batalha. No entanto, é interessante destacar o facto de, segundo o *Stratēgikón*, até os oficiais como *moirarcas* ou *merarcas* poderem beneficiar de tal treino. Afinal, os exercícios presentes ao longo de todo o tratado eram concebidos não só para os recrutas, mas também para todos os soldados, independentemente do seu título de oficial.

Os pontos finais da secção B são referentes à disposição da carriagem⁶⁰³, ao modo como o exército deveria movimentar-se quando o inimigo estivesse nas imediações⁶⁰⁴, à passagem por terrenos acidentados ou de difícil acesso⁶⁰⁵, à travessia de vias fluviais⁶⁰⁶, à construção de acampamentos⁶⁰⁷, e aos aspetos a serem considerados pelo general no dia da

⁵⁹⁷ *Strat.*, XII. B, 14-16.

⁵⁹⁸ *Strat.*, XII. B, 14. No código penal previsto no início do tratado (*Strat.*, I. 6.) estipula-se que, perante a não observância das ordens outorgadas, a pena recaia, apenas, sobre o *decarca* responsável pelo regimento.

⁵⁹⁹ *Strat.*, XII. B, 14-15. À exceção do *fulcum*, toda a nomenclatura utilizada faz eco dos tradicionais preceitos clássicos helenísticos relativos à movimentação da falange. *Cf.* Ael., IX, X, XIII, XIV.

⁶⁰⁰ *Strat.*, XII. B, 14.

⁶⁰¹ *Strat.*, XII. B, 17.

⁶⁰² *Ona.*, X.

⁶⁰³ *Strat.*, XII. B, 18.

⁶⁰⁴ *Strat.*, XII. B, 19.

⁶⁰⁵ *Strat.*, XII. B, 20.

⁶⁰⁶ *Strat.*, XII. B, 21.

⁶⁰⁷ *Strat.*, XII. B, 22.

batalha⁶⁰⁸. À exceção do penúltimo capítulo citado (relativo à construção de campos fortificados), todos os pontos mencionados corporizam repetições de preceitos já mencionados noutras secções do *Stratēgikón*⁶⁰⁹. Uma vez que, ao longo da nossa dissertação, já nos referimos às temáticas relacionadas com a tática e a estratégia descritas no tratado em análise, parece-nos conveniente explicar agora parte técnica subjacente à construção de acampamentos fortificados, quer pela sua importância na realização de surtidas em território hostil, quer pelo facto de a sua construção constituir um sinal de continuidade nas tradições militares romano-bizantinas.

Na terceira secção do Livro XII, C, Maurício apresenta um diagrama de um campo fortificado, através do qual nos é possível compreender os preceitos enumerados anteriormente⁶¹⁰. Para a enumeração dos critérios necessários à edificação dos acampamentos, o autor parece ter recorrido tanto às explicações providenciadas por Onasandro⁶¹¹, como aos preceitos explanados no tratado *De Munitiubinus Castrorum*, atribuído a Pseudo-Higino Gromático⁶¹².

Em primeiro lugar, a escolha do local deveria ser feita com base nas condições geológicas do terreno (um solo que facilitasse a escavação), bem como nas características naturais das imediações, nomeadamente a presença abundante de cursos de água, ou a existência de obstáculos naturais que pudessem servir como reforço defensivo⁶¹³. Após a escolha do local, deveriam ser construídos os primeiros dispositivos defensivos: em primeiro lugar, o autor recomenda a escavação de uma trincheira à volta do perímetro do acampamento; de seguida, a distribuição, do lado exterior, de trébulos e de covas-de-lobo; por fim, como primeira barreira defensiva, sugere a escavação de um fosso circundante⁶¹⁴.

⁶⁰⁸ *Strat.*, XII. B, 23.

⁶⁰⁹ Para a disposição da carriagem, *vide Strat.*, V; em relação à travessia de terrenos acidentados ou vias fluviais, *vide Strat.*, IX; os preceitos a observar no dia da batalha são também referidos em *Strat.*, VII. B.

⁶¹⁰ *Strat.*, XII. B, 22; C. *vide Anexos*, VII. 14.

⁶¹¹ *Ona.*, VIII.

⁶¹² *Mun Castr.*, XVI.

⁶¹³ *Strat.*, XXII. B, 22. Através desta indicação, Maurício enfatiza a importância de manter a saúde, tanto de homens, como de animais. A presença de cursos de água facilitaria a manutenção das condições sanitárias dos acampamentos, prevenindo, assim, a propagação de doenças. Em contrapartida, na eventualidade de o inimigo se encontrar por perto, o autor recomenda que os campos sejam erigidos em locais relativamente afastados dos cursos de água. Justifica tal ressalva por considerar que, após estarem habituados a ingerir demasiados líquidos, tanto homens como cavalos, numa situação em que a água escasseasse, não seriam capazes de combater na sua melhor forma. A necessidade de escolher um local livre de pântanos e com abundância de águas correntes é mencionada também por Onasandro (*Ona.*, VIII.).

⁶¹⁴ *Strat.*, XII. B, 22. Após a colocação dos mesmos, o autor adverte para que a sua localização fosse dada a conhecer a todo o exército, como medida para evitar acidentes.

Em relação ao formato que o acampamento deve assumir, Maurício refere que as autoridades antigas apresentaram diversas hipóteses⁶¹⁵. No *Stratēgikón* era dada preferência à construção de um acampamento oblongo, de quatro lados, com duas avenidas a atravessá-lo em forma de cruz⁶¹⁶. Em cada extremidade deveria ser construído um portão. As carroças da carriagem deveriam ser dispostas junto à trincheira, enquanto as tendas dos soldados deveriam ser montadas a seguir a estas, ao longo de todo o perímetro do acampamento. No meio do arraial, deveria ser reservada uma área aberta, com tamanho suficiente para que todo o exército pudesse formar no seu interior⁶¹⁷.

A última secção do Livro XII e, por conseguinte, do próprio *Stratēgikón*, constitui um pequeno tratado relativo à arte venatória⁶¹⁸. Segundo Maurício, a caça constituía um exercício pelo qual tanto soldados (recrutas e veteranos) como cavalos adquiriam uma experiência valiosa⁶¹⁹. Ao mesmo tempo, este exercício tinha uma outra vantagem, que se traduzia no abastecimento de carnes para o exército⁶²⁰. Para o efeito, são descritos inúmeros exercícios complexos, os quais envolviam entre 800 a 1000 cavaleiros, distribuídos por cada milha. Através destes, todos os participantes seriam obrigados a desenvolver as suas capacidades de cooperação, cabendo a cada indivíduo uma posição, à semelhança daquilo que se pretendia no campo de batalha. De certa forma, todo o processo do exercício assemelhava-se aos exercícios mencionados num momento anterior⁶²¹, uma vez que, após a deteção dos alvos pelos batedores, os restantes participantes deveriam recorrer a manobras de envolvimento – à maneira daquelas que deveriam ser utilizadas durante uma batalha – e, por fim, ao criar um perímetro seguro, os arqueiros finalizariam o treino, ao abater os alvos com as suas flechas⁶²². Maurício explica que tais práticas poderiam ser feitas a partir de duas maneiras: ou com o acampamento fortificado a servir de ponto de partida, ou durante a marcha do exército, numa altura em que os animais de caça se encontrassem num estado de maior alerta e sobressalto⁶²³.

⁶¹⁵ *Strat.*, XII, B, 22. Na sua *Epitoma rei militaris*, Vegécio dá conta de diversos formatos em que os acampamentos poderiam ser construídos (quadrados, triangulares, semi-circulares, ou de acordo com a natureza e exigências dos locais escolhidos para a sua construção). Cf. Veg., I, 23.

⁶¹⁶ *Strat.*, XII, B, 22; vide o diagrama apresentado na secção C. Cf. *Mun. Castr.*, XIV.

⁶¹⁷ *Strat.*, XII, C.

⁶¹⁸ *Strat.*, XII, D.

⁶¹⁹ *Strat.*, VII, pr, 1 (9); VII, B, 12, IX, 5, XII, D.

⁶²⁰ *Strat.*, XII, D. Cf., RANCE, P., *Tactics...*, p. 177.

⁶²¹ Vide *Strat.*, VI.

⁶²² *Strat.*, XII, D.

⁶²³ *Idem, ibidem.*

Evidentemente, estes exercícios constituíam algo mais do que uma função desportiva; em qualquer eventualidade, existia a possibilidade de a fadiga enfraquecer os soldados, ou até mesmo de estes serem feridos durante a perseguição. De certa forma, este seria o principal propósito de tais exercícios, que dotavam os soldados da experiência tática necessária para o campo de batalha, talvez de uma forma ainda mais completa do que a batalha simulada, uma vez que, nesta situação, as armas utilizadas seriam autênticas⁶²⁴. É possível observar que, ao longo dos vários séculos, a dicotomia estabelecida entre a caça e a guerra constituiu um tema recorrente nos diversos escritos militares. No século V a.C., Xenofonte compôs um tratado sobre caça, intitulado *Cinegético*⁶²⁵ e, cerca de dois milénios depois, o rei português, D. João I, dá continuidade a esta tradição através do seu *Livro de Montaria*⁶²⁶, no qual, a caça é, uma vez mais, relacionada com a guerra e como forma de preparação para esta última.

⁶²⁴ Cf. RANCE, P., *Tactics...*, p. 178.

⁶²⁵ Xenofonte, *Cinegético*. Tradução inglesa de E. C. Marchant: *Xenophon, Scripta Minora*, Edição Bilingue, Massachusetts, Harvard University Press, 1946, p. 365-458.

⁶²⁶ D. João I, *Livro da Montaria feito por D. Joao I, Rei de Portugal*. Conforme o Manuscrito nº 4352 da Biblioteca Nacional de Lisboa; publicado por ordem da Academia das Ciências de Lisboa, por Francisco Maria Esteves Pereira, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 1918.

Conclusão

Desde o primeiro momento em que iniciámos o nosso trabalho tivemos consciência de que esta não iria ser uma tarefa fácil. Em Portugal, a ausência de uma tradição de estudos bizantinos constitui um factor que poderia dificultar a realização deste projeto, condicionando assim o seu resultado final. Na mesma linha de pensamento, a quase inexistente possibilidade de acesso às fontes originais obrigou-nos a procurar diversas traduções, o que configurou uma missão muito árdua.

O período cronológico abordado no nosso estudo (sécs. III-VII) revelou ser, sem dúvida, um dos mais importantes relativamente às alterações da orgânica e funcionamento da máquina militar romana e até da própria formação da matriz da Europa medieval. Desde Diocleciano até Maurício, os exércitos imperiais encontraram-se em constante renovação, fruto da necessidade de dar resposta a uma miríade de novos inimigos que, após o último quartel do século IV, penetraram o *limes* romano, dando início ao processo de destruição do Império Romano do Ocidente. Após a queda deste último, Roma perdurou através do império congénere a Oriente. Durante o século VI, assistimos a uma transformação dos ideais de conquista romanos, por via da *renovatio imperii* de Justiniano, um programa militar que teve como objetivo a reconquista dos territórios que, nos séculos anteriores, tinham sido perdidos para os povos ditos “bárbaros”. Os seus resultados foram visíveis: o Império Romano do Oriente, ou Bizantino, alcançou o apogeu da sua expansão territorial. Mas a que custo? As diversas guerras empreendidas por Justiniano, os efeitos da peste bubónica que surgiu na década de quarenta do século VI e a renovação dos conflitos a Oriente, contra a Pérsia, levaram a uma exaustão, tanto financeira como humana dos recursos do império. Como consequência, o legado territorial de Justiniano mostrou ser apenas temporário. Nas décadas que se seguiram à sua morte, todos os territórios conquistados a Ocidente ficaram à mercê de novos oponentes, ao mesmo tempo que as guerras nos Balcãs e a Oriente consumiram todos os esforços do poder imperial.

As duas últimas décadas do século VI presenciaram a derradeira tentativa de preservar a presença romana na Europa Ocidental. Maurício, o último imperador da dinastia Justiniana, dotou as regiões da Itália e do Norte de África de determinada autonomia político-militar, através da criação dos Exarcados de Ravena e do Norte de África. Simultaneamente, as possessões bizantinas na Península Ibérica foram deixadas à sua própria sorte. Os exércitos imperiais, que desde os finais do século III tinham sido

transformados e adaptados às novas conjunturas, não eram capazes de socorrer todo um império que se encontrava disperso pelo Mediterrâneo.

Apoiado nos trabalhos dos antigos e na sua experiência pessoal, o autor do *Stratēgikón* procurou apresentar um exército imperial reformulado e adequado à conjuntura militar dos finais da centúria de Quinhentos. Inversamente à *Epitoma rei militaris* de Vegécio, na qual é apresentado um modelo militar descontextualizado no tempo e cuja finalidade é a de preservar o conhecimento militar de antanho, o texto do *Stratēgikón* é dotado, na sua íntegra, de um total pragmatismo, pautado pelas diversas recomendações avançadas no tocante a ações a ter contra os inimigos da sua própria época e através da enunciação das dificuldades que se faziam sentir nos finais do século VI. Dedicado, quase por inteiro, ao tratamento da cavalaria (um aspecto fortemente contrastante com Vegécio, onde este tema é praticamente inexistente), o *Stratēgikón* constitui, dentro do género literário da *taktiká*, um dos mais completos tratados militares de toda a Antiguidade. A sua falha? A ausência de preceitos relativos ao combate naval, justificável pela inexistência de um tal tipo de guerra durante a segunda metade do século VI.

Contudo, tanto o principado de Maurício como o texto do próprio *Stratēgikón* constituem o canto do cisne não só de um exército imperial, de matriz romana, como da própria Antiguidade. Os oito anos que se seguiram à morte de Maurício, período durante o qual Focas governou Bizâncio, foram marcados por uma grande instabilidade política e militar. Em 610, após a deposição deste, o império presenciou acontecimentos que alterariam por completo a dinâmica da guerra. Em 628, a derrota persa colocou um ponto final a um conflito que se tinha arrastado por séculos. No entanto, a verdadeira mudança ocorreu em 636, quando se deu o desastre militar da batalha de Yarmouk, frente aos muçulmanos. No seu rescaldo, Bizâncio perdeu grande parte das suas possessões orientais: a Síria ficou sob influência muçulmana e as forças imperiais foram expulsas da Mesopotâmia. A Oriente, deixou de existir um corpo militar capaz de defender o império de novas incursões. Perante este quadro, Heráclio procedeu a uma das mais profundas reformas a que os exércitos imperiais jamais tinham sido submetidos. Ao antigo exército romano, baseado na legião, sobrepôs-se um novo paradigma militar, centrado nos novos exércitos provinciais, o que daria origem aos *themáta* (séc. IX).

Não obstante a mudança radical da conjuntura político-militar, os preceitos do *Stratēgikón* sobreviveram aos séculos subsequentes ao fim da Antiguidade Tardia. A máquina militar bizantina pode ter-se afastado dos antigos modelos imperiais de Augusto, de Justiniano e de Maurício mas, na sua matriz, permaneceram os velhos preceitos

militares greco-romanos. A comprová-lo está a compilação, nas obras de Siriano *Magister* e de Leão VI, o *Sábio*, da essência do *Stratēgikón* e do legado genético de toda uma tradição da tratadística grega e latina, a qual podemos fazer remontar ao século IV a.C.

Ao longo do nosso estudo procurámos não nos deixar condicionar pelas análises de Alphonse Dain, de George T. Dennis ou de Philip Rance. Fizemos sobretudo um esforço grande para identificar as grandes diferenças entre os principais paradigmas militares romano-bizantinos que, paradoxalmente, demonstraram ser tão distintos como convergentes: a *Epitoma rei militares* de Vegécio e o *Stratēgikón* de Maurício. Após as novas informações que acrescentámos ao estudo do *Stratēgikón*, admitimos que ficamos por solucionar certas questões a que, futuramente, esperamos poder vir a dar resposta: terá o exército bizantino sido, no seu âmago, uma criação exclusiva do século VI? Remontarão as suas origens a tempos mais recuados do que a época de Diocleciano? Terão os preceitos do *Stratēgikón* sido realmente divulgados, tal como o seu autor pretendia? Terão as suas páginas influenciado o decurso das batalhas que se seguiram à sua composição?

No âmbito deste Mestrado Interuniversitário poderíamos ter escolhido um outro tema; no entanto, a história de um império que marcou o fim da Antiguidade e o decurso de toda a Idade Média, a novidade de um tema que, em Portugal, apenas está a dar os seus primeiros passos, o fascínio pela história de Roma foram aspetos preponderantes na nossa decisão, a qual faz eco das palavras de Maurício: “Agora, que refletimos sobre estes tópicos até onde as nossas habilidades o permitiram, com base na nossa própria experiência e nas autoridades do Passado, registámos estas reflexões para benefício daqueles que as possam ler. Todos os restantes temas, com os quais alguém se possa deparar e que não se encontrem contemplados no presente trabalho, devem ser examinados à luz daquilo que escrevemos, dos ensinamentos da experiência, da própria natureza das coisas e, sempre que possível, aplicados aos problemas que vão surgindo. Pois como seria possível, para nós ou qualquer outro, escrever sobre tudo aquilo que possa surgir no futuro? Como dissertar sobre o que o inimigo tentará de seguida ou no futuro? Quem saberá quantas coisas o Futuro poderá trazer?”⁶²⁷.

⁶²⁷ *Strat.*, XI. *Posfácio*.

Bibliografia

1. Fontes

Agátias de Mirena, *Histórias*. Tradução inglesa de Joseph. D. Frendo: *Agathias, The Histories*, Berlin, Walter de Gruyter & Co., 1975.

Amiano Marcelino, *História*. Tradução inglesa de J. C. Rolfe: *Ammianus Marcellinus, History*, Edição Bilingue, Massachusetts, Harvard University Press, 1971.

Arriano, *Ars Tactica*. Tradução parcial inglesa de Ann Hyland: *Training the Roman Cavalry from Arrian's Ars Tactica*, Londres, Grange Books, Ph. D. Thesis 1993.

Arriano, *Ordem de Marcha e Batalha contra os Alanos*. Edição de Alfredus Eberhard: *Arriani Nicomediensis, Scripta Minora*, Leipzig, Bibliotheca Teubneriana, 1985, pp. 46-50.

Arriano, *Ordem de Marcha e Batalha contra os Alanos*. Tradução inglesa de Catherine M. Gilliver: *The Roman Art of War*, Gloucestershire, Tempus, 1999.

Asclepiódoto, *Teoria Tática*. Tradução inglesa com introdução e notas de William A. Oldfather: "Asclepiodotus, Tactics" in *Aeneas Tacticus, Asclepiodotus, Onasander*, Massachusetts, Harvard University Press, 1943, pp. 227-340.

Eliano, *Sobre a Estratégia Militar dos Gregos*. Estudo, tradução inglesa e notas de Christopher Matthew: *The Tactics of Aelian. A New Translation of the Manual that Influenced Warfare for Fifteen Centuries*, South Yorkshire, Pen & Sword Military, 2012.

Eneias, o Tático, *Sobre a defesa de Posições Fortificadas*. Tradução inglesa com introdução e notas de William A. Oldfather: "Aeneas Tacticus" in *Aeneas Tacticus, Asclepiodotus, Onasander*, Massachusetts, Harvard University Press, 1943, pp. 1-225.

Evágrio Escolástico, *História Eclesiástica*. Tradução inglesa de Michael Whitby: *The Ecclesiastical History of Evagrius Scholasticus*. Liverpool, Liverpool University Press, 2000.

Frontino, *Estrategemas*. Tradução inglesa de Charles E. Bennet: *Frontinus. The Stratagems and The Aqueducts of Rome*, Londres, William Heinemann, 1925.

Homero, *Ilíada*. Tradução inglesa de Robert Fagles, com estudo introdutório e notas de Bernard Knox: *The Iliad*, Londres, Penguin Books, 1998.

Isidoro de Sevilha, *História dos Godos, dos Vândalos e dos Suevos*. Tradução inglesa e introdução de Guido Donini: *History of the Goths, Vandals and Suevi*, Leiden, Brill, 1970.

João I, D., *Livro da Montaria feito por D. Joao I, Rei de Portugal*. Conforme o Manuscrito nº 4352 da Biblioteca Nacional de Lisboa; publicado por ordem da Academia das Ciências de Lisboa, por Francisco Maria Esteves Pereira, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 1918.

Jordanes, *Origens e Feitos dos Godos*. Tradução inglesa com introdução e comentários de Charles Mierow: *The Gothic History of Jordanes*, Princeton, Princeton University Press, 1915.

João Malalas, *Cronografia*. Tradução inglesa de Elizabeth Jeffreys, Michael Jeffreys, Roger Scott et al. *The Chronicle of John Malalas: A Translation*. Melbourne, Australian Association for Byzantine Studies, 1986.

Leão VI, *Taktiká*. Tradução inglesa com introdução e notas de George T. Dennis: *The Taktika of Leo VI*, Washington, Dumbarton Oaks, 2010.

Maurício, *Stratēgikón*. Estudo introdutório de George T. Dennis e tradução alemã de Ernst Gamillscheg: *Das Strategikon des Maurikios*, Viena, Verlag der Österreichischen Akademie der Wissenschaften, 1981.

Maurício, *Stratēgikón*. Tradução inglesa com introdução e notas de George T. Dennis: *Maurice's Strategikon. Handbook of Byzantine Military Strategy*, Filadélfia, University of Pennsylvania Press, 1984.

Maurício, *Stratēgikón*. Tradução italiana com introdução e estudo de Giuseppe Cascarino: *Maurizio Imperatore. Strategikon. Manuale di arte militare dell'Impero Romano d'Oriente*, Rimini, Il Cerchio, 2013.

Onasandro, *O General*. Tradução inglesa com estudo introdutório e notas de Willam A. Oldfather: "Onasander, Strategicus" in *Aeneas Tacticus, Asclepiodotus, Onasander*, Massachusetts, Harvard University Press, 1943, pp. 342-527.

Paulo Diácono, *História dos Lombardos*. Tradução inglesa de William Dudley Foulkey: *History of The Lombards. Paul the Deacon*. Filadélfia, University of Pennsylvania Press, 1974.

Políbio, *Histórias*. Tradução espanhola de Manuel Balasch Recort: *Polibio. Historias. Libros V- XV*, Madrid, Editorial Clasica Gredos S.A., 1981.

Polieno, *Estrategemas*. Tradução espanhola com introdução e notas de Francisco Martín García: *Eneas el Táctico. Polieno, Estrategemas*, Madrid, Editorial Gredos, S. A., 1991.

Procópio, *História das Guerras*. Tradução inglesa de H. B. Dewing: *Procopius, History of the Wars* Edição Bilingue, Massachusetts, Harvard University Press, 1914-1954.

Procópio, *História Secreta*. Tradução inglesa de H. B. Dewing: *Procopius, The Secret History*. Edição Bilingue, Massachusetts, Harvard University Press, 1935.

Pseudo - Higinio, *De Munutiubinus Castrorum*. Tradução inglesa de Catherine M. Gilliver: *The Roman Art of War. A Study of the Roman Military Writers*, Ph.D Thesis, Londres, University of London, 1993.

Siriano Magister, *Peri Strategikes*. Tradução inglesa com introdução e notas de George T. Dennis: *Three Byzantine Military Treatises*, Washington D.C., Dumbarton Oaks Papers, 1985.

Teófilo *Simocatta*, *História*. Tradução inglesa com introdução e notas de Mary e Michael Whitby: *The History of Theophylact Simocatta*, Oxford, Oxford University Press, 1986.

Urbício, *Epitedeuma*. Tradução inglesa, com comentários de Geoffrey Greatrex: “Urbicius’ Epitedeuma: An Edition, Translation and Commentary”, in *Byzantinische Zeitschrift*, nº 98, Berlim, De Gruyter, 2005, pp. 35-74.

Vegécio, *Epitoma rei militaris*. Tradução portuguesa com estudo introdutório e notas de João Gouveia Monteiro e de José Eduardo Braga: *Vegécio. Compêndio da arte militar*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2004.

Xenofonte, *Cinegético*. Tradução inglesa de E. C. Marchant: *Xenophon, Scripta Minora*, Edição Bilingue, Massachusetts, Harvard University Press, 1946, p. 365-458.

Zósimo, *Nova História*. Tradução inglesa e comentários de Ronald. T. Ridley: *Zosimus, New History*, Canberra, Australian Association for Byzantine Studies, 1982.

2. Estudos

ALVAREZ JIMÉNES, David, “La otra ruptura del limes en el 406: La piratería en las provincias occidentales del Imperio” in *Humanitas Supplementum*, nº 21 (coord.) Francisco de Oliveira, José Luís Brandão, Vasco Gil Mantas e Rosa Sanz Serrano, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013, p. 83.

AMATUCCIO, Giovanni, *Peri Toxeias. L’arco da Guerra nel Mondo Bizantino e Tardo-Antico*, Editrice Planetario, Bolonha, 1996.

AUSSARESSES, François, “L’auteur du Strategicon” in *Revue des Études Anciennes*, tomo 8, Bordéus, Feret & Fils, Editeurs, 1906, pp. 23-40.

AZZARA, Claudio, *Teodorico*. Bolonha, Il Mulino, 2013.

BIVAR, A., “Cavalry Equipment and Tactics on the Euphrates Frontier” in *Dumbarton Oaks Papers*, vol. 26, 1972, pp. 271-291.

CAMERON, Averil, *Procopius and the Sixth Century*, Londres, Routledge, 1985.

CASCARINO, Giuseppe, *Maurizio Imperatore. Strategikon. Manuale di arte militare dell’Impero Romano d’Oriente*, Rimini, Il Chercio, 2013.

COSENTINO, Salvatore, *Storia Dell’Italia Bizantina (VI-XI Secolo). Da Giustiniano ai Normanni*. Bolonha, Bononia University Press, 2008.

COSENTINO, Salvatore, “Writing about War in Byzantium” in *Revista de História das Ideias*, volume 30, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009, pp. 83-99.

CROW, J. G., “The Long Walls of Trace” in *Constantinople and its Hinterland: Papers from the Twenty-seventh Spring Symposium on Byzantine Studies*, (coord.) Cyril Mango e Gilbert Dagron. Oxford, Variorum, 1995, pp. 109-124.

D’AMATTO, Raffaele, *Roman Military Clothing (3)*, Oxford, Osprey Publishing Ltd, 2005.

DAIN, Alphonse, “Les Stratégistes Byzantins” in *Travaux et Mémoires*, n° 2, Paris, Éditions E. de Boccard, 1967, pp. 317-363.

DENNIS, George T., “Byzantine Battle Flags” in *Byzantinische Forschungen*, vol. 8, 1982, pp. 51-60.

EVANS, James Alan, *The Emperor Justinian and the Byzantine Empire.*, Londres, Greenwood Press, 2005.

GILLIVER, C. M., *The Roman Art of War*, Tempus Publishing Ltd, Stroud, 1999.

GOLDSWORTHY, Adrian, *Roman Warfare*. Londres, Cassel, 2000.

GOLDSWORTHY, Adrian, *How Rome Fell: Death of Superpower*. New Haven, Yale University Press, 2009.

GREATREX, George; LIEU, Samuel N. C., *The Roman Eastern Frontier and the Persian Wars. Part II AD 363-630. A narrative sourcebook*. Londres, Routledge, 2002.

GUERRA, Amílcar, “Culturas e povos primitivos de Itália” in *História de Roma Antiga, volume 1, Das Origens à morte de César*, coord. de José Luís Brandão e de Francisco de Oliveira, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2015, pp. 16-24.

HALDON, John, *The Byzantine Wars*. Gloucestershire, Tempus, 2001.

JONES, A. H. M., *The Later Roman Empire: a social, economic and administrative survey. 284-602*. Vol. I, Oxford, Basil Blackwell and Mott, Ltd., 1964.

KAEGI, Walter Emil, *Byzantine Military Unrest. 471-843. An Interpretation*, Amsterdão, Adolf M. Hakkert – Publisher, 1981.

KAEGI, Walter Emil, “Some Thoughts on Byzantine Military Strategy”, Brookline, Hellenic College Press, 1983.

KOUROUMALI, Maria, “Mercenaries: Late Empire” in *The Encyclopedia of the Roman Army*, coord de Yann Le Bohec, West-Sussex, Wiley/Blackwell, 2015, pp. 646.647.

LE BOHEC, Yann, *L’Armée Romaine sous le Bas-Empire*, Paris, Picard, 2006.

MACDOWALL, Simon, *Late Roman Infantryman 263-565 AD*, Oxford, Osprey Publishing Ltd, 1994.

- MACDOWALL, Simon, *Late Roman Cavalryman A.D. 263-565*. Oxford, Osprey Publishing Ltd, 1995.
- MACDOWALL, Simon, *Adrianople AD 378. The Goths Crush Rome's Legions*. Oxford, Osprey Publishing, 2001.
- MADGEARU, Alexandru, “Adrianople, Battle of (378)” in *The Oxford Encyclopedia of Medieval Warfare and Military technology, vol 1*. Oxford, Oxford University Press, 2010.
- MANTAS, Vasco Gil, “O Mundo Romano no dealbar do século V” in *Hummanitas Supplementum*, nº 21 (coord. Francisco de Oliveira, José Luís Brandão, Vasco Gil Mantes e Rosa Sanz Serrano. Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013, pp. 124-125.
- MAZZUCCHI, C. M., “Le καταγραφαι dello *Strategikon* di Maurizio e lo schieramento di battaglia dell'esercito” in *Aevum*, nº 55, 1981, pp. 111-138.
- MERRILS, A.; MILES, R., *The Vandals*, West Sussex, Wiley-Blackwell, 2010.
- MONTEIRO, João Gouveia e BRAGA, Eduardo, *Vegécio. Compêndio da arte militar*. Tradução dos autores. Estudo introdutório, comentários e notas de João Gouveia Monteiro. Edição bilingue. Prefácio de Maria Helena da Rocha Pereira. Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009.
- MONTEIRO, João Gouveia., *Grandes Conflitos da História da Europa. De Alexandre Magno a Guilherme “O Conquistador”*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012.
- MONTEIRO, João Gouveia (coord.), *O Sangue de Bizâncio. Ascensão e queda do Império Romano do Oriente*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2017.
- NISA, João Rafael G., *A Arte Militar Bizantina: o Tratado De Velitatione Bellica (Séc. X)*, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Dissertação de Mestrado, 2016.
- OLIVEIRA, Francisco, “Consequências da expansão romana” in *História de Roma Antiga, volume 1, Das Origens à morte de César*. Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2015.
- PETERSEN, Leif Inge R., *Siege Warfare and Military Organization in the Successor States (400-800 AD). Byzantium, the West and Islam*, Leiden, Brill, 2013.
- RANCE, Philip, *Tactics and Tactica in the Sixth-Century: Tradition and Originality*. St Andrews, University of St Andrews, Ph. D. Thesis, 1993.
- RANCE, P., “*Drungus*, Δροῦγγος and Δρουγγιστί – a Gallicism and Continuity in Roman Cavalry Tactics” in *Phoenix*, nº58. 1-2. 2004, pp. 96-130.
- RANCE, P., *The Fulcum, the Late Roman and Byzantine Testudo: the Germanization of Roman Infantry Tactics?*, Greek, Roman and Byzantine Studies, nº 44/3, Duke University Libraries, East Sussex, 2004, pp. 265-326.

RANCE, Philip, "Narses and the Battle of Taginae (Busta Gallorum) 552: Procopius and Sixth-Century Warfare" in *Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte*, Estugarda, Franz Steiner Verlag, 2005, pp. 424-472.

RANCE, Philip, "Army, Byzantium" in R.S. BAGNALL (ed.), *The Encyclopedia of Ancient History*, Chichester, Blackwell Publishing Ltd., 2013, p. 734.

RANCE, P, "Training: Late Empire", in *The Encyclopedia of the Roman Army*, coord de Yann Le Bohec, West-Sussex, Wiley/Blackwell, 2015.

RAVEGNANI, Giorgio, *Soldati e guerre a Bisanzio*, Bolonha, Il Mulino, 2009.

ROTH, Jonathan P., *The Logistics of the Roman Army at War, 264 BC – A.D. 235*, Boston, Brill, 1999.

SCHMITT, Oliver, "bucellarii, buccelarii" in *The Encyclopedia of the Roman Army*, coord. de Yann Le Bohec, West-Ssussex, Wiley/Blackwell, 2015, pp. 120-121.

SIDNELL, Philip, *Warhorse. Cavalry in Ancient Warfare*, Londres, Hambledon Continuum, 2006.

STATHAKOPOULUS, Dionysios, "Crime and Punishment: The Plague in the Byzantine Empire, 541-749" in *Plague and The End Of Antiquity. The Pandemic of 541-740*. Edição de Lester K. Little (ed.), Cambridge, Cambridge University Press, 2007, pp. 99-118.

SYVÄNNE, ILKKA, "Excubitor: Late Empire" in *The Encyclopedia of the Roman Army*, coord de Yann Le Bohec, West-Sussex, Wiley/Blackwell, 2015, p. 381.

SZÁDECZKY-KARDOSS, S., "The Avars" in D. Sinor (ed.), *The Cambridge history of early Inner Asia*, Cambridge, Cambridge University Press, 1990, pp. 206-228.

TREADGOLD, Warren, *Byzantium and Its Army, 284-1081*, Stanford, Stanford University Press, 1995.

TREADGOLD, Warren, *A History of the Byzantine State and Society*, Stanford, Stanford University Press, 1997.

VASILIEV, Alexander, *Justin The First. An Introduction to the Epoch of Justinian the Great*. Massachussets, Harvard University Press, 1950.

WHATELY, Conor, "Baggage Train: Late Empire" in *The Encyclopedia of the Roman Army*, coord de Yann Le Bohec, West-Sussex, Wiley/Blackwell, 2015, pp. 75-76.

WHITBY, Michael, *The Emperor Maurice and His Historian: Theophylact Simocatta on Persian and Balkan Warfare*. Oxford, Clarendon Press, 1988.

WOOD, Jamie, "Defending Byzantine Spain: Frontiers and diplomacy" in *Early Medieval Europe*, volume 18/3, Oxford, Blackwell Publishing Ltd., 2010, pp. 292-319.

Anexos

Anexo I: Cronologia

284: Ascensão de Diocleciano, a 4 de novembro.

286: Divisão do Império Romano. Diarquia Imperial: Diocleciano e Maximiano.

292: Revolta popular no Egito.

293: Instauração do regime da Tetrarquia: o Império passa a ser governado por dois Augustos e dois Césares. Constâncio é nomeado César no Ocidente, e Galério torna-se o seu congénere oriental.

295: Ofensiva de Galério contra os Carpi, nas imediações do Danúbio.

296: Nova revolta no Egito, encabeçada por Domício Domiciano, durante o verão. No inverno, a revolta é abafada por Diocleciano. Narsés, rei da Pérsia, aproveita as movimentações romanas e lança uma ofensiva contra a Arménia, então protetorado romano.

297: Galério, sob ordens de Diocleciano, invade a Pérsia. Esta operação militar culmina com uma pesada derrota para o lado romano.

298: Nova ofensiva contra Narsés. À cabeça de um exército reforçado, Galério obtém uma importante vitória, que obriga à assinatura de um tratado de paz com a Pérsia.

305: Diocleciano abdica do poder, juntamente com Maximiano. Galério e Constâncio são elevados à dignidade de Augusto.

306: Morte de Constâncio. O seu filho, Constantino, é aclamado César, pelas suas tropas. Galério, por sua vez, apoia a causa de Severo II, como César do Ocidente. Maxêncio autoproclama-se César, opondo-se a Severo II e a Constantino. Inicia-se um conturbado período de luta pelo poder.

307: Constantino derrota uma revolta encabeçada por Severo II.

308: Galério nomeia Licínio, como Augusto do Ocidente.

309: Ano dos Seis Augustos: Galério, Licínio, Constantino, Maximino, Maxêncio e Alexandre (o último é aclamado no decorrer de uma revolta a Ocidente).

310: Maximiano tenta retomar o poder mas é impedido por Constantino. Suicídio de Maximiano.

311: Morte de Galério. Licínio e Maximino lutam pelo controlo dos domínios de Galério (metade oriental do Império). Maximino apropria-se das províncias da Ásia Menor

enquanto Licínio se torna senhor das províncias europeias. Maxêncio ocupa o Norte de África.

312: Batalha da Ponte Mílvia. Maxêncio morre em combate contra Constantino.

313: Licínio derrota Maximino, nas imediações de Adrianopla. Em junho, é proclamado o “Édito de Constantino” (Édito de Milão), através do qual é assegurada a tolerância religiosa por todo o Império Romano.

314: Deterioração das relações entre Constantino e Licínio. Guerra civil.

317: Constantino nomeia os seus três filhos como Césares.

324: Batalha naval nas imediações da cidade de Bizâncio e captura da mesma por Constantino. Pouco depois, Licínio é derrotado e capturado em Crisópolis. Unificação do Império sob a égide de Constantino.

325: Licínio é executado. Após a conclusão da guerra civil, Constantino inicia a restauração da cidade de Bizâncio e rebatiza-a com o seu próprio nome: Constantinopla.

330: Inauguração formal de Constantinopla.

335: Constantino dá início ao processo de sucessão pelos seus filhos.

337: Batismo e morte de Constantino. Os três filhos de Constantino são aclamados como Augustos: Constâncio II, Constante I e Constantino II.

338: Guerra a Oriente, contra a Pérsia, nos domínios de Constâncio II. Ofensiva persa contra Nisíbe, que culmina numa vitória romana.

340: Constantino II invade as províncias itálicas de Constante I. Morte de Constantino II em Aquileia. Constante I torna-se senhor de dois terços do Império.

346: Segunda ofensiva persa contra Nisíbe, com os mesmos resultados da anterior.

348: Batalha de Singara, com um desfecho pesado, tanto para Romanos como para Persas.

350: Terceira ofensiva persa contra Nisíbe. Em janeiro, Constante I é assassinado, no decorrer de uma revolta, encabeçada por Magnêncio.

351: Batalha de Musa, a 28 de setembro, entre as forças de Constâncio II e Magnêncio. Apesar da vitória do primeiro, ambos os lados sofrem baixas pesadas.

353: Batalha do Monte Seleuco. Magnêncio é derrotado por Constâncio II. O Império Romano volta a ser unificado e governado apenas por um imperador.

354: Primeira campanha de Constâncio II, contra os Alamanos.

355: Segunda campanha contra os Alamanos. Juliano é elevado a César.

356: Terceira campanha contra os Alamanos.

357: Campanhas romanas no Danúbio, contra os Sármatas, os Quados e os Limigantes.

359: Sapor II, rei da Pérsia, ataca as fronteiras orientais do Império e anexa a cidade de Amida.

360: Singara e Bezabda caem perante as ofensivas persas. Constâncio II estabelece o seu quartel-general em Antioquia. Início dos preparativos para a contraofensiva militar.

361: Juliano inicia a movimentação das suas tropas para Oriente, em auxílio de Constâncio II. A 3 de novembro, Constâncio II morre na Cilícia.

362: Chegada de Juliano a Antioquia.

363: Juliano parte de Antioquia, em direção ao rio Eufrates. Derrota persa em Ctesifonte. Movimentação das forças romanas para norte, com sucessivos ataques persas pelo caminho. Numa ocasião, Juliano é ferido mortalmente, falecendo dias depois. Joviano é aclamado imperador pelo exército.

364: Morte de Joviano (em fevereiro). Um mês depois, Valentiniano é aclamado imperador. No mês seguinte, nomeia o seu irmão, Valente, para ser o seu par, como Augusto.

365: Revolta de Procópio contra Valente (Augusto do Oriente), com o apoio de forças de Atanarico, rei dos Visigodos.

367: Início dos conflitos entre Valente e Procópio. O último é traído e executado. A Ocidente, Valentiniano nomeia o seu filho, Graciano, como Augusto e sucessor a Ocidente.

368: Campanhas de Valente no Danúbio, contra as forças de Atanarico.

369: Derrota de Atanarico. Paz no Danúbio, com termos bastante favoráveis para os Romanos. Nas fronteiras orientais, Sapor II invade a Arménia.

370: Valente dirige-se para Antioquia. Nos oito anos seguintes, leva a cabo uma série de intervenções militares contra os Persas, embora o seu sucesso não seja de grande alcance.

375: Valentiniano I dirige-se para a Ilíria, a fim de defender a região de invasões de Sármatas e Quados. Morte de Valentiniano, em novembro. É sucedido pelo seu filho, Valentiniano II, como Augusto. O seu filho mais velho, Graciano, torna-se Augusto sénior, no Ocidente.

376: A Oriente, surgem os primeiros rumores dos Hunos. O reino dos Ostrogodos, sob a liderança de Hermanrico, cai. Entretanto os Visigodos, perante a ameaça huna, pedem auxílio a Valente. Em finais do outono, muitos Ostrogodos iniciam a travessia do Danúbio, para as províncias do Império.

377: Conflitos no seio do Império do Oriente, entre os recém-chegados Godos e as forças romanas. Entretanto, contingentes de Ostrogodos, aproveitando a confusão estabelecida, infiltram-se nos territórios romanos.

378: Perante a situação nas províncias abaixo do Danúbio, Valente dirige-se a Constantinopla, a fim de reunir uma força militar e pacificar a região. A 9 de agosto trava-se batalha nas imediações de Adrianopla, onde os Romanos sofrem uma das mais pesadas derrotas da sua história. Na batalha, o imperador e dois terços do seu exército perecem.

379: Perante a impossibilidade de governar o império sozinho, após a morte misteriosa de Valentiniano II em 392, Graciano nomeia Teodósio como Augusto do Oriente. No mesmo ano, Teodósio impõe o recrutamento obrigatório, como meio de preencher as baixas militares decorrentes do desastre em Adrianopla. Guerra contra os Ostrogodos.

380: Teodósio permite que tribos godas se instalem a sul do Danúbio, outorgando-lhes o título de *foederati*. Neste mesmo ano, no mês de fevereiro, foi decretado o Édito de Tessalónica, por meio do qual o cristianismo se tornou a religião oficial do império.

382: Paz entre Romanos e Godos.

383: Guerra civil no Império do Ocidente. Assassinato de Graciano.

386: Bandos de Ostrogodos, liderados por Odoteu, surgem a norte do Danúbio e tentam a sua travessia. São travados por Promotus, *magister militum per Thracias*. Paz com a Pérsia.

394: Batalha do rio Frígido (a 6 de setembro). Breve reunificação do Império.

395: Morte de Teodósio. O império é dividido pelos seus dois filhos: Arcádio no Oriente e Honório a Ocidente.

405: Insurreição dos Isaurianos, com vários ataques na Síria.

408: Arcádio falece. É sucedido pelo seu filho, Teodósio II, que à altura apenas contava com sete anos de idade. Devido à tensão que, então, se fazia sentir entre ambos os governos romanos após a morte de Honório, Alarico I cerca, pela primeira vez, a cidade de Roma.

409: Segundo cerco visigodo a Roma.

410: Terceiro cerco de Roma, por Alarico I. A cidade é tomada e saqueada.

421: Varanes, rei da Pérsia, reinicia as hostilidades com os Romanos. Forças imperiais devastam as regiões da Arménia e cercam Nisíbe.

422: Após uma pesada derrota, Varanes aceita a paz com os Romanos. Nos Balcãs, as forças hunas iniciam a sua invasão dos territórios imperiais.

425: Teodósio II envia para Ocidente um forte contingente militar, a fim de apoiar Valentiniano III contra uma revolta levada a cabo por João, *O Usurpador*.

431: Primeira expedição militar contra os Vândalos, no Norte de África. Os seus resultados revelam-se desastrosos para os Romanos.

- 441:** Segunda expedição contra os Vândalos do Norte de África. Quebra da paz com a Pérsia, nas fronteiras orientais. Átila atravessa o Danúbio e, ao comando da horda hunna, destrói as cidades de Viminácio, Margus, Singidino e Sirmio.
- 443:** Forças romanas tentam travar o avanço de Átila, mas sem sucesso.
- 447:** Átila efetua a travessia do Danúbio, uma vez mais. Nova tentativa romana de travar o seu avanço, mas sem sucesso. Devastação da Trácia e da Ilíria.
- 450:** Morte de Teodósio II. É sucedido por Marciano.
- 451:** Batalha dos Campos Cataláunicos, com a vitória dos exércitos romanos. As forças de Átila retiram.
- 452:** Morte de Átila e desintegração do Império Huno.
- 457:** Morte de Marciano. A sucessão recai sobre Leão I, “o Trácio”.
- 459:** Tribos ostrogodas, lideradas por Teodorico Estrabão, atacam a Ilíria e capturam a cidade de Dirráquio.
- 461:** Leão I consegue alcançar um acordo com os Ostrogodos, enviando-os para as terras da Panónia.
- 466:** O isauriano Tarasicodissa entra na corte imperial, e adota o nome de Zenão. Por esta altura é criado o corpo dos *excubitores*.
- 467:** Casamento de Zenão com Ariadne, filha de Leão I.
- 468:** Nova investida romana contra os Vândalos. Derrota da frota romana na batalha do Cabo Bom.
- 471:** Os Ostrogodos abandonam a Panónia e, sob o comando de Teodomiro, atacam a Dácia. Confrontos com as forças imperiais. Teodomiro é sucedido pelo seu filho, Teodorico.
- 474:** Morte de Leão I. O seu filho, Leão II, falece volvidas apenas três semanas, contando apenas sete anos de idade. Zenão toma o lugar de Leão I como imperador do Oriente.
- 476:** Deposição de Rómulo Augusto por Odoacro e queda do Império Romano do Ocidente. As insígnias imperiais são enviadas para Constantinopla. Odoacro torna-se o *Rex Italiae*, título outorgado ao soberano do reino de Itália.
- 477:** Conflitos entre Teodorico, *O Grande*, Zenão e Teodorico Estrabão. Grande parte dos Balcãs é devastada. Odoacro expulsa os Vândalos da Sicília.
- 480:** Ocupação da Dalmácia pelas forças de Odoacro.
- 481:** Morte de Teodorico Estrabão. Acordo entre Zenão e Teodorico, *O Grande*.
- 484:** Teodorico recebe o cargo de *magister militum praesentalis*. Revolta dos Isaurianos.

485: Novas dissensões entre Teodorico e Zenão. A Trácia é saqueada. Zenão reencaminha Teodorico contra outra ameaça ao Império: o reino de Odoacro em Itália.

488: Teodorico inicia o êxodo com o seu povo, em direção à Península Itálica. Zenão põe um fim à revolta dos Isaurianos.

489: Chegada à Itália, após a travessia dos Alpes. Em agosto, dão-se os primeiros confrontos entre as forças de Teodorico e de Odoacro, na Batalha de Isonzo. Vitória de Teodorico e fuga de Odoacro para Verona. Em setembro, Odoacro volta a sofrer uma derrota, refugiando-se, desta vez, em Ravena, a capital do reino.

490: Ofensiva de Odoacro. Consegue, com sucesso, capturar Milão e Cremona. Inicia o cerco à capital de Teodorico, Pavia. Contudo, a intervenção de forças visigodas obrigam Odoacro a levantar cerco e a retirar. Em agosto, na batalha do Rio Adda, Teodorico alcança uma vitória decisiva contra Odoacro. Este último, derrotado, refugia-se uma vez mais em Ravena. Contudo, o Senado e muitas outras cidades italianas declaram a sua intenção de se aliarem a Teodorico. Cerco a Ravena.

491: Morte de Zenão. Anastácio é proclamado imperador do Império do Oriente. Nova revolta dos Isaurianos, liderados por Longino.

492: Após dois anos de cerco, Ravena cai às mãos de Teodorico.

493: Teodorico torna-se rei dos Ostrogodos, em Itália. Odoacro é assassinado. Início do reino dos Ostrogodos em Itália.

497: Anastácio, imperador bizantino, outorga o título de *patricius* a Teodorico.

498: Reinado de Teodorico (498-525). O reino dos Ostrogodos atinge o seu zénite. Alcança a sua extensão territorial máxima e fomenta políticas de aliança com as tribos germânicas, a Norte. Tentativa, da parte de Teodorico, de restaurar a antiga glória romana. Anastácio esmaga a revolta do Isauriano Longino.

502: Invasão dos territórios da Arménia pelo rei persa.

506: Anastácio fortifica a cidade de Dara e a fronteira com a Pérsia é assegurada.

518: Morte de Anastácio. É sucedido por Justino I.

526: Morte de Teodorico, em Itália. Sucede-lhe o seu neto, Atalarico. Contudo, por ainda ser menor de idade, o governo do reino fica a cargo da regência da sua mãe, Amalásunta. Tem início um período de disputas internas pelo poder.

527: Cabades, rei da Pérsia Sassânida, declara guerra a Bizâncio. Morte de Justino I; Justiniano torna-se imperador em Constantinopla.

530: Ataques persas na Ibéria, por Cabades e Cosroés I. Formação de um novo corpo militar bizantino: o exército da Arménia. Vitória bizantina na Batalha de Dara.

- 531:** Belisário, general bizantino, é derrotado na batalha de Calinico. Morte do rei Cabades.
- 532:** Assinatura da “Paz Perpétua” e termo dos conflitos contra os Persas. Revolta *Nika*, em Constantinopla. Justiniano envia Belisário para o Norte de África, contra os Vândalos. Início da Guerra Vândala. Em finais do ano, Belisário toma Cartago.
- 534:** Morte de Atalarico e encarceramento de Amalásunta. Teodato torna-se rei. Belisário conquista o Norte de África e, meses depois, a Sardenha, a Córsega e as Ilhas Baleares rendem-se a Bizâncio.
- 535:** Morte de Amalásunta. Justiniano I, imperador de Bizâncio, organiza uma campanha contra o reino Ostrogodo. Início das Guerras Góticas. Belisário, desta vez, é enviado para a Sicília, que é tomada neste mesmo ano, juntamente com Nápoles.
- 536:** Tomada de Roma pelas forças bizantinas. Teodato é sucedido por Vitiges.
- 537:** Vitiges cerca Roma.
- 538:** Narsés é enviado para Itália. Contudo, dissensões com Belisário têm, como consequência, a estagnação da campanha bizantina.
- 539:** Justiniano chama Narsés de volta a Constantinopla.
- 540:** Cerco a Ravena. Aprisionamento de Vitiges e posterior envio, juntamente com o seu tesouro, para a capital do Império Bizantino. No mesmo ano, Belisário é chamado a intervir a Oriente, onde os Persas quebraram a Paz Perpétua. Início das Guerras Sassânidas, que se prolongam até 562. Idibaldo inicia o seu governo em Itália, como rei dos Ostrogodos.
- 541:** Neste ano verifica-se o aparecimento da peste bubónica no Mediterrâneo, cujo surto perdurará por quatro anos. Grande parte da população, civil e militar, perece. O próprio Justiniano é afetado pela peste e, em Constantinopla, uma conspiração para usurpar o trono imperial é desmascarada. Grandes perdas humanas em Itália. Morte de Idibaldo, tendo sido sucedido por Erarico. Breve reinado de Erarico, que morre no mesmo ano. Ascensão de Totila, que aproveita o caos gerado pela peste para reorganizar o exército ostrogodo.
- 542:** Totila alcança uma importante vitória em Faenza e conquista os territórios a Sul, conseguindo dominar quase toda a Península Itálica.
- 544:** Belisário regressa a Itália. Contudo, desta vez, os resultados obtidos são muito fracos.
- 545:** Novo período de tréguas com a Pérsia.
- 546:** Roma é tomada pelos Ostrogodos e grande parte da sua população é massacrada.
- 547:** As forças bizantinas conseguem recuperar Roma.
- 548:** Belisário é afastado do comando das tropas bizantinas.

- 550:** Roma cai, uma vez mais, às mãos dos Ostrogodos.
- 551:** Justiniano reúne um vasto exército (cerca de 35 000 homens) sob o comando de Narsés. O exército marcha em direção à Itália.
- 552:** Narsés alcança Ravena. Vitória decisiva bizantina na batalha de Tadina. Totila é gravemente ferido, vindo a falecer escassos meses depois. Segunda batalha de Tadina e fim da resistência dos Ostrogodos. Justiniano envia tropas para a Península Ibérica, de forma a apoiar uma rebelião contra o rei Visigótico.
- 554:** Batalha do Rio Casilino. As forças bizantinas deparam-se com uma coligação de Francos e Alamanos. Vitória bizantina e Justiniano dá por terminada a reconquista da Itália. Fim das Guerras Góticas.
- 558:** Um novo surto de peste no Mediterrâneo impede o prosseguimento do plano de Justiniano para a conquista da Península Ibérica. Apenas os territórios mais a sul da Península ficam sob o domínio bizantino.
- 561:** Narsés, no norte da Península Itálica, erradica os últimos vestígios dos Ostrogodos.
- 562:** Paz dos “Cinquenta Anos” com a Pérsia.
- 565:** Morte de Justiniano I. O Império Bizantino alcança o seu auge territorial, com um exército profissional apto a defender o Império.
- 568:** Justino II substitui Narsés no governo de Itália pelo prefeito Longuino. Invasão lombarda da Península Itálica.
- 569:** O Império Bizantino vê-se invadido em várias frentes: na Península Ibérica, as possessões bizantinas são atacadas pelos Visigodos; em África, as tribos berberes ameaçam as conquistas de Belisário e, em Itália, ocorre a movimentação dos Lombardos.
- 570:** Os Lombardos conquistam todos os territórios situados entre os Alpes e o rio Pó.
- 572:** Os Persas quebram a Paz dos “Cinquenta Anos”. Os Lombardos conquistam grande parte dos territórios italianos.
- 574:** Forças persas tomam a cidade de Dara.
- 576:** Grande derrota bizantina contra um exército lombardo. Pauperização dos efetivos militares bizantinos em Itália. As incursões ávaras no Danúbio e o perigo de uma potencial invasão obrigam a que sejam assinadas tréguas na fronteira com a Pérsia, por um período de dois anos. Cosroés é derrotado em Melitene.
- 577:** Nova derrota de Cosroés.
- 578:** Classe, o grande porto de Ravena (fundado por Júlio César), cai. Justino II é afetado por uma doença mental e abdica do trono, a favor de Tibério. As fronteiras ocidentais do

Império são negligenciadas, em virtude do conflito a Oriente, contra os Persas. O general Maurício consegue pacificar os territórios da Arménia.

579: Morte de Cosroés.

582: Maurício torna-se imperador.

584: Criação do Exarcado de Ravena.

586: Batalha de Solação, e Filípico, general bizantino, obtém uma importante vitória sobre os Persas.

588: As forças bizantinas, estacionadas no Danúbio, amotinam-se por questões relacionadas com o soldo.

590: Cosroés II, deposto por uma rebelião, procura auxílio junto de Maurício.

591: Dara volta a ser tomada pelas forças bizantinas.

593: As guarnições do Danúbio, perante as novas ordens para passarem o período de inverno a norte do Danúbio, ignoram as disposições imperiais e ameaçam revoltar-se.

599: Os territórios dos Balcãs ficam, na sua totalidade, sob o controlo das forças bizantinas, e a fronteira do Danúbio é reestabelecida.

592: Eventual redação do *Stratēgikón*.

602: De forma a controlar os gastos imperiais, Maurício ordena às guarnições do Danúbio que passem o período de inverno a norte do rio. Desta vez, as tropas não só refutam as ordens, como marcham também sobre Constantinopla, depõem o imperador (que é executado, juntamente com a sua família) e aclamam Focas como novo imperador bizantino.

Anexo II: O Império Romano-Bizantino (sécs IV-VI)

1. A Tetrarquia Romana (286)⁶²⁸



2. O Império Romano sob a governação de Constantino I (337)⁶²⁹



⁶²⁸ Imagem consultada em:

<https://i.pinimg.com/originals/b3/29/6b/b3296b270d8843d4d234eff705d42547.jpg>
(05/09/2017; 15:53).

⁶²⁹ Imagem consultada em:

<https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/c/c5/ConstantineEmpire.jpg/440px-ConstantineEmpire.jpg>
(18/10/2017; 13:45).

3. A divisão definitiva do Império por Teodósio (395)⁶³⁰



4. A Queda do Império Romano do Ocidente (476)⁶³¹



⁶³⁰ Imagem consultada em:

<https://www.shorhistory.org/images/Division-of-Roman-Empire-Map-395AD.jpg>
(15/09/2017; 20:34).

⁶³¹ Imagem consultada em:

<https://i.pinimg.com/originals/13/96/e8/1396e8787aad1d2d1d8105f5729ca56d.jpg>
(19/09/2017; 14:58).

5. As Reconquistas de Justiniano (565)⁶³²



6. Bizâncio nos finais da Antiguidade Tardia (602)⁶³³



⁶³² Imagem consultada em:
http://wps.ablongman.com/wps/media/objects/262/268312/art/figures/KISH_07_149.gif
(20/09/2017; 09:14).

⁶³³ Imagem consultada em:
<https://qph.ec.quoracdn.net/main-qimg-661f0682cdc4a3342a253c7b8dd3680a>
(19/10/2017; 23:12).

Anexo III: Glossário

Alamanos: Confederação de tribos germânicas, sediadas a norte do rio Reno.

Alanos: Povo de origem iraniana. Juntamente com os Vândalos, estabeleceram-se no Norte de África, até à sua conquista por Belisário, no século VI.

Ávaros: Povo nómada da Estepe. Durante o século VI, estabeleceram-se na Panónia (atual Hungria).

Bándon: (pl. *banda*), bandeira ou estandarte; também uma unidade composta por cerca de 300 tropas; sinónimo de *tagmá*.

Citas: Povo nómada da região da Eurásia. Foram dos primeiros a dominar a arte da guerra a cavalo. Durante o período da Antiguidade Tardia, o termo foi comumente empregue para denominar os diferentes povos da Estepe, com a mesma origem geográfica.

Comes: termo latino para denominar o comandante de um *bandon* ou *tagmá*. Cf. *Tribuno, Conde*.

Comes Excubitor: comandante da guarda do imperador.

Conde: vide *Comes, Tribuno*.

Decarca: comandante de dez homens.

Decarquía: esquadrão de dez homens.

Deputatoi: (lt. *deputatii*), unidade médica; seguia atrás do corpo principal, socorrendo aqueles que eram feridos na refrega.

Divisão: no *Stratēgikón*, trata-se de uma formação equivalente à *meros*, constituída por cerca de seis a sete mil homens.

Drungário: (gr. *droungos*, lt. *drungi*), unidade de cavalaria irregular, comumente utilizada para emboscadas e/ou ataques surpresa.

Duque: (lt. *dux*, gr., *doûx*), sinónimo de *moirarca*. Cf. *moirarca*.

Esquadrão: unidade de dez homens.

Exarcado: Divisão administrativa bizantina, de cariz militar. Implantado em África e, durante o reinado de Maurício, em Itália, com sede em Ravena.

Falange: formação quadrada ou retangular, bastante compacta, de número variável, composta geralmente por piqueiros.

Foederati: (lt.) Mercenários bárbaros que, em troca dos seus serviços militares, recebiam a possibilidade de se estabelecerem nos territórios imperiais.

Hecatontarca: comandante de cem homens.

Hecatontarquia: esquadrão de cerca de cem homens.

Hérulos: Tribo germânica, sediada nas imediações do Mar Negro. Frequentemente contratados pelos generais bizantinos como mercenários.

Iarca: primeiro hecatontarca; segundo-em-comando de um *tagma* ou *bandon*.

Limes: (lt.) Termo atribuído à fronteira/delimitação do Império Romano e, posteriormente, do Império Bizantino.

Limitanei: (lt.) unidades militares dos exércitos romanos e bizantinos, com a função de proteção dos territórios fronteiriços.

Magister Militum: (lt.) O mais alto cargo militar bizantino (abaixo apenas do de Imperador) até, aproximadamente, o principado de Heráclio. O detentor deste cargo era responsável pelo comando de um dos vários exércitos bizantinos.

Merarca: comandante de uma *meros*.

Meros: (pl. *mere*) divisão composta por cerca de três *moiras*, contendo aproximadamente entre seis a sete mil homens.

Moira: unidade composta por três *banda*, cada um com cerca de cem a duzentos homens.

Moirarca: comandante de uma *moira*.

Optimates: unidade de cavalaria de elite, geralmente estacionada na segunda linha do exército; constituída à maneira germânica; formada por volta dos finais do século III.

Ostrogodos: Ramo oriental dos povos germânicos denominados de Godos. Durante os finais do século V e sob a liderança de Teodorico, *O Grande*, estabeleceram-se em Itália, fixando aí o reino ostrogodo.

Pentarca: comandante de cinco homens.

Promachos: primeira linha de tropas de uma formação de batalha.

Quiliarca: comandante de mil homens, equivalente a moirarca.

Quiliarquia: unidade de mil homens; veio a incluir mais homens, tornando-se equivalente a uma moira.

Strategos: (pl. *Strategoí*) general; comandante supremo do exército.

Stratelâtes: sinónimo de merarca.

Tagmá: (pl. *tagmata*) unidade básica de cavalaria e/ou de infantaria, composta por 200 a 400 soldados; no *Stratēgikón*, tem um valor equivalente ao de um *bandon*. (Cf., *bandon*).

Taxiarca: nome dado ao moirarca dos *optimates*.

Tetrarca (1): Um dos governantes do império romano, instituídos através do modelo governativo da Tetrarquia Imperial.

Tetrarca (2): líder de quatro soldados; o que comanda a retaguarda de cada coluna.

Tribuno: termo latino para denominar o comandante de um *bandon* ou *tagma*.

Tropas de Assalto: (lt. *cursores*, gr. *koursores*) tropas que se adiantavam ao corpo principal do exército e/ou que se projetavam sobre os inimigos em fuga; avançavam em formação dispersa.

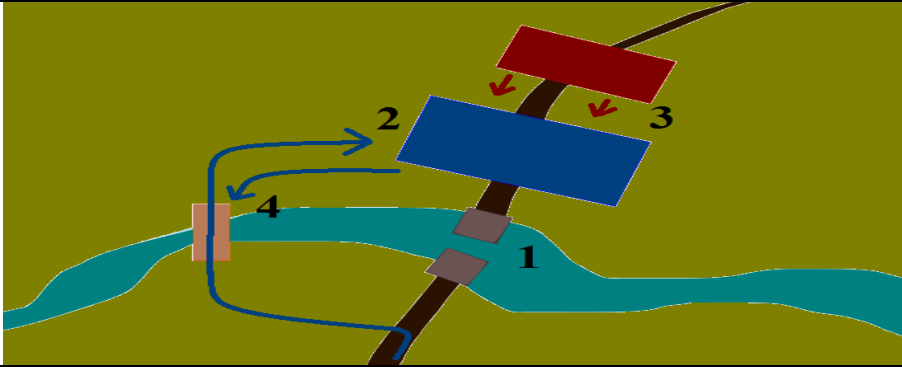
Tropas de Defesa: (lt. *defensores*) unidades de apoio às tropas de assalto, caso estas fossem obrigadas a recuar; marchavam numa formação compacta e ordeira.

Vândalos: Grupo de tribos germânicas que, no decorrer do século V, se estabeleceram na Península Ibérica e no Norte de África.

Visigodos: Ramo ocidental dos povos germânicos denominados de Godos. Após a batalha de Adrianopla, penetraram a fronteira do império e estabeleceram o seu próprio reino na Península Ibérica.

Anexo IV: Batalhas e estudos de caso⁶³⁴

1. Ponte Mílvia

Data: 28 de Outubro de 312	
Local: Imediações do rio Tibre (Itália), numa ponte fora do circuito de muralhas romanas na atual localidade de Ponte Mílvia.	
Antecedentes: Rivalidades surgidas após a morte de Diocleciano. Tentativa de Constantino de reclamar para si todo o Império Romano do Ocidente.	
Resultado: Vitória de Constantino sobre as tropas lideradas por Maxêncio.	
Consequências: Morte de Maxêncio. Constantino torna-se o único <i>Augusto</i> do Império Romano do Ocidente.	
Beligerantes	
Fação romana de Constantino	Fação romana de Maxêncio
Comandantes	
Constantino	Maxêncio
Forças	
Legionários Romanos Soldados Regulares	Legionários Romanos Soldados Regulares
Números	
c. 30 000	c. 50 000
Perdas	
Impossível de contabilizar mas, provavelmente, em número bastante elevado.	A quase totalidade das forças de Maxêncio pereceu na batalha.
Batalha	
	
Perante a aproximação de Constantino à cidade de Roma, Maxêncio ordenou a destruição da ponte Mílvia (1). Após a construção de uma ponte de barças, apenas para uso das forças de Maxêncio, a batalha tem início (2). As forças de Constantino conseguem, com sucesso, empurrar os soldados de Maxêncio para o rio Tibre (3). Com a batalha perdida, Maxêncio ordena a retirada pela ponte improvisada. Contudo, o peso de todos os homens sobre a ponte causou o seu colapso, e Maxêncio perdeu a vida (4). Aqueles que não alcançaram a ponte foram, ou presos, ou executados pelos homens de Constantino.	

⁶³⁴ Todos os mapas do presente Anexo são da nossa total autoria e responsabilidade.

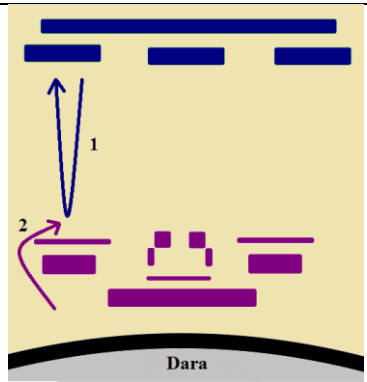
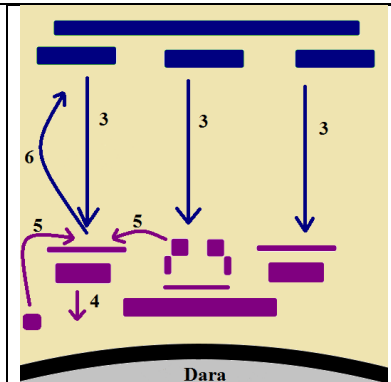
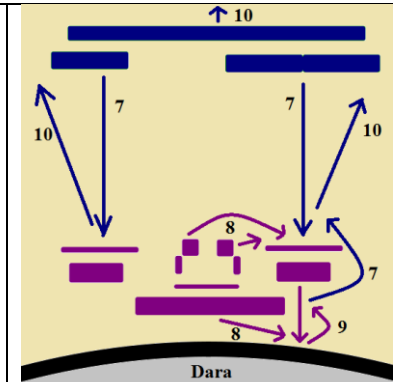
2. Argentorato (Estrasburgo)

Data: 357	
Local: Imediações de Argentorato, atual cidade de Estrasburgo.	
Antecedentes: Invasões germânicas na Gália. Juliano é enviado por Constâncio para tomar conta da situação. Após uma série de conquistas de praças-fortes, as forças de Juliano encontraram-se com as hostes alamanas de Conodomário e a batalha tem lugar.	
Resultado: Vitória romana.	
Consequências: Após a batalha, Juliano obteve margem de manobra para poder proceder a reparações e guarnecer as fortalezas do rio Reno e, paralelamente, impor um pesado tributo aos povos germânicos, sediados na margem norte.	
Beligerantes	
Império Romano	Alamanos
Comandantes	
Juliano	Conodomário (rei dos Alamanos)
Forças	
Infantaria legionária Cavalaria catrafactária	Contingentes alamanos
Números	
c. 13 000	c. 6 000 a 10 000
Perdas	
243 (segundo Amiano Marcelino, um número que nos parece ser altamente improvável)	c. 6 000
Batalha	
<p>Ambas as alas esquerdas (1) e o centro da primeira linha romana (1) avançam em simultâneo. A ala direita, composta por cavalaria romana, recua, sem razão aparente (2). Com receio da investida do centro alamanos (3), Juliano avança a sua própria guarda, de forma a conseguir recuperar os seus soldados da ala direita. Após reunir as suas tropas, Juliano ataca a cavalaria alamana (4), ao mesmo tempo que o resto do exército romano avança, em larga escala. As forças de Conodomário, perante os avanços inimigos, começam a desertar (5) e a batalha é, assim ganha por Juliano.</p>	

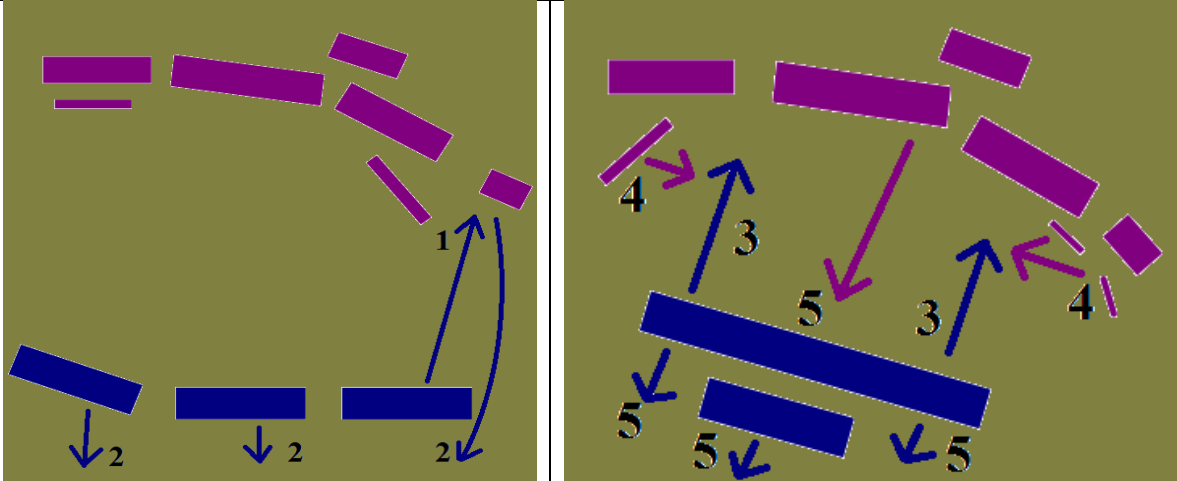
3. Adrianopla

Data: 9 de Agosto de 378	
Local: Imediações de Adrianopla.	
Antecedentes: Invasões bárbaras no Danúbio. Os Godos, empurrados pelos Hunos, cruzaram o <i>limes</i> do Império. Apesar de instalados nas províncias romanas, as hostilidades com os oficiais romanos não tardaram e a guerra instalou-se.	
Resultado: Pesada derrota romana.	
Consequências: Morte do imperador Valente. Início das “grandes invasões”. Reacendimento da guerra com os Persas. Pauperização do exército romano oriental.	
Beligerantes	
Império Romano do Oriente	Coligação de tribos godas
Comandantes	
Valente, Imperador Romano do Oriente	Fritigerno, Rei Visigótico Alateu Safrax
Forças	
<i>Equites palatini</i> <i>Equites comitatenses</i> Legiões <i>palatinae</i> e <i>auxilia palatina</i> <i>Scholae Palatinae</i>	Cavalaria e infantaria visigoda Forças romanas desertoras Cavalaria ostrogoda Cavalaria huna Cavalaria alana
Números	
c. 15 000	c. 13 600 a 19 300
Perdas	
c. 10 000	Desconhecido
Batalha	
<p>Ataque prematuro da cavalaria romana (1) da ala direita contra o <i>carrago</i> dos Visigodos (A). A ala esquerda, ainda por formar, tenta apoiar o seu ímpeto (2). No entanto, desconhecida das tropas romanas, a cavalaria bárbara irrompe pelo campo de batalha (3), derrotando e colocando em fuga as tropas montadas romanas (4). Perante este cenário, a reserva romana, composta por soldados bárbaros, deserta (5), deixando o imperador sozinho com a infantaria e a sua guarda-pessoal. Após o choque dos corpos de infantaria (6), Valente é flanqueado pela cavalaria visigoda (7), sucumbindo ao seu ataque.</p>	

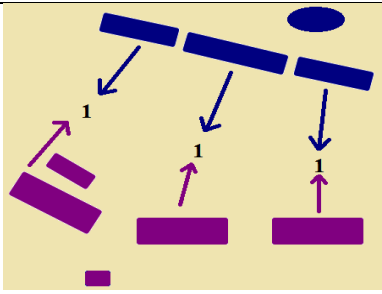
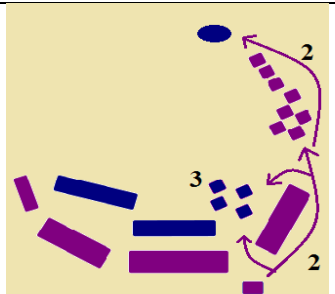
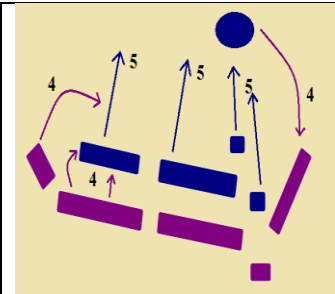
4. Dara

Data: 530		
Local: Fortaleza de Dara.		
Antecedentes: Após a recusa de Justino I em adotar Cosroés, o rei Cavades declarou guerra ao Império Bizantino. Depois do falhanço das negociações entre os dois impérios, Cavades atacou a cidade de Dara, em 530.		
Resultado: Vitória bizantina		
Consequências: Derrotados, os Persas recuaram, tendo sido perseguidos por Belisário, que conseguiu encurralar o inimigo e forçar uma nova batalha, em Calinico.		
Beligerantes		
Império Bizantino	Império Persa	
Comandantes		
Belisário Hermógenes	Perozes	
Forças		
Exército Imperial do Oriente Aliados Hunos e Herúlos	Soldados do Império Persa	
Números		
25 000	40 000 + 10 000 tropas de reforço	
Perdas		
Não contabilizáveis	c. 8 000	
Batalha		
		
<p>Primeira fase: A ala direita persa carrega sobre a ala esquerda bizantina (1). Perrante o contra-ataque das forças imperiais (2), os inimigos persas vêm-se obrigados a recuar.</p> <p>Segunda fase: Ataque dos arqueiros persas, seguido de uma carga frontal do grosso do exército persa (3). Perante o ímpeto do ataque persa, a ala esquerda bizantina é obrigada a recuar (4). Tendo estado escondido, um contingente de cavalaria huna, sob o comando de Belisário, ataca o flanco direito da ala persa, ao mesmo tempo que a cavalaria imperial ataca o flanco esquerdo da mesma ala (5). Em minoria, a cavalaria persa recua (6).</p> <p>Terceira fase: Ataque frontal persa, com o grosso do seu exército (7). Assim que ambas as alas imperiais são afrontadas pelo ataque inimigo, Belisário ordena o contra-ataque, através das forças de cavalaria, quebrando o ímpeto persa (8). Após recuperar do embate inicial, a ala direita bizantina reagrupa-se e procede à contraofensiva (9). Perante a investida imperial, os soldados persas entram em pânico e começam a desertar (10).</p>		

5. Tadina (552)

Data: Junho/Julho de 552	
Local: Imediações da aldeia de Tadina (Península Itálica).	
Antecedentes: Terceira fase das Guerras Góticas. Regresso de Narsés a Itália, após o ressurgimento do poderio ostrogodo, sob o comando de Totila.	
Resultado: Vitória bizantina decisiva.	
Consequências: Fim do domínio ostrogodo em Itália e anexação do mesmo território ao Império Bizantino.	
Beligerantes	
Império Bizantino	Reino Ostrogodo
Comandantes	
Narsés	Rei Totila
Forças	
Tropas Imperiais Lombardos Hérulos Gépidas	Exércitos leais ao rei Ostrogodo
Números	
c. 28 000	c. 15 000
Perdas	
Impossível de contabilizar, provavelmente um número muito reduzido	c. 6 000
Batalha	
	
<p>Fase Primeira: Tentativa ostrogoda de desbaratar o flanco esquerdo bizantino (1). Insucesso da operação e retirada das forças de Totila (2).</p> <p>Fase Segunda: A totalidade da cavalaria ostrogoda avança contra as primeiras linhas da infantaria bizantina (3). Perante os <i>volleys</i> projetados pelos arqueiros bizantinos, o ataque ostrogodo perde o seu <i>momentum</i> (4). Perante tal oportunidade, Narsés ordena o contra-ataque (5). As forças de cavalaria ostrogodas perdem toda a sua coesão e batem em retirada (5). A infantaria bizantina chacina a sua congénere ostrogoda.</p>	

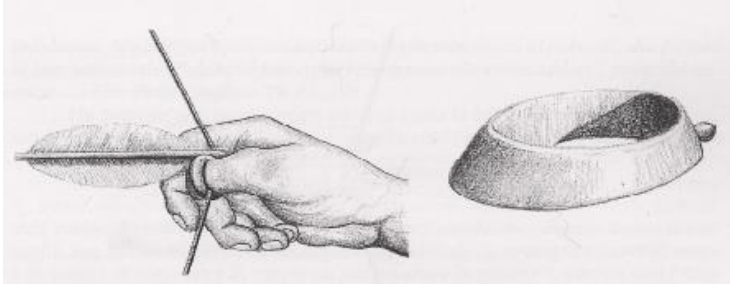
6. Solação (582)

Data: 586		
Local: Planície de Solação, a Sul da fortaleza de Dara.		
Antecedentes: Guerra bizantino-persa (572-591). Após um impasse militar de vários anos (580-586), onde nenhuma das partes conseguiu alcançar nem uma vitória decisiva, nem um acordo diplomático, o general Filípico foi enviado pelo imperador Maurício para o Oriente, a fim de conseguir modificar a situação. Em 586, após avançar pelo território inimigo, as forças bizantinas encontraram as hostes persas nas imediações de Dara, na planície de Solação.		
Resultado: Vitória bizantina.		
Consequências: Aniquilação do exército persa. Após a derrota, a guerra civil eclodiu no seio do império persa, levando à intervenção bizantina, resultando no fim do conflito, em 591. Tal batalha marcou o ponto em que a cavalaria se assumiu como a derradeira arma do exército bizantino.		
Beligerantes		
Império Bizantino	Império persa	
Comandantes		
Filípico	Kardarigan, o <i>Falcão Negro</i>	
Forças		
Tropas montadas imperiais, munidas de arcos e lanças. Aliados árabes.	Forças de cavalaria.	
Números		
Impossível de determinar	Impossível de determinar	
Perdas		
Impossível de determinar com exatidão. Possivelmente muito escassas.	Quase a totalidade do exército persa.	
Batalha		
		
<p>Primeira fase: Ataque inicial persa, seguido do avanço do grosso do seu exército (1).</p> <p>Segunda fase: Contra-ofensiva bizantina e desbarato da ala esquerda persa, a qual recua para a sua carriagem (2). Reagrupamento da ala esquerda persa e renovação dos seus assaltos (3).</p> <p>Terceira fase: A ala esquerda bizantina reagrupa, ao mesmo tempo que ambos os flancos do exército imperial recuam. Enquanto isto, a ala do centro desmonta e forma uma muralha de lanças (4). Num ataque final, a ala direita bizantina carrega sobre o flanco esquerdo persa, que sucumbe, seguido do resto do exército inimigo. As forças persas colocam-se em retirada (5).</p>		

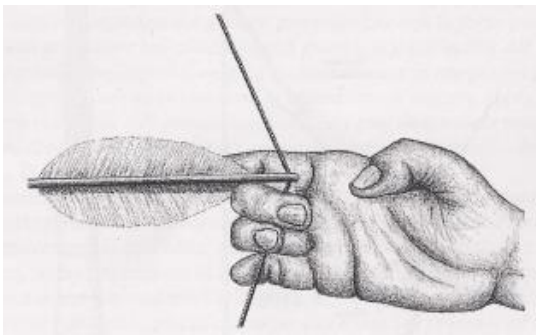
Anexo V: Figuras

1. Tiro com arco

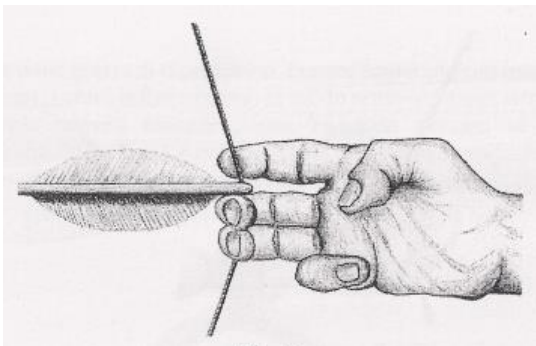
1.1. Tiro com arco (maneira persa)⁶³⁵



1.2. Tiro com arco (maneira romana)⁶³⁶



1.3. Tiro com arco a cavalo⁶³⁷



“Ele [o soldado] deve ser treinado para ser capaz de disparar a pé, tanto à maneira romana, como à maneira persa. A velocidade é importante para conseguir disparar a flecha com maior força.”

Strat., I. 1.

⁶³⁵ CASCARINO, G., *Strategikon*..., p. 15.

⁶³⁶ *Idem, ibidem*, p. 15.

⁶³⁷ *Idem, ibidem*, p. 16.

2. Soldados de infantaria pesada (séc. VI)⁶³⁸

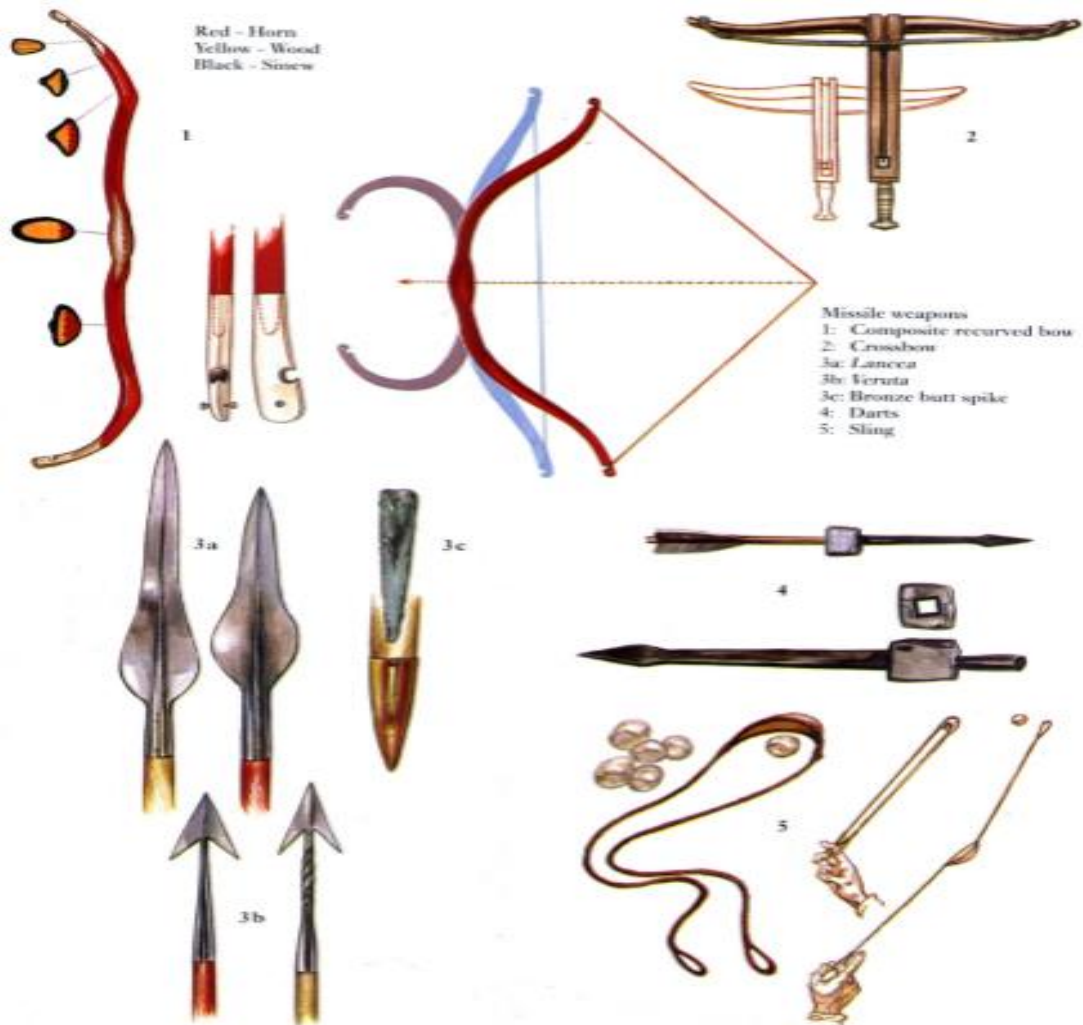


“Os homens de cada *arithmos* ou *tagma*, devem utilizar escudos..., espadas hérculas, lanças, capacetes, plumas e pendões nas proteções de cara... Os piqueiros devem utilizar cotas de malha... Também devem envergar grevas de ferro ou de madeira [...]”

Strat., XII. B, 4

⁶³⁸ D'AMATTO, Raffaele, *Roman Military Clothing (3)*, Oxford, Osprey Publishing Ltd, 2005, p. 31 e MACDOWALL, Simon, *Late Roman Infantryman 263-565 AD*, Oxford, Osprey Publishing Ltd, 1994, p. 44.

3. Equipamento de infantaria ligeira (Séc. VI)⁶³⁹

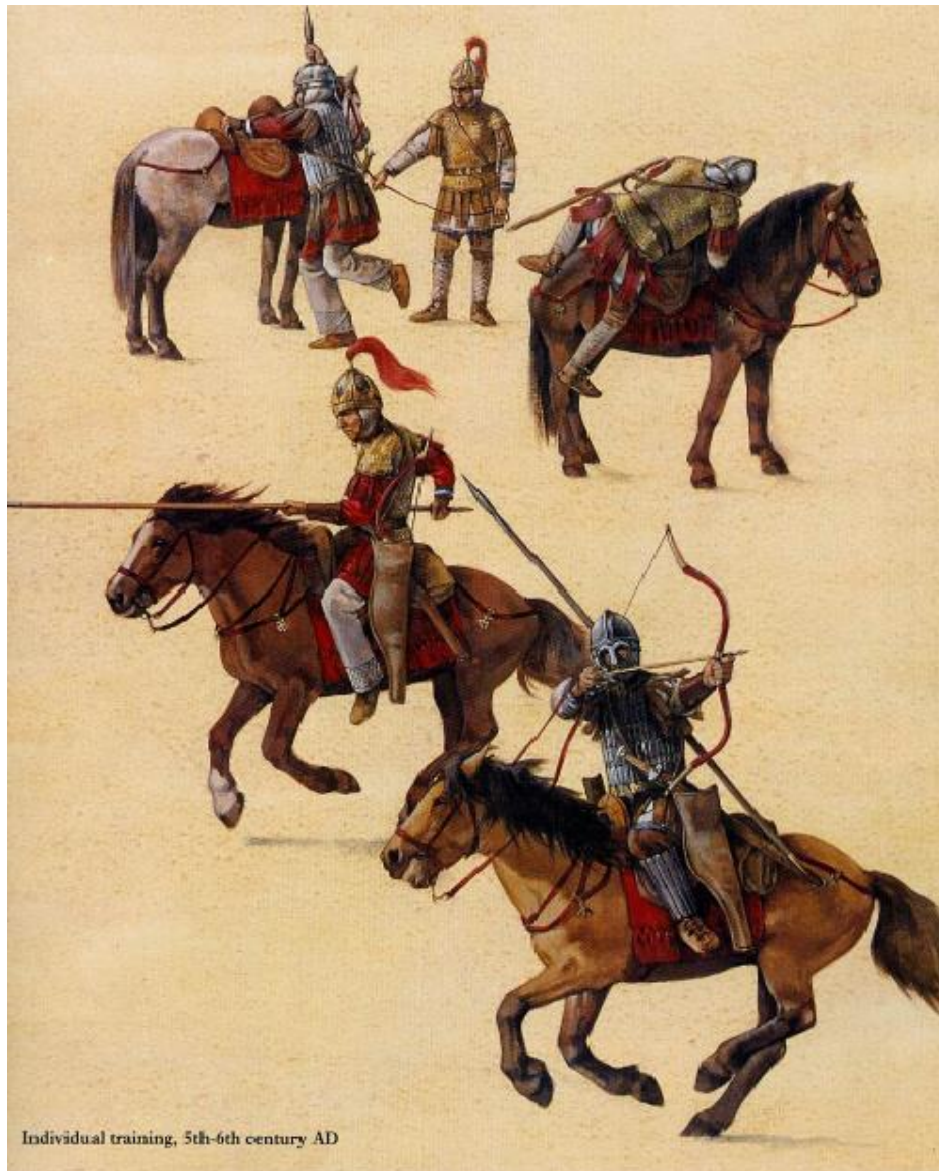


“Devem carregar arcos nos seus ombros, com aljavas largas, com capacidade para cerca de trinta a quarenta flechas. Devem possuir pequenos escudos, bem como bestas com pequenos virotes em aljavas adequadas. Estes podem ser projetados a grandes distâncias com os arcos e causar grande dano ao inimigo. Em relação àqueles que não conseguirem arranjar arco, ou que não possuïrem a experiêncïa necessária para o seu manejo, devem-lhes ser providenciados pequenos dardos ou lanças esclavas. Devem também possuir dardos com pontas de chumbo, em aljavas de couro, e pequenas fundas.”

Strat., XII. B, 5.

⁶³⁹ MACDOWALL, Simon, *Late Roman Infantryman...*, p. 42.

4. Soldados de cavalaria: treino (Séc. VI)⁶⁴⁰



“A cavalo, e a trote, ele [o cavaleiro] deve ser capaz de disparar duas a três flechas a grande velocidade e colocar o arco na sua mala, se for grande o suficiente, ou em qualquer receptáculo para o efeito. Com o arco guardado, ele deve agarrar a lança, que estava guardada às suas costas e, de seguida, trocá-la pelo arco novamente.”

Strat., I. 1.

⁶⁴⁰ MACDOWALL, Simon, *Late Roman Cavalryman A.D. 263-565*. Oxford, Osprey Publishing Ltd, 1995, p. 41.

Anexo VI: *Stratēgikón*: Comandos Militares (tradução)

Acia in acia: Coluna em coluna (XII, 16).

Adiuta... Deus: Ajuda-nos, Ô Deus (XII, 16).

Ad conto, clina: Às lanças. Enfrentar (XII, 16).

Ad fulcon: Formar em *Fulco* (XII, 6; XII, 4).

Ad latus stringe: Cerrar as fileiras (III, 3; III, 5).

Ad octo: Em oito (XII, 16).

Ad scuto clina: Virar para a esquerda (XII, 16).

Ami fulco: Avançar em *fulco* (XII, 24).

Bando sequute: Sigam o estandarte (XII, 14).

Bandum capta: Observar o estandarte (III, 5).

Cede: Reentrar (III, 5).

Cum ordine seque: Seguir em ordem (III, 5).

Cursu mina: A galope, carregar (III, 5).

Depone au dextra au senestra: Virar à direita (III, 5; XII, 16).

Depone au senestra: Virar à esquerda (III, 5; XII, 16).

Dirige frontem: Uniformizem a (linha) da frente (XII, 16; XII, 24).

Equaliter ambula: Avancem uniformemente (III, 5).

Exi: Sair (III, 14; XII, 16; XII, 24).

Intra: Entrar (XII, 16; XII, 24).

Ipsa seque cum bando milix: Segue o estandarte, juntamente com o batalhão, soldado (III, 5).

Ipsum serve et tu bandifer: Porta-estandarte, mantém a tua posição (III, 5).

Junge: Cerrar fileiras (III, 4; III, 5; XII, 16; XII, 24).

Junge fulco: Voltar ao *fulco* (XII, 24).

Largia ad ambas partes: Expandir os flancos (XII, 16; XII, 24).

Largia ad dextram: Expandir à direita (XXI, 24).

Largiter ambula: Avancem abertamente, em ordem (III, 2).

Mandata captate: Atentem às ordens (XII, 14).

Medii partitis ad difalangiam: Dividam ao meio, em falange dupla (XII, 16).

Move: Avançar (III, 5; XII, 16; XII, 24).

Muta locum: Mudar de posições (XII, 16).

Nemo antecedit bandum: Ninguém avança à frente do estandarte (III, 5).

Nemo demittat: Ninguém recua (III, 5).

Nemo demittat bandum et inimicos sequere: Ninguém abandona o estandarte e persegue os inimigos (XII, 14).

Non vos turbatis: Não fiquem preocupados (XII, 14).

Ordinem servate: Mantenham as posições (XII, 14).

Parati: Preparados (XII, 16).

Percute: Carregar (III, 5).

Primi state, secundi ad difalangiam exite: A primeira (fila) pára, a segunda (fila) avança. Formar falange dupla. (XII, 16).

Primi state, secundi exite: Primeira (fila) mantém a posição. Segunda (fila) recua.

Redi: Regressar (XII, 16; XII, 24)

Reverte: Regressem (III, 5).

Se vero bandum demittes eo modo non vero vices: Se abandonarem o estandarte, nunca poderão vencer (III, 5).

Serva milix ordinem positum: Soldado, mantém-te na tua posição (III, 5).

Sic venias vero aequalis facies: Avancem com a linha da frente, de igual modo (III, 5).

Silentium: Silêncio (III, 5; XII,14).

Silve pugnas sive seques inimicum sive aequalis facies, non forte minare ut ne esparges tu suum ordinem: Quer a lutar, quer a perseguir o inimigo ou nas fileiras da frente, não avancem impetuosamente sobre o inimigo para não quebrar a formação (III, 5).

Sta: Alto (III, 5).

Suscipe: Suster (III, 9).

Talis est comodum miles barbati: Assim se deve comportar um soldado corajoso (III, 5).

Torna mina: Volver. Carregar (III, 5).

Transforma: Volver (III, 5; XII, 16; XII, 24).

Transmuta: Mudem de posições (III, 5; III, 15).

Undique servate: Volver em todas as direções (XII, 16).

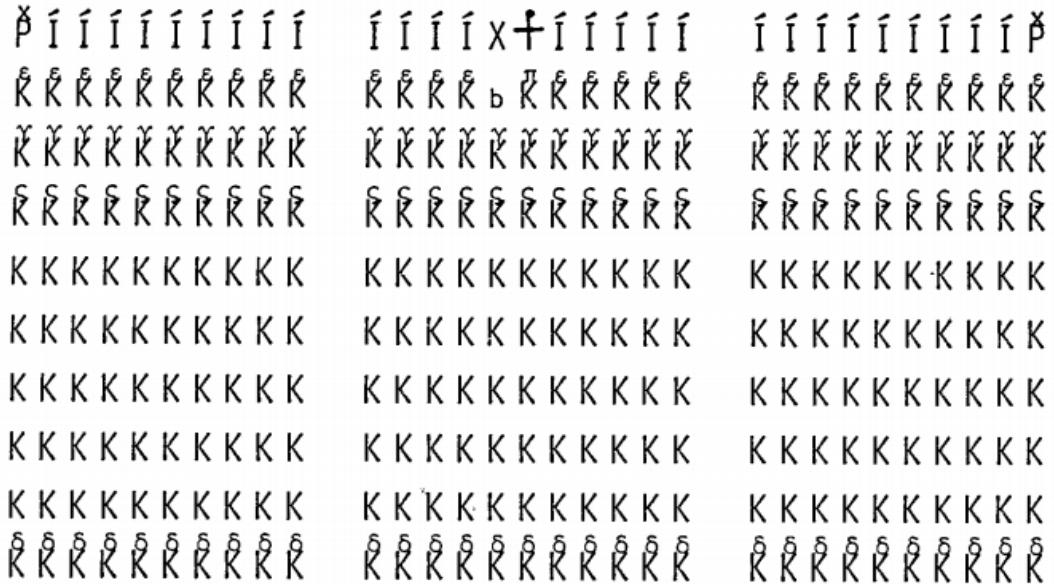
Anexo VII: *Stratēgikón*: Diagramas

1. Legenda do *tagmá* (*Strat.*, III. 1)⁶⁴¹

1. *The Symbols Used to Illustrate the Formations of the Tagma* (Símbolos utilizados para ilustrar as formações do *tagm*

- † The Standard (Estandarte)
- X Commanding Officer of the Tagma (Comandante oficial do tagmá)
- ♭ Trumpeter (Trombeteiro)
- 𐀀 Cape bearer (Escudeiro)
- 𐀁 Hekatontarch or Ilarch (*Hecatontarca ou Ilarca*)
- 𐀂 Dekarch with lance and shield (*Decarca com lança e escudo*)
- 𐀃 Pentarch with lance and shield (*Pentarca com lança e escudo*)
- 𐀄 Third in file, with bow but no shield (*Terceira fileira, com arco e sem escudo*)
- 𐀅 Fourth in file, rear guard with bow and shield (*Quarta fileira, retaguarda com arco e escudo*)
- 𐀆 Fifth in file, with bow but no shield (*Quinta fileira, com arco e sem escudo*)
- K Cavalryman or soldier with whatever weapon he can handle (*Cavaleiro munido de qualquer arma que possa usar*)

2. Formação do *tagmá*, assumindo uma força de 310 homens (*Strat.*, III. 2)⁶⁴²



⁶⁴¹ DENNIS, George T., *Strategikon...* p. 35.

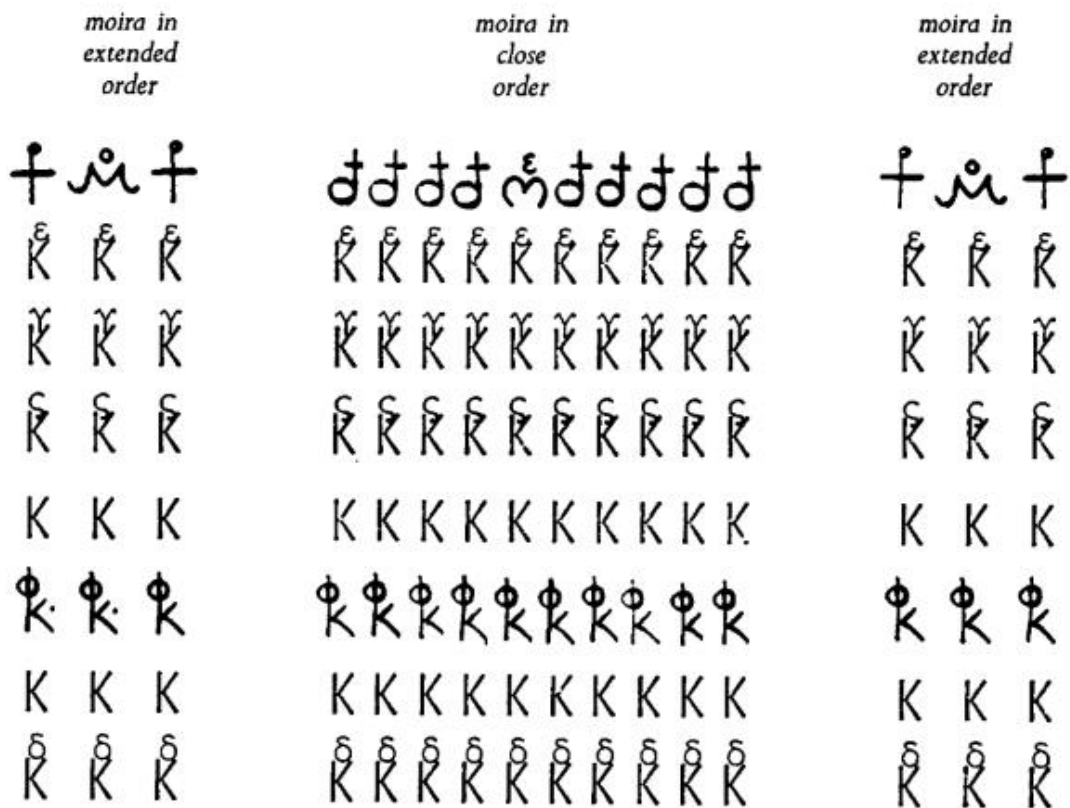
⁶⁴² *Idem, ibidem*, p. 36.

3. Legenda da *meros* (*Strat.*, III, 6)⁶⁴³

6. *Formation of the Meros. Explanation of the Symbols Illustrating the Formation of the Meros and Its Personnel.* (Formação da *Meros*)

- ♁ The Merarch (*Merarca*)
- ♂ The Moirarch (*Moirarca*)
- † Bandon in extended order (*Bándon em formação aberta*)
- ‡ Bandon in close order (*Bándon em formação cerrada*)
- ⌘ Page of the Federati, when called for. (*Escudeiro ds Foederati*)

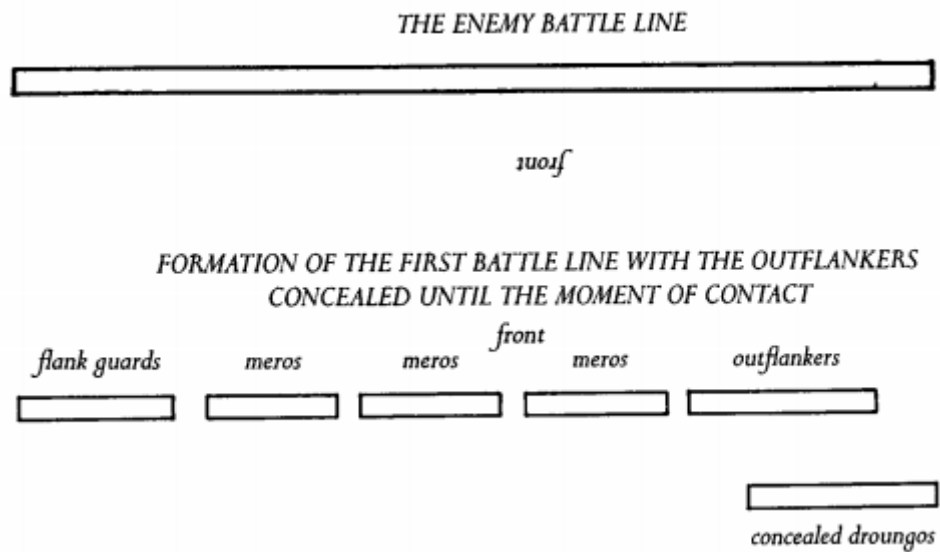
4. Formação da *meros* (*Strat.*, III, 6)⁶⁴⁴



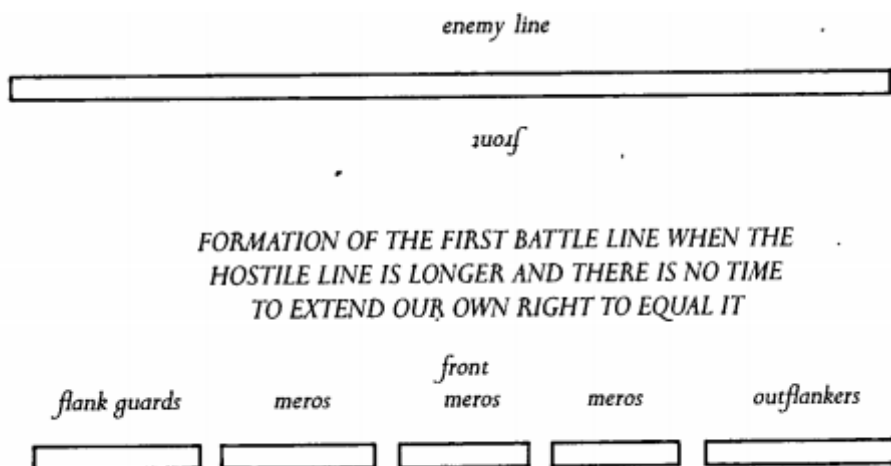
⁶⁴³ DENNIS, George T., *Strategikon*... p. 41.

⁶⁴⁴ *Idem, ibidem*, p. 42.

7. Formação da primeira linha de batalha com as tropas flanqueantes escondidas até ao momento do choque com o inimigo (*Strat.*, III. 10)

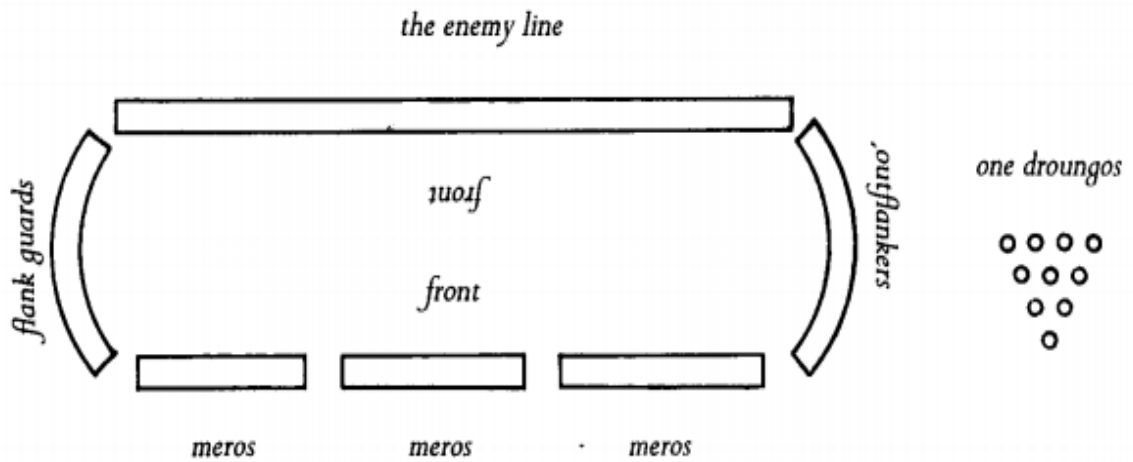


8. Formação da primeira linha de combate quando a linha inimiga é superior e não permite a sua expansão (*Strat.*, III. 10)⁶⁴⁷

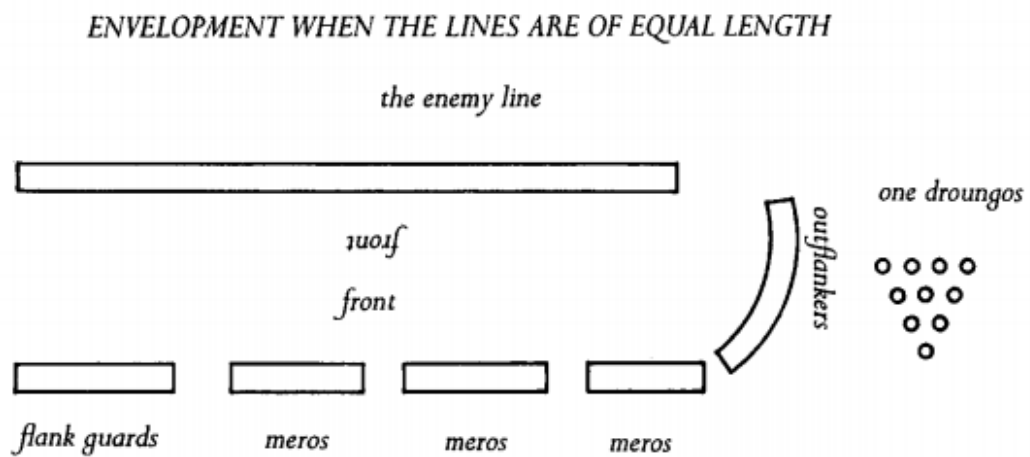


⁶⁴⁷ DENNIS, George T., *Strategikon*... p. 46.

9. Envolvimento do inimigo quando a sua linha é inferior em ambas as alas e quando ambos os exércitos se aproximam (*Strat.*, III. 10)⁶⁴⁸



10. Envolvimento do inimigo quando ambas as linhas são de igual força (*Strat.*, III. 10)⁶⁴⁹



⁶⁴⁸ DENNIS; George T., *Strategikon*... p. 47.

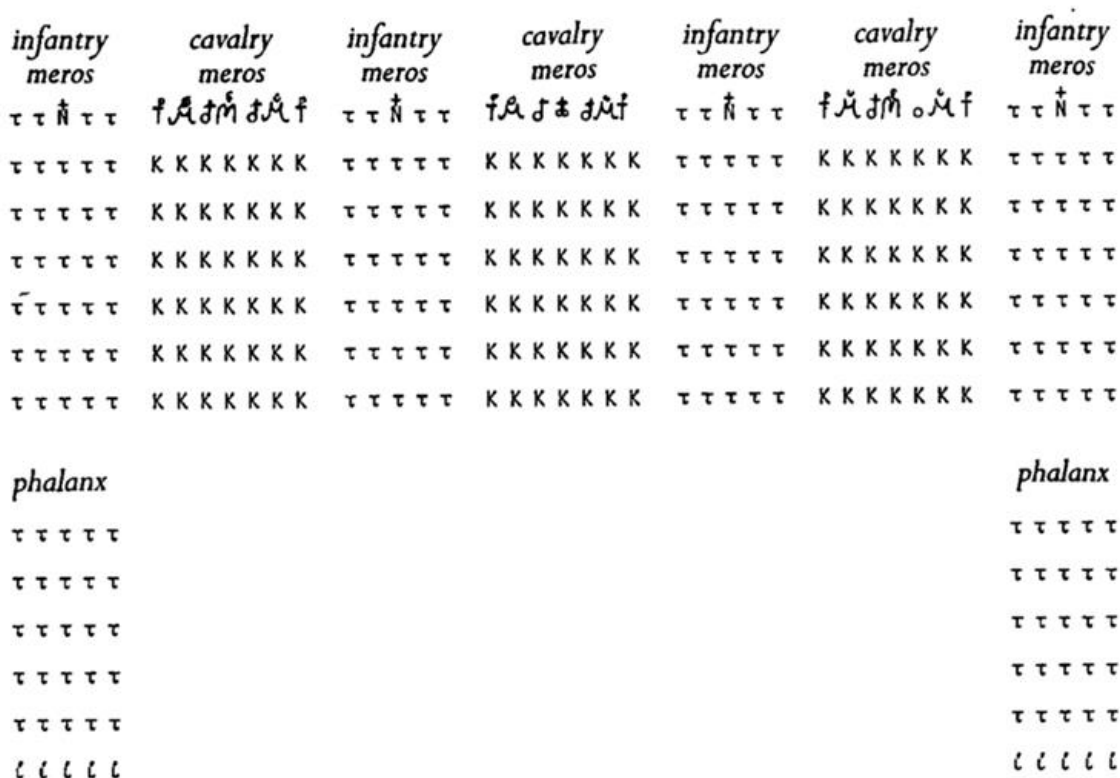
⁶⁴⁹ *Idem, ibidem*, p. 47.

11. Legenda da Formação Mista (*Strat.*, XII. A, 1)⁶⁵⁰

1. Formation of a Mixed Order of Battle. List of Symbols for the Units in a Mixed Force

- ♁ The General of the whole army (General / *Strategos*)
- Φ The Lieutenant General (Tenente General / *Hypostrategos*)
- ♁ Merarch of the cavalry (*Merarca de cavalaria*)
- ♁ Merarch of the infantry (*Merarca de infantaria*)
- ♁ Moirarch of the cavalry (*Moirarca de cavalaria*)
- † Bandon of assault troops (*Bándon de tropas de assalto*)
- ♁ Bandon of defenders (*Bándon de tropas de defesa*)
- τ Heavy-armed infantryman (*Infantaria pesada*)
- ι Light-armed infantryman, archer, javelin thrower (*Infantaria ligeira, arqueiros e dardeiros*)
- K Cavalryman (*Cavalaria*)

12. Formação Mista (*Strat.*, III. A, 2)⁶⁵¹



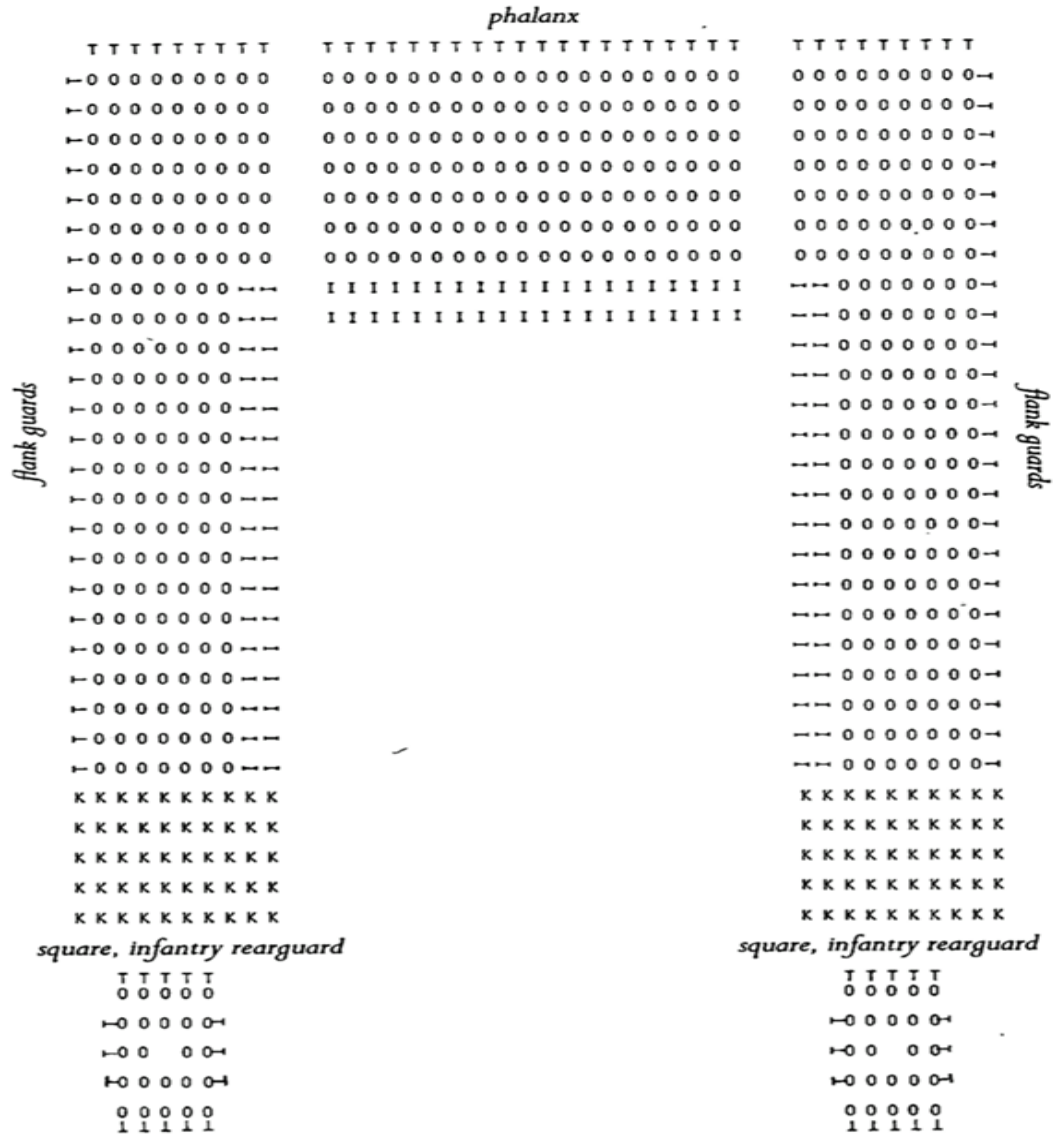
⁶⁵⁰ DENNIS, George T., *Strategikon*..., p. 127.

⁶⁵¹ *Idem, ibidem*, p. 128.

13. Legenda da Formação Convexa (*Strat.*, XII. A, 7)⁶⁵²

- T Front-rank infantryman, file leader, dekarch (Infantaria de primeira linha, líder de fila, *decarca*)
- O Heavy-armed infantryman with shield, man-at-arms (Infantaria pesada com escudo, homens-de-armas)
- I Light-armed infantryman, javelin thrower, archer (Infantaria ligeira, dardeiros, arqueiros)
- K Cavalryman (Cavalaria)

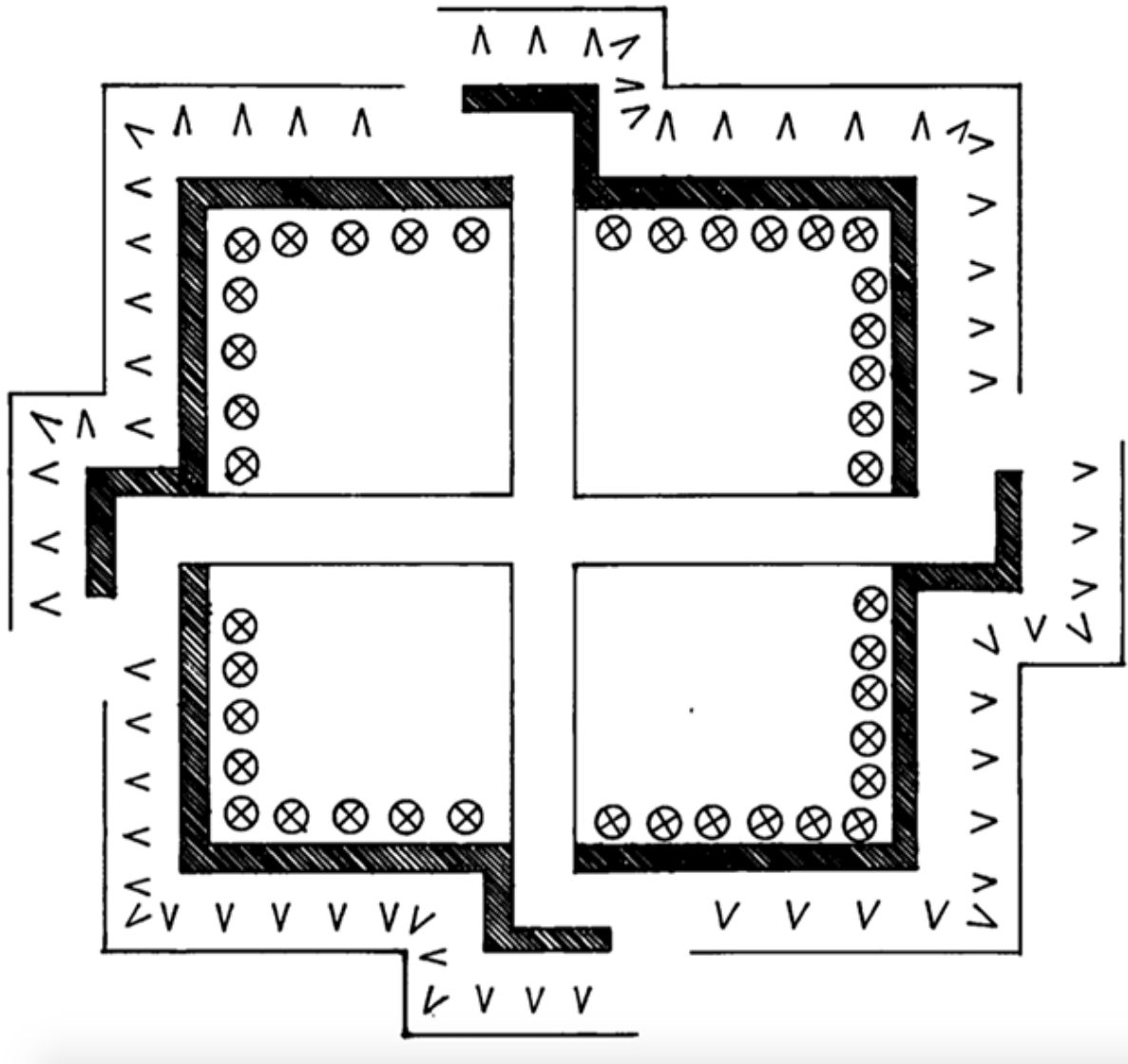
14. Formação Convexa (*Strat.*, XII. A, 7)⁶⁵³



⁶⁵² DENNIS, George T., *Strategikon*..., p. 135.

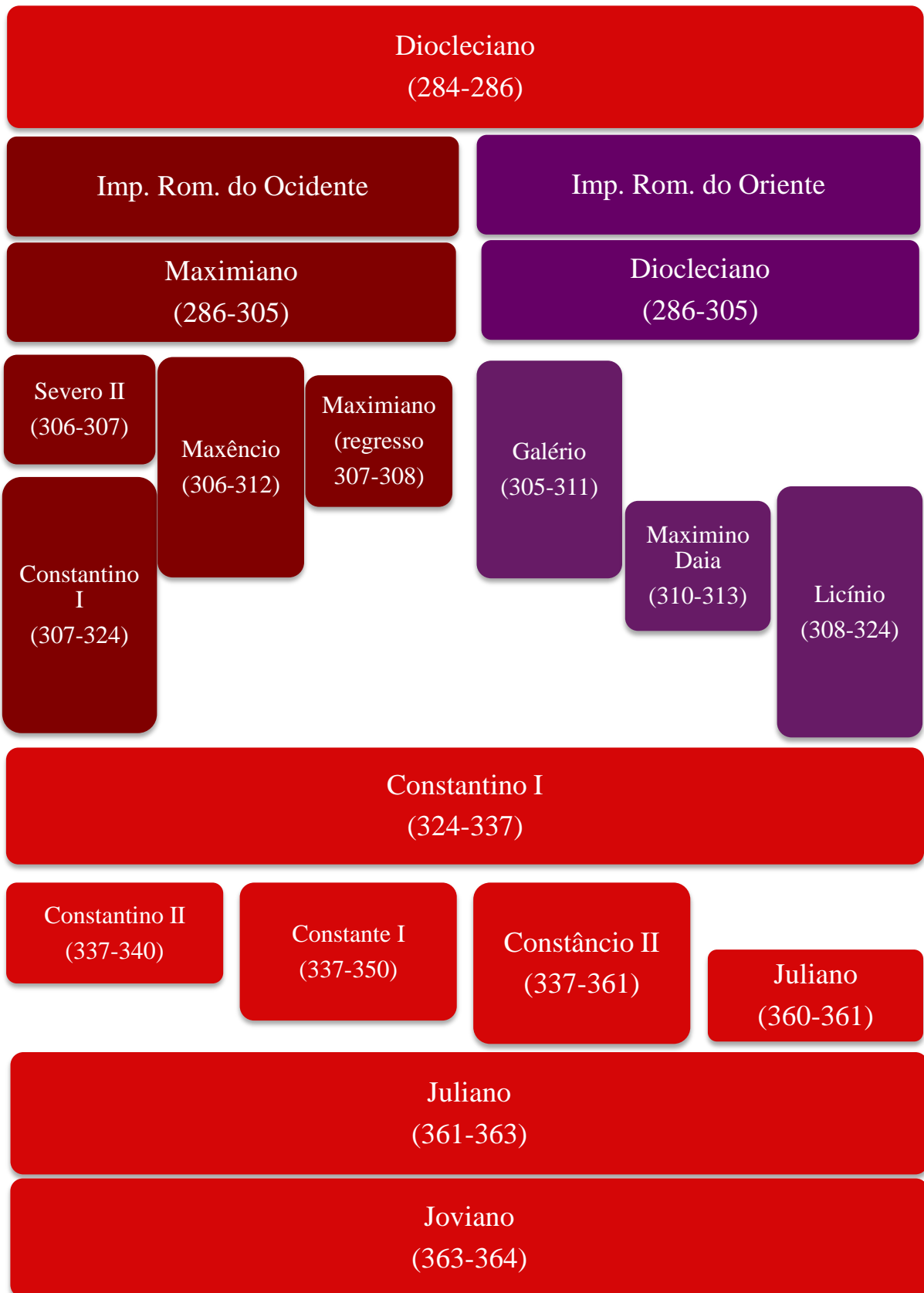
⁶⁵³ *Idem, Ibidem*, p. 136.

15. Campo Fortificado (Strat. XII. C)⁶⁵⁴



⁶⁵⁴ DENNIS, George T., *Strategikon*..., p. 164.

Anexo VIII: Imperadores romano-bizantinos



Imp. Rom. do Ocidente

Valentiniano
(364-375)

Graciano
(367-383)

Valentiniano II
(375-392)

Eugénio
(392-394)

Honório
(395-423)

Valentiniano III
(425-455)

Petrónio Máximo
(455)

Ávito
(455-456)

Imp. Rom. do Oriente

Valente
(364-378)

Teodósio
(379-395)

Arcádio
(395-408)

Teodósio II
(405-450)

Marciano
(450-457)

Imp. Rom. do Ocidente

Majoriano

(457-461)

Severo III

(461-465)

Antémio

(467-472)

Olíbrio

(472)

Glicério

(473-474)

Júlio Nepo

(474-475)

Rómulo Augusto

(475-476)

Imp. Rom. do Oriente

Leão I

(457-474)

Zenão

(474-491)

Anastácio
(491-518)

Justino I
(518-526)

Justiniano
(526-565)

Justino II
(565-578)

Tibério
(578-582)

Maurício
(582-602)

Anexo IX: Biografias

Diocleciano (295-305): Imperador romano que, em 285, realizou a primeira divisão do Império Romano, através da nomeação de Maximiano como César do Ocidente. Em 293, após uma série de campanhas no Danúbio, Diocleciano promoveu o modelo governativo da Tetrarquia Imperial, através do qual todo o império passou a ser governado por dois Augustos e dois Césares. Em maio de 305, num episódio sem precedentes em toda a história do Império Romano, Diocleciano abdicou do poder, instigando Maximiano a fazer o mesmo. Morreu a 3 de dezembro de 311.

Constantino I (324-337): Após a morte do seu pai Constâncio Cloro, em 306, Constantino foi elevado à dignidade de Augusto pelas suas tropas. Na sequência do conflito civil que eclodiu por todo o Império nos anos que se seguiram (306-423), Constantino defrontou os seus rivais. Em 310, as suas forças encurralaram Maximiano em Massília. Após o cerco à cidade, a guarnição rendeu-se. Após a captura de Maximiano, este último terá cometido suicídio. Em 312, na batalha da Ponte Mílvia, Constantino derrotou as forças de Maxêncio tornando-se, assim, o único governante de todo o Império Romano do Ocidente e o Império vislumbrou um breve período de paz. Em 324, após a deterioração das relações entre Constantino e Licínio, a guerra voltou a eclodir. Em julho do mesmo ano, Licínio foi derrotado nas imediações de Adrianopla e, após uma série de derrotas consecutivas, Constantino venceu-o na decisiva batalha de Crisópolis. Como consequência, Constantino tornou-se no único governante de todo o Império, unificando-o. Nos anos que se seguiram, até à sua morte em 337, o exército foi alvo de reformulações e a antiga cidade de Bizâncio foi reconstruída e rebatizada com o nome do imperador: Constantinopla (“Cidade de Constantino”).

Valente (364-378): Nomeado como Augusto do Oriente pelo seu irmão, Valentiniano, no rescaldo das campanhas de Juliano e de Joviano, Valente governou durante um período marcado por insurreições militares e de constante beligerância nas fronteiras, sobretudo no Danúbio. Em 376, após permitir a entrada de contingentes visigodos dentro do próprio Império, o imperador defrontou-se com a animosidade romana perante os recém-chegados. A deterioração de tal conjuntura atingiu o seu auge em 378 quando, nos arredores de Adrianopla, os exércitos romanos, liderados por Valente, foram derrotados pelas forças godas de Fritigerno e Alavivo. A batalha de Adrianopla representou uma das mais pesadas

derrotas de toda a história do império romano e acarretou, definitivamente, a perda da segurança do *limes*.

Teodósio (379-395): Após a derrota de Adrianopla, Teodósio, por instigação de Graciano, imperador do ocidente, regressou do exílio a que tinha sido submetido em 375 e assumiu o cargo de Augusto do Oriente. Durante os primeiros cinco anos do seu principado batalhou intensamente contra os Godos, nas imediações do Danúbio. Em 382, como forma de terminar o conflito, Teodósio assinou a paz com os seus inimigos, permitindo a sua integração no seio das hostes romanas, vistas as lacunas que Adrianopla criara. Em 395, aquando da sua morte, Teodósio nomeou os seus filhos, Honório e Arcádio, como Augustos do Ocidente e do Oriente, respetivamente, dividindo, de forma definitiva, o Império.

Teodorico (493-526): Filho do rei ostrogodo Teodomiro, Teodorico foi educado em Constantinopla durante a sua infância. Entre 483 e 488, Teodorico subiu no favor do imperador Zenão I e acumulou diversos cargos militares. Durante este período, as diferentes facções ostrogodas lutaram entre si pelo domínio do poder. Após a consolidação da sua liderança, Teodorico declarou guerra a Zenão e as forças imperiais e ostrogodas defrontaram-se durante vários anos, devastando as regiões da Trácia. Em 488, possivelmente por instigação de Zenão, Teodorico virou a sua atenção para o Ocidente, para o reino de Odoacro, em Itália. Findos cinco anos de conflitos (488-493), Odoacro foi assassinado e Teodorico assumiu o seu lugar como rei de todos os Ostrogodos em Itália, assumindo o título de *rex Italiae*. Até à sua morte, em 526, Teodorico encetou um programa político e cultural, cujo objetivo final foi o de devolver os territórios italianos à sua antiga glória imperial.

Justiniano (526-565): Imperador bizantino, responsável pelo programa da *renovatio imperii* (renovação do império). O seu principado constitui um dos mais intensos períodos de atividade bélica de toda a história do Império Bizantino. Com o objetivo de recuperar os territórios ocidentais que tinham sido perdidos para os povos bárbaros, Justiniano conduziu guerras por (quase) todo o Mediterrâneo. Após o estabelecimento da “Paz Perpétua” com a Pérsia, em 532, as forças bizantinas defrontaram as hostes vândalas, no Norte de África (533-534), os exércitos ostrogodos, em Itália (535-552), e as forças visigodas, na Península Ibérica (552). No entanto, o seu principado foi marcado por eventos que colocaram em risco os seus propósitos: em 532, a Revolta *Nika*, em Constantinopla, levou ao massacre de

dezenas de milhares de pessoas no recinto do Hipódromo; entre 541 e 542, o surgimento da peste bubônica no Mediterrâneo ceifou a vida a milhões, quase reclamando a vida do próprio imperador. Ao longo de grande parte do seu reinado, Justiniano contou com o apoio de Teodora, uma atriz com a qual se casou, e dos seus brilhantes generais, Belisário e Narsés. À sua morte, o Império Bizantino apresentava a sua extensão territorial máxima.

Belisário (505-565): O principal colaborador de Justiniano na sua epopeia de reconquista do Ocidente. Belisário, durante o segundo quartel do século VI, após esmagar a Revolta *Nika*, conduziu as principais campanhas bizantinas no Norte de África e em Itália. Apelidado de “o último romano”, Belisário é frequentemente representado como a personificação dos principais valores romanos.

Narsés (478-567/574): Eunuco da corte de Justiniano, a Narsés se ficou a dever a conclusão das Guerras Góticas, em 552, quando, ao comando das forças bizantinas, derrotou as hostes ostrogodas de Totila. Juntamente com Belisário, Narsés encontra-se representado ao lado de Justiniano nos belíssimos mosaicos da Basílica de São Vital, em Ravena.

Maurício (582-602): Após uma bem-sucedida carreira como *magister militum per Orientem*, Maurício foi chamado a Constantinopla, em 582, para ser aclamado como Augusto, no seguimento da morte de Tibério II. Durante os cerca de vinte anos do seu reinado, o imperador confrontou-se com um império atacado em todas as frentes, a muitas das quais não era possível acorrer. Em Itália, Maurício procedeu à criação do modelo governativo do Exarcado, dotando a região de uma autonomia administrativa e militar própria. Durante a primeira metade do seu principado, as forças bizantinas digladiaram-se a Oriente, contra o Império Persa conseguindo, em 591, colocar um ponto final a um conflito que se arrastava há quase três décadas. A região dos Balcãs constituiu a zona de maior perigo para o império, mediante os avanços das forças ávaras e eslavas. Durante a década de noventa do século VI, os exércitos bizantinos foram capazes de infligir diversas derrotas aos seus inimigos, conseguindo, no dealbar do século VII, levar à desintegração da unidade política da nação ávara. Ao longo do seu principado, Maurício procurou consolidar os esforços militares e as carências do erário público. Para o efeito, procedeu, em certos casos, a cortes no pagamento dos soldados, algo que resultou em alguns levantamentos militares. Em 602, após ordenar às suas tropas que aquartelassem durante o inverno na margem norte do Danúbio, Maurício viu-se à mercê de um exército revoltoso

liderado pelo centurião Focas que, após a marcha sobre a capital do império, depôs e assassinou o imperador. A Maurício é comumente atribuída a composição do tratado militar intitulado de *Stratēgikón*.

Anexo X: Tradadística: Autores e obras

Eneias, o Tático, Περὶ τοῦ πῶς χρῆ πολιορκουμένους ἀντέχειν (*Sobre a defesa de posições fortificadas*). Possivelmente o mais antigo texto militar teórico de toda a Antiguidade (séc. IV a.C.). Ao longo de vários Livros, o autor explana os preceitos relativos à defesa de cidades perante a iminência, ou no decurso de operações de cerco inimigas.

Asclepiódoto, Τέκνῃ Τακτική (*Táticas*). Filósofo grego e discípulo de Posidónio, que escreveu no século I a.C. A sua obra, muito possivelmente, constitui o mais antigo tratado generalista do período romano, no qual são descritas, em detalhe, as formações e táticas das falanges gregas. Também questões relativas à infantaria ligeira e à cavalaria se encontram presentes na sua obra.

Onasandro, Στρατηγικός (*O General*). Filósofo grego que, no século I compôs uma obra dedicada a Quinto Verânio. Ao contrário das restantes obras do género, o trabalho de Onasandro tem por principal objeto, as características morais e as habilidades tático-estratégicas de que cada general deveria ser possuidor. À semelhança de Maurício, Onasandro apresenta diversos cenários de guerra, e as indicações a seguir mediante estes.

Frontino, Strategemata (*Estratagemas*). Detentor do título de *cônsul* por três vezes, assim como o cargo de governador da província da Bretanha, Frontino compôs um dos poucos trabalhos militares latinos que se preservaram até aos nossos dias. O *Strategemata* é composto por quatro Livros, com cerca de 400 exemplos de estratagemas militares. Cada Livro corresponde a uma temática específica da arte da guerra: Livro I – Preparação para campanhas; Livro II – Batalhas, emboscadas e retiradas; Livro III - Cercos; Livro IV - Temáticas gerais da guerra.

Pseudo-Higino, De munitionibus castrorum (*Sobre a fortificação de campos*). Tanto a autoria como a datação da obra constituem problemáticas às quais não podemos dar resposta. O trabalho é, comumente, atribuído a Higino Gromático. Possivelmente, terá sido redigido nos finais do século I ou nos inícios do século II. Ao longo das suas páginas são explanados os principais aspetos a considerar para a construção e fortificação de acampamentos militares romanos.

Eliano, Περὶ Στρατηγικῶν Τάξεων Ἑλληνικῶν (*Sobre a Estratégia Militar dos Gregos*). Filósofo grego. À semelhança de Asclepiódoto, Eliano apresentou um dos mais completos trabalhos relativos à falange macedónica. Contemporâneo de Frontino.

Arriano, Τέκνῃ Τακτική (*Ars tactica*); **Ἔκταξις κατ' Ἀλανῶν** (*Ordem de Marcha e Batalha contra os Alanos*). Senador grego e governador da Capadócia durante o principado de Adriano. A sua *Ars Tactica* apresenta semelhanças com os trabalhos de Asclepiódoto e de Eliano, relativamente à descrição da falange macedónica. No entanto, o autor procurou apresentar exemplos contemporâneos da sua aplicabilidade. A última parte desta obra é composta por secções relativas à *hippica gymnasia* (exercícios destinados às forças de cavalaria romanas). A *Ordem de Marcha e Batalha contra os Alanos* apresenta, sobretudo, uma descrição da ordem de marcha proposta por Arriano, na qual se encontram especificações relativas às linhas de batalha e planos para combater a invasão alana, possivelmente em 132.

Polieno, Στρατήγηματα (*Estrategemas*). Filósofo grego do século II. Compôs uma coletânea de estratagemas, em muito semelhantes aos de Frontino. A sua obra é composta por oito Livros, nos quais são apresentados *exempla* de várias situações, reais ou míticas.

Vegécio, Epitoma rei militaris (*Compêndio da Arte Militar*). Possivelmente composto entre os finais do século IV e os meados do século V, a obra de Vegécio permanece, até aos nossos dias, a mais completa sobre os exércitos imperiais romanos. Ao longo de quatro Livros, o tratadista enumera as suas preocupações primárias relativas ao recrutamento e treino dos soldados (Livro I), a organização das legiões (Livro II), as ordens de marcha e de batalha e os preceitos táticos mais importantes (Livro III) e, por fim, os aspetos relacionados com a poliorcética e com a guerra naval (Livro IV). Nos séculos que se seguiram à sua composição, a *Epitoma rei militaris* serviu como principal influência a diversos trabalhos sobre a guerra.

Urbício, Ἐπιτήδευμα (*Epitedeuma*). Escritor bizantino que, durante o principado de Anastácio I (491-518), compôs pequenos tratados sobre a guerra. Entre eles, a *Epitedeuma*, ou “Invenção”, discorre acerca da utilização de *chevaux-de-frise*.

Maurício, Stratēgikón (*Livro do General*). Atribuído ao imperador Maurício (582-602), e compilado nos finais do século VI, o *Stratēgikón* encontra-se dividido em doze Livros,

cada um relativo a uma temática diferente sobre a guerra terrestre. Ao contrário da *Epitoma rei militaris* de Vegécio, a principal preocupação do *Stratēgikón* prende-se com o tratamento das forças de cavalaria. Nos séculos que se seguiram à sua composição, esta obra influenciou fortemente os trabalhos de tratadistas bizantinos, como Siriano *Magister* e o imperador Leão VI, o *Sábio*.

Siriano *Magister*, Περὶ Στρατηγικῆς (*Peri Strategikes*). Inicialmente identificado como o Anónimo Bizantino do século VI, a Siriano *Magister* tem sido, nas últimas décadas, atribuída a composição de três obras relativas à arte da guerra: a *Ναυμαχία* (*Naumaquia*), relativa aos preceitos da guerra naval, o *Rhetorica Militaris*, um tratado que discorre acerca da oratória militar dos generais e, por fim, o *Peri Strategikes*, relativo às especificações da guerra terrestre, fortemente influenciado pelo texto do *Stratēgikón*.

Leão VI, o *Sábio*, Τακτικά (*Taktiká*). Composto pelo imperador Leão VI (sécs. IX/X), o *Taktiká* constitui um dos mais completos tratados bizantinos sobre a arte da guerra. Retirando grande parte dos seus preceitos do *Stratēgikón* de Maurício, esta obra encontra-se dividida em vinte *Constituitones* (Constituições).

Anexo XI: Ordem de Marcha e Batalha contra os Alanos⁶⁵⁵

(1) Todo o exército será conduzido por batedores montados, agrupados em duas secções, sob o seu próprio comandante. Depois destes, seguirão os arqueiros petrenses montados, também organizados da mesma forma, sob o comando dos seus decuriões. Os seguintes da formação serão os homens da *Ala Auriana* e, estacionados juntamente com eles, os soldados da quarta coorte *Raeciana*, comandados por Daphnis, o *Coríntio*. De seguida, marcharão os soldados da *Ala dos Colonos* e, com eles, os Iturianos e Cirenaicos e os soldados da primeira coorte *Raeciana*. Todos estes serão comandados por Demétrio. (2) Em seguida, seguirá a cavalaria germânica, também agrupada em duas secções, e comandada pelo centurião responsável pelo campo. (3) A infantaria será estacionada atrás destas unidades e, carregando os seus estandartes à sua frente, seguirão os Italianos e aqueles dos Cirenaicos que se encontrarem presentes. Pulcro, o prefeito dos Italianos, irá comandar todos estes. A infantaria bósfora segui-los-á, sob o comando de Lamprocles e, por fim, os Númidas, comandados pelo seu próprio prefeito, Vero.

(4) Irão marchar em fileiras de quatro homens, lado-a-lado, e seguirão os seus arqueiros. A sua própria cavalaria protegerá ambos os flancos da coluna de marcha. De seguida, virão os *equites singulares* e a cavalaria legionária; (5) o trem de artilharia; o estandarte da Décima Quinta Legião e Valente, o comandante da legião; o seu segundo-em-comando; os tribunos militares designados para a expedição e os cinco centuriões, ao comando da primeira coorte da legião. Os dardeiros seguirão na frente do estandarte de infantaria. A infantaria marchará em fileiras de quatro homens, lado-a-lado. (6) O estandarte da Décima Segunda Legião, os seus tribunos e centuriões, serão estacionados depois da Décima Quinta Legião. Esta [legião] também marchará em fileiras de quatro homens, lado-a-lado.

(7) Os aliados virão depois da infantaria pesada. Primeiro, os soldados de infantaria pesada da Arménia Menor e Trapezus, e os lanceiros de Colchis e Rhizus. Depois destes, virá a infantaria *apuliana*. Todos os aliados serão comandados por Secundino, comandante dos Apulianos. (8) De seguida, virá o trem de apoio. A *Ala dos Dácios*, sob o seu próprio comandante, guardará a retaguarda. (9) Os centuriões que forem designados para este

⁶⁵⁵ Tradução da nossa autoria e responsabilidade, realizada a partir do texto greco de Arriano, editado por Alfredus Eberhard. (Cf. Arriano, *Ordem de Marcha e Batalha contra os Alanos*. Edição de Alfredus Eberhard: *Arriani Nicomediensis, Scripta Minora*, Leipzig, Bibliotheca Teubneriana, 1985, pp. 46-50.) e com apoio na tradução inglesa de Catherine Gilliver (Cf. Arriano, *Ordem de Marcha e Batalha contra os Alanos*. Tradução inglesa de Catherine M. Gilliver: *The Roman Art of War*, Gloucestershire, Tempus, 1999.)

mesmo propósito terão de manter as fileiras de infantaria ordenadas. Para proteção, a *Ala dos gauleses* cavalgará em fileira única, de ambos os lados da coluna de marcha, juntamente com a cavalaria italiana. O seu prefeito deverá inspecionar os flancos regularmente. **(10)** O comandante de todo o exército, Xenofonte (Arriano), deverá ser colocado, durante a maior parte do trajeto, à frente dos estandartes de infantaria, mas também deverá, regularmente, marchar ao longo de toda a coluna e inspecioná-la, de forma a garantir que os soldados marcham ordeiramente, de forma a apoiar aqueles que tiverem dispersado da formação e elogiar aqueles que marchem em formação precisa. **(11)** Esta deve ser a ordem de marcha. Quando todo o exército chegar ao local designado, toda a cavalaria deverá posicionar-se, em manobra circular, numa formação quadrangular, e os batedores montados serão enviados à frente para um terreno superior, para seguirem de perto o inimigo. Depois, perante o sinal combinado, os homens ir-se-ão armar, em silêncio, e, quando estiverem prontos, organizar-se-ão em formação. **(12)** A ordem de batalha será a seguinte: cada ala de infantaria deverá defender os terrenos mais elevados, uma vez que é essa a sua formação para tal tipo de terreno. Os Arménios serão destacados para a ala direita, sob Vasaces e Arbelos, e defenderão a parte mais elevada da ala, uma vez que se trata de arqueiros. **(13)** A coorte de infantaria italiana será destacada para a frente destes. Pulcro, o comandante da coorte italiana, ficará no comando geral. Vasaces e Arbelos irão garantir o seu apoio, com a sua cavalaria e infantaria.

(14) Os Aliados da Arménia Menor, as tropas ligeiras de Trapezunta e os lanceiros rizienses serão destacados à esquerda e deverão guardar a secção mais elevada da ala esquerda. Os duzentos Apulianos e os cem Cirenaicos deverão ser alinhados à sua frente, para que a infantaria pesada possa proteger os lanceiros, atirando por cima das suas cabeças, a partir de um lugar mais elevado. **(15)** No espaço entre os montes, a infantaria da Décima Quinta Legião irá ocupar todo o lado direito, bem como o centro, devido à sua força superior. A Décima Segunda Legião preencherá os restantes espaços, até ao extremo esquerdo da ala. Serão ordenados em fileiras de oito homens, em ordem cerrada. **(16)** As primeiras quatro fileiras serão equipadas com lanças de maneira a que, quando o inimigo se aproximar, possam empurrar a ponta de ferro das lanças contra os cavalos, preferencialmente aos seus peitos. **(17)** A segunda, terceira e quarta fileiras deverão preparar-se para atirar as suas lanças e ferir os cavalos, onde for possível, e matar os seus cavaleiros. Quando a lança tiver perfurado o escudo, ou o armamento defensivo, devido à fragilidade do seu ferro, irá dobrar-se, neutralizando o cavaleiro. **(18)** Atrás destes, as

fileiras seguintes serão constituídas por lanceiros. A nona fileira, atrás destas, será composta por arqueiros apedados núbidas, cirenaicos, bósforos e itúrios. **(19)** A artilharia poderá ser colocada em qualquer uma das alas e pronta a disparar, por detrás da linha de batalha, contra o inimigo que se aproxima, fazendo uso do seu longo alcance.

(20) Toda a cavalaria será organizada em oito unidades e companhias, nas alas, atrás da infantaria. Duas serão destacadas para cada ala, atrás da infantaria pesada e dos arqueiros. As restantes seis serão estacionadas atrás do meio das legiões... **(21)** Os arqueiros montados serão destacados para perto das legiões, de forma a poderem disparar por cima destas. Aqueles armados com lanças, dardos, espadas e machados terão de vigiar os flancos, à espera do sinal. **(22)** Os *equites singulares* serão estacionados à volta de Xenofonte (Arriano), bem como duzentos soldados de infantaria das legiões, como guarda pessoal, centuriões ao comando das tropas lanceiras e guarda pessoal, e os decuriões dos *equites singulares*. **(23)** Cerca de cem dardeiros serão estacionados à sua volta, de maneira a que Xenofonte possa, regularmente, inspecionar a linha de batalha e, onde verificar fraquezas, se possa para aí dirigir e lidar com elas. **(24)** Valente, o legado da Décima Quinta legião, comandará toda a ala direita, incluindo a cavalaria. Os tribunos da Décima Segunda Legião comandarão a ala esquerda.

(25) Quando as tropas forem ordenadas de acordo com esta formação, deverão manter o silêncio até o inimigo se aproximar do alcance de tiro. Assim que o inimigo se aproximar do alcance de tiro, deverão todos lançar o grito de guerra, o mais elevado e ameaçador possível. Ao mesmo tempo, dardos e pedras serão disparados pela artilharia, flechas pelos arcos, os dardeiros atirarão os seus projéteis, tanto os soldados de infantaria ligeira como aqueles com escudos. Também deverão ser atiradas pedras contra o inimigo, pelas tropas aliadas destacadas no cimo das colinas. Uma vez que o ataque será desferido por todos os lados e da forma mais pesada possível, irá causar confusão entre os cavalos e trazer o desastre para a cavalaria inimiga. **(26)** A esperança é de que, sob tal ataque de mísseis, os Citas (Alanos) não se atrevam a aproximar-se da formação legionária. Mas, se avançarem, as primeiras três fileiras deverão juntar os seus escudos e apoiar-se, de ombro para ombro, e deverão colocar-se em formação cerrada de forma a resistir da forma mais firme possível. A quarta fileira (deverá elevar as suas lanças de forma a abater o maior numero possível de cavaleiros, mas não tão elevadas a ponto de levar a que os lanceiros atrás de si os ultrapassem com as suas lanças). A fila da frente deverá atirar, ou empurrar, as suas lanças,

instintivamente, tanto contra os cavalos, como contra os seus cavaleiros. **(27)** Quando o inimigo tiver sido repellido, e se for claro que se encontra em fuga, a infantaria abrirá as suas fileiras para que a cavalaria possa avançar, não com todas as suas companhias, mas sim apenas com metade dos seus homens. **(28)** A outra metade deverá seguir a vanguarda, mas de forma mais deliberada e mantendo a formação, de forma a que, caso a fuga do inimigo se generalize por todo o seu exército, aqueles que liderarem a perseguição possam ser substituídos por tropas mais frescas e, na eventualidade de o inimigo se virar e oferecer resistência, este possa ser atacado de imediato. **(29)** Em simultâneo, os arqueiros arménios deverão avançar e atirar, de forma a evitar que o inimigo se vire, pronto para combater outra vez, e os lanceiros da infantaria ligeira deverão seguir atrás destes. A formação da infantaria não se manterá no campo de batalha, mas avançará em marcha rápida, de maneira a que, se houver alguma resistência por parte do inimigo, criem, uma vez mais, uma barreira de proteção à frente da cavalaria.

(30) Tal ordem deve ser executada de imediato, caso o inimigo se ponha em fuga após o primeiro assalto. Se, contudo, o inimigo se virar e tentar flanquear as alas, os arqueiros ligeiros devem expandir as alas para as colinas. Não creio que o inimigo, ao ver que as alas foram enfraquecidas por terem sido expandidas, tente abrir caminho por elas e passar através da infantaria. **(31)** Mas, se eles forem vitoriosos numa ala, ou noutra, é inevitável que a sua cavalaria e os seus dardeiros fiquem expostos, perante nós, num ângulo oblíquo. Assim, a nossa cavalaria deverá atacá-los, não com projéteis, mas sim com espadas e machados. Pois os Citas, ao encontrarem-se desprovidos de equipamento defensivo, e os seus cavalos, ao estarem desprotegidos...

[Termina, aqui, o texto original]